MARIA STELLA BARROS DE SIQUEIRA CAMPOS

FLORES, CAMPOS, BARROS E CARVALHO

OLHANDO PARA O PASSADO ATÉ ONDE A VISTA ALCANÇA...

EDITORA COMUNICARTE

Mª STELLA BARROS DE SIQUEIRA CAMPOS

FLORES, CAMPOS, BARROS E CARVALHO

OLHANDO PARA O PASSADO ATÉ ONDE A VISTA ALCANÇA...

Recife, 1999

Copyright @ Maria Stella Barros de Siqueira Campos - 1999

Flores, Campos, Barros, e Carvalho

Olhando para o passado até onde a vista alcança...

A autora permite cópia parcial desta obra com sua permissão.

Organização
Tercina Mª Lustosa Barros Bezerra
Umbelina Stella Raposo de Albuquerque Maranhão

Editoração eletrônica:
Deusdedith Antonio da Silva - 241.4450

Produção gráfica:
Editora Comunicarte
Rua dos Palmares, 253 - Santo Amaro - Recife - PE
Fone: 231.0281 - Fone/fax: 231.0616

Impresso no Brasil

Tiragem: 1000 exemplares

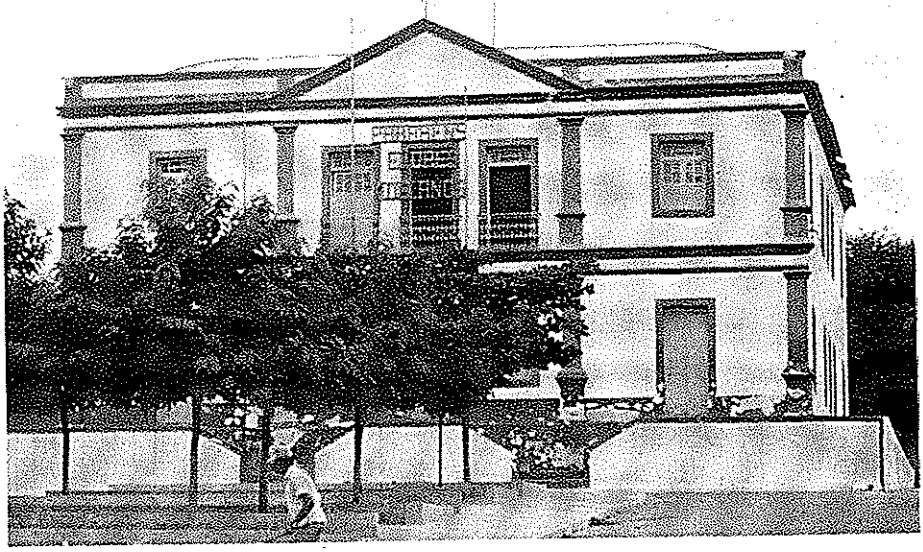
C198f Campos, Maria Stella Barros de Siqueira, 1904 –
Flores, Campos, Barros, e Carvalho. Olhando para o passado até onde a vista alcança.../ Maria Stella Barros de Siqueira Campos; prefaciado por: Enio Lustosa Cantarelli. – Recife: Comunicarte, 1999.
250p. : il. ; 22,5cm

1. FLORES (PE) – HISTÓRIA. 2. FLORES (PE) – VIDA E COSTUMES SOCIAIS. 3. BARROS (FAMÍLIA). 4. CAMPOS (FAMÍLIA). 5. CARVALHO (FAMÍLIA). 6. FLORES (PE) – GENEALOGIA. I. Título.

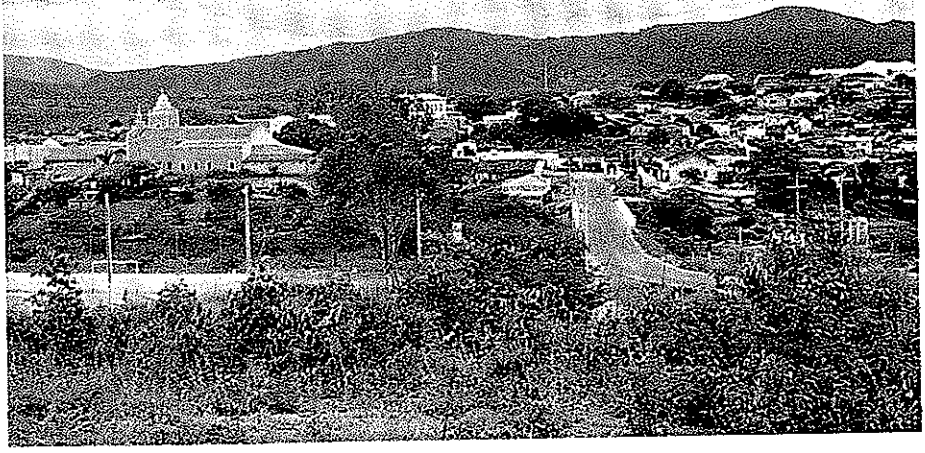
PER-BPEPCB

CDU 981.34
CDD 981.34

Maria Stella Barros de Siqueira Campos



Prefeitura (1º andar), onde meu avô, meu pai e meu esposo foram prefeitos. Cadeia pública (andar térreo).



Vista parcial de Flores

Dedicatória

Aos meus pais:

João do Nascimento – Cel. Barros (in memoriam)
Maria Fernandina – Dona Maroca (in memoriam)

Ao meu esposo:

Cel. Antônio Medeiros (in memoriam)

Aos meus filhos:

Edgard (in memoriam)
Maria Helena
João (in memoriam)
Antônio
Diomedes (in memoriam)
Terezinha
Sônia (in memoriam)
Hélio
Ivan
Zélia Maury
Neuza (in memoriam)

A minha mãe Stella

Instado a render a merecida homenagem a minha mãe, na fase preambular do seu livro **"Flores, Campos e Carvalho"**, torna-se imperativo ressaltar a impossibilidade de dissociar, no âmbito desta, um julgamento perfunctório da essência do seu trabalho literário.

Fruto laborioso de uma séria pesquisa de mais de duas décadas, nos registros cartorários, nos compêndios de historiadores da melhor cepa e, ainda, aduzindo as estórias que lhe contava sua avó Chiquinha, forjou a argamassa necessária para condensar duzentos anos de vida de uma comunidade sertaneja (Flores), resgatando, quem sabe, a vontade de seus ascendentes e avivando a memória dos seus descendentes.

Sob o aspecto genealógico levantou dez gerações, já da família Carvalho, já da Siqueira Campos, sem contar com mais de uma dezena de outras ramificações periféricas a estes dois principais ramos de sua descendência, que também foram incorporadas a sua ingente tarefa.

Cuido que a sua obra não se confinou nos lindes das memórias e reminiscências, posto que abrange, nas suas dimensões subterrâneas, o sociológico e o antropológico, tecendo, no palco e na teia da vida, a historiografia, os fatos e os feitos da gente nordestina, que glorificou, com seus atributos de fortaleza e destemor, o solo abrasador e nem sempre fértil da sua decantada terra natal.

Duas visões se me afloram, neste juízo de valor: uma a da autora, que enxerga preteritamente **"até onde a vista alcança"**; a outra é a minha que se traduz em visão para o futuro, até onde a vista deve alcançar.

Aos noventa e cinco anos de idade, faz chegar aos destinatários de sua obra um sonho acalentado por muito tempo. Sente que cumpriu a tarefa a qual, *"spont sua"*, se impôs como de um dever inalienável.

O momento é de alegrar com os que se alegram, sendo este o meu estado de espírito ao vislumbrar que em **"Flores, Campos e Carvalho"** a autora transcende da paixão para a razão; da emoção para a inteligência e do desejo para a vontade.

É-me grato tributar a minha querida mãe a oferenda de amor pelo muito que realizou, não só por mim, bem como para com todos seus filhos e parentes.

Lembrando Teilhard de Chardin, jesuíta e biólogo francês, na sua tradicional classificação dos homens, diria, desenganadamente, que minha mãe é uma mulher ardente porque possui *"o fogo da aspiração ao verdadeiro, ao real, ao que está por trás das aparências..."*

Na classificação de Carl Jung não a vejo como Eva nem Helena, todavia sinto que ela encarna Maria, a qual, na dicção do gênio da psicanálise, representa *"a mulher pura e amorosa que consola e alimenta, que protege e perdoa; podemos nos abandonar completamente à sua ternura e compreensão"*. Para mim será um dia, na transcendência da consciência cósmica, a Sofia jungiana que traduz a inspiração para o homem através da sua sabedoria iluminada, no caminho da auto-realização.

A filosofia oriental configura a evolução do homem em sete estágios, sendo o terceiro, nesta escala setenária, a do ideal. Tenho-a, pois, pelos atributos que a ornam, como a mulher ideal.

Neste patamar, o ser, consoante predica a psicóloga italiana Angela Maria la Sala Batá, em medicina Psico-Espiritual, é *"aquele que começa a ter uma visão mais ampla da vida, a aspirar a algo de elevado e nobre e que começa a ter aspiração ao bem e à verdade"*.

Hélio Barros Siqueira Campos

A minha mãe

Malva-do-campo	***M***ar de águas mansas e bravias
Alma mater	***A***rmadura que sempre protege
Raiz-do-sol	***R***azão em tudo que realiza
Ingá-açu	***I***rradiando beleza e bem-estar
Abelha-mestra	***A***mando com fidelidade e ternura

Sapupira-da-mata	***S***inceridade é seu forte
Tamanqueira-de-leite	***T***enacidade é sua marca
Estrela-de-Jerusalém	***E***strela é seu nome
Linda-flor	***L***abutar é seu destino
Laranjeira-do-mato	***L***iberdade foi sua causa
Açucena-branca.	***A***travessando noventa e cinco anos.

Nunca esqueci:

- das grandes cheias do Pajeú e suas espumas flutuantes;
- dos bogaris do nosso jardim e a flor de **Titia Yayá**;
- da coragem e bravura de **Rosendo Quidute** (o meu herói de infância);
- das eternas brigas do seu **Emídio** e **Chico Preto**;
- de **Pita Madureira** e sua mãozinha fazendo fogos;
- de **Neném** dizendo para **Sinhá:** *"o cão de **D. Stella** tá em cima do pé de coração-da-índia. Corre lá e cutuca o rabo dele com a vara";*
- do som da **serafina** e da voz fanhosa de **Biu Gomes.**

"As flores servem de cordialidade, quando trocadas entre pessoas enamoradas" (Ivan. Pesqueira, 1952).

Tantas são as lembranças de **Flores** que, enumeradas, não caberiam em mil páginas.

Ivan Barros de Siqueira Campos

Vovó Stella

O modelo mental que se tem das avós, criado pela imaginação popular, é sempre de uma idosa, sentada em cadeira de balanço, com algum trabalho manual, contando histórias de "trancoso" (ficção), que lhes foram transmitidas por suas antepassadas. Essa imagem padrão não corresponde à da minha avó Stella, construída, ao longo dos anos, desde a mais tenra idade, na sua convivência.

Sempre preocupada em coletar informações precisas, em sua maior parte obtidas através da oralidade daqueles que, de alguma forma, tinham relação com os fatos, assim pude admirar e amar Vovó, pesquisadora nata, minuciosa, rigorosa no trato das informações. Emocionavam-me suas narrações, porque eram de sua gente, de seus antepassados e descendentes. De pessoas de sua convivência física ou histórica, saíram os personagens que povoaram o Sertão do Pajeú, cujo centro de referência era sua querida Flores e cujo corte mental histórico chega a mais de trezentos anos.

Às vezes ouvindo, às vezes lendo as suas narrações, desde cedo pude compreender personagens inseridos na cultura de um povo denodado, fiel aos valores morais e éticos de uma época e de um lugar. Sem essa visão de contexto, corre-se o risco de distorcê-los ou de não entendê-los em sua extensão. Tudo era bem diferente do que eu via no cinema e na televisão sobre o Semi-Árido do Nordeste. Aliás, o que já se produziu para a televisão e para o cinema sobre o povo nordestino, tem pouca semelhança com o que vovó retrata nos seus relatos.

Imagino o sertanejo como cidadão, superando grandes obstáculos, sedento de educação e cultura. Quando lhe era possível, encaminhava os filhos para as poucas academias dos grandes centros urbanos do país. Multiplicava a formação escolar, aliando erudição a um espantoso talento. Assim, tivemos poetas, pintores, escritores que, junto aos juristas, médicos e políticos de renome, constituíram os notáveis, ou melhor, usando a sua linguagem sertaneja, a "fina flor" do Sertão. Nas adversidades e sofrimentos, explode a sua tenacidade. Sua história também é repleta de belos momentos, dignos dos mais refinados romances.

Dentre os eruditos, vislumbro a minha avó, como uma estrela (tradução do seu nome) entre as demais estrelas femininas que orgulham o Sertão. Aliás, na vanguarda da emancipação feminina, a mulher sertaneja fazia história, ocupava espaço e era respeitada pelo sexo oposto. Isso aprendi com vovó que trabalhava nos correios mesmo antes da morte de vovô, cujo salário foi a fonte financiadora do sustento e educação de todos os filhos.

Fui uma das netas privilegiadas por ter mais desfrutado a sua convivência. Aos onze anos, quando nos mudamos de Goiana para o Recife, meus irmãos, Djalminha, Jório e eu passamos quatro meses em sua companhia. Depois passávamos os domingos reunidos com os demais tios e primos. Quando casei, a história repetiu-se, ao contrário. Por motivo de doença, vovó passou quatro meses conosco, passando, em seguida, a morar vizinha ao nosso apartamento, desde 1992. Voltamos a morar praticamente juntas. Vovó, com muito amor, dispôs-se a ensinar matemática à nossa saudosa e querida filha Rebeka.

Mamãe transmitiu-me e eu consegui passar para meus três filhos, a atenção que se deve dedicar às outras pessoas, principalmente devotar afeto a esta avó tão especial, que já chamamos de "Biza". Tudo que nós lhe dispensamos é verdadeiramente recíproco. Não existem segredos, nem diferenças nessas quatro gerações, apesar da distância entre as idades. É como se existisse uma cumplicidade que fortemente nos une, fazendo-nos sentir solidárias e fortes, em todas as circunstâncias vividas. Nada atrapalha essa harmonia existente entre nós, tão importante, seja nos bons ou nos maus momentos de nossas vidas.

Durante a organização deste trabalho, inúmeras lições de humanismo vovó me ensinou.

Deito a cabeça no seu colo para afagar as suas mãos, sentir as emoções que a sua sabedoria me desperta e poder me orgulhar de ser sua descendente, de ter o seu nome. Agradeço a Deus por tudo que vovó proporcionou a minha mãe, a meus filhos e a mim.

Umbelina Stella

Ao leitor

Sempre foi meu desejo contar tudo que retive na memória do muito que me foi repassado por minha querida Vovó Chiquinha. Com seu imenso conhecimento, transmitia a história de nossa origem, iniciada por um menino de onze anos, fugido do Castelo de Pena Fiel, situado na zona rural do Estado de Pena Fiel ao norte de Portugal. Numa grande migração, rumou para os destinos do Novo Mundo, sendo acolhido no porto do Recife/Brasil. Ainda criança, eu ficava pasmada com sua coragem, escutando e nutrindo o desejo de deixar esses conhecimentos, transmitidos a toda minha descendência. Entusiasmei-me por essa história bonita, vivida por aqueles que se encantaram, desde o início, com o nosso Brasil.

Sinto as palavras como música, que canta e encanta, cabendo a poucos executá-la com harmonia. Por isso, peço desculpas pela maneira desarmoniosa com que ousei manejá-las, desejando aos leitores que sejam empáticos com os personagens que descrevi, para melhor entendê-los. Longe de querer um romance histórico, pretendo simplesmente contar o que sei sobre os ancestrais, narrando fatos que Vovó Chiquinha contava.

Flores, minha terra natal, inicialmente não era o centro da atuação da família Campos, pois era Triunfo onde os familiares eram domiciliados e passavam temporadas de fim de ano, Natal e Ano Novo. A família passou a ter contato com Flores já no tempo dos tios de Vovó, Monsenhor Pinto de Campos e Pedro Pessoa de Siqueira Campos. Este, como chefe político e já bastante idoso, passou a liderança política de Flores ao meu avô, Coronel Dodô, casado com Francisca Laudelina, sobrinha do Coronel Pedro, que viajou, em seguida para São Paulo, onde residiam seus filhos Manoel (Badico) e Raimundo Siqueira Campos, pai de Antônio de Siqueira Campos, o herói do Forte de Copacabana. No meu torrão natal, também não estão as origens da família Barros, que veio da Fazenda Panela D'Água em Floresta.

Curiosa, procurei obter informações nos arquivos da Igreja que, embora já desfalcados, confirmaram o que Vovó Chiquinha havia relatado aos seus netos mais velhos: a mim, Richomer, meu irmão e Oscar, meu primo e filho de tio Luís de Góes.

Foi difícil escolher o título desta obra. Em princípio, preferia que fosse breve e comunicasse todo conteúdo ao leitor. Mas, a temática era abrangente demais, o que me impediu de encontrar um que satisfizesse ao meu intento inicial. As sugestões de familiares e amigos levaram-me a reflexões várias. Impossível agradar a todos, mas confesso que me deixei por eles influenciar.

"Flores, Campos, Barros e Carvalho: Olhando para o passado até onde a vista alcança..." é bastante longo para um livro. Fiz essa escolha para permitir ao leitor perceber de imediato, elementos conteudísticos, simbólicos, temporais e espaciais de tudo que a obra contempla. Assim, explicito-o sinteticamente.

1) **Flores** – uma homenagem à minha terra natal e dos meus antepassados, onde passei o alvorecer de minha vida, quando tudo é florido. Está associado à flora que brota da terra e produz a beleza multicolorida e o perfume dos jardins, dos campos e dos ornamentos. Estão presentes na vida e na morte.
2) **Campos** – estirpe robusta que cresceu no sertão, cujos descendentes notabilizaram-se por seus feitos, principalmente nas políticas, local e nacional. Da minha mãe, recebi esse sobrenome que me ufana por seus brios. O nome nos remete para os áridos campos sertanejos, transformados em prados verdejantes nos tempos de inverno, que fazem renascer a esperança e trazem conforto à alma nordestina.
3) **Barros** – linhagem iniciada no sertão por uma mulher – Florência Mª de Barros, esposa de Manoel Lopes Diniz, da Fazenda Panela D'Água em Floresta. Entrelaçou-se com as famílias de destaque do Sertão, povoando uma vasta área territorial sertaneja. Do meu pai, herdei orgulhosa esse sobrenome que é uma evocação à argila, que compõe a terra, de onde o sertanejo tira o sustento. O Criador tomou o barro em suas mãos, soprou-o e, dele, fez o homem à sua imagem e semelhança. É uma matéria prima abençoada desde o início da criação do mundo. Talvez por isso, meu pai foi um exemplo de amor e bondade sem limite para com o próximo.
4) **Carvalho** – de origem fidalga do Norte de Portugal, juntou-se, por casamentos, aos descendentes de Manoel Lopes Diniz, desde sua primeira geração. Permeou, com seu

sangue, inúmeras famílias sertanejas. Pertencer a essa descendência é orgulho para aqueles que conhecem a sua história. É uma árvore de grande porte e fornece madeira de lei, que bem simboliza a família que denomina.

5) **"Olhando para o passado até onde a vista alcança..."**, o subtítulo demonstra os limites no tempo e no espaço, onde se situam as narrativas. Tentei recuperar fatos passados do Sertão, contados por pessoas que me repassaram histórias, algumas vividas muito antes delas.

Sinto-me feliz ao concluir este trabalho, no qual registro o heroísmo de um povo desbravando o Brasil descoberto, começando a marcha gloriosa de um país de tamanha grandeza em potencial!

Não poderia deixar de agradecer às inúmeras pessoas que ajudaram nosso sonho tornar-se realidade, concretizando os desejos de minha avó e meus. Deixo de citar os nomes porque temo omitir algum. Desde 28 de novembro de 1969, reiniciei meus apontamentos que julgava importantes e durante esse tempo, foram muitos os que me incentivaram e ajudaram. Receio a minha mente falhar e magoar alguém ou várias pessoas. Não me perdoaria jamais! Minha enorme gratidão a todos eles e Àquele sob cuja inspiração registrei todo um passado, que a voragem dos tempos não apagou. A Deus e a meus pais o meu maior reconhecimento.

A Autora

PREFÁCIO

Do município de Flores, eis que mais um nome emerge para compor a sua plêiade: Maria Stella Barros de Siqueira Campos. Dos que lá nasceram, até a História do Brasil ocupa-se em estudar alguns de seus memoráveis filhos. Dentre esses, destacaram-se descendentes do "Marinheiro" Campos e de Manoel Lopes Diniz da Fazenda Panela D'Água em Floresta.

Percebendo a grandeza de sua terra e das famílias desbravadoras, povoadoras e transformadoras da região central do sertão pernambucano, D. Stella lega-nos um minucioso documentário, numa linguagem leve e atraente, que nos envolve na leitura curiosa de seus capítulos.

O valor documental desta obra reside em ser uma riquíssima fonte de pesquisa social, porque registra aspectos de suas passagens históricas, da contextualização de seus personagens, da genealogia e de outros mais, onde os investigadores da antropologia, certamente, irão se debruçar. Daí sua importância. *"Os Sertões"* de Euclides da Cunha é uma referência de estudos, não apenas pelas descrições do conflito de Canudos, mas, também, pelo detalhamento dos aspectos do Semi-Árido nordestino.

Para este livro há, certamente, um lugar reservado nas bibliotecas universitárias, por ser uma fonte documental com informações qualitativas de elevada precisão. Pelo lado literário, creio que esta obra tem elevados méritos pela forma como a autora abordou os temas de seus capítulos e pelos constructos lingüísticos com que os enfocou, prendendo o leitor nas suas linhas e entrelinhas, emocionando-o e envolvendo-o com suas interessantes narrativas.

Sob o prisma de suas análises, Dona Stella resgata um pouco do nosso sertão. Digo um pouco, porque há muito conteúdo para escrever outros livros dessa terra esquecida pelas regiões-irmãs mais ricas do nosso Brasil, repleto de diferenças e contradições profundas. O sertão pernambucano recebe feliz esta obra de elevada densidade histórica e literária.

Enio Lustosa Cantarelli

SUMÁRIO

De arraial a cidade, as origens da antiga Flores 17
Topografia e aspectos da natureza 20
Flores, sua fauna, flora e minerais (séculos XVIII e XIX) 23
Aspectos físicos, políticos, econômicos e sociais (séculos XVIII e XIX) 25
Flores do Pajeú e as versões de sua origem e de seu nome 27
O Rio Pajeú 31
Os primeiros habitantes 33
A Igreja 35
O cruzeiro 41
A cadeia de Flores 43
O processo do diabo 46
O misterioso veio de ouro e a oficina do velho Pedro de Sá Campos 48
Os nossos vizinhos da Rua das Flores e Rua do Fogo 51
A Revolução Praieira em Flores 56
Os caudilhos Francisco Barbosa Nogueira Paz e José Rodrigues de Moraes 62
Dona Úrsula – A justiceira 65
José Ferraz – O menestrel 67
Episódio de Lampião parece gostosa piada 71
Moacir Santos, o músico e compositor da bossa nova 72
A comunicação e os transportes no sertão do Pajeú 75
A Família Campos – uma aristocracia sertaneja 79
O Marinheiro Campos 80
Minha Trisavó Tereza Firmiana Fonseca de Aragão 86
O Monsenhor Joaquim Pinto de Campos 87
Coronel Pedro Pessoa de Siqueira Campos 94
Senador Manoel de Siqueira Campos 99
Dona Philonila Amélia 101
Joaquim Pinto de Siqueira Campos 104
Emília Siqueira Campos 111
Dona Francisca Saraiva de Siqueira Campos 112
Anselmo – Um talento sem oportunidade de desenvolver-se na pintura 116

Tenente Antônio de Siqueira Campos 119
Maria Fernandina Góes Campos Barros – Minha mãe 128
Manoel Alves de Campos Góes-Neco de Góes 135
Barros e Carvalho – Uma vasta linhagem 138
João do Nascimento Lopes Barros – meu pai 147
Maria Stella Barros de Siqueira Campos – a autora 158
Antônio Medeiros de Siqueira Campos – meu esposo 165
Richomer Góes de Campos Barros 181
Arethuza Barros Padilha 185
Adauto Góes de Campos Barros 190
Othoniel Góes de Campos Barros 195
General José Góes de Campos Barros 198
Anthusa Barros de Almeida Cruz 204
Helena Barros Lisboa 208

Desenho da árvore genealógica de Maria Stella Barros de Siqueira Campos

Anexo A – Ramo genealógico da família Barros, referente à autora pelo lado paterno 211

Anexo B – Ramo genealógico da família Góes, referente à autora pelo lado da avó materna. 217

Anexo C – Ramo genealógico da família Siqueira Campos, referente à autora, pelo lado materno, e a seu esposo 221

Anexo D – Descendência de Maria Stella Barros de Siqueira Campos 227

DE ARRAIAL A CIDADE, AS ORIGENS DA ANTIGA FLORES

"Todos cantam sua terra. Também vou cantar a minha"....
Gonçalves Dias

A história de Flores identifica-se com a própria história do sertão pernambucano e nordestino.

Data de mais de três séculos, a formação evolutiva de arraial a cidade de Flores.

A nomeação do capitão Sebastião Lima, para comandar a companhia de ordenanças do Pajeú, documenta a existência de Flores já como um povoado, desde o longínquo ano de 1696, como consta dos Anais Pernambucanos de Pereira da Costa.[1]

Carneiradas e Catequese

Os principais fatores do desenvolvimento do arraial e, depois, povoação de Flores foram, de um lado, as moléstias endêmicas que grassavam a povoação de Cabrobó, especialmente as denominadas "*carneiradas*"[2] que obrigaram um dos seus párocos a se deslocar para as margens do Pajeú, onde passou a morar e exercer a catequese dos índios Tapuias e, de outro, a salubridade do clima, além da fertilidade do solo. A propósito, veja-se o depoimento de Pereira da Costa[3]: *"Situado às margens do rio Pajeú, um arraial de índios mansos, os Tapuias, a insalubridade da povoação de Cabrobó, situada junto ao Rio São Francisco, levou a um dos seus párocos a fixar sua residência naquela situação, de clima saudável e ameno, fertilíssima e de boas águas, e onde já não chegavam, pela sua distância, as moléstias próprias daquela povoação, particularmente as chamadas "carneiradas".*

(1) Francisco Augusto Pereira da Costa, Anais Pernambucanos, Vol. VI, pág, 417.
(2) Febre palustre, antiga denominação de malária, muito comum naquela região do São Francisco
(3) Pereira da Costa, ob. Cit., pág. 417.

Aldeia de Santo Antônio de Pajeú

O arraial de Flores, de cuja existência se tem notícia a partir do século XVII, situado à margem direita do rio Pajeú, no começo, era formado pelos índios Tapuias, os quais foram aldeiados[1] em 1741, surgindo daí a aldeia de Santo Antônio de Pajeú, cuja orientação religiosa, com catequese e civilização, nos meados do século XVIII, estava a cargo de frei Lino da Cruz, franciscano do Convento do Recife. Pereira da Costa[2] narra sobre o assunto que a Ordem Franciscana confiava a catequese desta aldeia "*com a ordinária de anuais, e na qual se conservaram os padre capuchos, bem como em outras diversas missões até os anos de 1760, quando foram dispensados*".

Julgado e Comarca

Flores, na sua trilha evolutiva, depois de passar pelos estágios de arraial, povoado e aldeia, no último quartel do século XVIII, alcança a categoria de julgado[3] independente, no ano de 1776, tendo antes pertencido ao julgado de Tacaratu, em 1774. O julgado independente de Flores constituía-se de um juiz ordinário[4] e de um tabelião público.

A Freguesia

A freguesia de Flores, cujo território foi desmembrado da freguesia de Cabrobó, foi criada pelo Alvará de 11 de setembro de 1783, sendo a terceira em seqüência cronológica, a ser criada no interior da Província de Pernambuco. Quem bem testifica esse fato é o historiador Nelson Barbalho[5] .... "*a freguesia de Tacaratu, segunda a ser criada ali, somente obteria instalação 80 anos depois, já em 1772, seguindo-se-lhe a de Flores do Pajeú em 1783, a de Santo Antônio de Garanhuns em 1786, a de Buíque em 1792 e a do Brejo da Madre de Deus em 1797*".

---

(1) Reunião de índios em aldeias regulares, chefiadas por missionários ou autoridade leiga.
(2) Pereira da Costa, ob. Cit., pág. 417.
(3) Divisão territorial sobre que tem jurisdição o juiz ordinário.
(4) Magistrado que administra justiça em um julgado ordinário, do qual há apelação para o Juiz de Direito. (Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – F. J. Caldas Aulete).
(5) Nelson Barbalho, Caboclos do Urubá, pág. 47

O Alvará de 15 de janeiro de 1810, com força de lei, criou a Comarca do Sertão de Pernambuco, passando o julgado de Flores a fazer parte desta Comarca e esse mesmo Alvará outorgou a Flores o predicamento de vila, ficando sua sede aí localizada.

A elevação de Flores à categoria de vila, bem assim como a sua escolha para sede da Comarca do Sertão de Pernambuco, partiu da iniciativa do próprio Governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro, como explica, na obra citada, à página 418, Pereira da Costa ..... "*e, em observância do referido Alvará, teve a sua povoação o predicamento de vila, como propusera o Governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro e ficando mesmo como sede da Comarca, por ter suficiência para isso, ser uma grande povoação com brejos férteis nas terras vizinhas, que abundam de mantimentos, já com alguma cultura de algodão que se transporta para esta praça do Recife, a ela não chegar moléstias do Rio São Francisco, e nem mesmo ser atingida nas maiores epidemias havidas naqueles sertões, como escreve o referido Governador em ofício de 22 de julho de 1805, dirigido ao Ministro Visconde de Anadia, propondo a criação da dita Comarca*".

Vila, Município e Cidade

O desembargador, ouvidor-geral e corregedor da Comarca do Sertão, Dr. José Marques da Costa, no dia 26 de maio de 1811, instalou a Vila de Flores.

Em 1833, por resolução da Presidência, em Conselho de 20 de maio, criou várias Comarcas na Província, sendo Flores uma delas, recebendo o título de Comarca do Sertão de Pernambuco, conservando a denominação da primitiva Comarca que compreendia todo o Sertão de Pernambuco. A instalação da Comarca de Flores foi levada a efeito em 1834, todavia, por força da Lei Provincial nº 280, de 06 de maio de 1851, teve sua sede deslocada para a povoação de Serra Talhada, que foi elevada a vila por este fato.

Flores tornou-se município autônomo em 1893, pela Lei Municipal nº 52, de 03 de agosto de 1892, e, finalmente, pela Lei Estadual de 01 de julho de 1909, foram-lhe conferidos foros de cidade.

TOPOGRAFIA E ASPECTOS DA NATUREZA

Bem significativa era a extensão territorial de Flores antiga, com *"uma área de 108 km, de leste a oeste e 72 de norte a sul, em sua maior extensão"*[1].

Do seu território, foram desmembrados os municípios de Afogados da Ingazeira, de São José do Egito, de Triunfo, de Vila Bela (hoje Serra Talhada), de Belmonte, de Floresta e de Tacaratu.

Acha-se a cidade situada à margem direita do rio Pajeú, em terreno acidentado e pedregoso, com uma altitude de 478 metros acima do nível do mar e a cerca de 470 km da capital do Estado.

Orografia

Sebastião de Vasconcelos Galvão, em seu Dicionário Corográfico Histórico e Estatístico de Pernambuco, às páginas 254 e 255, descreve a orografia de Flores deste modo: *"Entre as serras que mais reparo merecem indicar: ao norte as do Cipó, Vermelha, da Colônia e da Piedade, que são denominações dadas à parte da cordilheira que separa o Estado da Parahyba; a Leste as do Brejinho, Prateado, Torres, Sítio e Lethas; ao sul a do Tinguy, com grandes lajedos; e ainda muitas outras serras, como a do Bom Jesus, da Cacimba, do Sacco dos Caldeirões, etc."*.

Hidrografia

Na obra e páginas acima citadas, encontra-se estampada, com riqueza de detalhes, a hidrografia florense: "*O solo do município é regado pelo rio Pajehú, que vem do município de São José do Egito, e corta o de Flores, na direção Oeste em sua maior extensão, sendo o manancial mais seguro desses hicares, embora em todo seu leito não fiquem senão poços sem importância, logo depois do fim do inverno; em qualquer parte, porém, do seu leito arreda-se a areia e obtém água de boa qualidade, cumprindo notar que no lugarejo*

(1) Sebastião de Vasconcelos Galvão, Dicionário Corográfico Histórico e Estatístico de Pernambuco, pág. 253.

denominado Santa Rosa, há um poço assim chamado, que é uma maravilha no gênero para a localidade. Os riachos mais notáveis, pois que todos ali secam à proporção que escasseia o inverno, são: o da Velha, vindo da Serra da Baixa Verde, com um curso de 24 km, até desaguar no Pajehú perto desta Villa; o riachão, que procede do lugar Sítio, e vai despejar no Pajehú no lugar Estreito depois de 15 km de curso; o do Prateado, do Antonico, originários da Serra da Colônia, e afluentes também do Pajehú depois de 24 km; e ainda o de São João, do Ramalho, que nasce na Serra do Brejinho, Fagundes, Sítio dos Nunes, Angico Torto, Salgadinho, Queimadas, Sacco dos Bois, Bom Sucesso, Oitis, Mombaça e Sacco dos Caldeirões e outros. Lagoas. Há algumas conhecidas pelos nomes de Tinguy, Jatobá, Grande, Arouca e Caroá".

Aspectos da Natureza

De igual modo, Sebastião de Vasconcelos Galvão[1] faz um minudente relato dos aspectos da natureza de Flores de outrora, assim:

"O terreno é, em geral, plano, embora circulado de serras, que dividem o município de outros vizinhos. A natureza do solo oferece um misto de areia e cascalho, que o torna seco e livre inteiramente de umidade, sendo essencialmente sadio. O clima, nos meses de outubro a fevereiro, conquanto refrescado por correntes sucessivas de uma viração fagueira, que o torna bastante suportável, é, como o de todo nosso Sertão propriamente dito, quente durante os dias; nos demais meses do ano é de temperatura agradável e pelas noites sente-se muito frio"; em todo o caso é uma localidade das mais salubres, e sobre tal assunto o literato pernambucano Padre Francisco Ferreira Barretto, conhecido por "Doutorzinho", que ali residiu por algum tempo, afetado de moléstia pulmonar, descreveu o clima em versos inspirados pela gratidão de todo benefício que ali colhera sobre tão terrível mal. Acerca da natureza do solo de Flores, diz o engenheiro francês Dombre: - "*Ao Norte da Villa se acha uma vasta camada de calcário, de uma extensão aproximada de 2 km de largura e comprimento de mais de 15. A direção da camada é de O a E. O calcário, alvo como a neve, parece com o açúcar branco cristalizado, que há na França. A existência desse branco*

(1) Sebastião de Vasconcelos Galvão, op. Cit. Pág. 253

calcário prova muitas coisas. Em primeiro lugar, que sua formação é posterior ao levantamento granítico de O a E, porque enche uniformemente um vale no meio de duas elevações paralelas; depois têm lugar muitas elevações, muitos abaixamentos e transformações que alteram a direção das montanhas e fazem desaparecer a camada sedimentar. O grau de metamorphismo mostra claramente sua antigüidade, mas eu não posso assegurar um fato assim com tanta certeza, da idade relativa dos terrenos sedimentários encontrados".

FLORES, SUA FAUNA, FLORA E MINERAIS (SÉCULOS XVIII - XIX)

Pelo meu testemunho e dos historiadores mais antigos, as riquezas naturais de Flores, em seus três reinos, se constituíam:

a) Na fauna de animais de criação: bovinos, suínos, caprinos e eqüinos, de várias espécies; de animais selvagens: onça, gato do mato, veado, raposa, anta, jaritataca ou maritacaca, de aves: periquito, tetéu, ema, seriema, galo de campina, anuí, carcará, papagaio.

b) Na flora eram poucas as árvores de grande porte, podendo-se salientar, entre elas, a umburana, umbuzeiro, juazeiro, contudo havia abundância de cereais, legumes, frutas, fumo, algodão e, até, cana de açúcar, a qual deu nascimento à incipiente indústria de aguardente e rapadura, surgindo, paralelamente, a de fiação de algodão e de corda de caroá;

c) Nos minerais eram profusas as jazidas de argila, bem assim de giz de variadas cores, encontrando-se, também, em abundância, enxofre, salitre, pedra calcária e cristais de rocha. No que toca aos metais, circulou notícia, há muito tempo atrás, da existência de ouro na região.

É interessante conhecer o que da flora e da riqueza mineral escreveu Sebastião de Vasconcelos Galvão[1]: "*No vegetal, há pobreza de madeiras para construções civis e obras de carpintaria e marcenaria, possuindo, entretanto, muitas plantas medicinais, podendo-se, ligeiramente e de passagem, citar: a catingueira de porco, empregada nos incômodos do estômago e nas tonteiras, servindo o entrecasco e as folhas; o velame usado como depurativo; o marmeleiro, como anti-asmático; a aroeira (schinus), útil nos males da garganta e como adstringente; a emburana, como peitoral excelente; o juazeiro, grande remédio para as digestões difíceis e nas inflamações do fígado; o mulungu, cujo entrecasco é usado como calmante do sistema nervoso, e as sementes, semelhantes a um feijão encarnado, são um terrível veneno lethal, quebradas e pulverizadas para destruir certos animais daninhos; e outras plantas.*[5]

---

(1) Sebastião de Vasconcelos Galvão, op. Cit. Pág. 255.

No reino mineral, na serra do Bom Jesus, o giz de várias cores é abundantíssimo; na dos Caldeirões encontra-se uma jazida de salitre; na Fazenda Sítio dos Nunes argila branca que se presta para diversas obras de cerâmica e de caiação; nas serras do Bom Jesus, Cacimba e Saco dos Caldeirões acham-se minérios de pedra calcária, de cantaria, de giz de várias cores e de ferro não explorado: no lugar Araras, a SE da Vila de Flores, existem cristais de variadas cores e beleza, segundo afirma o Dr. Francisco Ignácio Ferreira, em seu Dicionário Geográfico de Minas do Brasil; e, finalmente, ainda neste município, existe uma fonte de água mineral, à qual se refere, em seu Dicionário de Medicina Popular, o Dr. P.L.N. Chernovig".

ASPECTOS FÍSICOS, POLÍTICOS, ECONÔMICOS E SOCIAIS (SÉCULOS XVIII E XIX).

Aspectos Físicos[1] - O município está localizado a 466m de altitude, na zona fisiográfica do Sertão, e possuía uma área de 7.786 km², o que representava 7% do Estado de Pernambuco. A sede municipal posiciona-se a 7º 52'00" de latitude sul e longitude (W.Gr) 37º 38' 30".

O município de Flores limitava-se ao Norte com a freguesia de Princesa, no Estado da Paraíba, através de uma gigante cordilheira, ramificação da Borborema, que extrema aquele Estado ao de Pernambuco; a Leste, com o município de Afogados da Ingazeira, através das Serras do Prateado, Letras, Torre, Sítio e Brejinho; ao Sul, com a freguesia de Floresta, por intermédio das águas que dão origem ao riacho do Navio (totalmente pertencente a Floresta), até a Malhada dos Bois; a Oeste, com a freguesia da Vila Bela e Triunfo, através da Fazenda Bom Sucesso, exclusive em rumo direto ao Taboleiro Alto e, deste, em direção Sul, ao Boqueirão da Penha, Cabeceiras do riacho São Domingos, até fazer barra no rio Pajeú e pela estrada que margeia a serra da Baixa Verde.

Divisão - O município compreendia uma só freguesia, a de Nossa Senhora do Pajeú de Flores, e dois distritos municipais.

Formação Judiciária e Legislativa - Como já ficou explicado, Flores foi elevada a Comarca em 1833, sendo instalada em 1834, tendo sido, anteriormente, sede da Comarca do Sertão de Pernambuco pelo Alvará de 15 de janeiro de 1810. Em 26 de maio de 1811, teve instalada a Vila e, no dia 27 de maio do mesmo ano, foi levantado o seu pelourinho. No dia 28 do mesmo mês e ano, operou-se a eleição das justiças e pessoas das governanças da nova vila, sendo a eleição de Capitão-Mor levada a efeito no dia 7 de junho do referenciado ano de 1811. A primeira composição da Câmara Municipal, descreve Pereira Costa[2], foi assim constituída:

(1) Dados colhidos do Dicionário Corográfico Histórico e Estatístico, de Vasconcelos Galvão.
(2) Pereira da Costa, op. Cit. Pág. 419.

"Para a Câmara saíram eleitos: a) juízes ordinários: Manuel Lopes Barros e João da Graça Sampaio; Juiz de Órfãos, o Capitão Pedro José Delgado; Vereadores: João Luís de Sousa Rangel, Manuel Félix de Veras e Simão Pedro de Santana Rocha; e Procurador Antônio de Paiva Matos, cujos funcionários prestaram o competente juramento e tomaram posse dos seus cargos na casa do Ouvidor, por ainda não ter a Câmara um prédio próprio para as suas funções".

População - A população total do município estava composta de, aproximadamente, 12 mil habitantes.

Produção, Cultura e Indústria - Cultivava-se no município, geralmente, tudo que constituía o consumo da Vila, destacando-se: feijão, mandioca, algodão, café, cana, milho, arroz e fumo.

A principal parcela na produção, no comércio e na indústria municipais, provinha da criação de gado, cavalo, cabras e suínos.

Havia uma incipiente indústria de fiação de algodão, bem assim de preparação de fumo e, ainda, a de produção de rapaduras, compreendendo dez engenhocas.

Toda a produção fabril, no entanto, era desproporcional aos recursos do município, em face das dificuldades e alto custo dos meios de transporte.

Entre o último quartel do século XVIII e o início do século XIX, o comércio e a agricultura da Vila não tiveram o desenvolvimento compatível com o crescimento do município.

Educação - No tocante à instrução municipal daquela época, cumpre ressaltar que era quase primitiva, existindo, apenas, uma cadeira de primeiras letras para a comunidade masculina da Vila.

Comunicação - Como instrumento de comunicação, existia a Estação Telegráfica da Linha Nacional, inaugurada em 02 de outubro de 1894.

FLORES DO PAJEÚ E AS VERSÕES DE SUA ORIGEM E DE SEU NOME

Corria o Pajeú e nessa corrida levava notícias de terras distantes, as quais esperavam pelo homem a fim de as povoarem.

O chamamento do rio era tão forte, que, logo, foram chegando os primeiros homens que se fixaram às suas margens.

Surgiram as primeiras fazendas, com elas o trato da terra, a criação do gado, as primeiras casas, dando, desta sorte, origem às vilas e cidades.

Umas prosperaram, chegando à cidade e sede de Comarcas, como Flores que, do Alto Sertão, foi a primeira. Outras continuaram pequenas, humildes, sem desenvolvimento, extinguindo-se sem se saber o porquê da sua sorte. Retornaram à solidão e à esterilidade, sem maiores explicações, crescendo novamente na terra os primitivos espinhos, xiquexiques, mandacarus e o matagal ríspido e árido. Somente os juazeiros, árvores frondosas e sempre verdes, com seus frutos amarelinhos, de sombra acolhedora, continuavam a abrigar os raros viajantes que por ali passavam.

Assim, tiveram início as cidades sertanejas, onde a integração portuguesa encontrou expansão ao lado do símbolo da fé, a cruz. Eram os missionários os melhores organizadores dos povoados. Os fazendeiros faziam doações de terras para a criação de capelas, açudes, casas de caridade, cemitérios, escolas e, até, estradas. Os missionários dispunham somente do poder espiritual e da capacidade administrativa, dominando todos aqueles recantos com o bastão peregrino, transpondo serras, rios, encontrando índios bravios, hostis, para ensinar as páginas do Evangelho e levar um pouco de civilização dos seus países de origem.

A religião católica, juntamente com a bravura dos portugueses, tiveram marcante desempenho no desenvolvimento desses povoados e vilas que, graças à ação desses fortes desbravadores e missionários, cresceram até alcançar foros de cidade.

Flores fez-se um arruado às margens do Pajeú, próximo a Triunfo, na antiga serra de Nossa Senhora das Dores de Baixa Verde, de clima salubre e solo fértil.

Um dos principais fundadores de Flores, foi Garcia D'Ávila, o

proprietário das terras da Casa da Torre na Bahia, o qual organizou, com seus esforços, um povoado que passou a vila no dia 13 de janeiro de 1810, com o nome de Vila do Pajeú das Flores. Os escravos, com um Frade Capuchinho, erigiram uma Capela sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário, onde eram celebradas as missas, novenas e as procissões acompanhadas de pífanos, zabumbas, instrumentos feitos por eles, dando um toque bem africano, saudosos de sua pátria tão distante, onde outrora viviam livres e, aqui, eram simples e sofredoras criaturas, a quem a maior e melhor riqueza foi-lhes arrancada pra sempre, a sua liberdade! A minha terra foi a que mais concedeu alforrias aos escravos.

O Diário de Pernambuco publicou em 11.07.1999 o seguinte artigo:

"O historiador pernambucano e professor da Universidade Federal da Bahia, José Abranches de Lucca, é um aficcionado pela história da escravatura no Brasil. Segundo ele, o município de Flores foi um dos locais onde a miscigenação racial entre brancos e negros – alcançou limites jamais vistos antes no país. Após trinta anos de pesquisa, Lucca está preparando um livro sobre o assunto. "De acordo com minhas pesquisas, uma grande quantidade de senhores de engenho do local casou-se com negras e constituiu numerosas famílias. Ao contrário dos portugueses, os holandeses e franceses que povoaram a região de Flores e Triunfo tinham as negras como esposas e não como amantes. Talvez por essa relação, o município registre um dos maiores índices de alforria do Estado", avalia.

Entre os documentos analisados pelo pesquisador estão cerca de 180 cartas de alforria de um engenho local. Os documentos foram expedidos por um homem conhecido como Barão de Vasca, holandês que se casou com uma de suas escravas e pregava a filosofia abolicionista. "Esse barão era um homem muito rico e seus ideais iam de encontro aos dos dominadores portugueses. Ele foi embora da região durante a expulsão dos holandeses. Segundo escritos da época, ele foi embora para Europa numa caravela com a família e mais de 300 escravos, que não queriam ficar longe do senhor, contou."

Origem do Nome

Correm duas versões acerca do nome de Flores: a primeira é

explicada por Pereira da Costa[1] e a segunda é assinada por Vasconcelos Galvão[2], cuja versão é ratificada pelos mais antigos florenses.

Veja-se a primeira: "*Sobre o nome de Flores, imposto à povoação e depois extensivo a todo município, há duas versões correntes na localidade, parecendo-nos, porém, preferentemente aceitável, a que se prende à existência de uma fazenda de gado, em tempos remotos, no próprio local em que está situada a cidade, conhecida por fazenda dos Flores, do apelido de família dos seus primeiros proprietários, e depois por Pajeú de Flores, por ficar à margem direita do rio daquele nome, que nascendo na serra de Jacarará, atravessa todo o município, e passando por outros deságua no São Francisco. Naturalmente extinta aquela fazenda pastoril, com o desenvolvimento da povoação, ficou porém uma propriedade conhecida por sítio das Flores, pertencente à casa da Torre, da Bahia, como encontramos em um documento local de 1756. O nome de rua das Flores, que tem uma das da cidade, talvez venha daí*".

No concernente à segunda, pelo que contavam os mais antigos, o nome de Flores surgiu em face do cultivo de flores por umas moças solteiras que, além de atrair, com o perfume das suas flores, os viajantes, cativava-os com a hospedagem, fazendo conhecido o lugar como a casa das moças "das flores". Assim, teve origem o nome da minha terra. Do gesto cativante daquelas moças, bem assim da gratidão dos viajantes, que por lá passaram.

Essa versão é corroborada, como se aludiu antes, por Sebastião de Vasconcelos Galvão: "*A denominação de Flores, diz a tradição, é originada do fato de haverem sido os primeiros moradores do referido arraial, umas moças muitos distintas por seus sentimentos de piedade, as quais, talvez por semelhante atributo, eram conhecidas pelas moças de flores, ou simplesmente, pelas flores*".

Portanto, Flores nasceu de um pequeno arruado às margens do rio Pajeú, quase ao pé da Serra da Baixa Verde, talvez uns trinta quilômetros do oásis pernambucano. O seu nome, dizem ter nascido do coração de uma das moças solteironas, que morando às suas margens, gostava de cultivar flores, tendo sempre em sua horta, saudades, jasmins, resedás, rosas, bogaris, angélicas e cravos que, naquele distante sertão, eram cultivadas. O carinho, com

(1) Pereira Costa, op. Cit. Págs. 420/421.
(2) Sebastião de Vasconcelos Galvão, op. Cit. Pág. 252

que tratavam as suas flores que exalavam seus perfumes, fazia também exalar o perfume que tinham em seus corações, dotados de caridade e bondade com que recebiam os raros viajantes que por ali passavam, dando pousada e alimento. Quando aos viajantes perguntava-se aonde iam, eles respondiam *"vamos à casa das moças das flores"*. E, assim teve minha terra, seu nome bonito, sem esforço para escolhê-lo.

O RIO PAJEÚ

"...da água formava-se a bruma, que subia ao céu; transformava-se em chuva a cair das alturas, virava fonte, virava regato e, novamente, iniciava a sua jornada, novamente fluía rumo à meta".

Hermann Hesse

Nasce o rio Pajeú no município de São José do Egito, cortando o de Flores, na direção oeste, em sua maior extensão. Tem curso de aproximadamente 350km, indo desaguar no rio São Francisco. São seus principais afluentes: o Riachão que nasce na serra do Boqueirão, a 3km distante da fazenda Sítio dos Nunes. Podem ser citados, ainda, os riachos São João, Ramalho, Sítio dos Nunes, Queimadas, Prateado, Saco dos Bois, Saco do Romão, Pereiros, Jatobá, Bom Sucesso, Oitis e Mumbaça. Dentre todos, parece merecer maior destaque, talvez dada à sua precipitação ao desaguar no Pajeú, o riacho da Velha. Desce da serra de Triunfo, recebe o riacho São Jerônimo e depois de um curso de 20km, derrama, finalmente, suas águas no rio Pajeú, na cidade de Flores.

Outrora, o Pajeú corria de inverno a verão. Suas águas eram cobertas por árvores de considerável porte. Cheguei a conhecer muitas ingazeiras, cujos troncos chegavam a medir 3 a 4 metros de circunferência, ornando tanto as margens do rio, como as principais ruas da cidade. Uma delas, no tempo do meu avô materno[1], serviu de pousada para uma tribo de ciganos oriunda da Calábria. Tocavam violino, dançavam ao redor da ingazeira, à luz das fogueiras. Viam-se as belas ciganas de saias largas e longas, com tranças enfeitadas de moedas, rodopiando com seus pares, os quais, tocando pandeiros, acompanhavam o som dos violinos, estimulando nossa imaginação a ponto de nos transportar para os cenários narrados nos romances medievais.

(1) José Alves de Góes e Melo (Cel. Dodô)

Lembro-me quando, um dia, foram à casa do meu avô (Cel. Dodô) para uma visita de cortesia e agradecimento, aproveitando o ensejo para homenagear aquele expressivo chefe político. Em sua casa, improvisaram uma apresentação musical para alegria de todos os presentes. Foi um acontecimento singular, a que nossa pequena cidade sertaneja não estava habituada a assistir.

Das árvores que adornavam as margens do Pajeú, salientavam-se os juazeiros sempre verdes e os jatobás de vagens enormes, grossas, contendo uma polpa amarela e macia, gostosa ao paladar; do seu tronco, corria uma resina que nós mascávamos como se fosse chiclete e o mulungu, que havia em abundância, sempre carregado de flores e sementes vermelhas, tão vermelhas e bonitas, que se assemelhavam a milhares de rubis brilhando ao sol.

Das árvores maiores, desciam cipós grossos e entrelaçados, que eram utilizados pela meninada para pular de uma árvore para outra. Fazíamos balanços que eram usados durante os banhos. O rio corria manso e sereno, nele podíamos nadar e brincar sem maiores preocupações.

Recordo-me de alguns lugares prediletos dos banhistas. O mais importante era a cachoeira, postada entre dois barrancos cobertos de árvores. O Catolé, profundo e perigoso, guardava a preferência dos melhores nadadores. No encontro do riacho da Velha com o Pajeú, assistia-se a um belo espetáculo, quando o riacho empurrava o rio alguns metros para trás, formando ondas espumantes e avermelhadas.

OS PRIMEIROS HABITANTES

Os índios, que habitaram naquelas terras, foram os Cariris (tribo pertencente à nação dos Tapuias) e os Tapuias propriamente ditos. O nome daqueles, que também atendiam por Kiriri e Tiriris, segundo o etnógrafo Rodolfo Garcia, citado pelo historiador pesqueirense José de Almeida Maciel, em Questões de Toponímia Municipal Pernambucana, significa tristonhos, silenciosos, calados. Foram aliados dos holandeses e, após a expulsão dos mesmos, sofreram terrível perseguição por parte dos portugueses.

A mais antiga nação indígena brasileira é, talvez, a dos tapuias. Seu nome significa bárbaro na língua tupi. As peculiaridades dos tapuias foram bem apanhadas pelo Gen. Lima Figueiredo, também citado por José de Almeida Maciel[1]: *"Os tapuias eram necrófagos: comiam seus próprios mortos como demonstração de respeito. Do cadáver era tirado um quinhão para cada parente; porém, se o morto era uma criança, somente os pais o comiam. Os ossos eram pulverizados e usados na bebida, nos grandes dias de festa".*

Facilmente, os índios da região do Pajeú identificaram-se com os primeiros colonizadores. Nessa tarefa, os missionários muito contribuíram para o entrosamento entre portugueses e indígenas. Realizando seu trabalho de catequese, pacificando e orientando os silvícolas, foram eles fator preponderante no desenvolvimento daquela região. Além de erguerem igrejas, capelas e cemitérios, preocupados com o bem-estar social dos habitantes, os missionários abriram estradas e construíram açudes. Contavam apenas com a mão-de-obra e a boa vontade da gente do lugar, fossem ricos ou pobres, brancos, negros ou índios, livres ou escravos. Todos contribuíam; alguns com material, outros com o trabalho, conforme suas aptidões (marceneiros, pedreiros, carpinteiros, etc.) e, ao raiar do dia, já tinham dado as suas cotas. Ainda hoje, existe muita coisa que foi construída por eles que, na sua trajetória pelos sertões desertos, levavam Cristo àqueles pequenos arruados, mais tarde, vilas e cidades. Os indígenas com eles aprenderam várias artes e muitos se distinguiram como notáveis artífices, esculpindo

(1) Questões de Toponímia Municipal Pernambucana, pág. 205

imagens e realizando artísticos trabalhos em carpintaria. Há, ainda hoje, na Matriz de Flores, a imagem do Senhor Morto, notável obra d'arte em tamanho natural, esculpida, segundo a tradição, por um índio.

Dentre todos os missionários podemos salientar, o capuchinho Frei Caetano de Messina, que fundou o cemitério em 12 de dezembro de 1853 e regularizou o serviço religioso da igreja Matriz, contando com a colaboração do pároco da freguesia Padre Pedro Manoel da Silva Burgos. Registre-se, também, o trabalho desenvolvido pelo Frei Lino da Cruz que dirigiu e orientou a catequese e civilização dos índios da Aldeia de Santo Antônio de Pajeú, no distante ano de 1741, conforme encontramos nos Anais Pernambucanos de Pereira da Costa. Outro missionário, de grande atuação em Flores e na região, foi Frei Seraphim de Catânia que ergueu a Capela de Nossa Sra. da Conceição, em 1866, e foi homenageado emprestando seu nome ao povoado de Calumby que passou a se chamar São Seraphim, hoje novamente Calumby e município autônomo. O maior destaque, dado ao conteúdo da obra realizada pelos missionários, deve ficar com o Padre Ibiapina, de extraordinária personalidade, tido como verdadeiro santo. Entre outras obras, construiu em Triunfo a Casa da Caridade e o açude de Princesa Izabel na Paraíba, o qual tem hoje, o seu nome.

A IGREJA

Foi erguida uma capelinha pelos escravos, sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário, onde realizavam festas e novenas; os nativos dançavam no dia da festa de sua Padroeira, depois dos ofícios religiosos, dando continuidade às festas profanas pela noite toda. Cantavam, dançavam ao som de seus instrumentos africanos, a zabumba, o pífano, etc., conservados como um elo, a ligá-los à terra e ao tempo dos quais foram arrancados, para viver longe da pátria e na mais cruel escravidão.

Era um retorno mental dos negros à pátria querida, um esquecimento momentâneo daquilo que os privou de ser gente com coração e alma. Enfim, reviviam uma alegria que já haviam esquecido.

Flores era uma cidade sempre ordeira e compreendeu, em tempo, como a escravidão poderia ser atenuada. Todos procuravam suavizá-la e como não queriam que os escravos sentissem a demolição de sua capelinha, que estava prestes a ruir, chegaram a um acordo: ao derrubarem a mesma, seria erigida uma nova igreja bem espaçosa e rica para, dignamente, poder dar atendimento à população que crescia. Foi, então, construída, sobre o local da capelinha, uma igreja muito bonita, com os seus altares em madeira trabalhada por mestres vindos da Província, artesões portugueses. Cada altar era uma obra de arte, todos pintados a ouro e a cores, cujas tintas eram tão firmes que, depois de tantos anos, pareciam ter sido recentemente pintados.

Passou a Matriz em 1859, sob a invocação de N. Senhora da Conceição. A Igreja progrediu com muita concorrência de católicos fervorosos e, por ser o ouro encontrado na região, costumavam ofertar a padroeira, e aos santos com trancelins, anéis e dádivas. Foi ofertada pela princesa Dona Isabel uma Custódia de ouro, contendo 21 pedras de brilhantes, representando os 21 estados do Brasil. Ainda hoje, a Igreja possui a imagem de Nossa Senhora da Conceição que, segundo dizia minha avó, tinha sido presente de D. Maria I, a louca, Rainha de Portugal, assim como a de Alagoa de Baixo, atual Sertânia.

A imagem conserva-se, muito nova e bonita, em perfeito estado. No entanto, não escapou à sanha dos ladrões de imagem antigas. Em 1976, foi roubada a sua coroa, toda de prata e pedras semipreciosas, assim como a imagem do São Benedito, cujo valor aliava-se a uma longa tradição dos redundante tempos atrás. Este santo era dono de um sítio na serra do Triunfo, do qual auferia for de seus rendeiros. Estes, geralmente, eram pretos, conhecidos como os "negros de São Benedito". O sítio foi vendido há muitos anos pelo Bispo de Pesqueira Dom José de Oliveira Lopes, por um preço abaixo do valor. Assim a Igreja foi, aos poucos, se despojando dos seus objetos de ouro e prata, conforme a visão daqueles que tinham o dever de zelar por eles; também desapareceram todas as jóias de ouro, castiçais de prata, turíbulos, estes roubados junto com a imagem de São Benedito, a coroa de Nossa Senhora da Conceição e, também, o ostensório, todo em ouro maciço e cravejado de pedras preciosas, presente da nossa Princesa Isabel.

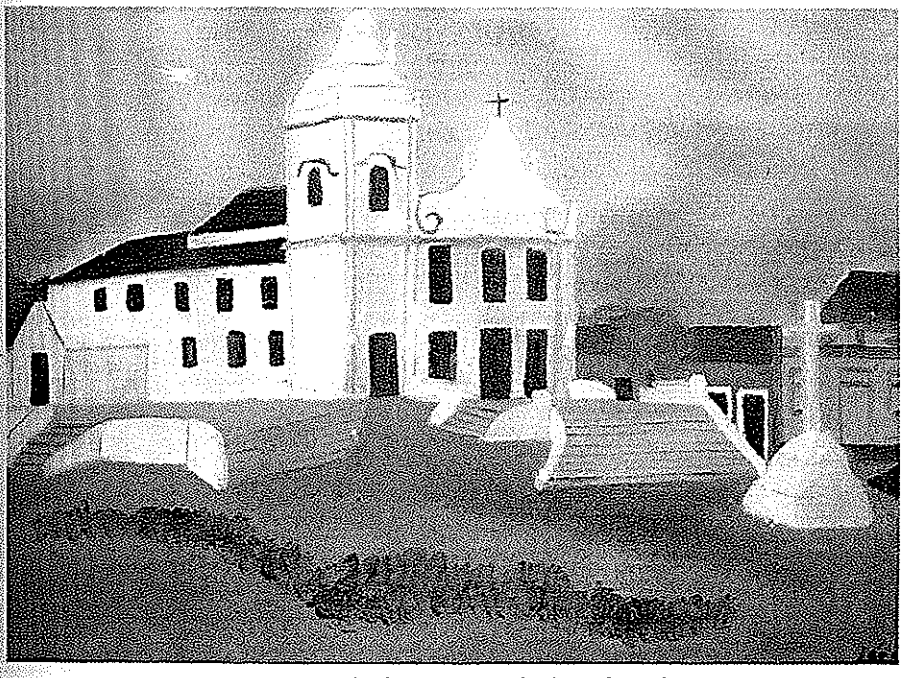
Hoje, quem conheceu a Igreja do meu tempo, em estilo barroco, com arte e capricho, sente desencantamento e tristeza, mágoas de todos aqueles vândalos que, de alguma forma, a destruíram por onde passavam com seus tristes passos. Cada um a sua maneira, inclusive um pároco "modernista" que, sob o pretexto de "reformar" o vetusto prédio, produziu-lhe deformações arquitetônicas irreparáveis, foi, pouco a pouco, destruindo-a quase toda, a ponto de, hoje, praticamente só restarem a fachada e as quatro paredes exteriores. Contar a sua destruição não é tarefa fácil para mim, que a tenho toda completa em minha memória, na beleza original, os seus púlpitos, o coro, os candelabros, a imensa sacristia com seus armários de madeira esculpida e torneada, as gavetas da sua grande cômoda que, para serem abertas, muitas vezes exigiam os esforços combinados meus e de Maria Beltrão, quando, ainda, meninas, morríamos de medo do velho sacristão, irascível e rabugento, Zé Pinto, e lá fazíamos correrias subindo as escadas que iam dar à torre com os seus quatro grande sinos. Havia um sino menor que lançava o repique quando morriam as criancinhas, deixando desoladas as suas mães, conscientes, porém, de que estariam indo para o céu orar por elas.

Quantas recordações da velha Matriz de Pajeú de Flores tenho guardadas dentro de mim! Foi ela construída pelo grande sacerdote, filho da terra, Padre Manoel da Silva Burgos, que também conseguiu a sua elevação à Matriz em 1854. Ela teria duas torres mas,

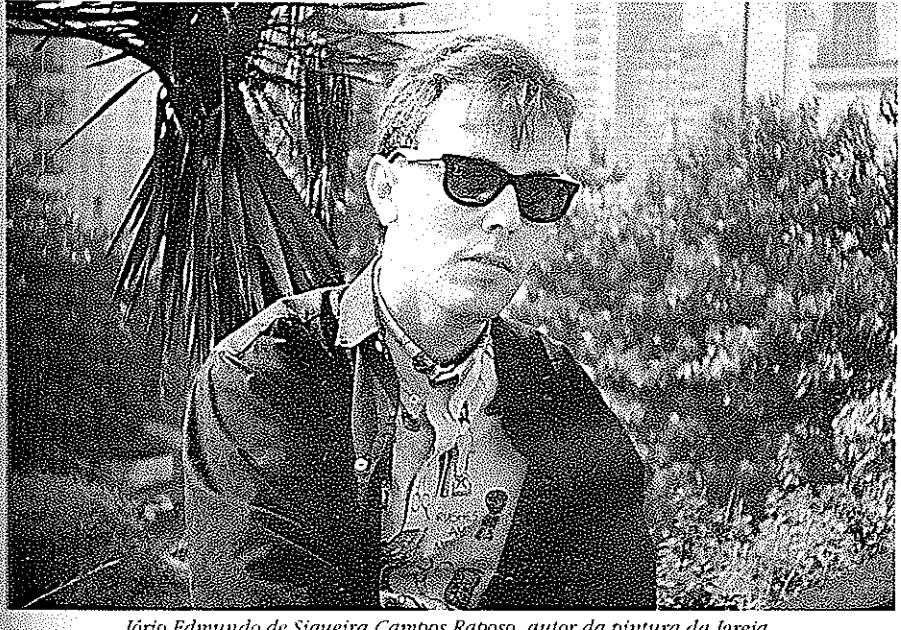
com o falecimento do Padre Burgos, em 1872, com apenas 52 anos de idade, a construção parou.

Contam que, quando os sinos chegaram, após longa e demorada viagem em carro de boi, ele teria dito que, depois de serem colocados no alto da torre, após um trabalho verdadeiramente hercúleo, o primeiro dobre das badaladas seria tocado sobre o seu cadáver, o que de fato aconteceu, cumprindo-se o triste vaticínio.

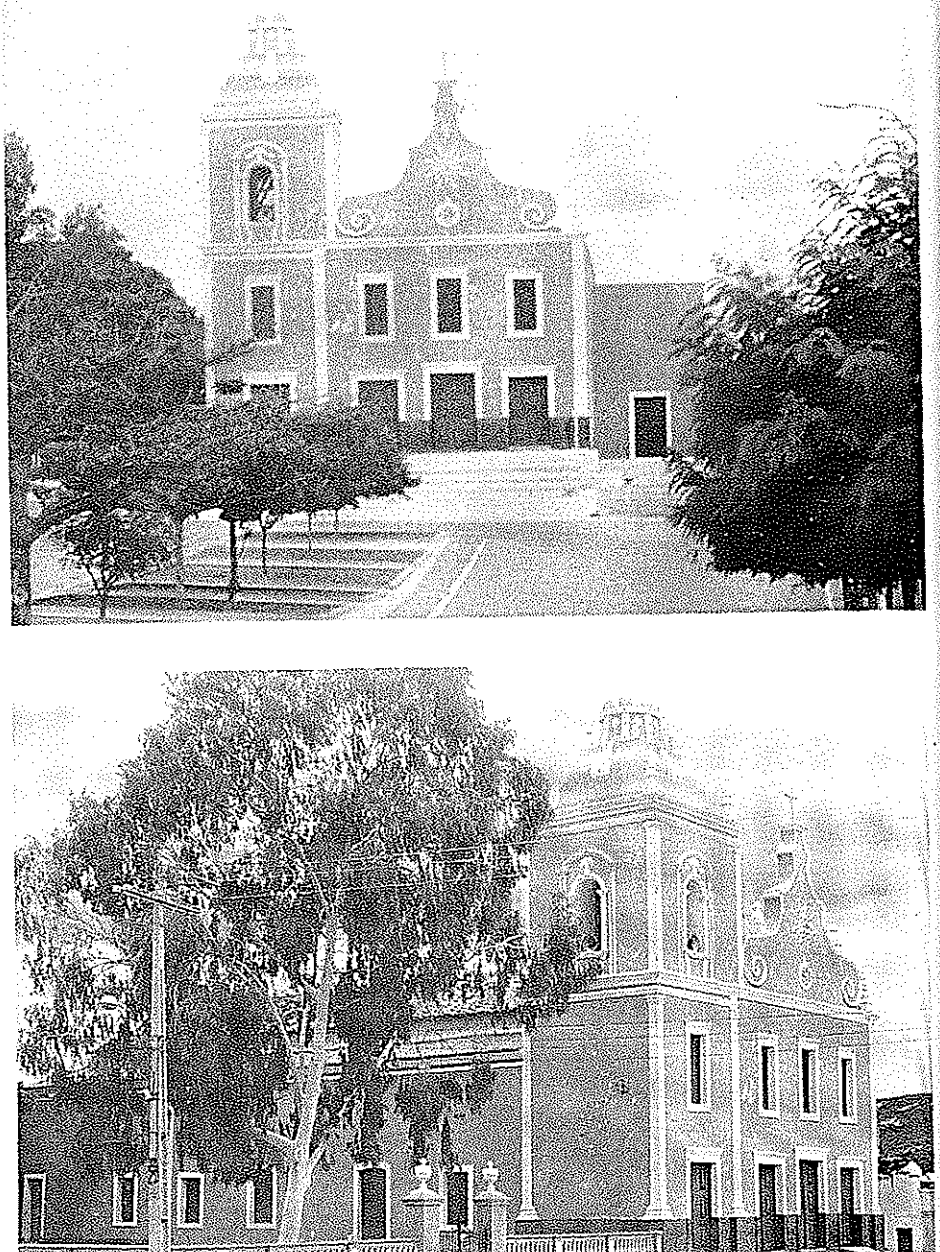
Um dos quatro sinos, o maior e mais possante, era ouvido, até nas lombadas da serra de Triunfo, chamando a todos para os atos religiosos e fornecendo o horário correto. Certo dia, ele apresentou enorme rachadura e tornou-se mudo, deixando de acalentar a todos que se haviam acostumado com o seu som forte, harmonioso e pontual. Conta a lenda que o fato aconteceu em decorrência de haver uma mulher se apaixonado pelo seu som, subido à torre e com ele se abraçado, acariciando-o com a sua bela e vasta cabeleira. Em conseqüência da profanação, ele emudecera.



Igreja Matriz de Flores. Pintura de Jório Edmundo de Siqueira Campos Raposo, em 1980



Jório Edmundo de Siqueira Campos Raposo, autor da pintura da Igreja



Igreja Matriz de Flores – maio/1999

O CRUZEIRO

Em frente à Igreja, havia um grande cruzeiro, construído por iniciativa de uma missão de frades capuchinhos, liderados por um grande orador sacro de nome frei Ângelo, em ano do século XIX que não sei precisar.

Foi, todavia, numa época em que o banditismo reinava desenfreado na região que as prédicas do santo missionário contra o terrível mal, que tanto desgraçava o sertão nordestino, causavam profunda impressão naqueles corações rudes e destemidos, porém profundamente tementes a Deus e sensíveis aos apelos da santa religião.

Frei Ângelo fazia eloqüentes apelos aos criminosos para que se arrependessem e voltassem ao seio da sociedade e da Igreja, abandonando a vida errante e perigosa de malfeitores ensandecidos e cruéis. Concitava a todos para que inutilizassem e jogassem as suas armas nos alicerces do futuro cruzeiro, onde ficariam para sempre enterradas aos pés da Cruz, como penhor de sincero arrependimento. Dia após dia, à medida que a missão continuava, facínoras arrependidos iam comparecendo contritos diante do homem de Deus e, na frente de toda a multidão, quebravam os seus bacamartes, espingardas, pistolas e punhais, que tantas mortes e sofrimentos haviam causado, jogando-os em seguida, dentro dos alicerces do símbolo da religião cristã que, sobre a sua imensa base de tijolos e pedras. Ali futuramente abriria os seus enormes braços de madeira, num divino chamamento à caridade, à fraternidade, à paz e à concórdia.

Assim, encerravam aqueles homens as atividades de uma vida dedicada ao crime.

No riacho do Navio, entretanto, havia um famoso cangaceiro chamado Jesuíno Brilhante, que tinha sob o seu comando um pequeno, mas temível, bando. Frei Ângelo manda-lhe portadores, intimando-o a se render com todos os seus homens diante da santa missão, arrependendo-se e desarmando-se em frente à Igreja e à multidão, obedecendo ao ritual a que tantos outros fora-da-lei já haviam se submetido. Não sendo obedecido, o frade despacha

uma grande tropa de paisanos valentes, entre os quais muitos dos recém-arrependidos e convertidos, com ordens de trazerem os cangaceiros a qualquer custo ao redil do Senhor. Naquele tempo, segunda metade do século XIX, à semelhança do que também devia ser antes, era comum organizarem-se milícias de voluntários para prestarem serviços à comunidade, principalmente de natureza policial, assumindo o lugar de delegado, comissário ou soldado, com ordem de prender ou punir. Eram sempre organizadas e designadas por um juiz de paz, um coronel dono de terras, ou também por uma autoridade eclesiástica, como foi o caso de frei Ângelo.

Em consonância com o objetivo fraternal e pacificador da missão, a tropa ia desarmada, levando, apenas, longos cajados como que simbolizando o caráter religioso da perigosa empreitada. Chegando ao lugar onde se escondiam os cangaceiros, estes são intimados a obedecer a ordem do santo missionário. Havendo recusa, trava-se luta corpo a corpo e os milicianos, em número bem superior, conseguem dominar os perigosos malfeitores e levá-los à presença de frei Ângelo, que com a sua palavra de amor, fé e humanidade, os converte e os convence a depois de arrependidos, jogarem as suas armas no alicerce do cruzeiro, partindo para uma vida pacífica e harmoniosa.

Resistindo ao tempo, o grande e imponente cruzeiro só não resistiu à sanha destruidora dos pretensos renovadores e administradores desastrados que, em nome do "modernismo", parecem odiar tudo que é antigo e belo. Como se destruir o passado fosse sinal de civilização.

A CADEIA DE FLORES

Era considerada a segunda "Casa de Detenção" do Estado, inferior em tamanho e imponência, apenas, à do Recife, pela sua fortaleza e segurança.

Foi construída pelo Coronel Pedro Pessoa de Siqueira Campos, chefe político e grande fazendeiro de Flores, ainda no Império, tendo na época sido gasto a fabulosa soma de 200:000$000 (duzentos contos de réis). Era de construção já modernizada, situada dentro dos melhores padrões da ciência jurídica nacional e estrangeira, segundo afirmavam os juízes de direito e promotores públicos que vinham servir na velha Comarca. Não havia "calabouços" e sim celas espaçosas e cômodas, uma cozinha enorme, área no centro, onde tomavam sol pela manhã e ficavam reunidos. As grades das celas davam para o exterior, eram guarnecidas com grossas barras de ferro, permitindo aos detentos passarem as pernas e braços para fora, de onde eles tinham um certo contato com as pessoas que passavam pela calçada, chegavam mesmo a conversar sob a vigilância da guarda.

Destacava-se pela sua solidez e a beleza da fachada. Tinha capacidade para abrigar até 100 detentos e, pelo menos, chegou a ter 72 presos.

Como fato curioso, destaco o seguinte: a preta Josefa cumpriu a pena máxima de 30 anos, pois, juntamente com uma irmã, assassinou seu patrão Benjamim Wanderley, irmão do Cel. Olímpio Wanderley, chefe político de Triunfo. Sua irmã chegou, ainda, a cumprir 12 anos de prisão, quando faleceu, no cumprimento da pena. Com o decorrer dos anos, Josefa foi adquirindo confiança, começando a ter certa liberdade, dado sua boa conduta, chegando a sair da cadeia para ir ao rio lavar roupa, sua e dos companheiros. Saía para fazer compras, cozinhava para si e para os presos, até mesmo para alguns soldados lá alojados. E, assim, cumpriu toda sentença. Eu a conheci já de cabelos brancos, pálpebras avermelhadas. Alta, forte como um tronco de baraúna queimada, causando medo, inspirando pavor a nós, crianças assustadas pelo seu aspecto e pela história do seu crime, contavam que, de mão de

pilão em riste, elas haviam executado o seu patrão, enquanto ele dormia, e aquela imagem tornou-as, para nós, criaturas cruéis e vingativas.

Porém, hoje, com o conhecimento da verdade e da vida, elas passaram a inspirar compaixão, compreensão, mesmo admiração, pelo que souberam sofrer ao cumprir, sem julgar e sem pensar se houve exorbitância ou não na sua sentença. Josefa faleceu bem velhinha e com a esperança de ter sido resgatada pelo sangue de Jesus, que deu a salvação a todos que a ele se convertessem.

Outro detalhe da cadeia que era repetido todos os dias, pela madrugada, após a faxina, os presos carregavam os dejetos e outras sujeiras para despejar os vasilhames além do outro lado do rio. Os soldados, que os iam acompanhando, eram escalados a cada dia. Apanhavam água, enchiam os barris, que eram transportados, num pau de mais de dois metros, nos ombros de dois prisioneiros acorrentados para não se evadir.

Há sempre um dia na vida dos homens e das coisas e isto, também, aconteceu na Cadeia de Flores. Pelas 4 ou 5 horas de uma manhã, conseguem fugir 3 ou 4 detentos, mas foram vistos pela guarda que, de armas em punho, grita-lhes para voltarem.

No meio dos guardas está o soldado Dominguinhos, bom e humilde, filho da terra, incapaz de uma maldade, adianta-se, suplica-lhes para não fugirem sem que seja atendido, vão em frente. É quando um civil, o senhor Antônio Barbeiro, toma-lhe a arma e os intima, apontando-a para se entregarem. Voltando à prisão, consegue-se, por fim, prendê-los, salvando a situação do seu Dominguinhos que seria punido pelo seu gesto. Sua bondade era proverbial. Contavam que, quando era destacado para outra cidade, ele saía de casa em casa, pedindo perdão, caso houvesse alguém a quem ele ofendera ou magoara.

Outra face da cadeia era que a sede da Câmara Municipal ficava situada no primeiro andar. Era um grande salão todo forrado de madeira com janelas e sacadas de ferro trabalhado, dispondo de outras salas menores, onde se guardavam os documentos, outras serviam de escritórios e para reuniões de pequeno porte, tudo bem zelado e conservado. Era ali que se realizavam festas importantes, bailes que se prolongavam até o amanhecer. Havia brilho e luxo, onde se reunia toda sociedade; a música presente tocava o que de melhor existia na época e os pares felizes, alegres, indiferentes ao que, lá embaixo, podia afetar os que estavam privados

de sua liberdade. Era uma coisa sem maldade, sem conseqüência, simplesmente dançavam e se divertiam, como às vezes agimos, sem sentirmos ou alcançarmos se estamos sendo insensíveis. Creio que ali, não havia nenhum pensamento de que podiam no seu silêncio os prisioneiros ser afetados pelo rumor da festa. Suas conseqüências...quem sabe como cada um, dentro de si, sentia o abrir das chagas do coração? Hoje, tantos anos passados, eu imagino, os que, silenciosamente, naquelas noites, remoíam suas consciências. Imagino quanta coisa se desenrolava dentro deles e que o julgamento dos homens, talvez, tenha sido falho.

O PROCESSO DO DIABO

Flores tinha seus dias de prosperidade e quando a monotonia tornava-se rotina, o povo inquietava-se ávido por uma coisa nova, que o despertasse de sua hibernação. Flores transcorria calma. As pessoas, sem pressa, passavam as sestas silenciosamente debaixo das ingazeiras seculares, cuja sombra amenizava o calor ardente do meio-dia.

No século passado, precisamente no mês de agosto de 1878, o dia tornava-se quase eterno diante da calmaria. Somente à noite soprou uma brisa leve, quando surgiu a notícia de que havia um homem morto, pendurado por uma corda no galho de uma árvore próxima à cidade. Era o agricultor Sebastião das Rosas Boaventura. Não havia nenhuma pista do autor do crime e ninguém testemunhou o fato.

No inquérito policial, os vizinhos foram chamados para depor e todos diziam a mesma coisa, ou seja, que a vítima não tinha inimigos, pelo contrário, mantinha boa relação com todos, não tinham visto nenhum estranho por aqueles lados e finalizavam informando ao delegado: *"Doutor, só se foi o diabo!"*. E, assim, sucessivamente iam insinuando que só poderia ter sido mesmo o diabo, vulgo tinhoso, o rei das trevas. Diante do que foi dito e apurado, o delegado chegou à conclusão de que o único culpado era mesmo o diabo, concluindo o processo policial.

Como primeira comarca do sertão pernambucano, o juiz de Flores marcou o julgamento do único suspeito o réu diabo. Foram ouvidos, novamente, os depoentes do ocorrido e o réu não apareceu. Estavam presentes os familiares da vítima, exigindo que a justiça fosse cumprida, ficando decepcionados com os jurados. Os muitos curiosos da terra ficaram aliviados com a ausência do tinhoso. O juiz condenou o diabo como autor do delito, arquivando o processo. Restou aos familiares da vítima o trauma da discriminação que passaram por longos anos, pois seus conterrâneos estigmatizaram-nos como marcados pelo diabo.

Comentava-se, em tom de gracejo, que em Flores, o diabo não entrava, pois seria logo preso por alvará do juiz da Comarca. A

cidade voltou à sua rotina de pacata e feliz, permanecendo conhecida como "o seio de Abraão".

O fato ganhou notoriedade. Em 1916, o Governador de Pernambuco, Dr. Manoel Borba, em visita à Flores e Triunfo, pediu ao escrivão do 2º Cartório, Laudislau Nunes de Souza Barros, para mostrar-lhe o referido processo que, após satisfeita sua curiosidade, voltou a ser arquivado. Anos depois, soube-se que o processo fora remetido para o Rio de Janeiro, mas ninguém ficou sabendo quem o fez sem deixar registro.

As filhas do escrivão, Irene e Iolanda, confirmaram o desaparecimento, acrescentando não saberem do seu destino, somente que havia sido levado para um museu. Outras versões surgiram sobre o seu paradeiro, uns diziam que estava na Bahia, outros que tinha sido queimado no incêndio do Fórum de Flores. O fato é que o processo desapareceu misteriosamente, já se encontrando prescrito. O diabo nada tem a temer das autoridades.

O processo, contudo, não esclareceu se o diabo praticou diretamente o crime ou se usou algum ser vivente para executar a vítima, protegendo o criminoso da publicidade da autoria e da punição judicial. Não foi considerada a hipótese de que os depoentes pudessem atribuir a autoria do crime ao diabo, motivados por crenças religiosas ou por medo de revelar o nome do assassino. Ou, até mesmo, se o diabo levou o agricultor ao suicídio. Será mesmo o suicídio coisa do diabo ou desespero humano?

O MISTERIOSO VEIO DE OURO E A OFICINA DO VELHO PEDRO DE SÁ CAMPOS

São bem antigos os rumores sobre este veio de ouro existente em Flores, do qual se tem notícia há cerca de 200 anos.

O personagem de uma dessas histórias é o velho Pedro de Sá Campos, casado com sua parenta Francisca, D. Chiquinha.

Já o conheci idoso, sustentando a sua família com seu ofício de ourives. Diziam que ele garimpava num misterioso veio que ficava numa gruta de um pequeno riacho, o qual deitava suas águas no Pajeú, por trás das casas que margeavam o rio. Comentava-se, igualmente, que o veio atravessava a cidade vindo de São José do Egito. Ainda hoje, uma auréola de mistério envolve toda a história do veio do precioso metal.

O que realmente sei é que ele, sempre, trabalhava na sua tenda, o fole resfolegando com o braseiro vivo, distribuindo fagulhas ao redor, impregnando de uma mágica fantasia aquela pequena oficina.

Aquele ourives sexagenário afigurava-nos ser bastante rabugento, um tanto, quem sabe, pela idade avançada e outro tanto, talvez, pela necessidade de manter afastadas de si as pessoas abelhudas, defendendo, assim, o seu importante segredo.

A sua neta, Maria Beltrão, e eu o observávamos em sua tenda de trabalho. Eu só entrava com ela, pois sentia um medo horrível daquele velhinho bem alvo e de barba branca, parecendo a figura de um anão da história de Branca de Neve e os Sete Anões, tornando-se mesmo inabordável. Por esse motivo, ficava bem mais atraente a furtiva entrada no interior daquela oficina.

Recordo-me da primeira vez em que entrei no recesso da mágica oficina. Assaltou-me um misto de medo e deslumbramento que, aos poucos, ia sendo vencido pela curiosidade e assim fascinada, fui-me chegando ao local onde ele guardava, em pequenas gavetas, umas caixinhas contendo o produto do seu valioso artesanato.

Naquele ambiente, a fuligem tornava escura as paredes e escurecia também toda a oficina que contrastava com o amarelo acentuado daquelas pequeninas peças de ouro. Com cautela, ia

abrindo as caixinhas, desenrolando-as de suas embalagens, pois já estavam prontas para ser entregues à impaciente clientela.

Ainda me lembro, além das alianças, do formato de algumas jóias, dos anéis e dos olhos de Santa Luzia. Conheci os anéis de abraço, que abriam e fechavam mãozinhas que se entrelaçavam, constituindo belas peças artesanais, elaboradas com muita criatividade e originalidade. Fazia, também, medalhas de São Brás, que segundo os devotos, deveriam ser colocadas no pescoço das crianças a fim de protegê-las das doenças na garganta.

Finalmente tudo, naquela pequena sala, me fascinava, desde a penumbra que a fuligem emprestava às paredes, até o brilho daqueles pequenos orifícios, existentes no telhado da oficina, contrastando com o das jóias.

Sempre que eu podia escapulir da casa da vovó, ia com Maria Beltrão arriscar uma visita à oficina e contemplar, com alegria, uma maneira de trabalhar diferente daquela a que estava acostumada, aquele ouro derretido, fervendo, despejado em formas de ferro ou de madeira, transformado depois pelas suas mãos hábeis em peças valiosas e belas.

Quanto ao fato da origem do ouro, conversando com Rui Monteiro, sobrinho bisneto de Francisca Pessoa de Siqueira Campos, esposa do velho Pedrinho, segundo a história que me contou, teria ele sido eleito seu sucessor não fosse o medo que o ourives irradiava para os estranhos, principalmente às crianças. Se não mantivesse as pessoas, sempre, afastadas de si, talvez, hoje, o misterioso veio de ouro estivesse desvendado...

Nos meados da segunda quadra deste século, conta Rui que, certa manhã, quando ia pegar canários, levando consigo gaiola e alçapão, ao passar pela oficina do velho Pedrinho, fascinado pela habilidade daquele artesão, parou para contemplar sua habilidade manual e sua criatividade, ficando absorto até ser surpreendido por ele. Ao notar que estava sendo observado, o ourives tomou uma deliberação: parou o fole e, em seguida, encaminhou-se na direção do observador, dirigindo-lhe a palavra.

Assustado, Rui recebeu o convite para, juntamente com ele, ir buscar ouro, alegando que o estoque do importante metal tinha se esgotado. Entre surpreso e incrédulo, instintivamente Rui recusou o convite, perdendo assim a grande chance de ser o sucessor do velho ourives e, por pouco, não descobriu o misterioso segredo do veio de ouro, cuja existência, no dia seguinte, ficou comprova-

da, quando Rui viu Pedrinho voltar a trabalhar com o ouro trazido do veio.

Acrescentou Rui que, depois de sua recusa ao convite, ainda viu Pedrinho atravessar o rio, pulando cerca da propriedade de Manoel Quidute, desaparecendo em seguida. Dia seguinte, foi-lhe mostrado o ouro garimpado naquela excursão, ao tempo em que lhe foi exibido pelo orgulhoso ourives uma pequena bota de ouro, onde guardava todo ouro apanhado do veio.

O medo, quem sabe, a incredulidade, ou mesmo a inexperiência impediram Rui de se tornar o seu sucessor, descobrindo, também, seu importante segredo que, dizem, foi revelado ao velho Pedrinho por um ourives que viveu no século passado, muito antes de Pedrinho Sá conhecer as particularidades da ourivesaria.

Diante desses fatos, presume-se a existência de ouro em Flores, pois, antes de Pedrinho, com o surgimento da Vila, com seus arruados, cheia das boas casas dos fazendeiros que, na época do inverno, se reuniam formando vida social, paralela à religiosa, em torno da Igreja, onde havia uma capela erguida, com a ajuda dos escravos, à Nossa Senhora do Rosário. Morava, também, um ourives, que fazia pequenas jóias para sua sobrevivência, cujo ouro era obtido da mesma maneira do velho Pedrinho. Diziam que ele era um ébrio incorrigível. Quando se abastecia de dinheiro, bebia exageradamente e ficava em estado de hibernação, não trabalhava, nada o tirava desse estado, até acabar o último níquel. Ao término deste, ia em busca do material necessário para nova entrada de dinheiro e, assim, ele viveu sem lhe faltar ouro para se manter.

Quem sabe se não foi ele quem revelou ao seu colega Pedrinho o segredo do esconderijo do veio de ouro?

O velho Pedrinho, como o chamávamos, faleceu perto dos cem anos, sem grandes dores ou sofrimento, definhando aos poucos, o coração foi falhando, até que parou para ambos descansarem.

Nunca se soube que tivesse confiado ou revelado o local do misterioso ouro das margens do Pajeú.

OS NOSSOS VIZINHOS DA RUA DAS FLORES E RUA DO FOGO

Quando Papai saiu de Triunfo para morar em Flores, alugou uma casa na rua Grande, a principal da cidade. Naquela ocasião, já eram nascidos meus irmãos Richomer e Arethuza, os quais acompanharam meu pai na mudança, na perspectiva de novos vizinhos e amigos. A saída do Triunfo foi por motivo alheio a sua vontade, principalmente de minha mãe, que jamais se conformou em sair de lá. A saúde dele exigiu esta solução. Flores gozava de clima seco e saudável.

Na nova casa nasceu Adauto, em 1899. Pouco tempo depois, fomos morar noutra casa que era a última da rua e cujos fundos dava para a rua das Flores, passando a ser nossa morada definitiva. Othoniel, José e eu nascemos nessa casa, que continua de pé desafiando o tempo...

Como vizinhos, tínhamos o Padre Anísio de Torres Bandeira; vigário colado, cuja aproximação resultou numa boa amizade; Dona Úrsula e seu esposo, o escrivão Joaquim Wanderley; Dona Maria da Silva com seus filhos Generosa e Izaías; o sr. José Virgínio, escrivão da coletoria Estadual, que tinha vaidade de sua caligrafia. Após a sua casa, existia uma casa pequena, junto da qual ficava a do velho Capitão Quidute, cujo nome completo era Basílio Arqueduque Bispo de Lorena.

Ao entardecer, costumávamos conversar sentados na calçada até a hora da ceia.

Apesar dos meus 4 anos de idade, lembro-me, juntamente com Othoniel, correndo na rua e mamãe atrás de nós, com Zezito ao colo.

Nossa casa foi construída onde era uma antiga bolandeira. Suas portas verdes representavam alegria e a solidez do nosso lar. Era grande e ampla, com 2 salas e 5 quartos, no menor mamãe construiu um altar para seu oratório, onde reunia a família para rezar e dirigir-se a Deus nos seus momentos de recolhimento e reflexão.

O vizinho idoso José Medeiros Silva morava numa casa das mais antigas da cidade, com 2 corredores, 2 portas de entrada e 4 janelas. Ele e sua esposa eram pacientes e complacentes com as nossas travessuras. Meus irmãos, eu e os filhos do Sr. José Virgínio,

corríamos por toda a casa, entrávamos por um dos corredores e saíamos no outro, como estivéssemos em nossas casas, sem a menor cerimônia. Seu filho Izaías, às vezes, brigava conosco, mas ninguém dava importância. Havia 1 quarto com prateleiras que talvez tivesse sido uma venda. Numa delas, jogado a um canto, havia 1 saco cheio de dobrões ou seja moedas fora de circulação, com as quais brincávamos de comerciantes ou donos de loja.

Uma vez, minha amiga Olívia Nunes e eu pegamos o tatu-bola, que Izaías criava dentro do caixote, para vê-lo caminhar, porém ele se enroscou, ficando redondo como uma bola; não conseguimos. Resolvemos colocar umas brasas na sua abertura deixando-o cheio de bolhas e por isso, ele não andou. Resolvemos colocá-lo de volta ao caixote e fugimos. Foi um choque para Izaías ver o estado do tatu. Zangado, ele disse que mostraria a papai o que havíamos feito com seu querido tatu. Fiquei apavorada ao pensar que meu pai poderia me dar uns bolos com escova de roupa. Houve intervenção de madrinha Maria e tudo voltou ao normal.

A filha de José Medeiros Silva, possuidora de bela voz, contratou o mestre da banda de música para ensinar-lhe violão, tornando-se sua casa um ponto de reunião de jovens moças como: Arethusa, Donzinha – neta do velho Quidute – Etelvina e muitas outras. As noites eram alegres e divertidas, cujos serões eram animados por declamações e jogos, distrações únicas em toda a cidade.

Entre a casa do velho José Medeiros e a de seu José Virgínio, havia a casinha de D. Nenén, tia solteirona de madrinha Maria, de quem recebia assistência total. Passava as tardes fazendo renda, sentada na soleira da porta. Retraída e solitária, aguardava tranqüila a morte. Preparou o enxoval com que gostaria de ser sepultada. Viveu e morreu sem participar do mundo ao seu redor. Penso, às vezes, que essas criaturas nascem e morrem sem ter, realmente, pisado forte neste planeta.

Madrinha Maria era esposa de seu José Virgínio que, cioso dos seus deveres, vivia satisfeito e feliz com sua numerosa prole. Madrinha Maria possuía extraordinária capacidade de luta, com grande amor viveu a sua maternidade constante e sem tréguas, lutando dia a dia para que nada faltasse aos seus filhos e ao marido, estendendo-se aos estranhos. A força do seu amor, transformando a vida de sacrifícios, pobreza e renúncias, numa vida de paz, união e amor. Era um exemplo para todos que participavam de sua convivência. Dos seus numerosos filhos, sobressaiu-se Osael, o fotó-

grafo, que começou com uma pequena máquina, praticando nos pequenos vilarejos, sítios e fazendas, chegando ao ponto mais alto de sua arte, quando se projetou na capital, onde passou a morar. Além de ser exímio profissional, fazia montagens, truques fotográficos com técnica e arte. Seu irmão Zezinho, era irmão de leite do meu irmão Zezito, pois madrinha Maria amamentou-o com seu precioso leite, enquanto foi necessário.

Outro filho de madrinha Maria, Wanderlino, trabalhava como telegrafista e começou a estudar sobre comunismo, que se iniciava aqui no Brasil, tendo-se filiado ao partido. Foi preso e levado à Ilha Grande, no Rio de Janeiro, onde sofreu terríveis torturas e perseguições. No livro de Graciliano Ramos, "Memórias de Cárcere", ele o cita como rapaz inteligente, pacífico e bom. Como seus irmãos, era habilidoso. Na prisão, fazia de miolo de pão os peões e demais figuras do jogo de xadrez, com o inconveniente de, após os jogos, as pedras serem comidas pelas ratazanas. Wanderlino decidiu fazer as pedras de xadrez de pedaços de cabo de vassoura, cortados com canivete, esculpindo todas as figuras. Depois de anos, ele se destacou como jornalista na imprensa do Rio de Janeiro, onde viveu até morrer. Das filhas da minha madrinha, todas tornaram-se nossas amigas. Etelvina era amiga de Arethuza, fazendo parte do grupo de jovens daquela época. Olívia, Alexandrina, Senhorinha e Anália foram minhas colegas de escola, de brinquedos e de todos os tempos. Com Olívia, vencendo os anos, permanecemos fiéis e saudosas, revivendo a nossa infância e a nossa terra. A sua morte encerrou a nossa amizade, deixando-me uma suave saudade.

O Capitão Quidute era um homem forte e destemido, cujo passado de lutas era contado, talvez, com exageros em alguns casos, mas cheio de lances de bravura, assumindo aspecto um tanto assustador. Diziam ser implacável com os inimigos, chegando às vezes, a lutar corpo a corpo.

Capitão Quidute possuía outra casa às margens do rio Pajeú, onde morou no tempo em que vivia em "intravêios" com seus inimigos. Nessa casa, construiu um pequeno subterrâneo. Quando a munição estava se acabando, não havendo mais condições de continuar a luta, para não se entregar aos inimigos, o Capitão usava a seguinte estratégia: retirava uma das tábuas da prateleira, colocada num dos quartos da casa, onde, camufladamente, era tida como depósito de víveres. Por essa fenda, passavam um-a-um, sempre sustentando a reação ao cerco, até o último homem

deixar a casa. Era então recolocada a tábua e, dentro do subterrâneo, descansavam tranqüilos, saíam, depois, por um caminho estreito como um túnel, que dava saída distante uns 600 ou 800 metros, próximo a uma lagoa chamada Lagoa Seca.

Certo dia, já bem velho, aposentado das lutas e da vida, porém ativo, o Capitão Quidute estava pescando de rede no rio Pajeú, cujas águas avolumadas e barrentas traziam, com certeza, peixes em abundância. O rio passava por detrás das nossas casas, facultando a prática daquele lazer, como também, admirá-lo de tão perto, sem longa caminhada.O Capitão estava dentro do rio até a cintura, o dorso nu, lançando sua rede, quando papai se aproximou da margem, depois de saudá-lo. Ficaram conversando. Nessa ocasião, vi as cicatrizes das balas e das facas em suas costas, resultantes das lutas e combates travados com seus inimigos. Contou a papai que a razão de ter sobrevivido aos embates era a proteção do Santo Lenho, relíquia da Cruz do Cristo, que trazia presa ao seu pescoço por uma forte corrente de ouro.

Quanto à casa e ao subterrâneo, de propriedade do velho guerreiro Capitão Quidute, pertencem ao seu neto Manoel Quidute de Souza Ferraz, com sua esposa Ana e seus filhos, a quem prezo e tenho o prazer de privar da amizade de todos da família.

Fato interessante e pitoresco acerca do Capitão Quidute foi, sem dúvida, o encontro do velho guerreiro com o Governador General Dantas Barreto.

Antes, porém, situarei o fato no contexto social e político, quando da sua ocorrência.

Com a queda do Partido Rosista (de Rosa e Silva), Flores ficou sem seu chefe político, que era o meu avô, Coronel Dodô, (José Alves de Góes e Melo). A eleição estava sendo, ardorosamente, travada por diversos candidatos saídos do anonimato.

Meu avô permaneceu fiel ao seu partido, porém vigilante, para que Flores continuasse a ser dirigida por alguém capaz, honesto e trabalhador. O caldeirão político ferveu, pois cada candidato apresentado não atendia às exigências do momento político vivido.

Vovô recebeu, em sua casa, um emissário do Governador General Dantas Barreto, com um convite para aderir ao novo partido, sendo o convite terminantemente recusado, porque pretendia apresentar um candidato que viesse satisfazer a todos, com seu apoio, ajuda e orientação, a fim de Flores continuar em paz e tranqüilidade.

Nessa ocasião, meu pai, João do Nascimento Lopes Barros (Cel. Barros), indicou ao meu avô (Cel. Dodô), José Medeiros de Siqueira Campos, que era sobrinho de vovó (esposa do Cel. Dodô) e neto do velho Coronel Pedro Pessoa de Siqueira Campos, de quem meu avô havia recebido, vinte anos antes, o comando da chefia política do município, por motivo da idade avançada do Coronel Pedro, que deixara sua terra e sua gente para morar em São Paulo, em companhia do seu filho Dr. Manoel Pessoa de Siqueira Campos, (Badico).

José Medeiros e o Capitão Quidute viajaram para Recife, a fim se encontrar com o Governador. Após a discussão do assunto, ficou resolvido que José Medeiros assumiria a chefia política de Flores. Após o acerto, o General Dantas Barreto perguntou ao Capitão Quidute sobre o seu famoso punhal, cujo nome era Traquinas, de ponta fina, afiadíssimo e longo. Contava-se que, com ele, o Capitão tinha enviado muitos adversários para a "cidade do silêncio".

Capitão Quidute atendeu ao pedido, agilmente, sacou o punhal pulando da poltrona e riscou o salão em vários sentidos, dando uma demonstração do que fora e do que ainda podia fazer. O Governador admirou-se e vibrou ante a exibição rápida e segura, principalmente por se tratar de um homem que já se aproximava dos cem anos. Abraçando-o afetuosamente, perguntou-lhe quantas mortes havia cometido. Respondeu, prontamente, com voz forte: "General, só de uma vez oitenta e nove". Referia-se ao combate na Serra Negra, em companhia de seu parente Coronel Serafim Ferraz.

De volta a Flores, José Medeiros assumiu a Chefia do Município, foi eleito Prefeito e Inhô Quidute, filho do Capitão Quidute, Vice-Prefeito.

O Capitão Quidute faleceu aos 95 anos, em 1915, consciente, sereno, sem dor e sem grandes sofrimentos. Diziam que só veio a falecer depois de ter pedido ao seu filho Inhô para retirar do seu pescoço o Santo Lenho.

Hoje, as duas ruas fundiram-se numa só, com o novo nome de Rua Siqueira Campos, homenagem ao Tenente Siqueira Campos, Comandante do Forte de Copacabana, cujo episódio é conhecido como "Os 18 do Forte de Copacabana". Siqueira Campos era neto do Coronel Pedro de Siqueira Campos, primo legítimo de meu esposo Antônio Medeiros de Siqueira Campos, e meu primo em 2º grau.

A REVOLUÇÃO PRAIEIRA EM FLORES

No dia 17 de outubro de 1848, foi nomeado, para o Governo de Pernambuco, o Dr. Herculano Ferreira Pena. Entre a saída do liberal Chichorro da Gama (abril de 1848) e a posse de Herculano homem de confiança dos conservadores, tivemos quatro presidentes.

"No dia 3 de novembro, os liberais mandam uma comissão ao Palácio do Governo comunicar ao Presidente que, agremiados e fortes como estavam em toda a Província, não consentiriam que se fizesse qualquer demissão de empregados da polícia ou oficiais da Guarda Nacional sem a sua audiência". Era, sem dúvida, uma provocação, escreve Flávio Guerra em sua "História de Pernambuco", publicada pela Distribuidora Record, Rio de Janeiro e São Paulo, 1966.

Herculano Pena contornou esse episódio, dizendo que se houvesse necessidade de exonerar funcionários ou militares, inequivocamente havia de o fazer, providenciando as substituições por pessoas de sua inteira confiança.

Alguns dias mais tarde, demitiu o delegado do Termo e dois sub-delegados da Comarca de Flores, alegando abuso, por parte dos mesmos, em suas atividades policiais.

Em Olinda, no dia 10 de novembro de 1848, teve início a Revolução Praieira. Deve-se este nome por ter tido origem na rua da Praia, no Recife, onde estava situado o Diário Novo, jornal que defendia as idéias liberais. A 12 de novembro, as forças liberais rumaram para Nazaré da Mata e seguiram para o interior em diversos combates.

É nomeado delegado de Flores o Coronel Manoel Pereira da Silva, Chefe do Partido Conservador em Vila Bela, cujo poder de mando emanava do poder central, bem como a Câmara e a Comarca.

Conta-nos Álvaro Ferraz "*que nomeado a 15 de novembro de 1848, Manoel Pereira chega, de surpresa, a Flores, com seus amigos e aliados da família Pinto de Campos, para se empossar, perante a Câmara de Vereadores, da qual era Presidente e líder da maioria absoluta, Nogueira Paz*" (Floresta, Memórias de uma Cidade

Sertaneja, no seu Cinqüentenário) Cadernos de Pernambuco – Secretaria de Educação e Cultura – Recife, 1957.

Há outra versão sobre o caso: Manoel Pereira mandara avisar a Nogueira da sua nomeação e das ordens recebidas. Este teria respondido no Supremo: *"que, somente à força de armas, entregaria a Câmara e que, mediante uma luta armada, dever-se-ia transferir o domínio local"*.

O que parece, então, é que o Coronel Manoel Pereira da Silva não esperou por um segundo recado e tomou o caminho de Flores, acompanhado dos irmãos e homens de sua confiança, além de seus grandes amigos de Triunfo, da família do Monsenhor Pinto de Campos, inteligência das mais brilhantes do Estado, na segunda metade do século passado.

O tiroteio em Flores, regurgitando de bacamartes e da fina flor do cangaceirismo do rio Pajeú e do riacho do Navio, começou no dia 8 de novembro de 1848, às 2 horas da tarde, quando Lúcio Campos, 6º filho de Manoel e Clara, jovem ardoroso, detona sua arma, no pátio da Matriz contra a fachada da Igreja, *"por simples provocação, foi o estopim"*....

Dois dias depois, quando a munição e os víveres de ambas as partes estavam quase esgotados, chega o irmão do Cel. Pereira, Capitão Simplício Pereira à Vila de Flores, com 200 homens, e liquida Nogueira Paz, que se rende às 6 horas da tarde, no dia 20 de novembro de 1848, com seus dedicados amigos David José Ferraz de Moura, meu bisavô, da serra Negra, primo de Serafim de Souza Ferraz, avô do meu médico, o Coronel Álvaro Ferraz, Afonso, José, Maurício, João, Maria e Odete, todos filhos do, outrora conhecido em todo Sertão, Antônio Boiadeiro; este era bisneto de Joaquim de Almeida e Silva, irmão de D. Florência Maria de Barros, mulher de Manoel Lopes de Barros, da fazenda Panela d'Água em Floresta do Navio; José Antônio Pereira, conhecido como José Antônio do Saco dos Bois; José Rodrigues de Morais, José Caipira, José Micolá de Melo, Manoel Vicente da Cunha, Leonardo Ferreira, Francisco Xavier dos Santos, Paulo Alves da Silva, Antônio Ribeiro de Brito, José Torres, Joaquim de Souza Ferraz, Antônio Florêncio de Castro e o Padre José de Souza Magalhães.

O Coronel Francisco Barbosa Nogueira Paz foi quem, a 18 de março de 1846, quando deputado à Assembléia Provincial de Pernambuco, num Projeto de Lei, posteriormente aprovado, propôs a elevação do Povoado de Fazenda Grande à categoria de Vila, com

a denominação de Floresta.

Quando da saída de Nogueira, da frente da Prefeitura de Flores, em 1840, o Padre Francisco Ferreira Barreto fazia parte da "Coluna do Trono e do Altar", sociedade absolutista, que existiu entre nós, de apoio às atitudes antinacionais de Dom Pedro I contra os revolucionários da Confederação do Equador. O Padre era intelectual dos mais famosos do seu tempo, orador extraordinário e, em Flores, passou uma temporada para recuperar-se de uma doença do pulmão, quando lhe dedicou este soneto:

"À Francisco Barbosa Nogueira Paz ao deixar a Prefeitura de Flores, em 1840":

Erguendo a fronte límpida, serena,
Finando sobre a rocha cristalina,
Lá surge o Pajeú e aura divina,
Floresce à margem deleitosa, amena.
Aljôfares gotejam da melena;
Sorrindo ao filho seu, a fronte inclina,
E, em doce metro, em frase peregrina,
Exalou mairosa cantilena.
Mereceste, ele diz, constante afeto;
As leis executando, as leis amaste;
Corajoso, baniste o crime infecto.
Protegeste a razão, Astréa honraste;
Probo, inteiro, fiel, exímio, reto...
Barbosa! Nada mais: isto te basta".

(Ver Obras Religiosas e Profanas do Vigário Francisco Ferreira Barreto, Tipografia Mercantil —Recife, 1874).

Era hábito do Padre dedicar poemas às personalidades políticas que admirava. Em outros versos, Ferreira Barreto compara a Marco Aurélio e a alguns dos maiores vultos da História da Humanidade, o Capitão-General Luís do Rego, último governante português de Pernambuco, a quem daqui embarcamos para Europa, no "Charles Adele", porque entre outras coisas, condenara ao cadafalso inúmeros patriotas da Revolução de 1817, fazendo decepar os membros de alguns deles para expô-los em lugares públicos de Olinda, Igarassu e Goiana, ou arrastar os corpos mutilados em caudas de cavalo pelas ruas do Recife.

Há uma versão de que, após os acontecimentos de Flores, Francisco Pereira da Silva, irmão do Comandante Superior Manoel Pereira que fora gravemente ferido na luta, facilitara a fuga de

Barbosa, por lhe dever muitos favores, contrariando os irmãos, que receavam viesse Nogueira a lhes dar trabalho mais tarde, como efetivamente aconteceu.

Anistiados foram todos os responsáveis pela luta de Flores.

Desciam a Serra da Baixa Verde para aquela localidade, no dia 05 de agosto de 1849, a fim de exercerem seu direito de voto, o Padre Joaquim Veras, juiz de paz daquele Termo, seu escrivão e mais alguns amigos. No lugar chamado Brocotó, numa emboscada, é morto o sacerdote e ferido seu escrivão.

Instaurado inquérito, são apontados como assassinos do Padre, José Antônio do Saco dos Bois, já implicado em outras mortes e como mandantes e protetores do criminoso o Coronel Francisco Barbosa Nogueira Paz, Serafim de Souza Ferraz e o Major José Rodrigues de Moraes, antigo proprietário da serra Negra, em Floresta do Navio.

Inconformados com o processo e para não serem presos, Nogueira Paz e seus dedicados amigos refugiam-se na serra Negra, mandando aquele dizer a Manoel Pereira: *"– venha buscar, agora, no lugar em que eu me encontro, os restos da Câmara e da Comarca de Flores"*.

Em ponto estratégico, dominando o Vale do Navio, estavam os vitoriosos em vários combates contra Manoel Pereira da Silva e as forças policiais do Estado, estas comandadas pelos Capitães José Gonçalves da Silva e Rocha Brasil, além do Tenente Tamboril, para ali enviadas pelo Presidente da Província. Os rebeldes da Serra Negra começaram a ser louvados pelos violeiros e cantadores do Sertão, cuja cultura popular assim se expressa:

"Zé Rodrigues é prata fina,
Barbosa cordão de ouro,
Serafim é diamante
Que brilha mais do que ouro,
Simplício é mala velha
E os campos, surrão de ouro".

Álvaro Ferraz transcreve, ainda, os seguintes versos, contando a história da luta da Serra Negra, atribuídos a Luís José do Espírito Santo, um modesto ferreiro, originário de Cajazeiras, Paraíba, que casou com uma filha de Bonifácio Ferraz, fixando-se na Fazenda Curralinho.

Eis os versos que retratam o repúdio à perseguição dos refugiados da Serra Negra:

" A 23 de setembro
Do mês próximo passado,
Apareceu na ribeira,
O chefe do Pajeú,
Com 300 guabirus
Dizendo que o Governo
O mandara a este Termo
Pacificar.
Como coisa se por cá
Houvesse revolução,
Ou tivesse precisão
De vir cá.
Mas, ainda que viesse
Com o fim de dar cumprimento
As ordens do Presidente
Não trouxesse por agente
O João Manoel".

Esclarece Álvaro Ferraz: *"O João Manoel era um famoso guerrilheiro do Coronel Manoel Pereira, a quem fora conferido o título de agente especial na perseguição a Barbosa, Serafim de Souza Ferraz e José Rodrigues".*

Transcreveremos outros versos atribuídos, também, a Luiz José do Espírito Santo, sobre a coragem, luta e bravura dos foragidos e refugiados na serra Negra:

" Vindo um homem de respeito
Com uma tropa de linha,
Para cá, ele vinha
Malvado....
O seu intento perverso
Era somente saquear
Logo depois, atacar
José Rodrigues.
Estou com ele, não brigue
Com um cidadão livre e forte
Que antes prefere a morte
À covardia.
O Sr. Simplício Pereira,
Aquela peinha de mão,
A bainha do facão
Será seu fim.

O Major Manoel Pereira
Numa besta montado,
Com um chocalho destampado,
Deu sebo às botas.
Não sei como é que ele arrota
Uma soberba tão ufana,
Pensando que a força humana
Não lhe resista.
Correu a perder de vista,
Pois, o fogo sendo à tarde
Passou em Serra Talhada
Ao escurecer
E, antes do amanhecer,
Já era velho em Belém
A todos para sempre. Amém,
Viva!"...

Durante a rebelião, os combates foram intensos na sede da Comarca: foram dois dias e duas noites de tiroteio cerrado, principalmente na "Rua do Fogo", que ainda conheci com este nome e que, hoje, se chama "Siqueira Campos" em homenagem ao herói dos "18 do Forte de Copacabana". Recebeu o nome de "Rua do Fogo" por terem nela sido travados os mais duros combates entre conservadores e liberais.

O cartório, nela situado, foi queimado e o incêndio alastrou-se por toda a rua, favorecido pelo fato de serem as edificações quase todas pegadas umas nas outras (parede-meia).

O juiz de direito e outras autoridades, por absoluta falta de segurança, tiveram que fugir, acompanhando o curso das águas do rio Pajeú e só regressaram depois de cessados os combates, com a rendição dos liberais.

O episódio, todavia, não estava encerrado e a luta iria se reacender no interior do município alguns meses depois, entrincheirando-se os rebeldes na "Serra Negra", no então distrito de Floresta, onde combateriam vários meses sob o comando dos caudilhos José Rodrigues de Morais e Francisco Barbosa Nogueira Paz.

OS CAUDILHOS FRANCISCO BARBOSA NOGUEIRA PAZ E JOSÉ RODRIGUES DE MORAES

Vencidos na Capital e em toda a região litorânea da província, os liberais "praieiros" prolongaram a luta durante mais algum tempo no alto sertão, precisamente na Comarca de Pajeú de Flores, onde finalmente, foram vencidos pela coalizão dos Campos e dos Pereiras de Serra Talhada, sob a forte liderança, em nível mais alto, do Monsenhor Pinto de Campos.

Todavia, mal haviam sido os ânimos pacificados, o brutal assassinato do líder conservador Padre Joaquim Veras, (citado no Capítulo anterior) numa emboscada em 5 de agosto de 1849, coloca a região, novamente, em pé de guerra. O processo, que se seguiu, apontou como principais mandantes do crime o Coronel Francisco Barbosa Nogueira Paz, ex-prefeito de Flores e ex-deputado provincial; Serafim de Souza Ferraz e o major José Rodrigues de Morais, proprietário da Fazenda "Serra Negra", no Riacho do Navio. Este era cunhado da minha avó Chiquinha.

Na iminência de serem presos, refugiam-se, com grande número de correligionários, na "Serra Negra" que transformam numa verdadeira fortaleza e lá resistem durante 4 meses, enfrentando vantajosamente, às forças legais sob o comando do Coronel Pedro Pessoa de Siqueira Campos, irmão do Mons. Pinto de Campos e novo chefe político de Flores.

O refúgio dos rebeldes era uma montanha coberta por densa floresta quase inacessível e, de lá, jamais teriam sido expulsos, se não houvesse o Comandante Manoel Pereira da Silva capturado um índio que conhecia o caminho para o esconderijo. Uns dizem que o índio foi obrigado a falar sob tortura, outros dizem que ele simplesmente, como traidor, ofereceu-se para guiar as tropas legais em troca de uma recompensa. Ninguém sabe ao certo. Conduzidos até à casa de José Rodrigues de Moraes, cercaram-na e deram-lhe ordem de render-se ou ser morto. Encontrando-se ele deitado numa rede, na sala, inteiramente despreocupado, reage e num gesto inopinado e de ousadia, abre a porta repentinamente, salta sobre um dos chefes da expedição, o Capitão Capistrano, e domina-o pelo pescoço no qual encosta afiadíssimo punhal. Inti-

ma-o a ordenar a tropa a baixar as armas, pois, do contrário seria um homem morto. Surpreendidos por esta inesperada e corajosa reação, a tropa obedece e são-lhe dadas garantias de vida caso se renda. Sem ainda se render e conservando em seu poder o capitão, manda distribuir comida à tropa faminta e exausta sem, no entanto, permitir que entrem em sua casa. Continuando a parlamentar com o capitão, obtém deste a solene promessa de que voltaria ao Recife e tentaria obter do Presidente da Província, Carneiro Leão, ampla anistia para todos os rebeldes, no sentido de, dessa forma, extinguir os focos de rebelião ainda existentes.

O prometido foi rigorosamente cumprido e, anistiado, voltou à "Serra Negra", onde, ainda viveu muitos anos, respeitado e honrado por todos. Ainda é conhecido e lembrado por sua bravura e lealdade.

Apesar de adversário da família Campos, era muito admirado pela mesma, da qual era parente por afinidade. Sua esposa, Martinha Ferraz Novaes, de Floresta, era irmã por parte do seu pai, David José de Moura, de Vovó Chiquinha. Ela tinha o carinhoso apelido de Chilili. Contava Vovó que Martinha, durante a luta do marido, teve de sair de casa e se esconder nas matas, então abundantes na região, acompanhada de dois escravos fiéis, que a protegiam durante a fuga. Lá permaneceu, todo o tempo em que se manteve acesa a luta. Vivia sempre trocando de esconderijo, ora aqui, ora acolá! Sua pele alva e macia em pouco tempo ficou ressequida, manchada e crestada de tanto sol, vento, chuva e sereno, conforme as circunstâncias do momento. Nunca mais conseguiu se recuperar dos enormes sofrimentos nem a sua primitiva beleza. Lamentando que, segundo comentava a minha avó, de sua beleza só restava a lembrança!

Um dos escravos era encarregado de levar sob seus cuidados, as alfaias, jóias, objetos de valor, dinheiro em moedas de ouro, que eram transportados em baús sobre um animal.

O amigo e companheiro de luta, Coronel Francisco Barbosa Nogueira Paz, não aceitou a anistia, conforme havia dito aos seus correligionários: *"não transferiria o cargo que exercia, nunca se renderia. Se fosse derrotado, fugiria e ninguém, jamais o veria novamente"*.

Embrenhou-se nas matas e caatingas cerradas, caminhando sozinho, sempre fugindo do inimigo vitorioso. Ninguém mais o viu.

Anos depois, foi encontrado um esqueleto debaixo de um frondoso umbuzeiro, nos limites entre Floresta e Tacaratu.

Orgulhoso, valente e altivo, cumpriu aquilo que afirmava ser seu ponto de honra: morrer ou viver digno e livre. Ninguém jamais, soube como ele morreu: se devorado por alguma onça, das que então infestavam a região, se de fome, de doença ou se praticou o suicídio.

Sabe-se, realmente, ser seu o esqueleto encontrado, devido a uma fivela de prata do seu cinturão, um dente de ouro que, naqueles tempos, pouquíssimas pessoas tinham e, também, por uma colher de prata, com a qual testava os alimentos e a água com que se alimentava, quando provinham de casas ou de pessoas suspeitas, com receio de ser envenenado. Caso a mesma, durante o teste ficasse escura, estaria confirmada a sua suspeita.

E assim terminou Nogueira Paz, chefe temido por seus adversários, respeitado e amado por seus admiradores, amigos e familiares.

Cheguei a conhecer a casa onde viveu: grande e imponente, de portas inteiras e altas como das casas comerciais. Quartos grandes e salas enormes. Corredores compridos que, com a ajuda da mente de uma criança, se projetam com exageros e com esta fantasia, eu via desfilar uma legião de amigos, parentes e escravos, no dia a dia, nas festas, reuniões políticas e até, quem sabe, algum entrevero! Ele, como os daquela época, fazia conhecer a prepotência, o orgulho desmedido, como homens do "mando e posso" que eram.

Foi casado com Dona Delfina Galiana Barbosa da Paz e deixou filhos. Por sua bravura, também foi inteiramente merecedor dos versos que lhe dedicou o Padre Ferreira Barreto, no belo poema que transcrevemos no capítulo anterior.

DONA ÚRSULA – A JUSTICEIRA

Meu pai e minha avó Chiquinha, em conversa, contavam como Dona Úrsula Maria das Virgens, avó materna de meu pai, vingou a morte do seu marido Manoel Barbosa, o Capitãozinho como era conhecido.

O Capitãozinho e sua esposa Úrsula amavam-se e viviam felizes na fazenda Escadinha em Floresta.

Numa tarde de inverno, na hora da sesta, o calor ameno trazia o perfume das flores do campo e o zumbido das abelhas no seu eterno labor. De vez em quando, pássaros silenciosos voavam no azul do céu, sem perturbarem aquele casal que, no alpendre da casa, em colóquio carinhoso e amigo, viviam uma plenitude de amor e paz.

Ele deitara a cabeça no seu colo e ela, carinhosamente, a afagava dando-lhe cafuné e entrelaçando as mãos nos seus cabelos lisos e abundantes.

De momento, avistaram pessoas que se aproximavam, porém não deram importância, tão distraídos estavam. Eis que repentinamente, foram surpreendidos, surgindo à frente seus inimigos de armas em punho, apontadas para ele. Só então perceberam o perigo, mas já tarde demais, pois não lhe deram tempo para se defender, foram logo detonando as armas e ele tombou morto, caindo no colo de sua esposa. Esta não poupou palavras, implorando a vida do seu maior bem neste mundo. Enfurecidos, abateram-no e fugiram, deixando-a só com o corpo morto do esposo amado.

Dona Úrsula, sufocando a sua dor, clamou por justiça. Esperou em vão, porque a justiça não foi feita. Disposta a exercê-la, foi ao Rio de Janeiro pedir ao Imperador D. Pedro II, autorização para exercer o direito de captura dos criminosos, no que foi atendida.

Voltando do Rio de Janeiro, com uma tropa armada de aproximadamente cem praças, começou a perseguição aos assassinos, às suas custas.

Empenhada em sua luta, caminhou dia a dia, nos matos, nas caatingas e serras, chegando a lutar várias vezes. Numa dessas

lutas, depara-se com alguns cabras já em cima do serrote da Vila Serra Talhada e, apertando o cerco, vê cair do alto da mesma um dos assassinos do seu marido.

Terminou o que se propôs fazer, prendendo o principal culpado e exterminando os últimos já no estado de Minas Gerais, num esconderijo de pedra, famintos, desesperados, que se alimentavam, naquela hora, de um pedaço de carne assada de cobra cascavel. Somente um foi preso e entregue à Justiça. Voltou ao Rio de Janeiro, devolveu a tropa, remunerando-a, e agradeceu ao Imperador.

Regressando, viveu em sua fazenda, sempre na sua dor, cumprindo porém, seu papel de mãe e mulher, num mundo onde a violência e a injustiça, mudam o ritmo e o destino das pessoas.

JOSÉ FERRAZ

"O MENESTREL"

José Ferraz, descendente de um dos ramos da Família Campos, parente de minha avó Chiquinha por parte do seu pai, David José de Moura Ferraz, foi grande boêmio em sua época. Distribuía alegria entre nossa família e outras mais. Chegava a Flores e ficava meses, até quando desejava, sem nenhum motivo ou quando lhe desse na veneta, ir a novas andanças. Conheci-o na casa de papai, sempre sorrindo, acompanhado de sua viola e cantando modinhas do seu tempo de jovem menestrel. Já curvado pelo peso dos anos, em Flores, continuava a cantar seu já gasto repertório. Vestia-se sempre de preto, uma flor na lapela do seu paletó, curtindo um luto eterno pela sua esposa, que, pacientemente, lhe dera filhos e um grande amor.

Contavam que, estando grávida e sentindo as dores do parto, a esposa pediu a José Ferraz para ir buscar a parteira que morava distante uns três quilômetros da sua casa. Ele saiu às pressas e já bem distante, encontrou um grupo de parentes e amigos que iam à festa em Mata Grande (Alagoas). Não titubeou, seguiu com os mesmos e por lá foi ficando, aceitando convites, a cantar e a tocar; até que um dia, lembrou-se que sua esposa estava esperando a parteira, a qual ele tinha ido buscar. Retornando, bateu na porta e quem veio abrir? Seu filho para quem tinha ido chamar a parteira.

Assim, o menestrel Zé Ferraz viveu plenamente e feliz morreu, deixando tristeza para nossa família e tantas outras que habitavam na Ribeira do Riacho do Navio e do Pajeú de Flores.

Relembro algumas das modinhas entoadas por José Ferraz, que ouvi um domingo destes no programa da Globo, Som Brasil, com Lima Duarte. Tapuia é nome genérico dos índios da nossa região, mas, nessa música dialogada, é uma moça da roça que resiste aos galanteios do moço da cidade:

Ele: ***Tapuinha****, eu tenho riquezas, engenho*
Tudo que eu tenho é só para ti
Tapuia, teu corpo é lindo e bem feito
Mas, fica mal feito, vestindo algodão.

Ela: *Carinho eu não quero,*
Sou pobre roceira
Só faço trabalho
Com roupas grosseiras.

Ele: *Tapuia se tu fores comigo à cidade*
Serás Tapuinha decerto feliz,
Vestidos de seda, sapatos de couro
Adereços de ouro não são coisas vis!

Ela: *Carinho eu não quero*
Eu na mata nasci
Se dela não gostas
Não fiques aqui!

Ele: *Tapuinha, se tu fores comigo ao Porto*
Tomar um conforto, duas latas de doce
E um copo de vinho
Tapuia, eu tenho riqueza, engenhos
Tudo que eu tenho só é para ti!

Ela: *Carinho eu não quero*
Sou pobre Tapuia
Não bebo no copo
Só bebo na cuia.

Outra que também conta a história de uma moça nascida e criada na roça no Nordeste, que resiste aos galanteios do moço da cidade:

Fui à Praça

Ele: *Fui pra praça "ver negócio",*
Encontrei uma caboclinha
Fui dizendo ao meu cargueiro
Por toda sorte ela é minha.

Dei as rédeas ao meu cavalo!
"Boa tarde, caboclinha
Ando com fome de amores
Com sede de teus carinhos".

Ela: *"Meu senhor apeie-se e entre*
Que eu vou tratar da coizinha
Que meu pai foi pra vasante! (roça)
Me disse que logo vinha".

Quase mato meu cargueiro,
Não sei como não o matei
Das gargalhadas que o cabra dava
Da mala que arrastei.

Sempre Pobre

Fui sempre, como hoje, pobre
Pois nunca fui abastado.
Rosa, apenas, trouxe um dote
Duas saias de riscado
Um cabeção e um rosário
E um crucifixo dourado.

Eu, de mim, nada trouxe
Mais que uma simples bezerrinha
Que de festas me foi dada,
Por minha gente madrinha
Hoje, tenho um bom roçado
A espingarda e a casinha.

Refrão: *Sou pobre, mas sou ditoso, meu Deus!*
Ao lado da minha Rosa
Cercado de filhos meus.

De manhã Rosa me dá
Macaxeira com café
Que almoçamos todos juntos
Em palhas de catolé
Rodeados dos filhinhos
De João, Maria e José.

À tarde com meus filhinhos
Rosa vem ver meu roçado
Ficando admirada

Do que eu tinha trabalhado!
Mas... ela tem um jeitinho
Que me tira todo enfado.

À noite, jantamos todos,
De cócaras junto ao fogão,
João me dá o cachimbo e
José me dá o tição
Que a sobremesa do pobre
Fumaças que vêm e vão.

Conta Rosa a nossos filhos
Histórias que fazem rir!
Quando lhes chega o sono
Vão pra tipóia dormir
E nós, também, nos deitamos
Sem nos lembrar do porvir!

EPISÓDIO DE LAMPIÃO PARECE GOSTOSA PIADA

Aproximando-se Lampião e seu bando do município de Custódia, começaram a sondar a possibilidade de atacá-la, com o intuito de matar, saquear e desonrar as famílias, submetendo a população a humilhações de toda ordem.

Lampião enviou um rapazinho desocupado, que vagueava pela cidade, verificar quantos soldados havia no quartel ou delegacia. Voltando, o rapagote disse-lhe que "no quartel só tem Cem".

Lampião avaliou e concluiu ser uma temeridade a invasão, pois, somando aos numerosos soldados, provavelmente haveria civis preparados para o contra-ataque em defesa da cidade. Repensou e desistiu do seu intento, porque reconhecia sua inferioridade e a desvantagem do plano.

No entanto, no quartel só havia um soldado de guarda, o qual, por coincidência, tinha por alcunha "Cem", e, assim, era conhecido na cidade. O apelido salvou Custódia do sacrifício que Lampião pretendia lhe impor.

MOACIR SANTOS, O MÚSICO E COMPOSITOR DA BOSSA NOVA

Nascido em Vila Bela, atual Serra Talhada, Moacir Santos chegou a Flores por volta dos 3 anos, com sua mãe em estado adiantado de gravidez. Ali ele cresceu e ficou até os 14 anos. No parto daquela gestação que se seguiu ao primeiro filho, a mãe de Moacir faleceu ao dar a luz a uma menina que foi adotada por uma senhora da cidade, denominada Porcina que, apesar de pobre e com prole numerosa, era dotada de coração pleno de bondade.

D. Sinhá Lúcia, viúva e com filhos já adultos, adotou Moacir até aos 14 anos, quando ele fugiu para ganhar o mundo. Desde muito pequeno, ele demonstrava pendores musicais, quando se foi introduzindo na banda de música de Flores, aprendendo a tocar instrumentos de sopro, percussão e corda.

Minha mãe incentivava meus irmãos a integrarem a banda, por isso Richomer executava clarinete, além de compor dobrados e valsas, Adauto tocava pistom com muito sucesso e Othoniel, mais jovem que os outros, dedicava-se à trompa. Apesar da diferença das idades, desse convívio musical nasceu amizade entre nós e Moacir.

Percebendo o talento musical do irmão adotivo mais jovem, um dos filhos de Sinhá Lúcia comprou no Recife, para presentear Moacir, o livro "A arte de estudo da música" que ensinava fundamentos musicais. Ao receber o presente, o futuro instrumentista exultou de alegria, iniciando sua formação musical teórica.

Inquieto, saiu de Flores aos 14 anos, mudava-se de cidade com facilidade, passando por Lagoa do Monteiro e Pesqueira, onde trabalhou na fábrica de doces Peixe. Voltando a Flores, ingressou num circo, percorrendo cidades do interior da Bahia até chegar a Salvador, onde deixou o circo e familiarizou-se com músicos norte-americanos durante a 2ª guerra mundial, além de tentar integrar a banda da polícia, que lhe foi negado por ainda estar com 17 anos. Viajou de Salvador para o Crato, depois seguiu para João Pessoa, onde, finalmente, realizou seu antigo sonho ao ingressar na banda da polícia e na Rádio Tabajara local. Anos depois, mudou-se para o Recife, conhecendo José Renato e Antônio Maria

que o anunciaram no programa Vitrine do Teatro do Cinema Boa Vista, quando ficou conhecido pelo nome de "Moacir, o saxofonista negro", pelo grande sucesso alcançado.

Partiu para o Rio de Janeiro, onde trabalhou durante vinte anos na Rádio Nacional, tornando-se, também, professor de música, tendo como alunos alguns nomes consagrados pelo público como Baden Powell, Nara Leão, Roberto Menescal, Carlos Lira, Dorival Caymmi, Nelson Gonçalves, Francisco José, entre outros. Por volta de 1968, mudou-se para os Estados Unidos, de onde retorna ao Brasil somente a passeio. Tendo sofrido um acidente vascular cerebral, ficou sem a mobilidade do braço direito, abandonando a execução instrumental para dedicar-se à composição musical.

De sua origem negra, Moacir traz consigo o balanço e a ginga que contagia o público. Do convívio com a geração da bossa nova, apropriou-se do jeito peculiar de executar a música. E da música americana, cujo contato iniciou quando ainda estava em Salvador, refinou o gosto musical e a forma contagiante de conquistar o público. Dessa mistura da formação instrumentista resulta, hoje, o compositor Moacir Santos.

Casou-se com a paraibana Cleonice, companheira dedicada em todos os momentos de sua vida, testemunhando suas glórias, lutas e trabalhos. Quando Moacir recebe convites para vir a São Paulo, aproveita a oportunidade para visitar sua terra Flores, que jamais esqueceu. Em seu retorno às origens, demonstra saudade da família que o adotou, da qual nunca mais encontrou nenhum dos seus membros. A tristeza dessa perda amargura sua alma.

Numa de suas vindas, sentindo-se duplamente órfão, visitou-nos como de costume, sugerindo-me que fosse adotado por mim como filho. Surpresa e feliz, aceitei a proposta e dedico-lhe afeto maternal, emocionando-me sempre que lembro do seu gesto. Ele me chama mãe Stelinha. Essa decisão talvez tenha sido um retorno à infância, quando era companheiro de trelas de meu filho Diomedes, liderando turmas de garotos para revolucionar as ruas da pequena cidade, cujas peraltices preocupavam as mães, principalmente quando atiravam pedras. Brincavam de castanha, de cangaceiro e soldado, soltavam balão, empinavam papagaio, rodavam pião. As crianças se irmanavam num estado de pureza de sentimentos, que preservaram durante toda vida, ainda que distantes entre si.

Em 29.04.1996, o Presidente da República Federativa do Brasil outorgou a comenda de Grão-Mestre da Ordem do Rio Branco ao Senhor Moacir Santos, por Decreto de 26 de abril daquele ano. O homenageado, ao receber o Diploma da Ordem em 12.06.96, proferiu esse breve discurso:

"Senhoras e senhores, meus patrícios e amigos do Brasil aqui presentes:

Desde o momento em que fui sabedor deste auspicioso evento, pus-me a pensar, seriamente, que eu não sou merecedor de tão elevada honraria. Porém, decidi amenizar esse pensamento dizendo: eu aceito com efusivo e constante orgulho esta dignificante condecoração, como um adiantamento pelo que eu tenho que fazer por todo o resto de minha vida. Esta comenda, que me foi concedida pelo excelentíssimo senhor Fernando Henrique Cardoso, Presidente da República do Brasil e encomiada pelo digníssimo embaixador senhor Jório Gama, Cônsul Geral do Brasil em Los Angeles, sei que Deus vai me ajudar para eu me nivelar à altura desta inestimável honra a mim conferida.

Desejo expressar, penhoradamente, minha gratidão a todos aqueles que me honraram com sua presença.

Muito obrigado!

Moacir Santos, 12.06.1996"

Em 1º de março de 1999, o Jornal do Comércio reservou, no caderno C duas páginas com fotografias, reportagem e entrevista com Moacir Santos, já aos 71 anos, ressaltando os seus méritos musicais, evocando as parcerias desse compositor com Vinícius de Morais, do qual mereceu os versos do "Samba da Bênção": *"A benção maestro Moacir Santos, que não és um só, és tantos. Tantos como o meu Brasil de todos os santos, inclusive meu São Sebastião. Saravá!"*

O jornal informa que ele, atualmente, é integrante da Associação dos Professores de Música da Califórnia e sua ida para os Estados Unidos deveu-se à produção da trilha sonora do filme Amor no Pacífico.

No *"Brazilian Summer Festival, de 1996, realizado em Los Angeles, recebeu o Tribute to Moacir Santos"*, cuja cópia do diploma guardo cuidadosamente, junto às cópias da Comenda de Grão-Mestre e do discurso.

É mais um filho ilustre de Flores.

A COMUNICAÇÃO E OS TRANSPORTES NO SERTÃO DO PAJEÚ

Numa época rica de paz, o sertão adusto era carente de recursos para a promoção do homem nos setores educacional e cultural. Os homens públicos ficavam, de maneira quase absoluta, impossibilitados de proporcionar educação à população, pois eram escassos os meios de acesso a um mundo que lhes era desconhecido. Era restrito o número de pessoas instruídas, com acesso a comunicação pelo fio telegráfico ou pelos jornais, revistas e livros obtidos através do correio, que chegavam duas vezes por semana. O serviço dos Correios e Telégrafos era feito por condutores, que viajavam a pé do Recife ao fim do Estado, escalando nas cidades onde possuíam agências. Entregavam as malas com toda correspondência da Agência. De volta, recebiam as malas destinadas ao Correio Central em Recife. Depois do governo de Dantas Barreto, o sistema foi melhorando, os condutores passaram a viajar a cavalo.

Os meios de comunicação progrediram um pouco quando o trem chegou à cidade de Arcoverde, para onde toda pessoa, que desejava alcançá-lo, teria de viajar a cavalo. 1916 foi um ano memorável para o sertanejo porque a chegada do primeiro automóvel, vislumbrou um mundo mais adiantado e mais próximo.

O sertão ficou agradecido ao Governador Dr. Manoel Antônio Pereira Borba, por ter sido o primeiro Governador a visitar a região, a fim de inaugurar a estrada, cujo percurso saía de Arcoverde e passava por Custódia, Flores e Triunfo, onde terminava a estrada. O Governador Dr. Manoel Borba veio acompanhado de alguns secretários, do ajudante de ordem, de deputados e do Coronel Manoel de Siqueira Campos (Dudu), chefe e alto comerciante de Triunfo.

Compunham a caravana 3 carros, sendo um do Cel. Manoel de Siqueira Campos (Dudu), no qual viajou o Governador. A caravana era recebida com festas por onde passava. O povo, atônito, via os carros como mecanismos mágicos, conduzidos por forças invisíveis, obedecendo apenas ao comando do homem que conhecia o seu segredo.

Para nós, crianças, foi a descoberta de algo diferente de tudo que nossas mentes poderiam alcançar e recriar.

O Dr. Manoel Borba, com a simplicidade que o caracterizava, não nos causou surpresa, pois era-nos dado ver em meu pai, em meu avô e nos Coronéis, as mesmas figuras respeitáveis acatadas como pessoas, destacadas das comuns. Portanto, a nossa admiração e a nossa alegria eram mesmo os carros, que corriam ao sabor de quem os dirigia, subindo ladeiras, percorrendo ruas sem calçamentos, entrando por toda parte, onde bem quisessem, levantando poeira e o fon-fon espantando gente, trazendo medo aos menos instruídos. No mato, os homens procuravam dele se esconder, corriam os animais em louca debandada, como estivessem vendo uma assombração ou o fim do mundo, com a chegada da "Besta Fera".

Os três carros subiram a serra de Triunfo, naquele ano de 1916.

Na inauguração da estrada, na sede do município, foram uma apoteose as comemorações do mais importante acontecimento do Sertão do Pajeú no início do século. Até então, nenhum Governador visitara o sertão para conhecer seus governados e seus problemas. Antes, a comunicação fazia-se através de cartas, ofícios, relatórios em dias de eleições ou nas raras visitas que os políticos locais faziam ao governador, quando podiam viajar ao Recife, a fim de terem entendimentos pessoais.

As pessoas capazes e inteligentes partilhavam os problemas do lugar com o Vigário da Cidade, geralmente homem ilustre e culto. O poder judiciário da Comarca era composto de um juiz de Direito, um juiz Municipal e um promotor. Formavam uma plêiade respeitada, conforme sua atuação em Flores.

Na chegada da visita do governador a Flores, via-se a alegria estampada na face e no coração daquele povo que, pela primeira vez, contemplava a pessoa de um governador.

As ruas principais estavam embandeiradas, ostentando cores vivas das casas superlimpas, que demonstravam estar alegres como seus moradores. Os escolares organizados em desfile marcial, alinhados até a margem do rio Pajeú, cujo leito seco foi atravessado pelos automóveis, sob um sol ardente que ninguém sentia, tal era a emoção da vibrante e calorosa recepção dos munícipes. Sobressaíam os vivas e as palmas comandadas por nossa professora, encarregada dessa parte da recepção e que nós executamos com entusi-

asmo. Terminada essa parte, ficamos discutindo nossas impressões, dando opiniões a respeito da caravana, umas inteligentes e simples, outras exageradas e deslumbradas.

O primeiro a sair do automóvel foi o Dr. Manoel Borba, recebendo os cumprimentos de boas-vindas, fazendo o resto do percurso a pé. Recebido pelo chefe político o prefeito (meu cunhado) José Medeiros de Siqueira Campos, ladeado pelo seu irmão Antônio Medeiros, (meu futuro esposo) seu assessor e braço direito. Pelas autoridades judiciárias o juiz de Direito Dr. José Roque da Silva, o juiz Municipal, o promotor e o delegado de Polícia; meu pai Cel. Barros, como era chamado; nosso Vigário Padre Anízio de Torres Bandeira, além de amigos, políticos de cidades vizinhas, como Carnaíba, Afogados, enfim toda população concentrava-se e acompanhava com alegria o Exmo. Governador, que formalizava a esperança de progresso, trazida pela estrada de rodagem que fora construída para interiorizar a civilização e o desenvolvimento, que se iniciava naquele primeiro encontro com o sertanejo.

E, de fato, aos poucos foi todo sertão beneficiado, com a chegada do automóvel. Pela rua, hoje, Siqueira Campos, desfilou o cortejo, chegando à casa de José Medeiros, onde ficou hospedada toda a comitiva. Ouvia-se a banda de música tocando bonitos dobrados, melhorada com músicos vindos especialmente de Princesa-PB para o evento, cidade vizinha e amiga. Princesa fazia-se sempre presente em Flores, partilhando os acontecimentos sociais e políticos. A Filarmônica dava maior brilhantismo àquele momento feliz, proporcionado pela honra de conhecer o Governador do Estado, antes impossível para a maioria de seus governados.

Repousados e livres da poeira e do cansaço, no início da tarde foi oferecido um banquete aos visitantes. Toda porcelana e prataria fora retirada dos guarda-louças, requisitadas para conferir refinamento, elegância e beleza à ornamentação da mesa do banquete. O cozinheiro viera especialmente do Recife. Para o banquete, foram convidadas as autoridades, o Padre, amigos, correligionários e representantes das cidades vizinhas.

Houve apresentações públicas de pessoas do município como o Coronel Ignácio Ribeiro, homem de muito valor moral que, não sendo político, impunha-se pelas atitudes de cavalheiro, por ser advogado e um pouco de médico, sendo querido e respeitado. O Cel. Manoel Cordeiro Manso, radicado há pouco tempo em Flores, destacava-se pela finura e espírito progressista, por ser alto comer-

ciante e empresário. Capitão José Mandu próspero comerciante, e muitos outros marcaram a presença.

Os distritos mais importantes como Carnaíba, Boa Vista e São Serafim (hoje Calumby), fizeram-se presentes pelos Coronéis Saturnino Bezerra da Silva, sogro do prefeito José Medeiros, José Martins, João Martins, Manoel José da Silva, representando o comércio de Carnaíba, o Capitão José Alves de Queiroz, avô do saudoso José Dantas, o médico e poeta, ainda lembrado nas vozes de Ivon Cúri e Luiz Gonzaga que, sertanejo como ele, foi o maior intérprete de suas poesias, dando-lhe um jeito todo peculiar.

Triunfo estava presente nesse primeiro marco do desenvolvimento e do progresso, representada pelo seu prefeito Manoel de Siqueira Campos, (Cel. Dudu) e correligionários, que não pouparam esforços para que a recepção ao governador fosse digna e gratificante, uma festa que viesse demonstrar a gratidão e o reconhecimento do povo ao pioneiro do automóvel no sertão.

Desde este importante acontecimento, o sertão de Pernambuco sentiu-se aproximado da capital, recebendo pequenos impulsos, de vez em quando abrindo novas estradas até aos limites do Estado. Depois vieram estradas asfaltadas, desde a capital ao fim do Estado. Foram construídos açudes e pontes. Todas as cidades eletrificadas, além de alguns sítios e fazendas. A televisão invadiu até os pequenos arruados, fazendas e pequenas propriedades. O telefone também. Enfim, os educandários de nível superior, hospitais e centros de saúde vão oferecendo condições de igualdade, onde o cidadão do interior caminha passo a passo com o cidadão da capital, outrora o privilegiado.

A FAMÍLIA CAMPOS, UMA ARISTOCRACIA SERTANEJA

Nos tempos de hoje, isso parece tolice. Numa era de desenfreado materialismo, onde o referencial de todos os valores é apenas o dinheiro, ter orgulho dos antepassados e cultivar o amor à família são considerados anacronismos incompatíveis com os princípios democráticos.

Nada mais falso. O país mais democrático do mundo é a Inglaterra e nenhum povo é mais apegado às tradições, nenhum povo se orgulha mais dos seus ancestrais, nenhum povo leva mais a sério os laços familiares do que o povo inglês!.

Eu tenho orgulho da minha família por tudo de bom que eles, com trabalho, honestidade, solidariedade e dedicação, fizeram em prol de sua terra e sua gente.

Claro que, em todas as famílias, existem sempre as "ovelhas negras", aquelas que envergonham o nome honrado que receberam como herança. Mas, na nossa família são apenas exceções que confirmam a regra.

De um modo geral, o que tem predominado entre os Campos, nos inúmeros ramos em que, hoje, a família se divide, é a peculiar característica de constituir uma espécie de "aristocracia sertaneja", desde que aqui aportou nas ribanceiras do rio Pajeú o "marinheiro" Campos, a quem dedicarei o próximo capítulo.

Sacerdotes, políticos, juízes, escritores, industriais, agricultores, comerciantes, oficiais das forças armadas, altos funcionários do Estado, professores, artistas, titulados universitários, enfim pessoas que, através do tempo, têm se destacado em todos os ramos da atividade humana, é a característica fundamental da família Campos nos últimos dois séculos.

No seu berço, o município de Flores, que originariamente compreendia todo o Sertão do Pajeú, essa família tem predominado politicamente, com alguns interregnos, desde o início do século XIX.

Por isso, de certo modo, a história da família Campos confunde-se com a da antiga "Comarca do Pajeú de Flores".

O "MARINHEIRO" CAMPOS

Um forte menino com 11 anos de idade, ouvindo falar de uma terra descoberta no novo mundo, onde um povo selvagem que andava nu, onde o ouro era encontrado facilmente, o sol brilhava ardentemente e o clima, quase estável, não possuía os rigores do frio e gelo. As florestas eram povoadas de lindos pássaros de cores variadas, desde o vermelho ao verde, o amarelo, que sobressaiam no verdor da mesma terra. Os animais não eram tão perigosos quanto os dos outros mundos, África, Ásia, até a própria Europa. Aquele menino deslumbrado, fugiu de sua casa por sentir o desejo enorme de conhecer esse mundo que, para ele, era o reino encantado, onde não corriam o leite e mel, mas o ouro, pedras preciosas em rios caudalosos, com um povo diferente, em cor e hábitos, livre como o vento que passa. Essa terra chamava-se Brasil, então colônia de Portugal, que levava suas naus carregadas dos tesouros de um povo que ainda não dimensionara o tamanho de suas riquezas.

"Marinheiro" era o apelido que, nos tempos coloniais, se dava aos imigrantes portugueses. Eram chamados assim, porque vinham de além mar e chegavam em navio.

Manoel José de Campos era oriundo da Vila Real de Pena Fiel, localidade situada próxima à cidade do Porto em Portugal, e aqui chegou, sozinho, com apenas onze anos de idade, na segunda metade do século XVIII. Fugira da casa dos seus pais, a fim de viver uma magnífica mentira, deslumbrado com as maravilhas que ouvia contar sobre o Brasil. Sonhava com um mundo encantado, cheio de mistérios, completamente diferente daquele onde vivia. Fugira com uma leva de imigrantes que aportou no Recife. Não sei dizer como conseguiu o dinheiro para viajar e sobreviver durante os primeiros dias na nova pátria. Provavelmente, deve ter-se engajado como grumete na tripulação do navio, o que reforçava o seu apelido de "marinheiro".

No porto do Recife, ouviu falar das maravilhas do sertão, na época palmilhado pelos que buscavam enriquecer rapidamente, achando ouro e pedras preciosas, que se sabia inexistirem na faixa

litorânea, cuja exploração intensiva já datava de mais de dois séculos. Fato é que, de uma forma ou de outra, o "marinheiro" Campos, ainda quase uma criança, foi dar com os costados numa grande fazenda de gado, situada no riacho do Navio, hoje município de Floresta, pertencente ao rico "marinheiro" Felipe Fonseca de Aragão, dono de muitas fazendas, na região, que se estendiam por léguas e léguas.

Espantado diante da corajosa atitude e espírito aventureiro do menino, o velho "marinheiro" Felipe de Aragão resolveu empregá-lo em sua fazenda de moradia, rezando a tradição, que o emprego consistia, unicamente, em "fornecer brasa para o cachimbo do patrão", serviço pelo qual, além de casa e comida, era remunerado com uma novilha por ano. Em resumo: o menino aventureiro arranjara um pai adotivo e uma nova família, rica e poderosa.

Como nas histórias de fadas, o menino foi crescendo e logo se tornou um moço forte e bonito, que se apaixonou perdidamente pela "princesa", a filha mais velha do "rei" Felipe de Aragão, de nome Teresa Firmiana da Fonseca Aragão. Depois de adulto, comunicou-se com a família em Portugal e ficou recebendo rendas das suas heranças.

Casados, deixaram o lar paterno, viajando para a "Fazenda Conceição", hoje situada no município de Custódia, que lhes fora presenteada pelo pai e sogro.

Tudo isso me foi contado pela minha avó Chiquinha, que chegou a conviver e conhecer muito bem o seu avô, o "marinheiro" Campos, de cuja própria boca ela ouvira tudo que aqui relato.

A viagem para a Fazenda Conceição durou dias e dias e formava uma verdadeira caravana com gente montada a cavalo, burros de carga, carros de bois, muitos vaqueiros e inúmeros escravos, todos transportando a mudança e o enxoval dos noivos: baús e mais baús com ricas alfaias, jóias, louças de Macau, talheres e taças de prata, enfim, tudo que os noivos precisavam para uma vida rica e feliz.

Segundo a minha avó Chiquinha, a "Casa Grande" da Fazenda Conceição, onde foram morar, era espaçosa com muitos cômodos, janelas gradeadas de madeira nos quartos, medida de precaução, especialmente, nos quartos das mulheres. Ampla, forte, construída para vencer os tempos, dizia-se que a cal e os tijolos foram traçados com soro de coalhada, para que as paredes tivessem a consistência de pedra.

Ainda cheguei a ver restos de suas paredes e calçadas. Não sei o motivo da sua demolição...

Eles fundaram um lar sólido, dentro de paredes sólidas e foram trabalhando, começando de novo, levando a crescer a fazenda que haviam encontrado quase abandonada. Com o gado trazido, iniciaram o desenvolvimento de Conceição. A mesma tornou-se o centro de outras fazendas, que seriam mais tarde ocupadas por seus filhos. Pois à medida que iam casando, tornavam-se fazendeiros também, ficando quase todos em torno do pai, muitos prosperaram e alguns partiram para estudar, tendo se tornado famoso o Monsenhor Pinto de Campos, que, depois, descreverei.

Transcorrendo os anos, foram nascendo os filhos que chegaram ao número de onze, do primeiro casamento de Manoel José de Campos com Tereza Firmiana da Fonseca Aragão.

1) **Cristovão José de Campos (bisavô de Antônio Medeiros, meu esposo)**
2) Alexandre Adrião de Campos
3) José de Campos Barbosa
4) Josefa Osório de Campos
5) Porcina Maria de Campos
6) Monsenhor Joaquim Pinto de Campos
7) Ana Barbosa de Campos
8) Antônio José de Campos
9) **Francisca Barbosa de Campos (minha bisavó)**
10) Maria Barbosa de Campos
11) Rita Barbosa de Campos.

Com a prosperidade da família e da Fazenda Conceição, o "marinheiro" Campos comprou outras fazendas e outras recebeu por herança do sogro. Chegou a possuir dez fazendas, entre elas a Fazenda São Boaventura, a uma légua da principal, a Fazenda Conceição.

Continuando o ciclo das fazendas, conheci Malhada dos Bois, Bonito, perto de São Gonçalo, Maravilha, Carnaúba, Manoeiro, Caiçara e outras mais no município de Floresta.

Havia, também, o trabalho da lavoura, onde o cultivo do algodão era importante não só na exportação, como para o consumo. Toda roupa grosseira era fiada e tecida em casa, pelos escravos especializados. Estes não só teciam suas próprias roupas para fazerem o trabalho do campo, como também; cobertores, redes e outras peças.

Tirava-se tudo da terra para o sustento, até mesmo o azeite de mamona para alumiar, em candeeiros próprios, e que servia também de remédio para o gado e outros animais, além de muitas outras utilidades que requeriam o seu uso. Ainda servia para purgantes, para aplicar em ferimentos e outras doenças, tais como tumores. Era melhor preparado por um processo mais apurado, ficando quase igual ao óleo de rícino.

O "marinheiro" Campos bem atuava na parte externa, cuidando do concernente à administração da fazenda, visando ao desenvolvimento dos bens que possuía.

O que me foi repassado sobre minha trisavó Dona Tereza, como característica e marca de sua personalidade, sem dúvida, era a coragem e a determinação diante dos fatos e episódios da vida.

Ela administrava e dirigia os trabalhos da casa, preocupava-se com os acontecimentos entre os escravos da lavoura e os seus problemas do cotidiano.

As filhas de D. Tereza foram, como ela, corajosas; vencendo todo o rigor de uma vida ativa, compartilhando com o pai e, depois, os maridos, enfrentando as dificuldades do meio longe das grandes cidades.

Após sua morte, pouco tempo depois, casa-se o "marinheiro" Campos com Dona Clara, viúva também e trazendo filhos.

Do segundo casamento, com Dona Clara Maria de Siqueira, nasceram os seguintes filhos:

12) **Pedro Pessôa de Siqueira Campos (avô de Antônio Medeiros, meu esposo)**
13) Mathildes de Siqueira Campos
14) Benedito Hortêncio de Siqueira Campos
15) Maria Osório de Siqueira Campos
16) Esperidião de Siqueira Campos
17) Lúcio de Siqueira Campos.

Estes, do segundo casamento, deram origem ao sobrenome composto "Siqueira Campos", famoso em conseqüência do heróico Tenente Siqueira Campos, nome de logradouros públicos em quase todas as cidades mais importantes do país. Devido aos sobrenomes diferentes dos irmãos, à descendência do primeiro casamento denominaram os "Campos Velhos", ficando os do segundo casamento conhecidos pelos conterrâneos da época como "Campos Novos".

Houve casamentos entre os netos do primeiro casamento do

"marinheiro" Campos e os filhos do segundo casamento com Dona Clara, solidificando e criando novos ramos do sobrenome "Siqueira Campos".

Havia apenas pequenas vilas que se tornaram sede de municípios onde, na época da estiagem, as famílias iam passar as festas religiosas, como o Natal, e usufruírem de outros meios de distração. Havia encontros e convivência com outras famílias, que também moravam em fazendas.

Geralmente, a maior parte do ano era vivida nas fazendas.

Quando, de 1710 a 1711, houve a luta entre os moradores de Olinda e Recife, chamada Mascates ou Mata-mata, motivada por rivalidades mesquinhas, os habitantes do Recife eram, na maior parte, portugueses de nascimentos, humildes que haviam chegado pobres ao Brasil e enriquecidos no comércio; os de Olinda, compreendiam muitas famílias aristocráticas da Capitania de Pernambuco. Os segundos deram aos primeiros a alcunha depreciativa de Mascates (bufarinheiros). Houve sangrentos combates, até que chegou o governador Machado de Mendonça, que restabeleceu a paz, usando de violentos meios de repressão contra os Pernambucanos. Essa guerra chegou até ao Sertão. O "marinheiro" Campos juntamente com os filhos homens estavam ausentes, quando um bando, os mata-mata, armado surpreendeu a sua residência à procura de portugueses.

As filhas, na ausência do pai, não desanimaram, resolveram reagir e cada uma de arma na mão, tomando posição às janelas, entrincheiradas, esperaram pelo ataque, o qual foi rechaçado aos primeiros tiros. Logo após a reação, os agressores fugiram, por suporem estar a casa sob forte guarda dos homens. E assim quando regressou o pai, tudo estava calmo e a casa defendida.

Quase a todas suas filhas, contava minha avó, o "marinheiro" Campos procurava casá-las com os seus conterrâneos portugueses. Só que houve casamento entre os filhos dele com os de Dona Clara e vice-versa.

Do primeiro ramo, isto é, dos "Campos Velhos", e também do segundo ramo, os "Campos Novos", descendia o meu falecido esposo, o Coronel Antônio Medeiros de Siqueira Campos. Como eu descendo, também, dos "Campos Velhos", isto faz com que os meus filhos descendam duas vezes dos "Campos Velhos" e uma vez dos "Campos Novos". Portanto, em suas veias corre três vezes o mesmo sangue de Campos.

Do primeiro casamento de Manuel José de Campos e Dona Tereza Firmiana da Fonseca Aragão, trisavós meus e de Antônio Medeiros, meu esposo, nasceram 11 filhos, entre eles o primogênito Cristóvão José de Campos que casou com Rita Maria da Conceição, bisavós de Antônio Medeiros, e que tiveram filhos, entre estes a filha Francisca Osória de Campos, que se casou com Pedro Pessoa de Siqueira Campos, primogênito do segundo casamento do "marinheiro" com Dona Clara Maria de Siqueira. Pedro Pessoa de Siqueira Campos e Francisca Osória, avós de Antônio Medeiros, tiveram doze filhos, entre eles Philonila Amélia de Siqueira Campos que se casou com Justino José de Medeiros e Silva, pais de meu esposo Antônio Medeiros de Siqueira Campos.

Também descendo do "marinheiro" Manoel José de Campos e Dona Tereza Firmiana da Fonseca Aragão, meus trisavós, de sua nona filha Francisca Barbosa de Campos casada com David José de Moura, meus bisavós, que tiveram Francisca Laudelina de Campos Góes, avó Chiquinha, casada com José Alves de Góes e Melo, meus avós, tendo estes sete filhos, entre eles Maria Góes de Campos Barros, casada com João do Nascimento V. Barros, meus pais.

O "marinheiro" Campos, deixou uma vasta descendência, não só do seu primeiro casamento com Dona Tereza Firmiana da Fonseca Aragão, como de seu segundo casamento com Dona Clara Maria de Siqueira.

MINHA TRISAVÓ TEREZA FIRMIANA FONSECA DE ARAGÃO

O que foi repassado aos familiares e descendentes de minha trisavó, como característica e marca de sua personalidade, sem dúvida, foi a coragem e a determinação diante dos fatos e episódios da vida. Exerceu grande influência sobre a família e a política. Primeira esposa do Marinheiro, ela administrava e dirigia os trabalhos da casa, preocupava-se com os acontecimentos, com a vida dos escravos na lavoura e outros problemas do cotidiano.

Por intermédio de sua mucama Minervina, negrinha esperta, vivaz e de sua confiança, chegando às vezes a dar opinião em certos assuntos da sua privacidade, Sinhá Tereza tomou conhecimento de que havia nascido um menino de uma escrava, o qual suspeitava-se ser filho de homem branco, segundo comentário da senzala.

Suspeitando do marido, pois não era a primeira vez que ouvia algo, manda buscar a criança para verificação. Trazida à sua presença, ela examina os traços e a cor. Achando que as suspeitas se confirmavam, deposita a criancinha nos braços da mucama e lhe diz: *"É! Eles têm razão! Leva-o, entrega-o à mãe"*. E exclamando: *"É! É mesmo daquele porco! Vejo bem como é parecido com ele!"* Encerrou o assunto, não procurou vingar-se do esposo nem castigou a pobre escrava.

Deu sempre exemplo de bondade e tolerância. Amando seus filhos e cuidando dos escravos, nos seus momentos de doenças e necessidades espirituais cristãs, procurando ensiná-los a crer em Deus, rezando o terço diariamente e o ofício de Nossa Senhora da Conceição todos os sábados, quando eles eram chamados para rezarem todos juntos. Esse hábito, que ficou nos costumes de minha avó, minha mãe e meus familiares, graças a Deus foi perpetuado.

Suas filhas foram, como ela, corajosas, vencendo todo rigor de uma vida ativa, compartilhando com o pai e, depois, com os maridos, enfrentando todas dificuldades de um meio longe das cidades maiores e civilizadas. Iam surgindo pequenas vilas, aqui e acolá, umas se desenvolvendo melhor como Flores, que teve o privilégio de ser a primeira Comarca do Sertão do Pajeú, bem provável ter sido pela sua posição geográfica.

O MONSENHOR JOAQUIM PINTO DE CAMPOS

Dos filhos do "marinheiro" Campos, este escolheu a carreira eclesiástica e com outro irmão foram estudar. Ele em Roma e o outro Direito, em Coimbra; aliás, sobre este não sei, ao certo qual o seu destino, se voltou ou não para o Brasil. Tenho, porém, vaga lembrança que ele morreu jovem na Europa.

Desde pequeno, o futuro padre mostrou-se estudioso. Não sei se houve influência do frei capuchinho, de virtuosa memória, Ângelo Maurício de Niza, insigne teólogo, muito amigo, desde 1800, do pai do Monsenhor, que, deve tê-lo influenciado ou, pelo menos, ajudado a vir estudar em Olinda, distante mais de 400 quilômetros da Fazenda Conceição, por caminhos de verdadeiras trilhas, a cavalo, dia a dia a percorrer, enfrentando toda sorte de desconforto e animais bravios, escalando serras, barrancos e rios. Tudo desanimaria a quem faltasse força e coragem para atingir o que o espírito e a inteligência faziam buscar longe de seu berço do qual nunca esquecia.

Monsenhor nasceu em 4 de abril de 1819, na Fazenda Conceição, aonde sempre voltava para visitar sua família, seus amigos, sua casa. Dava-se muito bem com sua madrasta Dona Clara, a qual, por vaidade, diziam, passeava de braços com ele pelas ruas da Baixa Verde em Triunfo e Flores, onde o seu filho mais velho Pedro Pessoa de Siqueira Campos começava sua carreira política. Ela, como mulher forte, mandava nos filhos e fazia a política bem autêntica daquela época: mandava soltar presos, resolvia assuntos outros, enfim, era uma voz a mais nos destinos de uma comunidade, mulher que impunha a sua opinião e era uma ajuda sempre ativa dentro e fora do lar.

Impulsionado, muito cedo, pelo seu espírito ardente e combativo, Monsenhor foi levado às lides políticas, tornando-se um forte baluarte do partido Conservador, lutando na imprensa, na Câmara e, até, nos campos de batalha.

Na Rebelião Praieira, da qual foi ativista, transcrevo o seguinte elogio à sua atuação, em ordem do dia:

"Finalmente, o Comandante Geral louva muito particular e devidamente o benemérito Padre Joaquim Pinto de Campos que,

voluntariamente, exerce o seu ministério eclesiástico e que, dando força moral à causa da legalidade, infunde, no ânimo dos povos, as instituições do País e do Monarca. No campo de batalha, mui dignamente se portou, dirigindo palavras consoladoras aos infelizes que agonizavam". – Ignácio de Siqueira Leão Silva e Cruz, Major Comandante Geral.

Salientou-se, também, na defesa de Amorim, atacado a 12 de janeiro de 1849, por um corpo numeroso de rebeldes. Dando, dois dias depois, notícia do fato assim remata o documento oficial:

"Concluindo a presente exposição, eu faltaria ao meu dever se não realçasse, nesta ocasião, o desmedido valor com que se portaram os valentes campeões da legalidade, tanto paisanos, como de primeira linha, não havendo expressão em que caibam os elogios, que, particularmente, são devidos aos distintos pernambucanos o padre Joaquim Pinto de Campos e o Capitão Antônio de Carvalho e Albuquerque, cujos serviços são tão valiosos, que não podem deixar de penhorar o reconhecimento do Governo".

Influiu, decisivamente, para a vitória das forças legalistas o seguinte feito temerário de Pinto de Campos:

"Montado à cavalo e tendo à garupa um corneteiro, atravessou o caudaloso rio Una e, já na margem oposta, mandou fazer o toque de avançar, simulando a aproximação do reforço por aquele lado". Foi tão feliz nesta estratégia, que alcançou, por ela, a derrota da força Praieira, comandada pelo caudilho Caetano Alves, dando a vitória ao Governo.

Foi eleito deputado para sete legislaturas, vinte e oito anos deputado geral da Nação, destacando-se, combatendo a proposta do governo imperial relativa ao casamento civil e logrando impedir a passagem do projeto. Apresentou parecer em separado, trabalho a toda luz notável, no qual defendeu com vigor, brilhantismo e coragem o seu ponto de vista contrário a proposta.

No pronunciamento como relator do projeto da *"Lei do Ventre Livre"*, o assunto em suas relações com a religião, a humanidade, a pátria, os escravos e trato com os particulares, foi importantíssimo e memorável, segundo qualificou Anselmo da Fonseca:

"Da escravidão, do clero e do abolicionismo, foi um dos mais notáveis, que se ouviram no parlamento brasileiro, merecendo sair em vários jornais franceses".

Ainda, Luiz Anselmo da Fonseca, adversário ferrenho do clero e autor de uma excelente monografia intitulada: *"A escravidão, o*

clero e o absolutismo" – Bahia – Imprensa Econômica – Rua Nova das Princesas 16/01/1887, emite a sua opinião, transcrevendo trechos do discurso do notável sacerdote:

"Outra exceção, sem dúvida, muito distinta, é o Monsenhor Joaquim Pinto de Campos. Foi ele o relator do notável parecer de 30 de junho de 1887, a favor do projeto de 12 de maio do mesmo ano, que se converteu na primeira Lei de 28 de setembro.

Na sessão de 12 de agosto, o Sr. Pinto de Campos proferiu importantíssimo e memorável discurso em favor do projeto acima referido, na defesa de seu parecer.

Fazendo, pois, sua profissão de fé redentora, declarou que em seus sermões em 1856 e 1857, tinha atacado a escravidão e defendido a liberdade dos cativos e citou trechos do primeiro deles, proferido no dia 07 de setembro, por pedido da Sociedade Ipiranga, formada na Corte, com o fim de solenizar o aniversário da nossa independência. Naquele mesmo dia, a Sociedade distribuíra algumas cartas de alforria".

Transcrevemos alguns excertos por ele reproduzidos:

"Eu não conheço, senhores, meio mais digno de solenizar o aniversário da Independência do Brasil, do que derramar os influxos da liberdade sobre esses filhos da maldição, que ainda conspurcam a nossa sociedade.

Eu admiro, eu louvo do íntimo d'alma essa magnífica expressão do patriotismo mais puro, da caridade sublime que jamais surgiu no seio das civilizações mais célebres da antigüidade.

A humanidade é uma só. Os seus direitos são os mesmos por toda parte; e aquele que excetuasse um só membro da comunhão do gozo desses direitos não seria um homem sincero; nem mereceria combater nas grandes batalhas pela grande causa do gênero humano.

A consciência pública é a voz de Deus repercutindo na alma de um povo, repetindo sempre com indignação o exclusivismo na distribuição da liberdade.

A liberdade exclusiva não é mais que um privilégio inaudito, condenado por todas as Constituições Políticas do universo; a liberdade egoística não é mais do que uma traição horrenda, que um desmentido ímpio à doutrina do Nazareno".

Pinto de Campos em companhia de Pereira Franco, Araújo Lima, João Mendes e Ângelo do Amaral, foram incumbidos de emitir parecer sobre a *"Lei do Ventre Livre"* e escolhidos para a

comissão especial, eleita por pequena maioria de votos. No preâmbulo do seu parecer, afirmou:

"Antes de entrar na justificação do parecer, direi como razão de ordem, que o que escrevi foi e é uma idéia que alimento no coração e na mente, desde que comecei a ler as luminosas páginas do Evangelho.".

Pinto de Campos, como se vê, fundamentava a sua incisiva posição abolicionista, firmada ainda na década de 1850, nas próprias palavras do Evangelho quando quase não se falava no assunto.

Não obstante ter a política como atividade principal, pois sua liderança sempre se salientava na Província e na Corte, nunca esquecia a família, que visitava com freqüência, apesar da enorme distância e da rude viagem, toda feita a cavalo. Contava minha avó, sua sobrinha, que quando vinha à Fazenda Conceição, sede do lar paterno, onde nascera, trazia seu criado vestido de libré e uma pequena comitiva de servidores, educados com requinte, criando, em torno de si na "Casa Grande" da Fazenda, um ambiente de "pequena Corte", onde seus numerosos parentes, fiéis e correligionários o visitavam, cercando-o de enorme carinho e respeito. Muitos irmãos e irmãs idolatravam-no. A chefia política de Flores já era exercida pelo seu irmão do segundo matrimônio, Coronel Pedro Pessoa de Siqueira Campos, avô do meu esposo, Coronel Antônio Medeiros de Siqueira Campos, e do Tenente Antônio de Siqueira Campos, herói do famoso episódio dos "18 do Forte de Copacabana" e da "Coluna Prestes".

Era um corajoso defensor da Igreja Católica cujos dogmas e doutrina professava com fervor, propagando os do púlpito e da tribuna parlamentar, pois tinha um como a extensão do outro.

Intelectual e literato de grande valor, suas numerosas obras, apesar de reunirem todos os requisitos para ocupar lugar de relevo em nossa literatura, têm sido, inexplicavelmente, esquecidas.

Queixava-se das injustiças e do tenaz combate que lhe davam os seus adversários políticos, que o atacavam com armas de todo o tipo, principalmente com a sordidez da calúnia e da difamação espalhadas, sobretudo, pela libérrima, para não dizer licenciosa, imprensa política da época.

Defendia-se admiravelmente com uma linguagem bonita, perfeita, inteligente, forte, sem jamais tornar-se grosseira ou vulgar, mantendo-se sempre dentro de padrões éticos e elevados. Domi-

nava e vencia o adversário, nunca se deixando confundir ou baralhar e levando a melhor, através de sólida argumentação, onde se destaca o conhecimento, a cultura e o brilho.

De finíssimo trato, era um másculo cavalheiro na mais pura expressão da palavra.

Escreveu: *"Jerusalém"*, descrição da viagem que fez à Terra Santa; *"Duque de Caxias"*, que muitos acham ser a melhor biografia do grande cabo de guerra; *"Recordações Históricas"*; *"Os Anarquistas e a Civilização"*; *"Miscelâneas Religiosas"* (1859); *"Novas Miscelâneas Religiosas"* (1859); *"Polêmicas Religiosas – Refutação ao Ímpio Opúsculo"* que tem por título *"O Deus dos Judeus e o Deus dos Cristãos"* (1868). Este último descreve a sua célebre polêmica com o General Abreu e Lima.

Escreveu ainda: *"Recordações Históricas ou Verdades Santas"* (1870); *"O Senhor Dom Pedro II, Imperador do Brasil"* (1871); *"Missão de Cristo"* (1878); *"A Igreja e o Estado"* (1875). Fez também notáveis traduções, das quais se destaca a do *"Inferno"*, parte mais importante da *"Divina Comédia"* de Dante Alighieri, considerada a melhor em Língua Portuguesa, sobretudo devido às eruditas anotações e comentários, que ele faz a cada uma das suas estrofes.

Seus discursos e pareceres parlamentares atestam o seu alto grau de combatividade. Entregava-se à luta sem medos e sem rancores. Naqueles que o assistiam no púlpito da Igreja ou na tribuna do Parlamento, deixava uma imagem de combatente, elegante e destemido, esmagando os seus oponentes com refutações cheias de verdades e muito sabor, pois dispunha de uma linguagem correta e rica, estilo florido, argumentação cerrada e uma dicção perfeita.

Deixo, aqui, a palavra do escritor pernambucano Solidônio Leite: *"Ninguém defendeu as verdades fundamentais da Igreja com maior força, erudição e hombridade"!*

A vida de Pinto de Campos foi uma constante orientação de consciência, um contínuo rebater de erros e de semeadura da fé religiosa, que abraçara. Uma série ininterrupta de reais serviços à Pátria e à Religião. Foi, porém, vítima da ingratidão do Imperador Pedro II, que se recusou a nomeá-lo para o Senado do Império, que era vitalício. Apesar de ter sido eleito, por três vezes, em primeiro lugar nas listas tríplices que eram submetidas ao monarca para sua escolha, como mandava a Constituição Imperial.

Ninguém sabe a razão que motivou a má vontade do Impera-

dor para com o seu antigo aliado e protegido. Monsenhor, traumatizado, mudou-se para Lisboa, onde faleceu, sem mais ter regressado ao Brasil.

Foi ele, ainda, prelado referendado de Sua Santidade; Cavaleiro da Ordem de São João de Jerusalém (Ordem de Malta); Comendador da Imperial Ordem da Rosa; Comendador da Real Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa; Sócio Correspondente da Academia Real de Ciências de Lisboa; da Academia de Ciências e Artes dos Ardentes de Viterbo; da Academia Católica de Roma; da Academia Properciana de Assis; do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro. Foi, ainda, Deputado Geral da Nação, em sete legislaturas, por 28 anos consecutivos.

Percorreu quase toda a Europa e visitou, demoradamente, a Palestina. Há um episódio contado na obra em que descreve a sua viagem à Terra Santa, que merece ser contado: estando descansando numa estalagem nos arredores de Jerusalém, conversava com o seu criado, quando surgiu um homem que, chorando, cai a seus pés dizendo ser cearense e que, há muitos anos, não ouvia o seu idioma nem via um conterrâneo. Chorava de alegria. Conversaram muito noite a dentro, coisa que lhe produziu grande emoção, pois sempre falava deste encontro com carinho e saudade.

O túmulo de Monsenhor Joaquim Pinto de Campos, ficava numa igreja em Lisboa e depois seus restos mortais foram trasladados para o Brasil.

Diário de Pernambuco – 28/07/79

HÁ UM SÉCULO

Diário de Pernambuco
Ano LV – nº 171
Segunda-feira, 28 de julho de 1879

"Revista Diária – Lembrança de um viajante *– Sob esse título publicamos no presente número, na rubrica Literatura, uma interessante carta do nosso ilustrado coprovinciano, o Exmo. e Revmo. Mon. Joaquim Pinto de Campos, escrita de Roma aos redatores do Diário de Notícias, de Lisboa. Recomendamos sua leitura.*

Literatura – Lembranças de um viajante – (...) Apenas cheguei a Roma, procurei ser apresentado ao novo Papa, de cuja fisionomia eu conservava algumas vagas reminiscências do tempo do concílio. A minha chegada coincidiu com circunstâncias pouco propícias ao meu intento: o Santo Padre, fatigado das sucessivas recepções, havia suspendido as audiências particulares, que lhe levam boa parte do tempo. Leão XIII é um homem do trabalho e do trabalho assíduo (...) Pede-me V. a fotografia física e moral do novo Papa Leão XIII. É de estatura regular; corpo delgado; tez límpida, antes corada que pálida; voz enérgica, mas de inflexões doces; olhos expressivos, quase azuis e penetrantes; boca um pouco rasgada, habitualmente ornada de um riso indeciso, testa ampla, reveladora de fundas cogitações; rosto descarnado, mas não cadavérico; postura majestosa e firme. Numa palavra, a sua fisionomia, vista em complexo, é um translado vivo da modéstia e do gênio. Quem via Pio IX, não podia deixar de amá-lo; quem vê Leão XIII, não pode deixar de venerá-lo. Pio IX era de trato ameno, insinuante, paternal; Leão XIII alia, em suas maneiras, a singeleza com o respeito, a gravidade com a doçura; Pio IX era orador fácil, eloqüente, erudito; Leão XIII, menos ardente e mais conciso, revela, no que diz, um espírito didático e substancioso; Pio IX fora talhado para as grandes empresas no remanso da paz. Cada época tem seus desígnios e suas exigências. Fortificar a harmonia e a concórdia entre a Igreja e todos os príncipes da cristandade, é o supremo ideal de Leão XIII. E Deus vai abençoando seus esforços. Por toda a parte, a perspectiva das coisas começa a sorrir esperanças animadoras. Se Leão XIII não tem conseguido quanto basta para provar que a mão de Deus não está abreviada, cumpre levar em conta a nequícia dos tempos atuais, em que uma espécie de vertigem moral epidêmica iem ferido e desvairado o mundo! A marcha da Providência é lenta, mas chega aos seus fins.(....) Por aqui, estarei até a festa de S. Pedro, dia em que celebrarei missa, se Deus for servido sobre o seu glorioso túmulo, no memento dos vivos, não esquecerei dos meus amigos de Portugal e do Brasil".

CORONEL PEDRO PESSOA DE SIQUEIRA CAMPOS

Pedro Pessoa de Siqueira Campos era o filho mais velho do "marinheiro" Campos, do seu segundo casamento com D. Clara. Pedro casou com a sua sobrinha, Francisca Osória de Campos, que era filha de Cristóvão José de Campos, seu irmão por parte de pai do primeiro casamento. São os avós de Antônio Medeiros de Siqueira Campos, meu esposo. Pedro e Francisca tiveram doze filhos na seguinte ordem cronológica:

1. Emília de Siqueira Campos
2. Manoel Pessoa de Siqueira Campos (Badico)
3. **Philonila Amélia de Siqueira Campos (casada com Justino, eram os pais de Antônio Medeiros de Siqueira Campos)**
4. Joaquim Pinto de Siqueira Campos, nome em homenagem ao tio Monsenhor
5. Francisca Saraiva de Siqueira Campos
6. Clara Maria de Siqueira Campos
7. Anselmo de Siqueira Campos
8. José Pedro de Siqueira Campos
9. Raimundo de Siqueira Campos (Mundinho)
10. Januária de Siqueira Campos
11. Maria de Siqueira Campos
12. Pedro de Siqueira Campos (falecido com 15 dias)

Não sei bem, quando a chefia política de Flores foi assumida pelo Coronel Pedro Pessoa de Siqueira Campos, mas isto deve ter ocorrido logo depois da derrota dos "praieiros", como eram chamados os liberais. Os conservadores, apelidados de "guabirus", passaram a dominar a região mediante a forte coligação dos Campos com os Pereira, de Serra Talhada, então pertencente a Flores. Como o líder maior do grupo, a nível provincial, era o Mons. Pinto de Campos, este deve ter intercedido junto ao novo Governo, no sentido de colocar o irmão do segundo matrimônio, que demonstrava aptidão política e bravura na luta, à frente dos negócios do vasto município.

O Coronel Pedro Pessoa de Siqueira Campos, figura de destaque tanto na sociedade urbana, de melhor nível, como na zona rústica das caatingas, possuía grandes fazendas. Sua autoridade era respeitada e suas ordens obedecidas. Nunca deu um passo atrás, procurando agir com bom senso e firmeza, a fim de evitar retorno, demonstrando ser homem forte, decidido e prudente.

Em Flores, construiu uma casa de tijolo e pedra, vasta, com duas portas de frente e quatro janelas, feita para resistir ao tempo. No seu interior tinha, logo na frente, duas salas enormes, quartos de um lado e do outro do corredor que dava para uma ampla sala de jantar e a cozinha. Atrás, descia-se uma ladeira que levava até o rio Pajeú. Havia um pomar ao redor da mesma com muitas árvores frondosas. Ficava localizada atrás da Igreja, ao lado da casa do vigário Pe. Burgos. Possuía uma fazenda a duas léguas da vila, onde todos os anos ia passar o inverno. Foi lá, na Fazenda Jatobá, que morreu a sua esposa e sobrinha, Francisca Osório de Siqueira Campos, ao dar a luz ao décimo-segundo filho, Pedro, que morreu com apenas 15 dias de vida. Faleceu ela, ainda, bastante jovem, em 20 de junho de 1870. Muito pesaroso, conservou-se viúvo, continuando todavia a exercer a chefia política do município ainda por alguns anos. Distinguiu-se não só pela bravura demonstrada durante a "Revolução Praieira" no Sertão do Pajeú, como pelo seu comportamento bondoso e amigável com todos, mesmo com os oposicionistas, muitos dos quais foram aos poucos, passando para o seu lado. Foi um excelente administrador, a ele se devendo a construção do imponente prédio da Cadeia Pública, que tinha capacidade para abrigar até 100 presos. Muito colaborou para o crescimento e progresso da Igreja, pois além de irmão do Mons. Pinto de Campos era amigo íntimo do Vigário Padre Manoel da Silva Burgos.

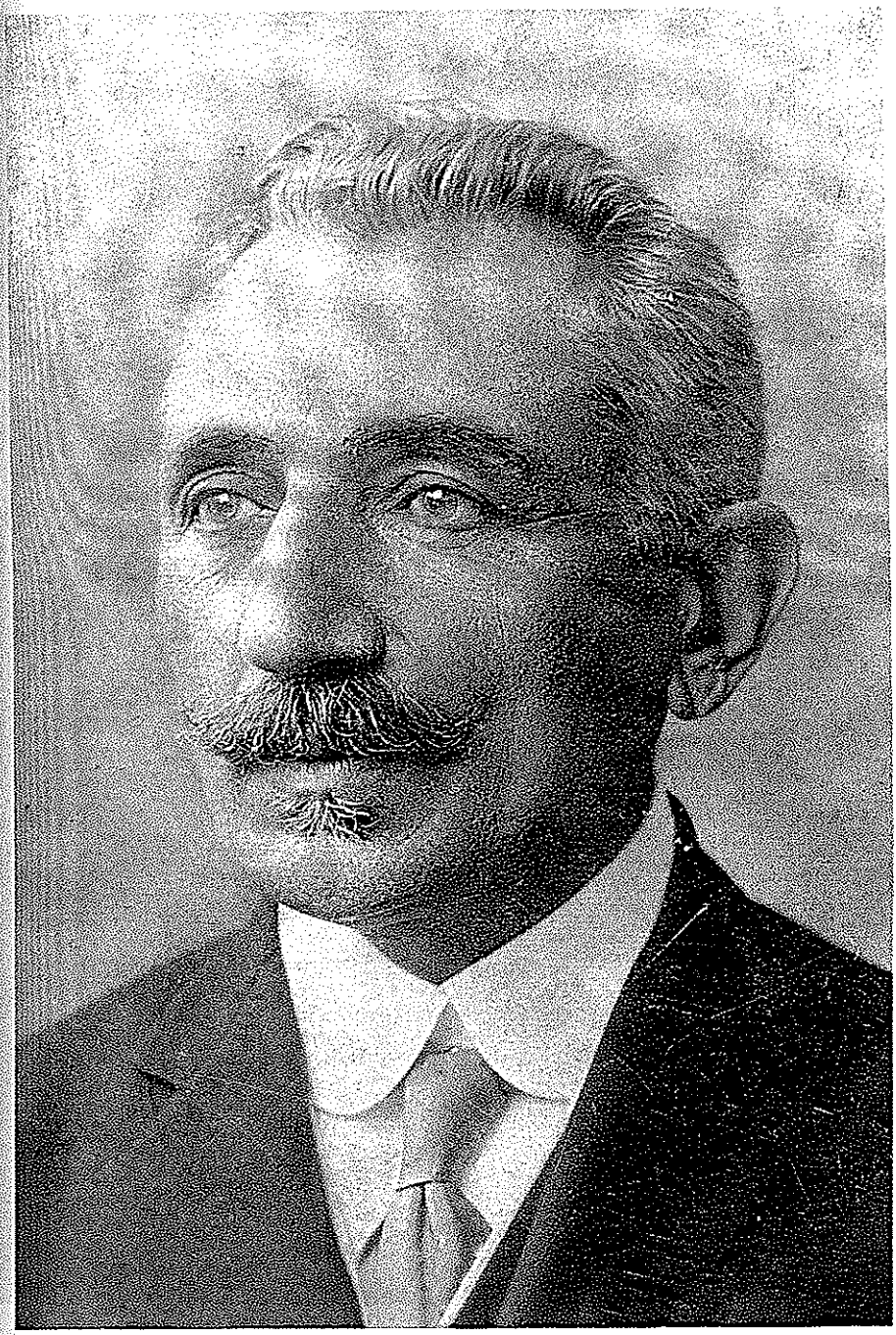
Flores, além de ser a mais antiga Comarca do Sertão, com seu clima quente e seco era considerado muito saudável e recomendável para doentes, principalmente tuberculosos, que afluíram das cidades e vilas vizinhas em busca de cura. Foi uma época de grande progresso para a cidade que passou, durante a sua administração, a contar com uma Delegacia de Polícia e uma agência postal-telegráfica, tendo uma de suas netas se casado com um telegrafista, membro da família Beltrão, do Recife.

Povo bom e ordeiro, comandado por uma liderança pacífica e laboriosa. Os anos corriam em paz, quando ele, sentindo já o peso

dos anos, resolve mudar-se para São Paulo, atendendo ao convite do seu filho, Manoel Pessoa de Siqueira Campos que, formado em Direito no Recife, transferira-se para a capital paulista e lá obtivera grande sucesso na advocacia e na política. Ao viajar, o seu filho Raimundo, de apelido "Mundinho", que era muito jovem e ainda solteiro, decidiu permanecer em Flores na companhia de sua irmã Philonila, casada com Justino Medeiros e pais de meu esposo Antônio Medeiros de Siqueira Campos.

Não sei a data de sua mudança para São Paulo, mas calculo, pelas informações obtidas, que deve ter sido em fins da década de 1870.

Em São Paulo, ainda viveu muitos anos, falecendo com mais de noventa anos de idade.



Senador Manuel Pessoa de Siqueira Campos – BADICO

Philonila Amélia, filha do Cel. Pedro Pessoa de Siqueira Campos e mãe dos Coronéis José e Antônio Medeiros de Siqueira Campos

SENADOR MANOEL PESSOA DE SIQUEIRA CAMPOS
2º Filho do Cel. Pedro Pessoa de Siqueira Campos

Manoel recebeu o apelido de Badico, bacharelou-se em Direito, no Recife, tendo sido brilhante advogado. Mudou-se para São Paulo, onde se tornou personalidade importante na política estadual.

Com a República, foi presidente do partido político situacionista e ocupou vários cargos importantes como o de Chefe de Polícia, Secretário da Justiça, Senador Federal e Ministro da Justiça da província de São Paulo.

Já consolidado política e socialmente, convidou para auxiliá-lo, o seu irmão Raimundo de Pessoa Siqueira Campos e o sobrinho Antônio Medeiros de Siqueira Campos (meu futuro marido).

Destacou-se no Senado Federal, onde se tornou célebre a sua defesa do Banco Real, quando do "crash" (quebra) na economia dos Estados Unidos, em discurso proferido em 1904.

Na morte do Monsenhor Pinto de Campos em Portugal, o Senador Manoel exercia as funções de Ministro da Justiça da Província de São Paulo; recepcionou os restos mortais do tio com todas as honras fúnebres de que era merecedor o ilustre político dedicado à causa nacional, o "Monsenhor Pinto de Campos".

Foi uma grande perda para a família Campos o falecimento do Monsenhor Pinto de Campos, na Europa, porque tinha nele o membro mais importante e futuroso. Seu prematuro desaparecimento foi duramente sentido pelos seus familiares em Flores, pois ele, mesmo distante, nunca deixou de comunicar-se, nem jamais se negou a estender a mão a qualquer parente que dele precisasse.

Meu futuro marido, Antônio Medeiros de Siqueira Campos, tendo sido mandado por seu pai Justino estudar no então famoso "Colégio Mackenzie" de São Paulo, hoje Universidade, passou a residir com o tio Badico, que era, também, seu padrinho. Logo passou a trabalhar como assessor do mesmo, participando ativamente da sua movimentada e ascendente carreira política. Desgostoso com a morte do tio, padrinho e protetor, volta a Flores depois de doze anos de ausência.

Em Flores, o Coronel José Medeiros de Siqueira Campos, irmão de Antônio Medeiros de S. Campos, começava a sua carreira política, convidado que fora por meu avô, José Alves de Góes e

Melo e meu pai, João do Nascimento Lopes Barros, chefes do Partido Rosista que havia sido derrubado pelo então Governador Dantas Barreto, o qual ofereceu aos mesmos servirem ao seu lado, continuando à frente dos destinos de Flores.

Surgiram diversos candidatos à chefia, porém o Governador reconhecendo o valor da honestidade e da paz reinante, decidiu contra a idéia de ser Flores entregue a outra direção, pouco recomendável, como àqueles que surgiram à tona quando o caldeirão ferveu, apurando-se a insignificância em que cairia aquela cidade; que era tida como pacífica, organizada, sem querelas, um verdadeiro seio de Abraão, conforme foi chamada.

Chamado, José Medeiros assumiu as rédeas da política, sendo o primeiro prefeito no novo Governo, preservando as características e qualidades da cidade, pois se tratava de uma pessoa branda, inteligente, sabendo ser uma continuação do meu avô, José Alves de Góes e Melo e de seu avô Pedro Pessoa.

Antônio Medeiros tinha planos de prorrogar sua saída de Flores, enquanto José Medeiros ia se entrosando, até que assumisse toda direção quando voltaria para São Paulo. Porém, os dias foram passando e Antônio não mais voltou Para São Paulo.

Sua vida tinha tomado outro rumo, outro destino...

Eu estava na pauta da sua vida!...

DONA PHILONILA AMÉLIA
3ª Filha do Cel. Pedro Pessoa de Siqueira Campos

Minha sogra, apesar desse vínculo, pouco sei sobre ela. Dona Philonila Amélia casou-se com Justino José de Medeiros e Silva, que era filho de Antônio José de Medeiros e Francisca M. de Jesus Medeiros. Philonila teve quatro filhos:

1. Maria Amélia, que se casou com Florentino, natural de Princesa, e tiveram quatro filhos: Ana (Nanu), Philonila, Maria e Manoel.
2. José Medeiros de Siqueira Campos, casado com D. Júlia e tiveram muitos filhos: Alcides, Lindaura, Philonila (Doninha), Alcebíades, Nestor Elpídio, Astésia, Carminha, Lígia, Antônio (Totonho) e Elza.
3. **Antônio Medeiros de Siqueira Campos,** que se casou comigo. Tivemos onze filhos, a saber: Edgard, Maria Helena, João (falecido aos 8 anos), Antônio, Diomedes, Terezinha, Sônia, Hélio, Ivan, Zélia Maury e Neuza.
4. Úrsula Medeiros, casada com Francisco Chagas de Oliveira Campos, tiveram Francisco das Chagas Campos.

Transcrevo, do livro de assentamento de casamento do arquivo da Igreja de Flores, a sua Certidão de Casamento, livro nº 1 – A, dos anos de 1853/1874, página 84.

"Aos quatorze de outubro de mil oitocentos e setenta e quatro, em Oratório privado de minha licença, o Reverendo Manoel Ferreira Rabelo Aranha, assistiu à celebração do sacramento de matrimônio de Justino José de Medeiros e Silva e Philonila Amélia de Siqueira Campos, ele natural (de) e morador na freguesia de Santo Antônio de Piancó e ela natural e moradora desta Freguesia, filhos legítimos de Antônio José de Medeiros e Francisca Maria de Jesus e de Pedro Pessoa de Siqueira Campos e Francisca Osória de Siqueira Campos, deu-lhes as bênçãos nupciais e foram testemunhas Antônio Alves de Medeiros e Luiz José de Medeiros, do que para constar fiz este assento e assigno.

O vigário encomenda. João Ignácio de Albuquerque".

Casados, foram morar na Fazenda Bezerros, onde nasceram todos os filhos do casal.

Como fazendeiro, seu esposo era mais um homem do campo

que da cidade, um autêntico vaqueiro, dedicado às atividades pecuárias.

Ela, tendo vivido mais na cidade de Flores, naturalmente estranhou aqueles hábitos do seu esposo. Dizem que ela não admitia vê-lo se servir de colher em vez de garfo. Usando de habilidade, ensinou-lhe o modo certo, isto é, a maneira civilizada deste princípio. Segundo ela, não iriam rir dele pelos seus modos rústicos, ao servir-se na mesa do seu pai que, naturalmente, teria que freqüentar quando viesse à cidade. Queria vê-lo em nível de igualdade com os demais familiares.

Ele era bom e pacífico, o que facilitou sua compreensão, convencido de ter ela razão e nisto a ajudou, aceitando as suas observações e ensinamentos.

Porém, o hábito tem muita força, não são fáceis certas mudanças e, aqui e ali, voltava ao comportamento anterior, o costume se repetia, pois era uma nova experiência para seu esposo.

Um dia, Philonila Amélia pediu para ele a acompanhar em visita a seu pai em Flores, onde demoravam, passando às vezes semanas. Marcada a viagem, bem cedo pela manhã, ela já pronta com sua montaria, chapéu com plumas, uma fita amarrada debaixo do queixo, toda elegante. Ele surge, vestido de gibão de couro, como se fosse pegar bois lá nos matos ou nas caatingas da fazenda.

Ela o olhou com raiva, mas controlada, disse-lhe: "Bem, Justino, vestido de vaqueiro eu não viajo com você... espero que troque de roupa condigna, gravata, botinas, pois nós vamos visitar o nosso pai".

Ele não apresentou desculpas e nem brigou, simplesmente achou que ela estava certa, trocou de roupa e seguiram a viagem até Flores, como um casal feliz.

A Dona Philonila, após um parto difícil, sobreveio uma febre infecciosa, a qual a medicina daquele tempo e outros recursos foram impotentes, tendo falecido dentro de oito dias, também o pequenino ser poucos dias viveu, deixando os outros filhos pequenos.

Maria Amélia, sua filha mais velha, ficou com apenas 10 anos. Contava-se que, ante a gravidade do estado de saúde da mãe e sentindo a aproximação da morte, ela solicitou a presença de todos os filhos a fim de se despedir, dirigindo a todos palavras de carinho e os abençoando; porém, ao despedir-se de Antônio Me-

deiros, ela lhe disse: *"você meu filho, minha bênção e que Nossa Senhora lhe mude esse temperamento e que possa se dominar, tornando-se manso e sabendo perdoar, pois tem o gênio muito forte".*

Depois de anos, ele dizia ter sido aquela bênção que o libertou, dando-lhe um coração pacífico, apesar de demonstrar o contrário; foi simples e bom, incapaz de fazer mal a quem quer que fosse. Sabia sofrer as ingratidões dos amigos, para os quais era devotado até as últimas conseqüências. Aos inimigos sempre procurou servir, sem alegar o bem praticado. Brigão, mas bondoso, incapaz de odiar e guardar ressentimentos.

Só convivendo muito é que podemos compreender as pessoas no mais recôndito de suas almas!...

O meu sogro Justino José de Medeiros e Silva casou, em segundas núpcias, com sua sobrinha de nome Maria Luíza do Espírito Santo, nascendo-lhes cinco filhos: três mulheres e dois homens; Ana Amélia de Medeiros que casou com Antônio Alves de Medeiros e tiveram oito filhos: Clarice, Adalzira, Maria Adélia, Quitéria, Tertuliana, Manoel, José e Antônio. Maria de Medeiros casou-se com José Medeiros Aranha. Francisca de Medeiros, casada com Pedro Duro de Medeiros. Manoel Justino de Medeiros. Luiz Justino de Medeiros.

Antônio Medeiros tinha especial carinho e admiração por Ana, sua irmã mais velha.

Quando ele voltou para casa, depois de anos que passou em São Paulo, conviveu com a segunda família, tendo oportunidade de afeiçoar-se profundamente a ela.

Comoveu-se em ver que suas irmãs não sabiam ler e resolveu ensiná-las. Em apenas dois meses, Ana aprendeu a ler e escrever. Ele se orgulhava disto e sempre falava admirado, não só de sua inteligência, como também do gosto que teve em aprender. Ele se sentia alegre e feliz sempre que se tocava neste assunto. As outras foram beneficiadas, mas aproveitaram menos.

Foi amigo dos irmãos e da madrasta.

Luiz era o caçula e tanto ele como Manoel se hospedavam em nossa casa todas às vezes em que iam a Flores.

JOAQUIM PINTO DE SIQUEIRA CAMPOS
4º Filho do Cel. Pedro Pessoa de Siqueira Campos

Joaquim Pinto casou-se com D. Emília, que descendia dos Medeiros e Burgos e tiveram seis filhos: Emília, Florzinha, Maria, Manoel (Neco), Antônio e Joaquim Pinto.

Conheci-os tanto em Flores como em sua fazenda São Boaventura. Quando iam passar o inverno na fazenda Conceição com minha avó materna, Francisca Laudelina de Campos Góes, Joaquim e sua família sempre vinham nos visitar, assim como a Dona Maroca Monteiro, que morava na fazenda vizinha à nossa. Eram momentos felizes durante a temporada de visitas constantes e recíprocas.

A fazenda São Boaventura distava uma légua e limitava-se com a Conceição.

Joaquim Pinto era uma figura muito interessante, não só por estar sempre alegre e fanfarrão, como também por contar suas bravatas; ele não exagerava. Era um homem bravo, forte e amigo sincero. Seus filhos tinham suas qualidades, eram queridos e respeitados.

Minha avó queria muito bem não só a ele, como a toda família. Era o primo mais chegado e, como vizinhos, davam-se muito bem.

Emília era a filha mais velha de Joaquim Pinto de Siqueira Campos e tinha o mesmo nome de sua mãe, cujo destino causou muito sofrimento aos seus familiares e a si mesma.

Conheci suas filhas Maria e Florzinha. Maria era bonita e muito simpática, com uma ternura que conquistava, facilmente, a todos que chegavam a conhecê-la e conviviam com ela.

Costurava para os vizinhos pobres e não cobrava nada, por isso meio mundo era seu afilhado.

Passavam os fins de ano em Custódia que, aos poucos, se tornou moradia definitiva, deixando a Fazenda São Boaventura, em grande parte devido ao surgimento do cangaço.

Lampião e seu bando começavam a percorrer a zona do Riacho do Navio, infundindo o terror e a intranqüilidade, fazendo com que as famílias rurais procurassem as cidades mais próximas, a fim de se defenderem e se protegerem. E, assim, a maioria dos fazendeiros e proprietários de terra entraram em crise econômica.

Florzinha, a segunda filha de Joaquim Pinto, era uma pequena e suave flor dos campos. Simples, meiga, bonita, alva, corada e

de olhos pretos, porém de natureza frágil; era o avesso de Maria, alegre, espontânea e comunicativa.

Ambas morreram de doença pulmonar, em conseqüência de uma intoxicação por veneno de formigas, usado na lavoura.

A família toda adoeceu, salvando-se depois de um rigoroso tratamento, porém fragilizou o organismo de Florzinha, terminando por ficar tuberculosa, não resistindo. Depois morreu Maria e, assim, só restaram os três filhos homens.

Transcrevo alguns episódios fornecidos por Antônio Lúcio Wanderley, quando da minha estada em Flores, cujos registros datam 21 de agosto de 1969.

Contava ele muitos fatos verídicos de personagens e homens que se destacaram na região em diversos aspectos.

Hoje, já falecido, não sei se seus filhos conservam o que ele escreveu em suas memórias.

De uma dessas histórias, cujos personagens são homens bravos e destemidos, Antônio Lúcio escreveu: *"Não serão também esquecidos nas minhas histórias outros homens do passado, filhos de minha terra, que foram respeitados, temidos, como verdadeiros heróis, que lutavam com bravura contra as feras que infestavam a região, e outras vezes, contra seus semelhantes"*.

Com o falecimento do seu pai, Joaquim Pinto de Siqueira Campos fixou residência na Fazenda São Boaventura, que lhe coube por herança. Próximos à mesma, moravam outros membros da família: tios, primos legítimos, com os mesmos caracteres do perfil da família.

Um deles, porém, parecia mais forte que os outros, por sempre ser o vencedor nas suas aventuras. Lutava pela vitória, deixando na lembrança os seus atos de bravura, honrando a coragem tradicional de sua gente. Chamava-se Horácio de Siqueira Campos, por quem Joaquim Pinto nutria grande amizade e privava de sua convivência. Eram dois primos, que mantinham mútua compreensão e harmonia em seu relacionamento. Porém, certo dia, discutiram e a discussão ia se tornando perigosa, se não houvesse a intervenção dos parentes e amigos, que os apaziguaram. Daí, então, ficaram inimigos. Não chegou a haver derramamento de sangue por amor ao próprio sangue que os unia.

Nesse tempo, os fazendeiros possuíam grandes rebanhos, não só de gado como de outras espécies de animais. Existia, porém, grande quantidade de onças de várias espécies, que davam prejuízos aos

fazendeiros, devorando os animais que pastavam nos pés de serra e nos fundos dos pastos.

Joaquim Pinto gostava de caçar. Muito moço, era destemido e se destacava como caçador daquelas feras, que tanto prejuízo causavam aos donos de fazendas daquela região. Os fazendeiros tinham dificuldades de eliminar as onças, por serem em grande número e se esconderem em lugares de difícil acesso: nos altos, em furnas, nas serras de São Boaventura e Boqueirão, que formava uma cordilheira entre Moxotó e Navio. Ele era persistente na perseguição às mesmas, conseguindo descobrir onde moravam as de maior ferocidade, que eram chamadas "Onças da Mão Torta". Elas se distinguiam pelo rastro, sanguinárias e perigosas, pois matavam quantos animais encontravam, como se houvesse, dentro delas, uma sede de vingança.

Os prejuízos causados em sua fazenda, assim como nas dos vizinhos, fez com que resolvesse eliminá-las. Sem demora, preparou suas armas e, com dois cachorros de confiança, partiu a fim de liquidar as onças. Por meio de seus cães farejadores localizou a furna onde morava uma das perigosas "mãos tortas".

Ao pé da serra, via-se estender um grande lajedo. Por cima, uma pedra enorme, em forma de placa, cobria aquela laje, vinda do pé da serra. Nesta, se achava uma abertura, exalando mau cheiro, denunciando ser o abrigo e lar das referidas onças. Havia, ainda, outra entrada talhada na pedra, de um metro de largura e pouco mais de altura. Verificou os rastros deixados e as ossadas dos animais devorados. Os cachorros, com seus latidos, denunciavam que havia lá dentro feras enfurnadas, prontas a revidarem com ferocidade a quem se atrevesse a atacá-las no seu covil.

Joaquim Pinto fez várias tentativas para desalojá-las, mas a escuridão era absoluta. Notou que era impossível atacar dessa maneira. Para não perder a caçada, adotou esta estratégia: juntou pedras pesadas e, com elas, fechou a boca da furna, deixando as onças prisioneiras e voltando para casa.

Lá chegando, contou o que tinha feito e, certo de por em prática o seu plano de caça com êxito, convidou alguns vizinhos amigos para assistirem à luta que ia ser travada. Prontamente atenderam ao seu convite. Curiosos e interessados seguiram com ansiedade, a fim de assistirem ao desfecho da caçada.

Estava com o grupo Horácio Campos, primo e inimigo de Joaquim Pinto. No início da excursão, Horácio quis desistir de

acompanhá-los, temendo que seu primo o recusasse, pois era o dirigente do grupo e, ainda, quem iria atacar as feras, embora desejasse ser bem mais que um simples curioso e acompanhante.

Advertido por um parente, a quem ambos tinham atenção, que lhe fez ver que ele não poderia faltar num momento em que, talvez, houvesse necessidade de ajudar seu primo na perigosa tentativa, pois *"nestas horas de perigo se esquece o passado, provando ser digno do nome tradicional da família Campos,"* concluiu o seu parente. Então, Horácio acompanhou com vivo interesse a caravana e testemunhou os acontecimentos.

Ali chegando, Horácio e os demais ficaram aguardando a hora "H".

O casal de onças pressentiu a aproximação de estranhos, inclusive dos cachorros que começaram a ladrar com força, fazendo com que elas emitissem uivos e miados estridentes, provocando grande algazarra e cortando o silêncio dos boqueirões das serras.

Os companheiros de Joaquim Pinto, em sua maioria, admitiam ser uma temeridade entrar naquela habitação de tão selvagens animais, não querendo participar do assalto, a fim de combater as terríveis feras, arriscando suas vidas, numa caçada feroz e de grandes riscos e perigos. Aconselharam Joaquim Pinto a desistir, ponderando o iminente perigo e alegando que esta luta poderia ser-lhe fatal. Zangado, virou-se para os companheiros, dizendo-lhes: *"Meus amigos e conterrâneos, eu não acredito em semelhante fraqueza! Há poucos momentos, exibiam tanta disposição, vieram em número de mais de vinte e se acovardam, assombrados com os miados de dois gatos que, temerosos, rosnam nas suas furnas? ... Eu muito me admiro, vendo tanta fraqueza nos homens de minha terra e do meu Estado, pois têm a fama de fortes, pela bravura de sua gente, que somos nós. Querem negar este qualificativo que nos honra? Não fujam!... Esperem para ver um pernambucano nato entrar sozinho na furna, armado com as armas de costume e a luz de um lampião para localizar as feras, combatê-las e vencê-las com a superioridade de homem, que nada teme. Na saída de casa, eu afirmei que vinha disposto a matar as onças e só voltaria depois de guerreá-las"...*

Após pronunciar estas palavras de coragem e demonstrar disposição de ir até ao fim em seu intento, preparou-se para entrar na furna, quando se aproximou Horácio que bateu-lhe nas costas e disse-lhe: *"Meu primo, diante desta situação, não sou mais teu ini-*

migo e sim aquele pronto para te defender, sem temer a morte, sem encarar perigos. Se teus companheiros querem te abandonar por faltar a coragem, junto a ti está teu primo que irá contigo, agora e sempre. Vamos preparar as armas e a luz, para entrarmos no claro, a fim de enfrentá-las. Se só houver duas, morrerão e se houver mais terão a mesma sorte".

"Assim espero", disse-lhe Joaquim Pinto, *"porque desejo que saiamos vencedores e não vencidos"...*

No momento, ainda houve uma tentativa dos homens mais ponderados, para retirar os dois daquela luta, porém nada adiantou. Começaram a retirar as pedras que impediam a passagem e, conseqüentemente, a entrada na gruta; logo foram vendo no fundo da cova, não uma, mas duas onças, maiores e perigosas do que as já vistas naquelas serras, conhecidas por "mãos tortas".

Estavam lá no fundo da furna, rosnando, soltando rugidos tão altos e fortes de estremecer os arredores, escavando o chão com suas unhas afiadas, mostrando toda fúria, prontas para atacar, em vez de serem atacadas.

Eles, porém, com uma coragem surpreendente, sentiam-se cada vez mais entusiasmados com a provocação. Alvejaram as onças e, por falta de sorte, foram atingidas de leve e isto fez com que se enfurecessem mais, avançando furiosas contra os dois adversários, decididas ao ataque mortal.

Destemidos ante o perigo, jogaram as armas no chão e, num segundo, pegaram as facas na mão direita e com a esquerda os chapéus de couro, para se defenderem dos golpes que eram dados pelas onças.

A luta terrível, dentro da furna, era ouvida lá fora. Os gritos dos dois mostravam superioridade sobre as feras e os fortes rugidos das combatidas estremeciam o solo. Os dois cachorros de Joaquim Pinto guarneciam a boca da furna, ladrando com grande alarido, porém a fidelidade ao dono não deixava que abandonassem a guarda.

Depois de grande luta dentro da furna, eles conseguem sair do infecto covil, cuja fumaça já começava a sufocá-los, molhados de suor e sangue, as roupas estraçalhadas e os corpos com vários ferimentos feitos pelas garras das feras. Ambas mortas à faca, a arma que não falha quando a mão não treme!

Os cachorros, finda a luta, davam pulos de alegria ao redor do seu dono pela vitória dos heróis que, acostados às suas vítimas,

comentavam a ferocidade das mesmas, as quais, ainda arquejantes, derramavam todo sangue que saía pelos ferimentos.

Não foi possível conduzi-las à fazenda pelo seu tamanho e peso, porque os caminhos eram cheios de ladeiras, descendo e subindo serras de grandes alturas e cheias de espinhos e matagais.

Resolveram, portanto, retirar os couros e cortarem as mãos de uma das onças, para mostrarem o tamanho delas, causando admiração a todos os curiosos fazendeiros. Joaquim Pinto e seu primo Horácio, após esse episódio, onde a amizade, coragem e solidariedade prevaleceram, tornaram-se amigos sinceros, reatando a velha e sincera amizade para sempre.

Entre os dois houve verdadeira harmonia, gozando alto conceito diante dos amigos e inimigos.

Praticaram muitos outros atos de bravura, alguns me fogem à memória, porém registro a última bravura do já velho Joaquim Pinto, em Custódia, onde morava com a família.

Nessa época, seu filho, Neco Pinto, tinha uma casa comercial e um só empregado no estabelecimento.

Neco Pinto era sempre visitado por seu pai Joaquim Pinto que, já era sexagenário e administrava o seu tempo, ora na fazenda, ora na cidade, numa convivência sempre amiga e respeitosa.

Custódia era um ponto central para o trânsito até o alto Sertão que ainda hoje, continua a ter grande importância para o transporte rodoviário do Estado.

Naquela época de cangaço, quando os cangaceiros infestavam o Sertão de Pernambuco e estados vizinhos, era sempre Custódia ponto de pouso e de trânsito das tropas volantes, cujos oficiais tinham carta branca, autorizados a perseguirem e prenderem os grupos de criminosos ou bandidos que invadiam as localidades, atemorizando a vida daqueles que residiam nas fazendas, sítios, ou mesmo nas cidades, ficando expostos à sanha sanguinária daqueles que já haviam perdido o sentido da vida e do perdão que Deus sempre está a nos oferecer.

Para combatê-los, os homens preparavam-se para proteger suas famílias, procurando estratégias e soluções para os perigos, que ora os assolavam.

Chegou à cidade um oficial desordeiro, cheio do "quero", "mando" e "posso", comandando sessenta praças a seu modo, desarmando a população ordeira, fazendo-lhe pressões e adotando outras medidas vexatórias. Esse fato aconteceu em dia de feira,

para onde convergem as pessoas das fazendas e sítios para o seu comércio habitual. Na hora de maior movimento, começaram os soldados a tomar as facas dos ferreiros, sem olhar o lado profissional daqueles que as utilizavam como instrumento de trabalho no seu comércio.

Neco Pinto teve necessidade de ir, com seu empregado, a outro ponto da cidade, quando foram abordados por um soldado que, com um golpe violento, tomou a arma do empregado. Neco, com rapidez, empunhou o revólver, retomou a arma e devolveu-a ao rapaz. O soldado chamou outros companheiros, deram-lhes ordens de prisão, mas não foram obedecidos. Neco, voltando para sua casa comercial, ficou pronto para reagir como pudesse. Os soldados voltaram insistindo em sua prisão ou, então, seriam mortos. Eles, porém, responderam que não eram criminosos e, se insistissem, brigariam até a morte, mas jamais se entregariam. A volante já estava de armas apontadas para o estabelecimento comercial de Neco, esperando, somente, que o oficial desse a ordem de "fazer fogo". Quando entrou um velho e, devagarinho, aproximou-se, sem ser notado pelo oficial comandante. Quando este ia dar a ordem para iniciarem as descargas dos fuzis, escutou a voz forte e autoritária do velho Joaquim Pinto que estava armado de rifle e disse-lhe: *"Garanta a vida de meu filho ou os seus miolos voarão agora mesmo... Não tente sair do lugar, nem fazer nenhum gesto ou movimento, senão morre neste momento. Debande sua tropa para o quartel ou, do contrário, não voltará a comandá-los!"*....

Nesse momento, já se achavam com ele, seu filho e os companheiros dispostos a morrer ou matar. Porém não foi necessário, pois o oficial refém, para não morrer, garantiu a vida dos dois, debandou a volante, salvando sua cabeça das balas do rifle cruzeta do bravo Joaquim Pinto de Siqueira Campos, cidadão honrado, forte, generoso, com a devoção própria dos que, acima de tudo, cultuam à família, dispostos a defendê-la, assim como aos amigos indefesos.

Em Custódia, o seu feito foi sempre contado com admiração e como exemplo. Anos depois morreu, deixando seu nome honrado dentre os mais destemidos e íntegros pernambucanos.

EMÍLIA SIQUEIRA CAMPOS

1ª Filha de Joaquim Pinto de Siqueira Campos

Era a filha mais velha de Joaquim Pinto de Siqueira Campos, tinha o mesmo nome de sua mãe. Emília teve um destino que causou muito sofrimento aos seus familiares e a si mesma.

Fui ouvindo várias histórias sobre ela, tirando uma palavra daqui, outra dali, até que, juntando os retalhos, se terá toda, completa e quase certa, ouvida por mim.

Nos comentários, sempre exaltavam sua beleza, reputada como a mais bonita das três, alva, rosto oval, olhos azuis, pele macia. Encantadora!...

Emília, bem jovem, estava com uns 15 anos mais ou menos, quando veio a conhecer seu primo, Manoel de Siqueira Campos (Cel. Dudu). Viúvo com cinco filhos, moço, embora houvesse diferença de mais de 15 anos entre eles.

Assim que foi apresentado a ela, despertou nele uma paixão bem forte e, com impetuosidade, não hesitou falar em casamento.

Rico comerciante e prefeito de Triunfo, parente bem próximo, a família não iria se opor ao enlace, embora ela não tenha se mostrado muito contente com a proposta. Além do pedido, convenceu-a a ir estudar no Recife.

Já nessa época, ele tinha uma boa casa no Recife onde passava meses, até que terminou morando definitivamente.

Em Triunfo, preparou uma bonita e bem decorada casa, um pequeno palacete, onde pretendia fixar sua residência com aquela por quem havia se apaixonado, casando-se com ela.

Após o consórcio matrimonial, curta foi a união dos primos, porque, pouco tempo depois, Emília veio a falecer de mal desconhecido.

Dudu conservou-se viúvo. Suas filhas e seu único filho já moravam no Recife, onde estudaram em bons colégios, indo de férias a Triunfo e, às vezes, a São Gonçalo.

Uma prima solteirona, Hermínia, assumiu à direção e a companhia dos seus filhos. Ele se mudou para Recife, só vindo a Triunfo, a negócios ou passeios, com a família.

A mãe, D. Emília viveu sempre com o sofrimento pela perda prematura de sua filha, conservando seu retrato numa moldura, na sala da casa da fazenda, sempre com uma rosa ou outra flor abaixo dela, olhando-o com a saudade, aumentada pela amarga decepção...

DONA FRANCISCA SARAIVA DE SIQUEIRA CAMPOS (D. CHIQUINHA)

5ª Filha do Cel. Pedro de Siqueira Campos

Minha memória guardou alguma coisa sobre D. Chiquinha, como também de suas filhas. Foi casada com Pedro de Sá Campos, seu parente próximo.

D. Chiquinha era prima de minha avó também Chiquinha, de idade mais ou menos igual. Quando a conheci, não apresentava mais traço algum de sua apregoada beleza, segundo aqueles do seu tempo, que a comparavam com a minha avó; esta se mantinha bonita, com o perfil da mocidade, aliado a uma alegria e um misto de ternura, embora gostasse de se queixar, provocando um certo mimo em meu avô.

Dona Chiquinha gostava de ficar sozinha. À tarde, sentava-se à soleira da porta principal, de mãos no queixo, a conversar com quem passava ou vinha visitá-la.

Sempre saudosa do seu único filho homem, Antônio Brasil, que partira muito jovem para o Rio de Janeiro, a fim de tentar a sorte. Se não me engano, ele voltou depois de muitos anos, para visitá-la. Foi aí que o conheci, já grisalho, ainda solteirão, um gentleman, por sua maneira educada, e com sólida instrução. Naquele tempo, era alto funcionário do Tribunal de Contas do Rio de Janeiro.

Além do filho, Dona Chiquinha teve mais quatro filhas: Maria Beltrão, Neném, Sinhá e Nenzinha. Salientava-se, dentre elas, a beleza notável da mais velha, Dona Maria Beltrão, cuja estatura física era alta, esbelta e de traços delicados. Já a conheci viúva do telegrafista Cicinato de Arruda Beltrão, titulado como era de praxe naqueles tempos, de família importante do Recife, cujos irmãos eram também todos formados. Vinha de engenhos, cuja prosperidade era considerável. Dona Maria Beltrão mostrava uma tristeza sempre presente motivada por sua viuvez, tão moça e com dez filhos todos pequenos dependendo, exclusivamente, dela. Eram oito meninos e duas meninas, tendo nascido a última, após três dias do falecimento do pai.

Maria, a maiorzinha, era minha colega de escola, com quem eu brincava junto com meu irmão Otoniel e os irmãos dela, for-

mando assim uma turma certa, quando íamos à casa do nosso avô. Com o decorrer dos anos, a nossa amizade se consolidou, durando até a sua morte.

Dona Maria Beltrão era uma mulher formidável e forte, que se dedicou à criação de seus dez filhos. Muito habilidosa, costurava muito bem para todos eles. Até os cabelos dos meninos eram cortados por ela. Além do trabalho doméstico, tinha tempo para confeccionar os uniformes, a roupa interna e os vestidos das filhas, que andavam muito bem vestidas.

Naquela época, não existiam, em Flores, lojas de roupas feitas ou seja, de confecções, razão pela qual Dona Maria esmerava-se nessa arte.

Com o passar do tempo, os filhos foram crescendo e os tios procuravam ajudar na educação dos mesmos.

No Colégio Salesiano do Recife estudaram Pedrinho, Joãozinho e José. Posteriormente, seguiram os outros irmãos. Dois deles, Joel e Cincinato, seguiram a carreira militar. Este último foi major do Exército, morando no Recife, onde era conceituado não só na sua classe, como na sociedade.

Após o casamento de sua filha Dona Maria Beltrão, Dona Chiquinha continuou na companhia de seu marido e de suas outras três filhas: Neném, Sinhá e Neusinha, todas solteiras, naquele casarão onde tinham morado com seus pais e irmãos. Ali, ela devia sentir grandes saudades e recordações.

Evocações daquela época me vêm à memória e uma das mais bonitas, sem dúvida, era quando chegava a Semana Santa, cujo ponto alto era a procissão do Senhor Morto na Sexta-Feira da Paixão.

A imagem do Senhor era conduzida por uma grande multidão pelas ruas principais de Flores. Atrás, ia a imagem de Nossa Senhora da Soledade. Dentre as demais imagens da Igreja, era a única que vestia roupas e usava manto como nós, mortais.

Além das autoridades e pessoas da sociedade, fazia-se presente também a Guarda Nacional da qual meu pai era coronel e, como tal, ia de uniforme e espada embainhada, como todos os demais membros da corporação. Lembro-me, ainda, da farda de seu José Mandu, que era toda branca e de alamares dourados. Ele era comerciante como os maiores da terra.

A procissão seguia seu rito religioso; os andores eram escoltados por um pequeno contingente de soldados, com fuzis e baionetas escaladas, e pelas irmandades, com os homens de roupa ver-

melha. A Banda tocava música sacra e condizente com o clima de dor e respeito. Antes e depois da procissão, os soldados ensarilhavam as armas, abaixo do patamar da Igreja, até terminarem as cerimônias.

Nossa Senhora da Soledade, era a única imagem que vestia roupas. Para isso, fazia-se necessário preparar a imagem para receber as vestimentas, num ritual realizado por algumas senhoras e moças que se encarregavam dele e orgulhavam-se em fazê-lo. Com as portas da Igreja fechadas, mudavam o vestido, de seda ou cetim, e o manto de veludo, de cores roxa ou azul-marinho, bordados a ouro. Sua cabeleira, de cor castanha avermelhada, em tom especial, caindo por seus ombros, ligeiramente ondulados nas pontas, tinha sido confeccionada com os cabelos de Dona Chiquinha, que os havia doado. Era muito significativo para nós. Achávamos algo espetacular, pensar que aqueles cabelos tão bonitos pertenceram àquela anciã de cabelos brancos e sem brilho, mas eles estavam lá, presentes, realçando a beleza da imagem de Nossa Senhora da Soledade.

Lembro-me de uma das vezes em que titia Yayá e outras moças preparavam a toalete da imagem para a procissão. Eu e Maria Beltrão fomos impedidas de ficar dentro da Igreja, ao fechar das portas, por ocasião desse cerimonial. Ficamos brincando no patamar, quando fomos vistas por Dona Chiquinha que nos chamou e pediu para lhe levar a cabeleira de Nossa Senhora, que ansiava por ver. Como ficou feliz quando a teve nas mãos e, apertando-a com carinho, encostou-a sobre seu coração. Quem pode saber o que ela sentiu naquela hora, o que pensou sobre o passado, com aqueles cabelos, também, embelezando sua cabeça de mulher bonita.

As filhas de D. Chiquinha: que moravam com ela, Neném, Sinhá e Nenzinha, nunca se casaram. Na idade de cada uma, a marca de um acidente deixou-as amarguradas.

Foram vítimas de um engano cruel, segundo diziam. Tendo as três adoecido dos olhos, seu pai mandou comprar, em Triunfo, um colírio. O farmacêutico ensinou que o colírio deveria ser usado com as gotas diluídas em água, numa colherinha de café, para pingar nos olhos. Nunca ficou explicado quem realmente errou ou se enganou, se o portador da compra ou o pai. O certo é que as três perderam uma vista. Ainda bem a infelicidade não foi total, pois o remédio foi usado num olho só de cada uma das moças.

Elas, porém, nunca se conformaram como o infortúnio que

lhes causara tamanho desgosto. E, com essa lesão, não puderam levar mais uma vida normal. Cada uma, a seu modo, procurou se adaptar à fatalidade, mas jamais pensaram em se casar.

Fecharam-se em suas conchas...

Neném era muito bonita, de olhos azuis, pele alva e macia. Era a mais inconformada. A tragédia tinha tirado a serenidade de seu rosto bonito. Quando olhada com admiração pela sua beleza, percebia-se que observava e retribuía o olhar com hostilidade e com um misto de tristeza e revolta, no seu olho azul.

Sinhá era a mais trabalhadora, tomara o encargo do serviço do lar, amenizando ou amortecendo, assim, a sua dor... Tinha um amor grande pelos pássaros soltos, que vinham comer na soleira da janela, bem larga, o xerém e, até, as sementes das ervas que eram colhidas, com o fim de alimentá-los.

Todas três tinham esse dom de amar os pássaros e conviver com eles, sentindo a alegria que lhes fora roubada.

Nenzinha era pequena, de coração ingênuo e simples. Com uma palavra amiga, mostrava sempre um exemplo de santa ou santo que fosse consolador para qualquer problema que aparecesse. Tinha sentimentos nobres e amor fraternal pelos que a cercavam.

Elas mantinham dedicação aos pássaros que voavam livremente dentro do casarão de portas e janelas abertas, durante o dia todo, para o grande quintal de árvores frondosas, que servia de abrigo para eles. Conviviam com papagaios, periquitos, jacus e graúnas, os quais não saíam de suas gaiolas, embora abertas vez por outra. Possuíam casais de asa branca, juriti e rolinha. Enfim, as moças viviam daquela amizade e compreensão dedicadas, inteiramente, aos seus pássaros.

Era assim que viviam, ou como resolveram viver, indo aos domingos à missa e voltando para continuar, sem variar, a mesma rotina. E a vida rodando, levando a mocidade, os sonhos perdidos e, aos poucos, chegando a velhice, com os seus desencantos e limitações até o dia em que cada uma teve o fio da vida cortado pela morte e o esquecimento.

Quem hoje, em Flores, se lembra daquelas moças, que passaram os anos aferradas àquilo que as marcou para sempre, à desventura com que foram tocadas na mocidade, qual estigma implacável? Confinadas no seu pequeno mundo, decorreram suas existências...

ANSELMO – UM TALENTO SEM OPORTUNIDADE DE DESENVOLVER-SE NA PINTURA

7º Filho do Cel. Pedro Pessoa de Siqueira Campos

Anselmo foi levado por seu tio, o Monsenhor Pinto de Campos, para o Rio de Janeiro com a finalidade de estudar pintura na Escola de Belas Artes, por sua facilidade ou mesmo um dom revelado desde pequeno para a arte.

Chegou a pintar pessoas, retratando-as quase perfeitas, dada a semelhança com que executava o trabalho na tela.

Chegando ao Rio, foi o Monsenhor aconselhado pelo Duque de Caxias a matricular o sobrinho na Escola Militar, o que provocou uma grande decepção ao seu verdadeiro desejo, que era estudar pintura.

Revoltado, deixa a Escola e volta triste, resolvendo se dedicar à criação de gado e à agricultura numa fazenda em Alagoa de Baixo, hoje Sertânia.

Casa-se e constitui uma grande família. Alguns de seus filhos se dedicaram à carreira militar, onde se destacaram.

Faleceu, deixando a família toda encaminhada e bem estruturada.

Conta-se que, já bem idoso, dedicava-se ao jornalismo dentro de sua fazenda, fazendo circular aos domingos, um pequeno jornal para movimentar todos que moravam nas imediações da mesma.

Eu era bem criança, quando o vi na casa de meu pai, a pintar, "a bico de pena", o retrato de uma pessoa presente, com uma facilidade de causar admiração, tanto pela semelhança como pela expressividade, além do pequeno espaço de tempo da execução.

Transcrevo a carta escrita por Raimundo para seu irmão Anselmo, datada de 22 de agosto de 1892, em São Paulo:

"Meu caro Anselmo

Faço votos pela sua saúde e de todos os seus, a quem envio saudades. Aqui estamos sem novidades, felizmente.

Com imenso prazer, recebi, hontem, uma carta sua, de quem

há muito não tinha notícias. Pela sua carta vejo que está queixoso, por meu padrinho não responder as que lhe tem escrito. Se, realmente, elle tivesse recebido alguma d'essas, como diz e não lhe tivesse respondido uma só sequer, seria justa e muito justa a sensura que lhe fez. Mas, infelizmente não lhe têm sido entregue.

Em vista de tão importante afirmativa, certo estou que meu bom irmão retirará o juízo formado, qualquer que esse seja, contra meu padrinho.

Vamos às que mais me interessa.

Muito alegrou sua notícia quanto à seca por esse alto sertão. Pois bem, ainda convencido estava, que estivessem sofrendo horrores c/ essa hóspede tão "casseti", quão desvastadora. Diante de tais notícias, sinto-me tranqüilo e satisfeito, por saber, em tão boa hora, que o sertão do meu velho Estado vai melhorando. Que seja interminável.

Meu padrinho recebeu, há dois meses, uma carta de meu pai, prometendo estar por aqui até outubro próximo futuro. Ah! O desejo, que eu e meu padrinho temos, é tão grande, que achamos até impossível! É bem certo que quanto maior é o desejo que se tem, tanto maior é a difficuldade. Não é isso verdade?

Depois que me casei, deixei o emprego que tinha na cidade de Santos e mudei-me para esta capital, onde moro com meu padrinho. Deixo de descrever a posição em que se acha esse nosso bom irmão, porque já deve ter lido, nos jornais dahi, logo que elle foi nomeado Chefe de Polícia e, dous (dois) meses depois, nomeado ministro dos negócios da Justiça do Estado de S. Paulo.

Aproveitando a ocasião, agradeço-lhe os sonetos que se dignou mandar-me. Quanto ao do velho ex-imperador, acceito de coração, porque foi um homem como qualquer outro de pequena posição, não desconhecendo, entretanto, o seu nobre carácter e grande illustração.

Respondendo a um dos pontos de sua carta, em que me comparava com um grammático, eu só posso acceitar com "debique". Pois, infelizmente, não se entende commigo aquelle tão honroso elogio. Só tem uma causa que eu aspiro neste mundo cheio de illusão: é o saber, mas isso não é para aquelles que são dotados pela natureza. Foi, portanto, um elogio emprestado que o meu bom irmão me deu.

Dê-me notícia das meninas, principalmente, de Maria e Januária? Soube, anno passado, que Maria casou-se com Genésio.

Veja outra cousa: Januária, na ocasião que me participava o casamento de Maria, dizia que fulano queria casar com ela, porque fulano é bonito e rico, etc, etc. Ora, advinhasse eu, quem seria esse fulano com quem Januária tanto simpathizou.

Peço-lhe, pois, como mais ponctual e minucioso, dê-me noticias de todos os nossos, não esquecendo de saber se meu pai vem ou não.

Para não lhe cansar mais a paciência e não lhe tomar mais tempo, termino pedindo que me recommende a seu sogro e sogra e a minha cunhada, a quem não sei quando terei o prazer de conhecê-la.

Meu padrinho pede-lhe que aceite um abraço, assim como a minha cunhada e Lira. Minha senhora lhe recomenda.

Abrace seu irmão que muito lhe estima.

Mundinho

Continua:

Peço-lhe, quando escrever, não esqueça de por a data; do contrário, eu não sei quando me escreveu. Isto é, apenas, uma lembrança para as pessoas destrahídas como v.

Sim?

Mundinho".

TENENTE ANTÔNIO DE SIQUEIRA CAMPOS
Neto do Cel. Pedro Pessoa de Siqueira Campos

Antônio de Siqueira Campos era filho de Raimundo Siqueira Campos, Mundinho, o nono filho do Cel. Pedro Pessoa de Siqueira Campos.

Raimundo ficou morando em companhia de sua irmã Philonila e seu cunhado, Justino José de Medeiros, quando seu pai fixou residência em São Paulo. Era considerado quase um filho de sua irmã e ajudava ao cunhado, como vaqueiro, nos trabalhos da fazenda Bezerros.

Após a morte de sua irmã alguns anos depois, desgostoso, resolveu ir para São Paulo, apesar das insistentes solicitações de seu cunhado para que permanecesse na fazenda. Em São Paulo, Raimundo foi recebido pelo seu pai e seu irmão Dr. Manoel Pessoa de Siqueira Campos, Badico. Começou a trabalhar e, poucos anos depois, casou-se com uma paulistana, Luíza Freitas de Siqueira Campos, nascendo desta união quatro filhos, dentre quais, destacou-se o Tenente Antônio de Siqueira Campos na revolta do Forte de Copacabana.

Antônio de Siqueira Campos nasceu a 18 de maio de 1898, em Rio Claro, São Paulo. Era homem agradável, leal com os amigos, fechado, mas não indelicado, mais alegre do que triste. Ele e seus irmãos, Raimundo, Amâncio e Tito, saíram cedo da casa dos pais pelo mesmo motivo, o de defrontar-se com problemas na convivência com a madrasta que era mais nova que eles. Pensava em seguir a carreira da engenharia, mas decidiu que a carreira militar seria a sua vida. Repudiava Epitácio Pessoa, que assumiu o cargo de Presidente do Brasil em conseqüência de denúncia anônima, que levou à prisão e processo quatro oficiais, ferindo os brios do Exército. O comandante do Forte de Copacabana era o Capitão Euclides Hermes da Fonseca, filho do Marechal Hermes da Fonseca, que passou um telegrama ao Coronel Jaime Pessoa, qualificando-o de "chefe de gabinete nacional". Epitácio pensou que ele queria roubar-lhe o título que a Constituição da República e outorgava, como Chefe da Nação, mandando prendê-lo, o que foi considerado um ato de desonra ao Exército. O Tenente Eduardo Gomes mandou dizer que o Forte de Copacabana ia revoltar-se. O Marechal Hermes não consentiu que seus colegas de farda se revoltassem por sua causa.

Siqueira Campos aliou-se a Eduardo Gomes e reconheceu que a Revolução que preparava, seria por uma República democrática, não somente política, mas também econômica e social. Ele não era revolucionário, agiu conscientemente, para vingar os insultos a sua classe. Uma parcela do povo desejava a instauração da ditadura militar, que seria a salvaguarda contra os desmandos no poder do Presidente Republicano. Siqueira Campos disse: *"não somos a espada do mundo, mas temos de abrir os olhos para o Brasil"*. Porém, houve falta de articulação no movimento, retardamento dos contatos entre os revolucionários e de estratégia integral e perfeita. A jornada dos heróis do Forte reduziu de trezentos a vinte e nove revolucionários, que preferiam se entregar à morte, que ao governo. Capitão Hermes, o único casado e que tinha família, foi escolhido a ir parlamentar com o Governo no Palácio do Catete, levando as condições que sabia serem inaceitáveis. Para a rendição do Forte eram exigidas as três cláusulas seguintes: o respeito à vida dos revolucionários, a baixa do exército, a livre saída para o estrangeiro.

Porém, Epitácio Pessoa mandou prendê-lo e avisar aos oficiais do Forte, que estavam sob o comando do Tenente Siqueira Campos, que o Capitão Euclides Hermes seria fuzilado, se eles não se rendessem, marchando desarmados para fora do Forte. Euclides Hermes permaneceu preso por mais de quatro anos. Siqueira avisou aos oficiais e soldados que, quem não quisesse lutar, poderia sair e teria sua vida garantida, mas, os 18 heróis se ofereceram em holocausto crudelíssimo em Copacabana e toda a população da capital do país torcia pela vitória deles. Siqueira Campos estava sério, grave e envelhecido. Vivera anos em apenas dois dias. Portava-se e era aceito com uma autoridade irresistível, possuído de uma força misteriosa. Reuniu todos os companheiros e advertiu *"eles têm de atirar primeiro... não se dá nenhum tiro antes... deixem-me conversar com quem chegar primeiro... Agora, se derem um tiro na gente, não precisam esperar ordem de fogo..."*

Para evitar derramamento de sangue de pessoas inocentes próximas ao Forte, decidiu abandoná-lo, seguindo até a Praia de Copacabana para enfrentar as forças federais.

Prepararam-se para transpor a barricada da entrada e começaram a jornada magnífica. Siqueira Campos ia à frente dos outros. Não tinha nenhuma tropa legalista próxima ao Forte. Logo na saída, quatro desertaram e logo após outros também, até ficarem somente os dezoito. Siqueira Campos exasperou-se, mas depois disse: *"Quanto menor*

for o número de revoltosos atacando os milhares de governistas, maior será a glória dos que ficarem". A glória e a honra do exército brasileiro seriam defendidas, assim como lançadas as bases da recuperação daquele povo que tanto os aplaudia, porém em nada os ajudava. A luta de Siqueira Campos era sempre acompanhada do reconhecimento, da gratidão, da popularidade. *"À Pátria tudo se deve dar e nada pedir; nem mesmo compreensão!"* E prosseguiam na marcha da morte, indo ao Catete soltar o Comandante Hermes e gritando: *"Viva o exército! Viva o Marechal Hermes! Vivam os defensores do Forte de Copacabana!".* E os populares, timidamente, aplaudiam. Surgiu um pelotão comandado pelo Capitão Brasil que gritou para Siqueira: *"Que é isso companheiro?"* Siqueira, indignado, arrancou os botões da túnica, abriu-a violentamente, como para significar que ela perdera a sua função e também para distinguir-se do militar e respondendo agressivamente: *"Não pertenço a esse exército".* Brasil mandou que atirassem. Um soldado que ficara na esquina da rua Barroso, hoje Siqueira Campos, obedeceu mecanicamente e disparou, atingindo mortalmente pelas costas o soldado revoltoso Pedro Ferreira de Melo, justamente o que tinha receio de ser atingido e não poder revidar. Siqueira, atirou contra o pelotão e o combate se iniciou. Os revoltosos pularam para a areia e se abrigaram por trás do paredão da Avenida. Mantiveram o combate por mais uma hora, enfrentando o ataque combinado de forças do Exército, da Polícia Militar e do Batalhão Naval. Os onze bravos heróis foram: os oficiais Tenente Antônio Siqueira Campos, Eduardo Gomes, Mário Carpenter e Newton Prado; Sargento eletricista José Pinto de Oliveira; soldado corneteiro Manoel Antônio dos Reis; praças Manoel Ananias dos Santos e Hildebrando da Silva Nunes; dois voluntários, Joaquim Maria Pereira e João Anastácio Falcão de Melo e o civil Otávio Correia. Os dezoito do Forte, na verdade, foram onze os combatentes ou doze incluindo o infortunado, Pedro Ferreira de Melo que foi morto antes da luta. Os outros quatro fugiram antes do início do combate, sendo presos na Avenida Copacabana. Somando ao todo dezesseis homens, porém a tradição designou por " 18 do Forte" e nunca houve interesse em modificar o mito, a lenda, ficando a denominação para uma glória coletiva. Os rebeldes lutaram como feras bravias contra os 4.000 soldados, que eram comandados pelo Coronel Nepomuceno e, após o combate, foram para o Forte, não sendo uma vitória gloriosa. O tenente Antônio Siqueira Campos foi transportado para o Hospital Central do Exército, onde foi submetido a uma melindrosa cirurgia. Dos 12 combatentes, sobreviveram

cinco e, após alguns meses, restaram apenas dois, Antônio Siqueira Campos e Eduardo Gomes.

Após a alta do hospital, Siqueira Campos ficou preso na Escola de Comando e Estado Maior, sendo de curta duração, abrangendo o período de 21 de dezembro de 1922 a 10 de janeiro de 1923, por ter sido beneficiado por "habeas Corpus" coletivo, impetrado em favor dos rebeldes com a concessão pela justiça federal. O jovem revolucionário aproveitou a liberdade para rever a família e os velhos amigos. Sabia que ela não duraria muito tempo, pois Artur Bernardes, Presidente da República e sucessor de Epitácio Pessoa, assumiu o poder entre baionetas e não iria perdoar os seus inimigos. Com certeza iria persegui-los até não mais poder. Siqueira Campos pediu baixa do exército e, por ter sido negada, decidiu na segunda quinzena de fevereiro de 1923, exilar-se no Uruguai onde começou nova vida, tentando o comércio e preparando-se para voltar à arena. Outro fato, marcante pela bravura, idealismo e coragem do tenente, foi o episódio, em Flores, da Coluna Prestes, comandada por Luís Carlos Prestes, conhecido movimento revolucionário, em que os tenentes resolveram cruzar o Brasil, partindo do Rio Grande do Sul e representando o idealismo contra o regime político da época. Carlos Prestes disse posteriormente *"Siqueira Campos, antes da ação, medita, muito embora na ação não tenha limites. É um bravo, mas principalmente um equilibrado; executa com bravura o que delibera com equilíbrio..."*

Flores estava preparada; guarnecida com cerca de um pouco mais de 200 homens, tanto da força do Estado, como paisanos, sob a direção de um superior da polícia e dos irmãos Antônio Medeiros Siqueira Campos e José Medeiros Siqueira Campos. A ordem do Governador era reagir aos ataques da Coluna Prestes que, ressalte-se, era uma retirada de homens em desespero, mas dignos, os quais lutavam, combatiam, recuavam, a fim de poderem transpor as fronteiras livres e depois, um dia, retornarem à luta em busca do ideal da democracia brasileira.

O Tenente Siqueira Campos não se comunicou com os seus primos, apesar de ter entrado nas Fazendas Bezerros e Caiçara, pertencente a primeira a José Medeiros e a segunda, que era quase um arruado de casas, aos parentes de José Medeiros e José Pereira, chefe político de Princesa, Paraíba. Pernoitaram em Caiçara e prosseguiram a caminhada, passando na tarde seguinte, a duas léguas próximas de Flores, entrando nos povoados de Tapera e Carnaíba, onde fizeram provisões nesta última. Não encontrando reação, eles se portavam

como cavalheiros, não atacavam, nem usavam de violência.

Contou José Dantas, comerciante em Carnaíba, que lhe foi requisitado pela Coluna uma burra de excepcional valor, tendo a mesma cavalgado até Betânia, onde foi substituída e devolvida ao seu dono, para sua surpresa dos que a julgavam perdida.

A Coluna Prestes, depois de um sério combate na cidade de Piancó, Paraíba, onde o Pe. Aristides e muitos outros foram mortos, continuou a sua marcha em retirada, passando pelo município de Princesa, entrando no estado de Pernambuco e saindo justamente na Fazenda Bezerros, onde viveu o pai do Tenente Siqueira Campos até o falecimento de sua irmã Philonila.

Quero crer que foi Tenente Siqueira Campos que, intencionalmente, sugeriu esse roteiro à Coluna, com o propósito de conhecer o lugar onde viveu seu pai, Raimundo, e as terras de suas origens.

Flores tornou-se ponto estratégico para o possível combate. Até na torre da Igreja bem como na Câmara Municipal, foram colocados homens armados, por serem pontos altos, de onde se poderia avistar a aproximação dos revoltosos.

Graças a Deus o dia passou calmo. No dia seguinte, porém, às 5 horas da tarde, apareceu um homem pelo lado da Igreja gritando: - *"os revoltosos estão chegando"!...*

Houve o corre-corre, uns alarmados, outros, porém, saíram a fim de tomar posição para a luta.

Meu irmão Othoniel correu com o rifle para à rua e minha mãe, sendo contrária ao uso das armas, tomou-o de suas mãos e disse-lhe para voltar para casa. Ele olhou para ela e exclamou: *"A senhora quer me desmoralizar"*... Ela lhe respondeu: *"Não! Quero que esses moços sejam vitoriosos no ideal pelo qual estão sendo sacrificados"*...

Passado o incidente doméstico, devo dizer que minha mãe era uma liberal, gostava do movimento e o admirava. Na cidade, a agitação continuava, as ordens iam sendo dadas, permanecendo os homens em posição de luta. Minha mãe e eu havíamos permanecido em casa, aguardando os acontecimentos, para sairmos, caso fosse necessário. De fato, com o alarme falso, saímos de casa com as crianças, acompanhadas das empregadas, sob a guarda de Juvêncio Medeiros, primo de Antônio Medeiros. Ficamos do outro lado do rio, abrigadas na casa de Juvêncio até quando cessou o risco de uma luta.

Naquelas alturas, a Coluna Prestes seguia, em frente, o seu destino...

Outro episódio, quando da passagem da Coluna no município

de Flores, envolveu o médico de Triunfo, Dr. João Lúcio. Foi aconselhado por Antônio Medeiros, meu esposo, a se refugiar em Bezerros, onde já se encontravam a esposa de José Medeiros, todos os seus filhos, sua irmã Úrsula com seu esposo e Senhorzinho Campos. Enfim, a fazenda acolheria grande número de pessoas. Antônio Medeiros quis que eu fosse, porém achei melhor permanecer ao seu lado e aguardar o resultado.

O Dr. João Lúcio foi cair na "boca do lobo", preso e conduzido ao Estado Maior da Coluna para um longo interrogatório sobre o movimento das tropas legalistas, que iam no encalço dos revoltosos; desconfiaram, julgando que ele era um espião. Constatado que ele nada sabia, soltaram-no, mas ficaram com o seu automóvel que depois queimaram.

Úrsula e Dona Júlia fugiram da fazenda e foram se esconder no mato. Contudo foram encontradas por soldados da Coluna, que tiraram as jóias que elas levavam. Depois, eles devolveram os brincos de brilhantes de Úrsula pelo fato dela ter mencionado o nome do tenente Siqueira Campos como seu primo legítimo.

Em Caiçara, o Estado Maior pernoitou, ficando alojado na casa de umas moças solteironas, ainda parentes do Coronel José Pereira. Foram cercadas de todo o respeito, o próprio Siqueira Campos ordenou que ficasse um soldado de guarda na entrada do corredor, vedando a passagem de quem quer que fosse. Todos eles ficaram do terraço à sala de visita. Elas procuraram, apesar do temor, ser gentis, ofereceram ovos, milho verde, verduras, no que eles eram receptivos.

No dia seguinte, após a retirada da Coluna, já ao entardecer, elas viram uma sacola pendurada numa cerca do chiqueiro das cabras. Assombradas, não foram verificar o que continha nem tampouco deixaram que pessoas curiosas se aproximassem, temendo ser uma bomba.

Com o inverno rigoroso, apodreceu o cordão da sacola e a mesma caiu ao chão. Elas, desta feita, se aproximaram para ver o conteúdo e para o seu grande espanto e tristeza, o saco todo rasgado estava cheio de notas de 500 mil réis já corroídas e podres.

Ainda no município de Flores, entre Sítio dos Nunes e Balança, município de Custódia, foi travado um terrível combate, no confronto entre as forças legalistas que vinham em perseguição, comandadas pelo Coronel João Nunes, da polícia pernambucana, trazendo até carros de bombeiro.

Siqueira Campos dirigiu o combate e, para surpresa, o Coronel

João Nunes vendo-se encurralado com seus soldados, teve de abandonar o combate e salvar-se como pôde, através das caatingas.

Dizem que o Tenente Siqueira Campos sempre à frente, sem recuar, fazia sua tropa sentir-se forte ao lado do seu herói, que sempre estava onde fosse preciso.

Reorganizada a Coluna, eles rumaram, ainda, para as terras que pertenceram ao avô de Siqueira Campos.

Chegando à Fazenda São Boaventura, o Tenente Siqueira Campos dormiu no casarão.

Ele conversou com pessoas da fazenda, mostrando-se emocionado e curioso sobre os seus antepassados.

Longe iriam seus pensamentos e suas emoções!...

Deixou nas mãos daqueles sertanejos que os receberam com bondade, muitos objetos como lembranças de sua passagem e de presente uma espada que usava.

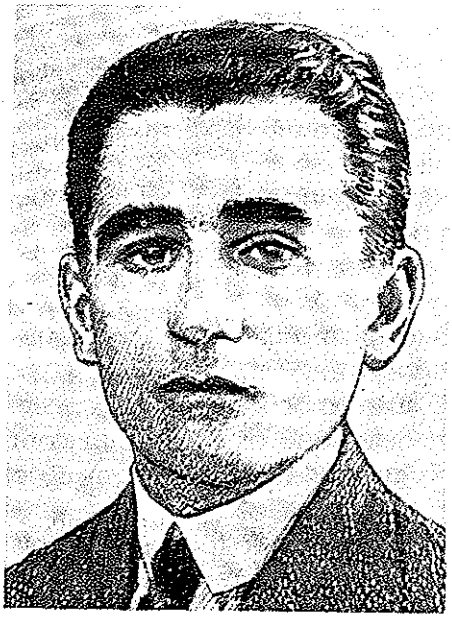
Antônio Medeiros procurou reavê-la, porém não foi possível, pois a pessoa, que a recebeu, deu-a de presente a um amigo.

Durante 2 (dois) anos, a Coluna Prestes percorreu o Brasil por quase todas as regiões, bravamente resistia e não se abatia ante os combates travados, até que, por segurança, tiveram que se exilar, primeiramente na Bolívia, por pouco tempo, posteriormente em Buenos Aires, na Argentina, durante 04 (quatro) anos.

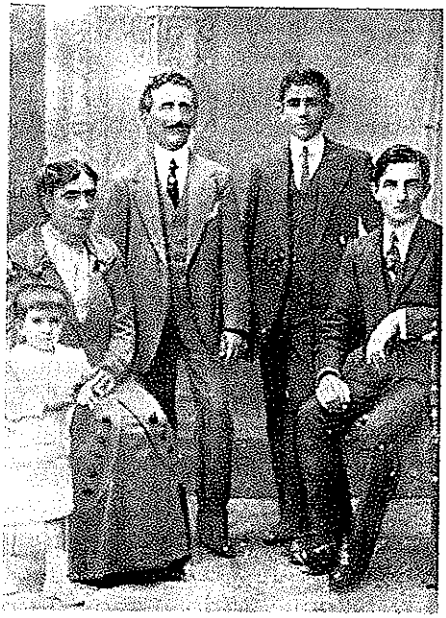
O Tenente Siqueira Campos, juntamente com João Alberto, Juarez Távora, Prestes, entre outros, os mais eminentes do Movimento, estavam se articulando com vistas à participação na Revolução de 1930 no Brasil, tendo à frente Getúlio Vargas.

De volta para o Brasil, o Tenente, acompanhado de João Alberto, morreu em desastre aéreo sem concretizar o seu sonho!

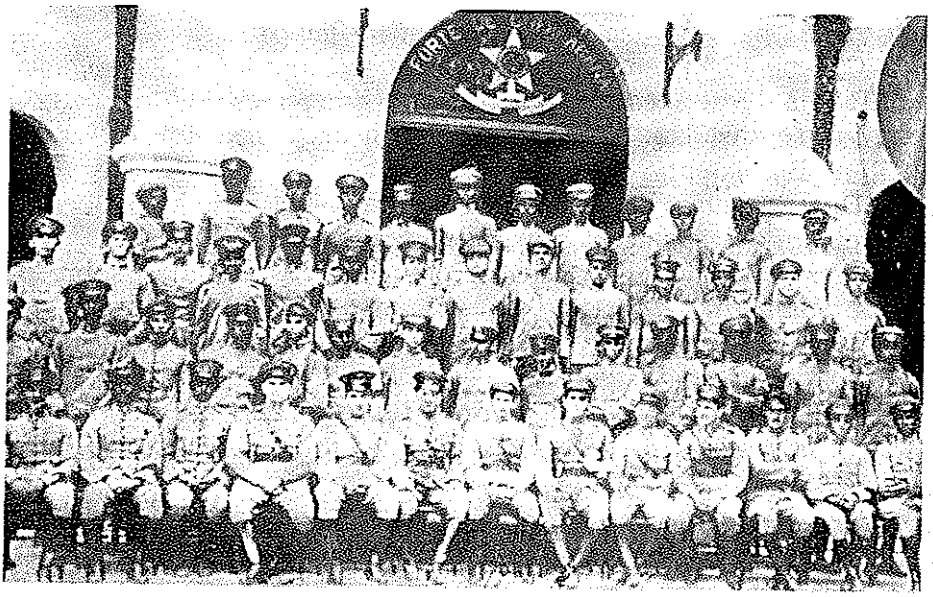
Escreveu Glauco Carneiro na obra, de dois volumes, sobre o herói: *"Siqueira Campos vivo, não teria permitido a ascensão do getulismo ao Poder e teria assegurado a vitória do tenentismo trinta e quatro anos antes e muitas crises e revoluções paralelas da época em que realmente se efetivou. Por causa de uma única morte, decorreram doze insurreições, suicídios e décadas de retrocesso político, nunca um só faltou a tantos..."*



Antônio de Siqueira Campos



A família Siqueira Campos: Antônio é o segundo, contando da direita para a esquerda

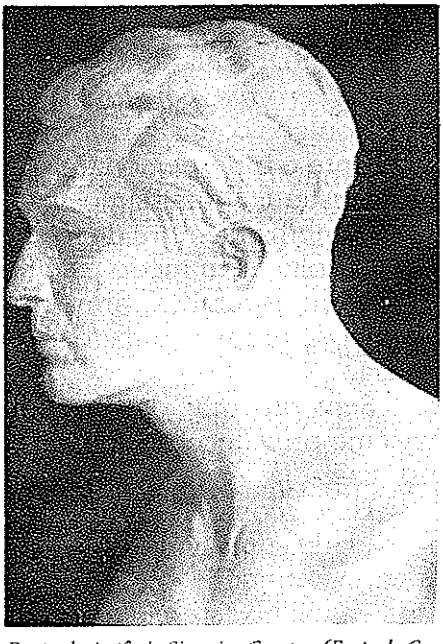


A guarnição do Forte de Copacabana em 1922. Foto reproduzida de O MALHO. O soldado que se posta atrás de Newton Prado é Manoel Ananias dos Santos, que era ordenança de Siqueira Campos. No medalhão da foto, o Capitão Comandante Euclides Hermes.

Comando oficial da Coluna Prestes: 1 - Djalma Dutra; 2 - Siqueira Campos; 3 - Luís Carlos Prestes; 4 - Miguel Costa; 5 - Juarez Távora; 6 - João Alberto; 7 - Cordeiro de Farias; 8 - Dr. Pinheiro Machado; 9 - Ten. Atanagildo França; 10 - Cap. Emídio Miranda; 11 - Ten. João Pedro; 12 - Ten. Cel. Paulo da Cunha Cruz; 13 - Major Ari Salgado Freire; 14 - Ten. Nelson Machado; 15 - Major Manoel Lira; 16 - Ten. Sadi Machado; 17 - Cap. Trifino Corrêa; 18 - Cap. Ítalo Landucci. Única foto que reúne o comando da Grande Marcha, tirada em Porto Nacional, em outubro de 1925, por um religioso.

Bairro de Carrasco, 1928. Siqueira com amigos brasileiros. A poetisa Rosalinda Coelho Lisboa, a musa inspiradora dos revolucionários e grande colaboradora, aparece à sua direita

Monumento a Siqueira Campos à entrada do Forte de Copacabana. Na coluna, que sustenta o busto do guerreiro, a sua frase famosa "À Pátria tudo se deve dar e nada pedir – nem mesmo compreensão".



Busto de Antônio Siqueira Campos (Forte de Copacabana) "...Que Pátria não se orgulharia de possuir na raça tal leão?". – (Coelho Neto)

MARIA FERNANDINA GÓES CAMPOS BARROS
D. MAROCA, MINHA MÃE

Maria Fernandina Góes ou D. Maroca, era filha de José Alves de Góes e Melo e Francisca Laudelina de Campos Góes. Nasceu em julho de 1874 na Fazenda Conceição, município de Flores.

Os seus irmãos eram:

01. Luiz Alves de Góes e Melo, advogado e proprietário de fazendas.
02. Manoel Alves de Campos Góes, comerciante e farmacêutico.
03. Antônio Praxedes de Campos Góes, major do Exército e professor de línguas na Escola de Cadetes em Fortaleza.
04. José Alves de Góes e Melo Filho (Juca).
05. Maria Fernandina Góes Campos Barros.
06. Adelaide Josefina de Campos Góes, casada com Ernesto Lopes de Carvalho. Não tiveram filhos.
07. Joana Pia de Campos Góes (Yayá), solteira.

"Alegro-me, porque me geraste!"

Começo com algo da vida de mamãe que nos afetou. Com sua marcante e forte personalidade, agindo como mãe, desbravando a nossa estrada, que iríamos percorrer com a coragem de seu exemplo: caminhar sempre de face erguida, chegar ao fim sem cansaço, sem revolta, sem medo e sem remorso. Aprendi, com ela, a caminhar com esperança, firme, para chegarmos a Deus, único objetivo real de um ser humano. Creia ou não, Deus nos espera e não se cansa.

Sem procurar dar-lhe um altar, porque ela já o conquistou, não me prevaleço de ser sua filha, só irei contar fatos acontecidos no dia-a-dia.

Hoje, como mulher e mãe, sei quanto é difícil traçar, com fidelidade, uma vida de sacrifícios junto ao esposo doente e de uma maternidade seguida sempre de outra, fazendo das palavras do Evangelho "crescei e multiplicai" uma renúncia. Significou anos seguidos num ritmo sempre continuado, sem outros horizontes que os de nossa pequenina Flores. Uma mulher que tinha grandes

desejos de viver num mundo de dimensões maiores, numa visão de vida melhor, onde houvesse ensejo de ser realmente o que almejava para ela e para nós, seus filhos.

Viu-se, porém, confinada, reduzida, cerceada em sua capacidade e todas as suas energias, numa quase impotência para lutar. Ela verteu todas suas forças em prol de seus filhos, para dar-lhes ensinamentos diferentes daqueles que Flores podia nos proporcionar. E o conseguiu, não sei como... Deve ter-lhe custado muito tal esforço!...

E hoje tenho a impressão que, sem sairmos de lá, tivemos uma preparação melhor do que se tivéssemos vivido em um meio maior e mais civilizado. Conseguiu tamanho resultado, naqueles tempos, digno de reconhecimento e louvor.

Tentava, na parte educacional, dar a seus filhos, além do curso primário, que quase sempre ficava incompleto por falta de professores, recorrendo assim à ajuda de magistrados que lá exerciam o judiciário.

Meus irmão, Richomer e Arethuza tiveram aulas com o Dr. Nilo Bezerra, promotor público, cidadão excelente e amigo, também sertanejo, filho de Alagoa de Baixo, hoje Sertânia. Ele os orientava no sentido de enriquecê-los culturalmente, chegando ao ponto de torná-los preparados para fazer seus exames preparatórios no Recife, como foi o caso de Richomer. Aliás, meu irmão conseguiu êxito, sem esforço. Dotado de muita inteligência, em pouco tempo dominou grandes conhecimentos em tudo aquilo que quisesse aprender, desde a literatura, ciência, música e arte, até mesmo conhecimentos de medicina. O mesmo não aconteceu com minha irmã Arethuza, apesar de ser tão inteligente e preparada quanto o mano, visto as dificuldades na época de uma mocinha viajar e permanecer numa capital, sem os devidos cuidados da companhia dos pais ou parentes próximos.

Adauto teve como professor outro promotor, o Dr. Fortunato, figura bem singular, um pouco médico, professor bondoso e simples. Estudou, também, com Waldemar de Miranda, conhecido como o Emídio de Miranda, poeta, de inteligência fecunda, deixou versos belíssimos e conceito de boêmio, cheio de réplicas em versos àqueles que feriam sua alma sensível. Adauto muito aproveitou saindo de Flores. Projetou-se no comércio, com capacidade, inteligência, coragem e fortaleza, vencendo por seu próprio trabalho e valor.

Quanto ao Othoniel, como não havia, em Flores, quem ensinasse além do primário, mamãe teve de mandá-lo para a cidade de Princesa Isabel, na Paraíba, onde tínhamos um tio, irmão dela, e amigos, para que pudesse continuar os estudos com o professor Feitosa, tido como inteligente, preparado, enérgico e capaz. Lá, meu irmão permaneceu alguns anos, não só estudando, como também começou a trabalhar na casa comercial do Coronel José Pereira Lima, cunhado do Tio Juca e amigo de papai. Meu irmão foi bem sucedido e, tendo uma inteligência privilegiada, pôde se desenvolver na carreira iniciada, pois, vindo para o Recife, distinguiu-se como gerente da casa Comercial Alves de Brito, assim também, em Campina Grande e João Pessoa.

A mim, porém, coube coisa diferente, cômica talvez, e curto foi meu aprendizado.

Quando ia ingressar no 3º grau, que eqüivale ao 3º ano primário, interrompi os estudos por faltar professora. Minha mãe, no entanto, procurou sanar essa circunstância que impedia de ampliar meus conhecimentos intelectuais. Chegou, em Flores, o professor aposentado Auxêncio Viana da Cruz Gouveia. Ela contratou esse professor para me ensinar e, também, a algumas colegas e amigas minhas, dentre elas Olívia e Alexandrina, filhas de minha inesquecível Madrinha Maria Virgínia, em cuja casa eram ministradas as aulas.

Tudo ia decorrendo muito bem. As aulas eram bem dadas e bem assimiladas. O professor desempenhava, de maneira eficiente, sua função, mas há sempre um "mas" em nossas vidas. E, no meu caso, desejosa do saber, de adquirir e ampliar meus conhecimentos, um fato modificou e interceptou-me as oportunidades de domínio do saber....

O meu professor chegou à casa de Madrinha Maria completamente ébrio, portando-se de maneira inconveniente e incompatível com o seu comportamento sóbrio, tornando-se a razão pela qual, inesperadamente, ficamos sem o nosso professor. Parece que as aulas duraram apenas uns três meses. Todas nós ficamos frustradas, desencantadas e prejudicadas. Para mim encerrou-se, de vez, toda oportunidade de me instruir. Como tudo me foi negado.

Lamento o ocorrido até hoje, sabendo, porém, que minha mãe procedeu de maneira correta, aproveitando as oportunidades surgidas, com vistas ao meu crescimento intelectual. Disto, eu não tenho nenhuma dúvida e sou-lhe grata.

No que diz respeito à formação intelectual de meu irmão José, Zezito como era conhecido, este teve melhor oportunidade. Na época, tinha sido fundado um Colégio de Padres Maristas em Triunfo, cidade vizinha de Flores, onde foi internado, podendo iniciar seus primeiros estudos. Depois, o nosso irmão Adauto, representante da firma Pessoa de Queiroz, gozando de uma certa estabilidade financeira, procurou ajudar minha mãe, no sentido de fazer do meu irmão Zezito um militar. A carreira militar atraía mamãe que tinha um irmão, Antônio Praxedes de Campos Góes, Coronel do Exército, que chegou a General.

Meu irmão estudou no Colégio Militar em Fortaleza, depois ingressou na Escola Militar do Rio de Janeiro, de onde saiu como Tenente Aspirante. Participou da vida política do País, tendo sido eleito duas vezes Secretário de Segurança Pública e professor do Colégio Militar em Fortaleza, onde goza de prestígio não só pelos cargos ocupados, mas pelo seu caráter e probidade.

Infelizmente, nesse ínterim, morreu o nosso querido e muito amado pai em fevereiro de 1926.

Com a morte de meu pai, minha mãe desanimou e com a ajuda do meu irmão Adauto, mandou nossa irmã caçula Helena estudar no Recife, no Colégio São José, uma vez que Anthusa já estava comprometida em casamento.

Também, nossa mãe, pouco depois, morreu repentinamente, em outubro de 1929.

Não viveu bastante para colher um pouco daquilo que, tão heroicamente, lutou: as dificuldades e os meios.

Minha mãe lutou muito, numa época rica de paz e de amor, naquele sertão adusto de recursos para a promoção do homem, fosse no setor educacional ou cultural, caracterizado pela privação, quase absoluta, daquilo que foi, o que ela mais queria nos proporcionar: educar, instruir, dar conhecimento e dimensão de um mundo novo, visto somente pela ótica de uma ou duas pessoas instruídas, por um fio telegráfico e jornais que chegavam, com atraso de cinco dias ou mais e cujos condutores viajavam a pé ou a cavalo até Ouricuri e Petrolina, no fim do Estado, fazendo escalas nas cidades onde havia agências. Era a realidade da época, que tanto sensibilizou minha mãe, consciente do mundo limitado que nos cercava.

Homenagem a Mãe Caetana – Parteira

Todas cidades pequenas do sertão têm seu vigário, sacristão, alfaiate, pedreiro, funileiro, coveiro e parteira.

Presto minha homenagem à parteira Mãe Caetana, cuja mãos fortes e generosas apararam-me, assim como aos meus filhos.

Quem, naquela cidade, não veio ao mundo pelas suas mãos, entre 1903 e 1930? Trabalhava como parteira, após adquirir os ensinamentos e a prática com meu pai. Exerceu seu ofício até quando suas forças permitiram.

Lembro-me de sua dedicação não só com minha mãe, mas também com o recém-nascido. Permanecia em nossa casa durante trinta dias, dando assistência aos dois, até mesmo preparando as refeições de mamãe. Quando completava um mês, despedia-se com um sorriso malicioso, carinhoso, prevendo que dentro de um ano, ela voltaria...

Era a fidelidade de uma alma caridosa e abnegada com todos que dela precisavam.

MEUS AVÓS MATERNOS

José Alves de Góes e Melo, Cel. Dodô. Chefe político e Prefeito de Flores

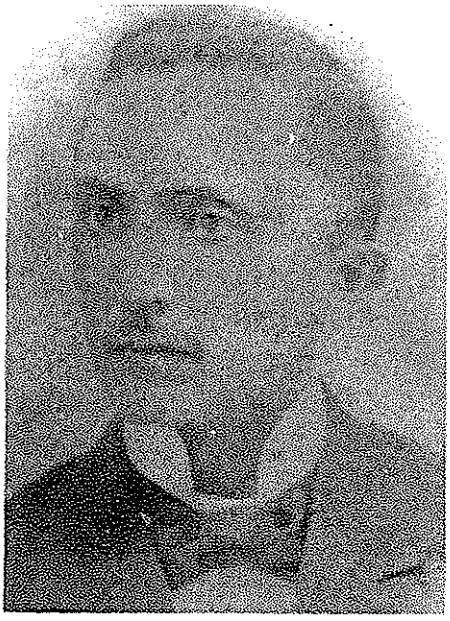
Francisca Laudelina de Campos Góes

MEUS PAIS

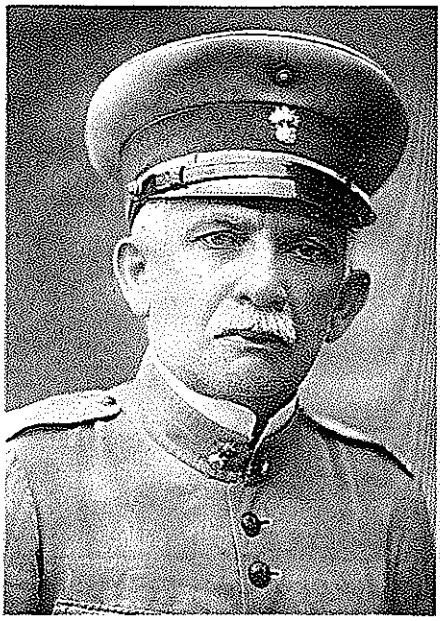
Maria Fernandina Campos Góes - Dona Maroca

João do Nascimento Lopes Barros - Coronel Barros. Líder político e Prefeito de Flores

MEUS TIOS MATERNOS



Manoel Alves de Campos Góes - Neco



Coronel do Exército Antônio Praxedes de Campos Góes - Catônio

Joana Pia de Campos Góes - Yayá

José Alves Góes e Melo Filho - Juca

MANOEL ALVES DE CAMPOS GÓES
NECO DE GÓES

Manoel Alves de Campos Góes, conhecido como Néco de Góes, nasceu a 26 de dezembro de 1870, na cidade de Triunfo, na antiga Serra de N.S. das Dores de Baixa Verde, a 1.060 metros acima do nível do mar. Faleceu em 1936.

Foram seus pais o Cel. José Alves de Góes e Melo, antigo político no município de Flores, e D. Francisca Laudelina de Campos Góes, proprietários da Fazenda Conceição nas ribeiras de Pajeú de Flores.

Uma grande parte da sua infância viveu na fazenda Conceição, com seus pais que tudo fizeram para que dela tomasse conta, o que não conseguiram devido sua falta de vocação para fazendeiro, segundo ele próprio afirmava.

Na época escolar, apenas freqüentou seis meses do curso primário, porque vivia sempre na fazenda. Mas, já rapaz, freqüentou vários cursos particulares ministrados por diversos Juízes de Direito que, na época, passaram pela Comarca de Triunfo, sua terra natal, figurando entre eles o Dr. Costa Ribeiro, de quem foi amigo pessoal. Nesse tempo, já escrevia artigos para os periódicos "Diário de Pernambuco", "Jornal do Recife" e "A Província".

Em 1893, aos 23 anos, contraiu matrimônio com sua prima legítima Tereza Santina de Siqueira Cavalcanti, filha do casal Antônio Alves de Góes e Melo e Santina de Siqueira Cavalcanti, sendo esta última filha do casal Leonardo de Siqueira Cavalcanti e Constança de Siqueira Cavalcanti, todos fazendeiros em Custódia, zona do Moxotó.

Casado, Neco continuou residindo em Triunfo, onde abriu uma casa comercial e uma pequena fábrica de cigarros feitos a mão.

Contava ele que, julgando fazer um bom negócio, deu o nome de "CIGARROS PADRE CÍCERO" a uma de suas marcas, com a fotografia do padre no papel de seda dos rótulos. Não deu resultado o fabrico dos cigarros com esta marca, porque ninguém quis comprá-los, *"para não queimar o Santo Padre Cícero do Juazeiro"*.

Alguns fanáticos levaram ao Padre Cícero amostras dos cigar-

ros, envolvidos em papel de seda, para informá-lo sobre o que estava fazendo um maçon em Triunfo. Ele riu e disse: "rezem por ele".

Não tendo progresso o seu comércio, transferiu-se para Custódia, onde novamente tentou negociar, dessa vez com a ajuda de seu filho Lauro. Falindo os seus negócios resolveu, em princípio de 1903, partir para o Recife tentar um emprego público, que conseguiu a pedido de seu pai ao Dr. Pedro Pernambuco. Já empregado, faleceu sua esposa Tereza de Campos Góes, na cidade de Custódia, no mês de setembro de 1903.

No ano de 1904, contraiu segundo matrimônio com D. Ana Amélia Travassos Sarinho, filha do Cel. Gervásio Travassos Sarinho e Joaquina Maria do Espírito Santo, da família Souto Mayor originário de Bom Jardim, onde era político e proprietário de fazendas agrícolas.

Funcionário do Tesouro do Estado, Neco foi designado para o cargo de Fiscal de Rendas do município de Rosa e Silva, depois nas cidades de Glicério, Quipapá, Timbaúba e Jatobá de Tacaratu, hoje Petrolândia, na qual foi exonerado em fins de 1908, ao assumir o governo do Estado o Dr. Herculano Bandeira de Melo, em substituição ao Dr. Sigismundo Antônio Gonçalves.

A sua exoneração foi efetuada por solicitação dos políticos dominantes na política de Jatobá, entre os quais um dos mandantes do assassinato do grande industrial Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, o então deputado Pedro Pernambuco, na época Deputado Federal pelo 3º Distrito Eleitoral, Sertão.

Foi alegado pelos políticos locais que Neco não desenvolvia a profissão com eficiência, solicitando maior rigor na fiscalização contra Delmiro, o grande pioneiro da industrialização nos sertões do Nordeste e Norte do Brasil. Delmiro residia e mantinha indústrias e negócios na Estação Ferroviária da Pedra, hoje cidade Delmiro, por onde passavam os trilhos do ramal da extinta Great Western, que ligava a cidade de Piranhas, Alagoas, hoje Floriano Peixoto, à cidade de Jatobá de Tacaratu, atualmente Petrolândia Pernambuco.

Logo após sua demissão e posse do novo Agente Fiscal do Estado, José Gomes de Lima e Sá, tentou Pedro Pernambuco desmoralizá-lo organizando uma passeata noturna, composta de capangas e soldados de polícia, sendo reprimidos com energia e desmoralizados pela reação da polícia, recolheram-se ao quartel e

casas de onde vieram. O Comandante da Polícia na época, Cel. Suetônio Lopes de Siqueira Camucé, recolheu os militares envolvidos ao Recife e expulsou-os da polícia.

Em 1913, com os seus negócios rendendo pouco, Neco passou a residir na cidade de Santo Antônio da Glória na Bahia, montando ali uma pequena farmácia e um armazém de peles para as compras da firma IONA & CIA, localizada na Estação Ferroviária de Pedra, Great Western, dirigida pelo Cel. Delmiro Gouveia, de quem foi grande amigo.

BARROS E CARVALHO
UMA VASTA LINHAGEM

A família Carvalho é conhecida em Portugal, desde o século XII. Em Pernambuco, teve origem nos irmãos Bernadim e Sebastião de Carvalho, chegados à capitania de Pernambuco antes de 1630, antes dos holandeses. Filhos de João Álvares de Carvalho, fidalgo da Casa Real e desembargador da casa do Porto, e de sua esposa D. Maria de Andrada, filha de Fernão Dias de Andrade e D. Ângela B. de Alcaminha. Os irmãos Bernadino e Sebastião eram netos de Manoel Álvares de Carvalho, que foi embaixador na Inglaterra no tempo em que D. Catarina governou o Reino, pela minoridade de D. Sebastião.

Os Carvalhos foram, mais ou menos, no princípio do século XVIII para o interior do Estado de Pernambuco, fixando-se de início na Fazenda Panela D'Água, no atual município de Floresta (Ribeira do Pajeú), com suas serras e vales férteis, dos seus rios e de outras velhas propriedades, como Mãe D'Água, Jardim, Taboleiro Comprido, Curralinho de Souza Ferraz, o ramo mais fecundo da família, Cachoeira, Silêncio, São João, Misericórdia, tradicional fazenda de onde se originou a família Novaes, Melancia, Pedra Branca, Belo Horizonte, Paus-Pretos, Arapuá e, entre muitas outras, Malhada da Onça.

Em 1676, o bravo e prudente sertanista Domingos Rodrigues de Carvalho, Capitão-Mor de Ordenança da Torre, natural de Portela, freguesia de São Pedro Sardadelo, do Conselho da Ribeira de Soaz, filho de João Pires e Catarina Francisca, naturais do mesmo lugar (ver Pedro Calmon – História da Casa da Torre), lutara, no Pajeú, contra os índios do Frei Martins de Nantes e outros missionários, com duas companhias e 130 gentios mansos.

Mais tarde, com a morte do último varão da estirpe de Garcia D'Ávila, proprietário da Casa da Torre e de muitas e extensas terras, que aqui chegou por almoxarife da Fazenda Del Rei, assistindo o desembarque do grosso da expedição de 600 homens d'armas e 400 degredados de Tomé de Souza, a família Carvalho da Bahia incorporou a sua casa à Torre de Garcia D'Ávila.

O último varão da estirpe Garcia D'Ávila Pereira Aragão, fa-

lecido em 1865, fez testamento legando todos os bens vinculados à Casa da Torre à sua sobrinha, filha de sua irmã Dona Ana Maria de São José e Aragão, que desposou o primo, Capitão-Mor José Pires de Carvalho e Albuquerque, em 03 de abril de 1781.

A união dos filhos e netos de Manoel Lopes Diniz, filho de Bento Lopes e Silva e Águeda Diniz, radicado na fazenda Panela D'Água, em Floresta do Navio, com os Carvalhos (vindos da Bahia) e as demais famílias da região, deu origem às famílias Alves de Carvalho, Barros, Torres, Barbosa, Nogueira de Barros, Torres de Carvalho, Rodrigues de Carvalho Barros, Lopes Barros, Barros de Carvalho, Lustosa, Cantarelli, Caribé, Trapiá, Gomes, Roriz, Diniz, Carvalho Pires, Barros e Sá, Sá Carvalho, Alves de Sá, todas, ou em grande parte, conhecidas no Sertão como a família Carvalho, espalhada, há muitos anos, em Floresta, Belém de São Francisco, Mirandiba, Cabrobó, Serra Talhada, Belmonte, Flores, Triunfo e, em outros municípios da região.

Manoel Lopes Diniz teria sido um descendente do 6º Rei de Portugal, o "Lavrador" D. Diniz, filho de Afonso III e Beatriz de Castela, a cuja época em sua pátria, o jornal Taine chamou "primeiro Renascença, era casado com D. Isabel de Aragão, a Rainha Santa ou Santa Isabel, como a chamava o povo e como a canonizou a Igreja Católica. Vindos do extraordinário monarca os Albuquerques, todos com quinas e flor de liz".

Manoel Lopes Diniz foi o fundador de Panela d'Água, situada a sete léguas ao norte da Fazenda Grande, depois povoado com mesma designação, elevada à categoria de Vila, em 1846, com o nome de Floresta. Natural de Santo André de Marrecos, no Conselho de Penafiel, cidade e bispado do Porto, Manoel nasceu em 1708 e faleceu em 7 de dezembro de 1796, sendo sepultado com sua esposa Florência Maria de Barros, na Capela de Floresta, segundo notas de Orlando Cavalcanti para o seu livro – Genealógico Nordestino, conforme roteiro genealógico organizado por D. Maria Firmina de Carvalho, a quem chamavam "Sinhá Cota", escrito por sua filha Benedita Maria Alves de Carvalho Barros (Siadita), naturais de Floresta e residentes em Belém do São Francisco.

Os descendentes de Manoel Lopes Diniz e D. Florência Maria de Barros foram considerados sempre em Floresta, como "gente fina" ou "gente branca".

Stella Novaes contou-me que uma parenta sua casou-se com um rapaz da Panela D'Água. Homem excelente, mas perdido por

mulher. A vida do casal não era grande coisa. Certa ocasião, queixando-se a moça ao seu velho pai, este lhe disse que ela era a culpada do que lhe estava acontecendo, pois não deveria ter-se casado com "gente branca", ou seja com rapaz de Panela D'Água.

A origem do nome Panela D'Água deve-se às panelas formadas pelas águas nas pedras de um riacho existente na localidade.

Tentarei, para melhor compreensão, enumerar em ordem cronológica minha descendência paterna. Manoel Lopes Diniz, meu trisavô e D. Florência Maria de Barros, fundadores da Panela d'Água, criaram dez filhos, os quais passarei a enumerar:

01. Manoel Lopes Diniz Filho, casou-se pela primeira vez com Ana Torres e a segunda vez com Ana Tereza da Silva;
02. Vitorino Pinto da Silva, casou-se com Sebastiana Ramalho;
03. O Capitão-Mor Gonçalo Pinto da Silva, casou-se com Claudiana, fundadora de Curaçá Bahia;
04. José Lopes Diniz, nascido em 18/03/1760 e casado com Josefa Gonçalves Torres, eram nossos bisavós;
05. Rosa, casou-se com Francisco Gomes de Sá;
06. Maria Águida Diniz, a qual foi casada com o português Manoel Gomes dos Santos;
07. Ignácia Maria da Conceição, esta foi a segunda esposa de Manoel de Carvalho Alves;
08. Clara, não se casou;
09. Ana, também não contraiu núpcias;
10. Maria da Silva, foi esposa de Manoel Barbosa, originário de Xique-Xique, na Bahia.

José Lopes Diniz, meu bisavô, quarto filho de Manoel Lopes Diniz, casou-se com Josefa Gonçalves Torres que era sobrinha legítima de Florência Maria de Barros e tiveram, os filhos:

01. Major Manuel Lopes, que residia na Fazenda Roçado – Floresta.
02. Cel. Francisco Barros, que se casou com Ana Carvalho e residia em Floresta
03. Joaquim Lopes Diniz de Barros, meu avô que casou com Gertrudes das Virgens Carvalho, residente na Fazenda Tapuio – Floresta.

04. José Lopes
05. Ana
06. Maria de Barros (Barrinha)
07. Clara Linda da Silva (Clarinha)
08. Benedita.

Da união do 3º filho, Joaquim Lopes Diniz de Barros com Gertrudes das Virgens Carvalho (meus avós) nasceram dez filhos:

01. Manoel Sortibão Lopes Barros, casou-se com Josefa Gonçalves Torres.
02. Antônio Valgueiro Lopes Barros, Major Valgueiro, casou-se quatro vezes, sendo pai de Elias Valgueiro e avô do Pe. Diniz.
03. José Lopes Barros (Cazuza), casou-se com Úrsula Barros.
04. Catarina Palaten Stuart Barros, casou com João Rodrigues, não deixando descendentes.
05. Ignês Lopes de Barros, casada com o sobrinho, Cel. João Militão (sogro de Antônio Primo).
06. Benedito Lopes Barros.
07. Maria Lopes Barros Sinhá, casou com seu primo Dionízio Lopes de Barros.
08. Primo Lopes Barros, casou-se por três vezes, sendo pai de Antônio Primo.
09. Theodoro Lopes de Barros, casou com sua sobrinha, Mariinha, filha do José Lopes de Barros (Cazuza)
10. João do Nascimento Lopes Barros, meu pai.

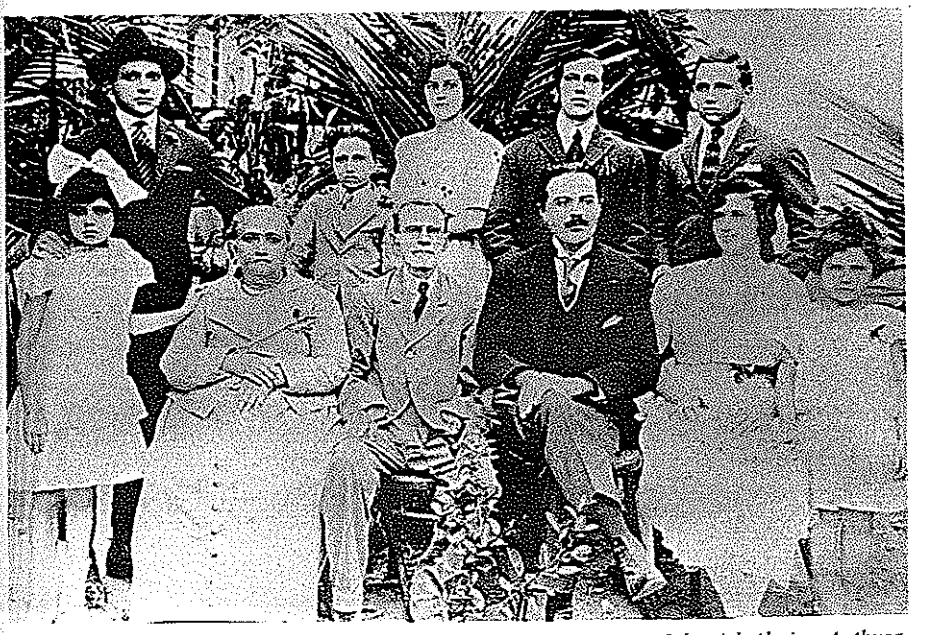
Todos os meus tios, tiveram muitos filhos, foram excelentes profissionais, comerciantes em Floresta, de onde são originários e proprietários de várias fazendas como Panela D'Água, Rancho dos Tapuias, Juá, Tabuleiro Comprido e outras.

Meu pai, João do Nascimento Lopes Barros e meu avô, Joaquim Lopes Diniz de Barros, foram sócios em Floresta. Depois, meu pai desligou-se dele na sociedade comercial e, com meu tio, Benedito estabeleceram-se em Triunfo, onde prosperaram, viveram bem e muito conceituados.

João do Nascimento Lopes Barros, meu pai, nasceu em 25 de dezembro de 1860. Casou-se duas vezes. O primeiro casamento foi com Salustiana, sua prima, filha do Cel. da Guarda Nacional,

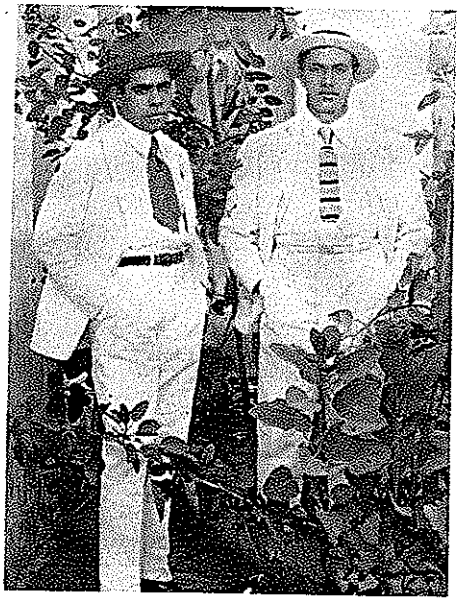
que a tinha lhe prometido desde o berço. Dessa união, nasceram quatro filhos, porém nenhum sobreviveu. Após o falecimento de Salustiana, João do Nascimento Lopes Barros casou com Maria Fernandina de Campos, minha mãe, em 1894, na cidade de Triunfo. Desse casamento, nasceram vinte e dois filhos, dos quais, somente oito sobreviveram, a saber, na ordem cronológica:

01. Richomer Góes de Campos Barros
02. Arethuza Góes de Campos Barros
03. Adauto Góes de Campos Barros
04. Othoniel Góes de Campos Barros
05. Maria Stella Góes de Campos Barros
06. José Góes de Campos Barros
07. Anthusa Góes de Campos Barros
08. Helena Góes de Campos Barros.



Da esquerda para direita, em cima: Adauto, José, Arethuza, Richomer e Othoniel. Abaixo: Anthusa, Maria Fernandina, Cel. Barros, Antônio Medeiros, a autora e Helena

Da esquerda para direita: Luiz e Anthusa, a autora, Helena, Neuza e Zezito, Arethuza

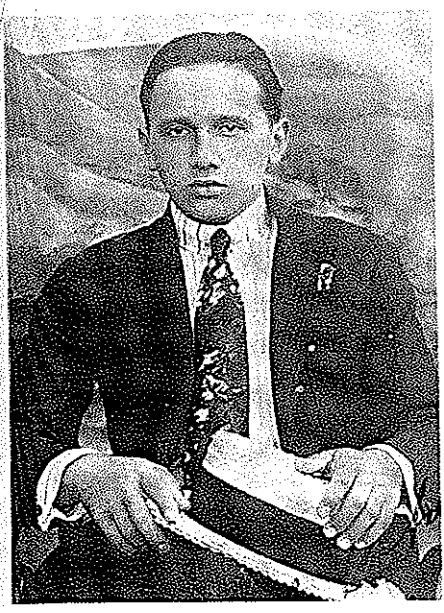


Richomer Góes de Campos Barros (direita) e seu amigo Dr. Olímpio Menezes, de Floresta

Arethuza Barros Padilha

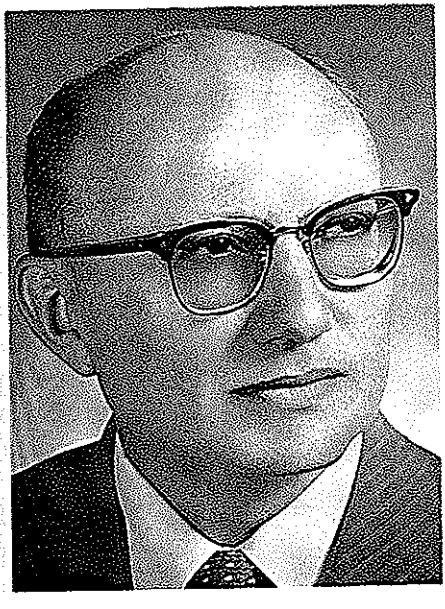
Arethuza e Elpídio Padilha

Othoniel Góes de Campos Barros e sua esposa Dolores

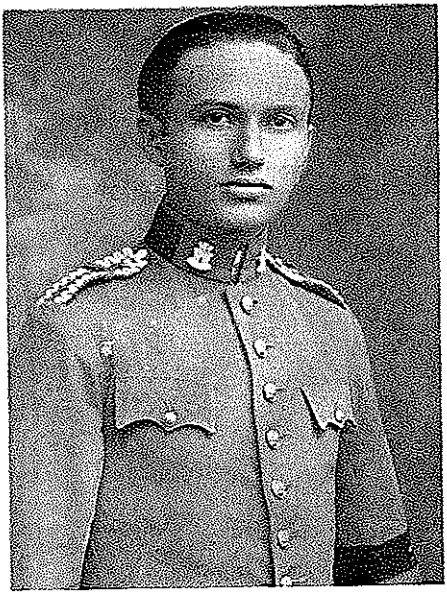


Adauto Góes de Campos Barros

Maria das Dores, esposa de Adauto, irmão da autora, com o filho Eduardo



José Góes de Campos Barros

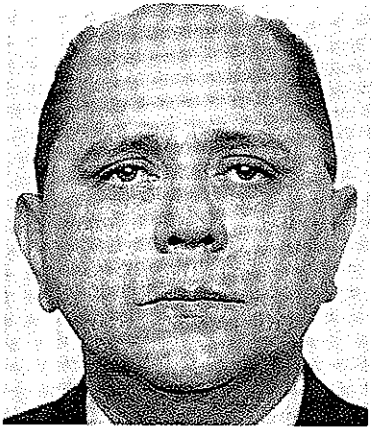


José Góes de Campos Barros, Gal. Góes (Zezito)

Anthusa Barros de Almeida Cruz

Anthusa Barros de Almeida Cruz

Anthusa e Luiz Almeida Cruz



Helena Barros Lisboa e Francisco dos Reis Lisboa Neto

JOÃO DO NASCIMENTO LOPES BARROS – MEU PAI

Nasceu no dia 25 de dezembro de 1860, em Floresta-PE, na Fazenda Panela D'Água. Recebeu o sobrenome "Nascimento", por ter nascido no dia de Natal, em homenagem ao grande evento da cristandade. Ficou conhecido como Cel. Barros.

Meu pai vivia com meus avós e tios na fazenda Panela D'Água, embora trabalhasse nas demais fazendas: Iná, Tabouleiro Comprido, Rancho dos Tapuios. Dividia o tempo e o trabalho na criação de gado e na agricultura.

Alguns dos meus tios partiram para a cidade de Floresta e lá se tornaram comerciantes, deixando as atividades do campo para o meu avô.

Depois, meu pai e meu avô tornaram-se sócios de uma casa comercial em Floresta, onde vieram a morar. Em pouco tempo, foi desfeita a sociedade e meu pai foi para o município de Triunfo, onde estruturou nova sociedade, desta feita com seu irmão Benedito. Prosperaram bastante e gozaram de grande conceito no meio em que vivam. A posição geográfica de Triunfo e a sua proximidade com a divisa da Paraíba proporcionavam condições de desenvolvimento do comércio. Os aspectos climáticos excelentes, com clima frio e seco, contribuíram, decerto para a prosperidade da sociedade comercial.

Ele se apaixonou por sua prima Salustiana, filha de seu tio Cel. Barros, que lhe fora prometida desde o berço, uma atitude muito comum naquele tempo.

O namoro não foi longo e, pouco tempo depois, eles se casaram, viveram muito felizes, tiveram 04 filhos, mas nenhum sobreviveu. Tendo-se agravado o estado de saúde de sua esposa, eles passaram uns tempos em Princesa, em busca de um clima melhor e por ter lá a assistência médica, da qual ela tanto necessitava. Veio a falecer nessa cidade.

Nas minhas lembranças, vejo, na sala de nossa casa, um retrato dela a *"crayon"*. Infelizmente, com o falecimento dos meus pais, não sei o que foi feito dele, assim como lembro de duas telas de pintores italianos, muito antigas, adornando as paredes da sala, palco de tantas cenas de um cotidiano familiar.

Pouco tempo após ficar viúvo, meu pai casou-se em Triunfo com minha mãe Maria Fernandina Góes de Campos – solteira, Maroca, como era carinhosamente conhecida, que morava com meus avós, na Fazenda Conceição, a 9 léguas distante de Flores.

Meus pais davam preferência a Triunfo, pelo seu clima ameno e saudável, em vez de Flores. No período da seca ou verão, Triunfo era o lugar mais indicado para umas férias.

Havia mais condições, não só pelo clima, como pelo maior desenvolvimento social. Os parentes e amigos confraternizavam-se nas festas de Natal, Ano Novo e nas grandes festas religiosas, tornando alegres as temporadas fora das fazendas com suas verdadeiras tertúlias.

Meu pai participava ativamente das iniciativas que visavam ao desenvolvimento do município, fossem culturais, instrutivas, recreativas e econômicas. Como outros de seu tempo, era comprometido com as melhorias da cidade, como se pode ver, a seguir, na ata da Sociedade Instrutiva e Recreativa Triunfense, em 1890.

Pouco tempo após o casamento, nasceu Richomer, em 1895 e logo em seguida Arethuza. Finalmente, para o meu pai, iniciava-se suas segundas núpcias com a alegria de seus dois filhos, fortes, sadios e bonitos.

Tempos depois, meu pai adoeceu e, por este motivo, foi aconselhado a procurar um clima quente e seco, como único meio de viver alguns anos ou meses, segundo a opinião de cada médico.

Flores foi escolhida por dois motivos: primeiro em virtude do clima terapêutico, segundo porque o nosso avô materno, Coronel Dodô, havia aceitado a chefia política do município, em decorrência de ter sido convidado pelo Coronel Pedro Pessoa de Siqueira Campos, tio de vovó Chiquinha, que se achava já bastante idoso para continuar à frente dos destinos de nossa terra, apelando para meu avô, a fim de lhe entregar a direção política do município.

O que muito admirou nessa escolha de sucessão de poder político foi o fato de que o meu avô pertencia ao Partido Liberal e o velho Pedro era Conservador, deixando de entregar a sorte do município a alguns de seus filhos ou genros, para confiá-la ao seu sobrinho afim, por parte de Vovó. Com esse gesto, percebe-se a visão de um homem honesto e justo, conhecedor da mente humana, não hesitando em decidir que o meu avô seria o melhor continuador da política de paz e dos benefícios para a sua terra.

Após a sucessão, viaja para São Paulo o Coronel Pedro Pessoa

de Siqueira Campos, a fim de morar com seu filho Dr. Manoel Pessoa de Siqueira Campos, advogado de renome e político militante, chegando a assumir postos de destaque. Tendo sido eleito senador e estava sendo apontado para candidato à Presidente do Estado, quando faleceu, repentinamente, na Argentina. Coronel Pedro Pessoa de Siqueira Campos, que morreu com mais de 90 anos, passou a morar com seu filho Raimundo (Mundinho), pai de Antônio Siqueira Campos, conhecido Comandante do Forte de Copacabana.

Em Flores, meu pai procurou ajudar meu avô na administração política do município, integrando-se de tal maneira ao manejo político-administrativo que os problemas concernentes à Prefeitura, ficavam aos cuidados e gerência do meu pai.

O meu pai ocupou, mais de uma vez, o cargo de Prefeito com senso de responsabilidade, discernimento e dedicação. Tudo que exigisse sua colaboração e tocasse a sua sensibilidade recebia, sempre, sua benéfica influência.

Essa marcante atuação estendia-se sobre todos os aspectos da vida de uma cidade pequena e, também, quando solicitado pelos amigos dos municípios vizinhos.

Jamais deixou de atender alguém que o procurasse, com bondade e paciência extrema.

Chegou, incontáveis vezes, a resolver questões de litígio, desembolsando dinheiro, evitando, entre aquela gente, perdas de vida, principalmente, quando se tratava de questões de terra, roçados, fontes de água ou melhor cacimbas, de onde o sertanejo tira o seu sustento e de sua família.

Lembro-me bem dele, com os questionantes fazendo riscos no chão, fazendo traçados do mapa da terra em questão. Era um meio prático para a compreensão daqueles que o procuravam em busca de solução justa.

Com esses meios e pelo seu jeito conciliador, evitou muitas vezes que as famílias usassem de violência para resolverem suas brigas, o que poderia levar ao sacrifício da própria vida.

Foi um homem raro dentro do contexto em que viveu. Foi médico quando era preciso, conselheiro e amigo de todos, em todos os momentos.

Aos doentes, além de atendê-los dentro dos seus conhecimentos, através de experiências do cotidiano, costumava ler muito e pesquisar sobre o assunto e, como isso não lhe bastasse, aliava

uma inata intuição. Quando solteiro, conviveu com seu primo, João Capistrano de Barros, formado em medicina pela Faculdade da Bahia, de quem, naturalmente, adquiriu informações médicas e práticas, quando moraram juntos, por bastante tempo, em Floresta.

Quando rebentou, no Crato, um surto de febre tifo, o Dr. João foi convidado a ir tratar dos doentes, conseguindo salvar a todos de quem cuidou, menos a si próprio, falecendo, por ter contraído a febre.

Meu pai não deixou um inimigo, pois sua política era de compreensão, justiça e amor. Sempre doente, vivia eternamente num regime rigoroso. Nunca o vimos sentado à mesa. Gostava, entretanto, de ficar de pé, servindo nossos pratos, desde nossa mãe ao menor dos filhos e aos hóspedes, que eram constantes em nossa casa. Raramente, fazíamos nossas refeições sozinhos.

Em Flores, não existiam hotéis e a nossa casa era o centro de toda a cidade e de todos que chegavam para ficar ou de passagem. Parentes, amigos e os que vinham recomendados, outros, nem isso. Sabiam que seriam recebidos e acolhidos.

Acordava, invariavelmente, às 5 horas da manhã. Recordo com emoção que o vi, muitas vezes, sair do seu quarto e rezar diante de um pequeno oratório, dedicando a Deus seus primeiros pensamentos, rendendo graças para, depois, dar começo aos trabalhos de um novo dia, dedicado, também, aos que sempre o procuravam em busca de soluções e ajuda aos problemas de cada um.

Depois de suas orações, dirigia-se ao quintal, onde cuidava e alimentava suas criações de patos, guinés, galinhas e pavões. Em seguida, ia ao curral, para tirar o leite das vacas e cabras. Após a ordenha, levava-as ao pasto, próximo à Serra do Tingui ou na Alagoa Seca, onde permaneciam soltas até ao entardecer, quando retornavam ao curral. O gado ficava acostumado à ração de caroço de algodão. Nesta tarefa, meu pai era auxiliado pelos meus irmãos e por um negrinho de nome Elias, que morou muitos anos conosco, tendo desaparecido um certo dia, sem nunca nos dar notícias. Sempre havia agregados em nossa casa e, por isso, havia sempre gente para ajudá-lo nessas pequenas tarefas.

Naquela época, o algodão não tinha nenhuma valor comercial, tanto que chegaram a queimá-lo para dar lugar, nos armazéns, às novas safras: Eram descaroçados nas primitivas bolandeiras, movidas a bois. Em vista disso, o gado consumia-o em alta escala, havendo muita fartura de leite e seus derivados.

A bolandeira, que eu conheci, era de madeira com máquinas de prensas para fazer o enfardamento do algodão, puxadas por uma carga de dois ou mais bois. Depois, vieram os primeiros vapores de algodão, que queimavam a lenha.

Parece que, em Flores, o primeiro vapor de algodão pertenceu ao Coronel Manoel Cordeiro Manso, que havia chegado de Princesa; homem bom e trabalhador, procurou a amizade de meu pai e do meu avô, dando a Flores um surto de progresso na parte de trabalho, abrindo uma grande casa comercial e de compra de algodão, fonte de riqueza naquela época.

Meu pai não gozava de saúde, conforme vimos anteriormente, o que o impedia de viajar a cavalo ou liteira, únicos meios de transporte daquela época.

A liteira era uma espécie de cama coberta, onde cabiam até quatro pessoas. Era amarrada ou atrelada a quatro burros, dois na frente e dois atrás. Era mais usada pelas mulheres ou pessoas doentes, mas, mesmo assim, era bastante incômoda. Dentro dela, procurava-se dar o máximo de conforto, colocando-se colchões, almofadas, tudo para uma viagem melhor e mais amena. Mesmo assim, para o meu pai, era-lhe prejudicial à saúde; de forma que se privou de conhecer outras cidades, de visitar suas fazendas e administrá-las pessoalmente.

Meu avô José Alves de Góes e Melo, Cel. Dodô, era quem o substituía, dando a direção aos seus vaqueiros e fiscalizando-lhe o gado.

Por certo, meu pai devia sentir muito esta situação, dada a sua disposição para trabalhar, dirigir e sentir as coisas boas que a vida nas fazendas nos oferecia.

Em virtude de suas limitações físicas, dedicava-se ele a cuidar, com carinho, de um pequeno número de vacas, cabras e galinhas. Possuía um terreno nas margens do Pajeú, com roçados, onde dava para empregar um pouco de suas energias, supervisionando seus moradores nos trabalhos.

No inverno, o rio Pajeú tornava-se caudaloso e perigoso; a sua força arrastava tudo que impedia a correnteza, parecendo ter pressa para seu encontro com o São Francisco, o nosso Chico, o rei dos rios, que banha o Nordeste, até desembocar no Oceano Atlântico. Atravessava-se o rio Pajeú em pequenas canoas, o meio de transporte da ocasião, o que se tornava bem agradável, porém, às vezes, perigoso, quando havia grandes enchentes.

É uma das coisas mais saudosas que eu sinto de minha terra...

Meu pai, além das atividades já descritas, dedicava-se, também, a um pequeno comércio de compra de algodão e peles. Tinha a seu cargo o fornecimento ao destacamento de polícia, muitas vezes deficiente por causa da vinda dos numerários, atrasando sempre, o que em vez de lhe dar lucros, dava-lhe prejuízo. Nunca, porém, levou em conta, uma vez que servir ao desenvolvimento do município era a sua finalidade.

Organizava a vida política em todo o município. Todas as questões e problemas que eram trazidos por amigos, conhecidos e, até, pessoas estranhas, a fim de serem resolvidas por ele, eram atendidos com o mesmo devotamento e às vezes negociava, com o seu próprio dinheiro, para comprar uma parte da terra, contanto que as partes contendoras saíssem satisfeitas e, até, amigas...

Nunca ouvimos nosso pai queixar-se ou revoltar-se por assumir tamanha tarefa. Quando havia eleições, tinha de fazer tudo, desde a inscrição dos eleitores até a realização das mesmas. Tive ocasião de vê-lo ditar cartas e ofícios para duas ou mais pessoas ao mesmo tempo, assuntos diferentes, conversando com pessoas amigas ou seus familiares.

Naquele tempo, no nosso Sertão, poucos eram os que possuíam alguma instrução, portanto, cabia-lhe absorver todo um mundo de problemas, desde o simples, o cotidiano, até o de maior sentido dentro da vida política e social.

As comarcas do interior e distritos dependentes eram orientadas pelos seus chefes políticos, que eram os responsáveis por todos os acontecimentos. A maioria deles, homens ignorantes e sem princípios, abusando do poder que o prestígio lhes conferia, trazendo toda comunidade submissa a humilhações incríveis, criando reações inesperadas, o que não resolvia, pois imperava a lei da força e do poder.

Em Flores, ao contrário, entre o meu avô materno e o meu pai, havia uma verdadeira medida e valor do conhecimento do homem em face de Deus e da sociedade. Cada criatura tinha a liberdade de viver conforme desejava, contanto que, também, soubesse viver o mesmo código de respeito mútuo em qualquer escala moral ou social.

Nem mesmo uma prostituta era molestada. Quando acontecia de se tornar inconveniente ou ponto de discórdia entre algum casal, não era espancada ou presa, como era de praxe nas cidades

vizinhas. O delegado era chamado a resolver, aconselhando-a a mudar para outra cidade, para que o casal continuasse sua vida em comum, cessando o sofrimento da esposa pelo abandono e desprezo do esposo.

Tinham os dois, meu avô e o meu pai, uma maneira de governar o seu povo, deixando-o confiante e tranqüilo.

Era a força branca do amor, da ajuda caridosa e sem vaidade, sem alarde e, muito menos, esperando submissão ou adulação. Ainda, meu prezado pai, aconselhava-se com o amigo e vigário Padre Anísio de Torres Bandeira, que chegou no início do século e batizou a mim e o meu irmão Othoniel

O Padre Anísio, já bem idoso, muito culto e estudioso, dispunha de uma vasta biblioteca, tomando todas as paredes de estantes repletas de livros, quase todos encadernados em couro.

Nós, crianças, ficávamos curiosas e com um desejo louco de tê-los ao nosso alcance, face à beleza e ordem com que aqueles livros estavam dispostos nas prateleiras.

O Padre Anísio tinha hábitos singulares, uma vez que sua maneira de ser fugia aos padrões adotados comumente pelo clero, tendo uma postura religiosa aliada à alegria e descontração.

Adorava ouvir estórias de onças, mandava repetir e, às vezes, chamava pessoas que tivessem algo novo sobre as mesmas. Muitas outras manias ou atitudes interessantes, como o hábito de só levantar da mesa de refeições após uma hora e meia.

Gostava de participar da vida social, freqüentando casas de família, onde todos eram seus compadres, visto batizar os filhos dos mesmos. Ia sempre a nossa casa conversar com meus pais.

Não perdia espetáculos circenses ou teatros encenados pela prata da casa, porque raramente apareciam companhias que faziam temporadas pelo Sertão.

Uma das suas excentricidades era o zelo pela sua segurança contra ladrões e cobras.

No calor dos dias de verão ou no morno da noite, deitava numa rede. Tomava grandes precauções contra cobras, enchia de pano as sandálias e, à sua disposição, ou melhor ao seu alcance, deixava dois paus ou cacetes de tamanhos desiguais, isto porque segundo ele, o menor seria usado caso a cobra estivesse perto e o maior no caso da mesma estar distante.

Cópia autêntica de um velho livro de atas, pertencente a Sociedade Instrutiva e Recreativa Triunfense, com a data do ano de 1893, transcreve a seguinte ata:

Criação da Sociedade Instrutiva e Recreativa Triunfense, em 1890, hoje Isaias Lima.

Fundada em 31 de maio de 1890, e Instalada em 15 de agôsto de 1892.

Realizou-se nesta cidade a primeira reunião desta Sociedade, em 31 de maio de 1890, com a presença dos seguintes sócios: Bernardo Leovirgílio Tôrres, Fausto Ribeiro Vianna, Ansênio Pereira Borges, Cícero Campos, Genésio Marquisa de Siqueira Campos, Joaquim Marques Bacalhau, João do Nascimento Lopes Barros, José Gomes da Cunha, Luís Alves de Campos Góis, Pedro Martins Vieira, Claudio Jovino de Novais, Samuel Xavier Nunes, Isaias Gonçalves Lima, Antônio César de Lima, Francisco César de Lima, Augusto Elísio do Nascimento Vanderlei, Adolfo Alberto Côrte, Rodolfo de Siqueira Campos, Antônio Belarmino Barbosa, Lúcio Alves de Barros, Antônio Praxedes de Góis, Emílio Costa e Francisco Lima. Reunidos em Assembléia Geral, efetuou-se uma eleição na qual foi provisoriamente escolhida uma nova diretoria que procurou dar o nome da nova sociedade, que depois de discutida a proposta, foi unanimimente aprovada com o nome de: Sociedade Instrutiva e Recreativa Triunfense. Depois de alguns dias foi criado um grupo dramático em sessão extraordinária pelos seguintes sócios: Bernardo Leovirgílio Tôrres (diretor), Ansênio Pereira Borges, Francisco César de Lima, Genésio Xavier Bezerra, Elias Valgueiro Barros, Claudio Jovino de Novais,

Fausto Ribeiro Viana, Luís Alves de Campos Góis, Desolato de Sousa Monteiro, Antônio Belarmino Barbosa (Belinho) e José Gomes da Cunha. Em sessão ordinária foi apresentada pelo sócio Bernardo Leovirgilio Fones, uma proposta com o fim da construção de um teatro, que depois de discutida foi unanimemente aprovada. Mediante os grandes esforços empregados pelos sócios, foi iniciada a construção do prédio, que demorou alguns meses para ter lugar a sua realização. Terminados os trabalhos da referida construção, efetuou-se solenemente a inauguração com a presença da fina flôr da Sociedade Viuense. O teatro tomou o nome de: Teatro N. S. das Dôres. Depois de ter sido instalada a Sociedade os sócios reuniram-se e apresentaram a idéia da criação de uma Banda de Música, que em seguida foi pelo Presidente escolhido o dia para que pudesse tratar do assunto. Realizou-se a 20 de junho de 1891, perante avultado número de sócios, a fundação da Banda com o título de: União e Progresso. A diretoria provisória que permaneceu alguns meses a frente dos destinos da sociedade, constava dos seguintes sócios: Presidente - João do Nascimento Lopes Barros; - Vice-Presidente - Augusto Elísio do Nascimento Vanderlei; - 1º Secretário - Francisco Cesar de Lima; - 2º Secretário - Pedro Martins Vieira; - Luís Alves de Campos Góis; - Tesoureiro - Isaias Gonçalves Lima. Por deliberação do Presidente ~~o dia~~ foi adiado o dia 28 de junho afim de se realizar a eleição dos novos candidatos, que se deveriam empossar no dia 15 de agôsto, dia êste designado por ser a data da instalação da sociedade - Foram eleitos para regerem os destinos da sociedade os seguintes sócios: - Presidente - João do Nascimento Lopes Barros (reeleito); Vice-Presidente - Fau[illegible] Ribeiro Viana; - 1º Ser-

cretário - Genésio Gonçalves de Siqueira Campos; - 2º Secretário - Rodolfo de Siqueira Campos; - Orador - Luís Alves de Góis; (re-eleito) - Tesoureiro - Isaias Gonçalves Lima (re-eleito). Convocada a primeira sessão pela nova diretoria, o Presidente de acôrdo com a maioria dos sócios escolheu uma comissão para a organização dos Estatutos, que deveriam dirigir os destinos da sociedade. Foram apresentados os seguintes sócios: Luís Alves de Campos Góis, Bernardo Leovirgilio Tôrres, Augusto Elísio do Nascimento Vanderlei, Antônio Praxedes de Góis, (Catonho) e José Gomes da Cunha. Dois meses depois fôram apresentados os Estatutos pela comissão, em sessão ordinária, sendo em seguida unânimemente aprovado. Com o nome de sociedade Instrutiva Recreativa Triunfense, passou até o ano de 1893. No dia 21 de agôsto dêste mesmo ano, os sócios reunidos em sessão extraordinária a mudaram o nome da Banda Musical "União e Progresso" para "Clube Musical Triunfense". Depois de três anos foi-lhe dado o nome de Santa Cecília, como verdadeira homenagem a esta belíssima Santa tão conhecida por todos como padroeira da música. Conservou êste nome até o ano de 1900. Ainda quando a Sociedade conservava o nome de Instrutiva e Recreativa Triunfense, foram aceitos os seguintes sócios: Genésio Gonçalves Lima, João Batista de Siqueira, José Teles de Menezes, Lúcio Pinto de Campos, Patrício José Frazão, Deodato de Sousa Monteiro, Manuel de Siqueira Campos, Abrahão Lopes Barros, Elias Valgueiro de Barros e Manuel Martins Vieira. Em 1901 com a organização dos novos Estatutos, a Sociedade em reunião extraordinária, que constou de mais de dois terços dos sócios, fundou três córpos ou sociedades recreativas, que receberam os seguintes nomes: Literária 15 de dezembro - Recreio Dramático e Musical Santa Cecília,

que uma vez fundadas, passaram a denominar-se: Clube Central do Triunfo. Foram apresentados e aceitos sócios efetivos no decorrer desta data os seguintes cidadãos: Ulisses Elísio do Nascimento Vanderlei, Luís Leite Mafra, Pedro Alves de Siqueira, Filinto Elísio do Nascimento Vanderlei, Pompeu Duarte Diniz, Eliseu Duarte Diniz, Luiz Gonzaga da Silva e vários outros. A Sociedade conservou o nome de Clube Central do Triunfo, até o ano de 1913; sendo depois de algum tempo apresentado em sessão extraordinária pelo sócio Ulisses Elísio do Nascimento Vanderlei, o nome de Clube Central Isaias Lima, por ter sido este um dos principais fundadores da antiga Instrutiva e Recreativa Triunfense, como também, pelos relevantes serviços prestados à Ela a mesma Sociedade na época em que ela mais necessitava. Foi Isaias Lima quem a manteve durante muitos anos com enormes sacrifícios. Os Estatutos marcam as duas grandes datas que devem ser obrigatoriamente solenisadas todos os anos com o maior brilhantismo: — 31 de maio, por ser de sua fundação, e 15 de agôsto, por ser de sua instalação.

31 de maio de 1890 — Fundação.
15 de agôsto de 1892 — Instalação.

Ulisses Elísio do Nascimento Vanderlei

Triunfo, 4 de abril de 1903.

Professoras do Colégio Stella Maris

(Nascidas em Triunfo)

(1ª) 10 Turma de 1953.

1º Lígia Campos de Melo
2º Francisca Florentino dos Santos
3º Antonieta Gomes Rodrigues
4º Lígia Maria Gonçalves

MARIA STELLA BARROS DE SIQUEIRA CAMPOS
A AUTORA

5ª Filha de João do Nascimento Lopes Barros e Maria Fernandina Góes Campos Barros (D. Maroca)

Nasci no dia 15 de setembro de 1904. Não gostaria de escrever minha autobiografia, mas ela é necessária, para garantir a integridade da árvore genealógica e a identidade desta obra.

Sobretudo, transcrevo o que a memória privilegiada da minha vovó, Chiquinha, (Francisca Laudelina de Campos Góes) me contava. Foi ela a principal fonte de informação desses capítulos. Ela me infundiu o desejo de, no futuro, documentar tudo para a posteridade; Cumpro, aqui, a minha promessa.

A palavra escrita permanece mais segura, *"verba volant escripta manet"*, apesar das novas tecnologias da mídia interativa e da realidade virtual. Lembro-me que, uma ocasião, vovó chamou meu irmão Richomer e meu primo Oscar, ambos da mesma idade, para escreverem o que ela queria contar sobre nossa família, principalmente, a origem das mesmas. Porém, eles não se interessaram. A minha afinidade com ela não permitiu que as suas histórias, caíssem no esquecimento. Vovó Chiquinha gostava de conversar sobre vários assuntos, sendo o da família o mais importante para ela. Mas, a política era a sua preferida, por ser meu avô, chefe político em Flores. Era extremamente religiosa praticante. Assistia à missa todos os dias e com Tia Yaiá, zelavam a Igreja. Em outubro, mês do Rosário, a festa realizava-se às suas custas, desde o novenário, até o encerramento com uma bonita procissão. Os andores eram ornados em sua casa, de onde saíam percorrendo a cidade. As bandas de músicas, constituídas de pífanos, zabumbas, até um violino, vinham da fazenda São Caetano, vizinha à propriedade dela. Lembro-me que a imagem de Nossa Senhora do Rosário tinha um terço de ouro, o qual ela retirava de suas mãos para rezar, vibrando de alegria, por ter a felicidade de tê-lo em suas mãos. Vovó Chiquinha deu-me a oportunidade de poder escrever as suas lembranças.

Sempre residindo em Flores, após a morte do meu esposo, Antônio Medeiros, em 11 de março de 1943, continuei trabalhando nos Correios e criando meus filhos.

Pesando, medindo e contando, durante 7 anos fui verificando que Flores não oferecia condições à educação que desejava para minha família.

Consegui internar minhas duas filhas, Terezinha e Sônia, no Colégio de Triunfo, onde as duas formaram-se em curso normal.

Estando os demais filhos mais velhos encaminhados na vida, faltando ainda outros quatro, minha situação ficou entre a cruz e a caldeirinha, como se diz. A política local, a qual até pouco tempo estava sob a direção de meu cunhado, José Medeiros, que não mais se reelegeu e a cidade sem meios de proporcionar uma educação, mesmo primária, aos meus filhos mais novos, tive que deixar Flores. Fui para Pesqueira, cidade que só conhecia através do mapa da fábrica Peixe e de um pequeno jornal editado pelos irmãos Eugênio e Wilson Chacon, naquela cidade, que sempre cultivaram e valorizaram a educação e a instrução de seus filhos.

Ancorei em 1950, no mês de outubro, avistando pela primeira, vez a Serra do Ororubá. Fitando-a, vi um mundo estranho. A cidade recebeu-me de braços abertos. O meu primeiro contato foi com Dr. Fausto de Oliveira Campos, sua esposa Santa, juntamente com os filhos Zezita e Achiles, e seu neto Fernando, que me receberam com muito carinho a quem dedico um preito de gratidão. Dr. Fausto havia sido juiz de Direito em Flores, ficando amigo dos meus pais e de meu esposo Antônio Medeiros. Ele me hospedou enquanto providenciava a instalação da minha família. No dia seguinte, tomei posse nos Correios, levada por Dr. Fausto que me apresentou ao chefe, Sr. Alberto de Assis Cavalcanti, que me dispensou do trabalho, para começar no dia seguinte. Passei muito tempo procurando casa para morar, sem encontrar. Dr. Fausto ajudou-me a procurá-la, e recomendava-me, também, a outras pessoas. Um dia, Luiz Neves, secretário da Prefeitura, falou para Dr. Fausto que havia uma casa próxima à central do trem. Lembro-me como hoje, a sua resposta: *"Luiz, eu não quero para ela uma casa em semelhante ambiente!"* Todas as tardes, depois do expediente, saíamos eu e Maria Augusta de Almeida, a tesoureira dos Correios, a procurar onde morar. Finalmente, em dezembro, consegui uma casa na rua próxima à praça D. José Lopes, a principal da cidade, onde fica a Catedral. Mandei buscar meus filhos, tia Yaiá, que diariamente colocava uma flor em sua lapela, e Chica, antiga doméstica, descendente de escravos. Vieram para ajudar-me na arrumação da nova morada. Passamos o Natal juntos, felizes por ver-

mos que as coisas estavam dando certo e, na primeira experiência, eu estava conseguindo dar a volta por cima. Nessa casa, permaneci até que fui morar no 1º andar do prédio dos Correios.

Dr. Fausto foi muito importante para minha família nessa nova fase de vida. Foi tal um pai generoso e cuidadoso para com o meu bem estar. Apresentava-me às lojas comerciais de José Araújo e de Cazuzinha Maciel, nos armazéns do seu Agostinho Cavalcanti e J. Freitas, como a viúva do deputado Antônio Medeiros, irmã de general e de outros dois altos comerciantes no Rio de Janeiro, sendo essas primeiras referências a meu respeito que muito influenciaram o meu relacionamento social. Antes, eu não sabia quanto essas particularidades tinham importância na nossa vida!...

Aos poucos, fui conhecendo do meu chefe até o condutor das malas... e vi como todos eram pessoas diferentes, mas cada um tinha as melhores qualidades morais.

Havia momentos de crise emocional pela saudade da minha terra natal, dos amigos e parentes que havia deixado... Chorava às escondidas no banheiro, num pranto quase incontrolável, até que um dia, Santa notou e me disse: "não chore tanto, aqui você tem a nós e Deus também está com você".

Quando Chica voltou para Flores, enfrentei mais um sério problema, uma empregada! Além de trabalhar durante sete horas na Repartição, tinha, e ainda tenho, ojeriza por cozinha. Deus, mais uma vez, me ajudou. Apareceu Sinhá Felina, que em Flores fora empregada de José Pereira Lima, quando mudou-se de Princesa-PB para nossa terra. Ele tinha sido o chefe político que rompera com o Presidente João Pessoa na Revolução de 1930 e, sendo caçado como um criminoso, exilou-se com a sua família em Flores, morando por mais de seis anos na casa que havia sido dos meus pais.

Sinhá Felina veio de Flores para trabalhar conosco, mas pouco demorou em nossa casa, pois o Padre João Amâncio, ex-vigário de Flores, foi transferido para Belo Jardim, próxima a Pesqueira. Adotava a superioridade de "Pai", pois dizia e achava que seus paroquianos eram seus filhos. Foi a Pesqueira e, em nossa residência, disse que ia levar Siá Felina para sua nova freguesia. Argumentou, diante do meu espanto, que eu podia lotar qualquer empregada em casa, mas ele precisava de uma pessoa especial, honesta e que zelasse a sua batina. Assim, lá se foi Siá Felina!... Tive que procurar outra empregada.

Quanto à Repartição, não irei entrar em detalhes, porém posso afirmar que vivíamos e éramos como uma família unida. Sendo o chefe seu Alberto, primo de seu Oscar, o carteiro. Ailson, outro carteiro, era irmão de Maria Augusta, a tesoureira, Toinho, o telegrafista, era parente próximo de seu Alberto. Somente eu e o outro telegrafista éramos os estranhos no ninho familiar. Depois, chegaram outros funcionários como Ana Cordeiro, agente Almerinda Nize Avelar, seu Verçosa e sua esposa, Piedade, telegrafista, Laberô, o carteiro.

Havia dois guarda-fios, seu Cassiano Pereira e seu Batista. Seu Cassiano era sertanejo, homem forte, manso, cumpridor de seus deveres, comunicativo, alegre, sincero, bondoso, que se fazia amado sem reserva. Pai de uma grande prole e esposo exemplar. Fora amigo de nossa família desde que ele morava em Custódia. Sua irmã chegou a noivar com um neto do Cel. Pedro Pessoa de Siqueira Campos, avô de Antônio Medeiros, meu esposo. Porém, o casamento não se realizou, porque o noivo, Joaquim Pinto, faleceu prematuramente. Havendo, portanto, este elo que nos aproximava. Seu Batista, um amigo sincero, era da Brejo de Madre Deus, onde é realizado atualmente o maior espetáculo ao ar livre da Paixão de Cristo, em Nova Jerusalém.

Por curiosidade, fui com Antônio Pereira, já idoso, que era o condutor de malas para o trem, andar pela 1ª vez no bonde puxado a burro. Foi breve a existência do bonde, pois logo foi substituído por caminhão, trazido pelo progresso.

Meu filho Ivan estava se preparando para a admissão ao cursar o 1º ano ginasial. Maury e Neusa, matriculados no grupo Escolar, cuja Diretora Stella Falcão tornou-se minha amiga. Hélio estudava no Rio de Janeiro, em companhia do meu filho mais velho Edgard e a esposa Celina. Aos poucos, dava conta da minha missão. Diomedes, mesmo em Fortaleza, ajudava-me a pagar o aluguel da nossa casa até que um dia, resolveu ir para o Rio de Janeiro e trouxe Hélio de volta, para morarmos juntos.

Vagou o 1º andar da Repartição dos Correios, destinado à residência de funcionários, e pedi a Seu Alberto, caso ele não fosse lá residir, que me cedesse. Prontamente, ele acatou o meu pedido e deixou-me morar na Repartição, durante todo o tempo que ele ficou como Chefe, até aposentar-se. O seu sucessor quis morar no prédio e tive que alugar outra casa, até que resolvi pedir minha transferência para Recife, onde meus filhos já moravam e onde trabalhei por mais de 2 anos, até me aposentar.

Deixando Pesqueira, guardava o carinho por tantos amigos que, durante minha permanência, havia adquirido. Povo bom, ordeiro que, por tanto tempo, me conquistou. Lá, foi o meu céu, minha paz. Proporcionei aos meus filhos condições de instrução, para uma melhor perspectiva de vida. Aos pesqueirenses, minha reconhecida gratidão e meu amor! Pesqueira vive e viverá sempre no meu coração.

Dom Augusto Carvalho, bispo de Caruaru, antes na paróquia de Pesqueira, muito me ajudou com a sua palavra, em todos os momentos que o procurei.

Seria enorme o número de pessoas a quem sou grata: Dr. Adalberto de Castro e Silva e Dr. Genecy, ambos médicos; seu Neco Tenório; o meu velho e querido Seu Cazuzinha Maciel; meus velhos amigos e vizinhos, seu Clóvis de Freitas e D. Mariana, que foram gentis na minha permanência naquela cidade. Ouso dizer que Pesqueira me cativou.

Seu Cazuzinha Maciel, professor, escritor e historiador de sua terra, sempre que entrava na Repartição, conversava comigo, debruçado no balcão, narrando o "assassinato" do meu bisavô, José Alves de Góes e Melo, pai do meu avô materno, o Coronel Dodô. José teve um mal-entendido com um membro da família Siqueira, oriunda de São José do Egito. Ao saber que um Siqueira pretendia visitá-lo, ficou tão irado que ali mesmo, na cama, morreu. Considerou-se um assassinato. Não sabia que o Siqueira estava em missão de paz e realmente era amigo dele... Eu já sabia dessa história, através da minha avó Chiquinha. Seu Cazuzinha, às vezes, prolongava-se até que alguém solicitava meu trabalho.

O ambiente de trabalho em que eu vivia era assim: saudável e harmônico. Uns traziam-me orações, rosas, aulas de história sobre minha família! Havia quem adentrava na tesouraria, para examinar os selos que chegavam nas novas remessas. Era o Dr. Adalberto de Castro e Silva, médico, filatelista e analisava todos os selos. Precisei de seus trabalhos para tratar Ivan, Neusa, até para o meu neto Antônio Raposo, quando seminarista. Dr. Adalberto, além de médico, era grande amigo.

As minhas caríssimas amigas, D. Zulmira e sua filha Maria do Carmo Ribeiro, eram de bondade proverbial. Quando saíamos do trabalho, geralmente nos encontrávamos, na sua casa, para conversar até o escurecer. Fazia parte dessas conversas, Luizinha Arcoverde que, apesar de ser muito religiosa, filha de Maria e fre-

qüentadora assídua da Igreja, era comunista. Envolveu-se no movimento, através de seu irmão Viana, que era comunista e amigo de Gregório Bezerra, um dos líderes socialistas em Pernambuco, que cheguei a conhecer. D. Zulmira, sempre solícita e amável, presenteava-me com conselhos, orações e jaculatórias. Ainda hoje, conservo diversas delas. Como ela me ajudou! Não sei a razão da nossa afinidade, se era por também ser sertaneja, pertencente à família Ferraz de Floresta, casada com meu conterrâneo, Pedro Ribeiro, sobrinho do Sr. Inácio Ribeiro, muito conceituado em Flores, que advogava como rábula, médico de alma e corpo, amigo dos meus pais e avós.

As nossas reuniões eram alegres e despertavam novas amizades, às vezes por laços de parentescos, que ajudam a tornar as amizades mais solidárias.

Minha filha Terezinha convidou Eunice para vir de Flores assistir ao seu enlace. Desde então, permanece conosco até os dias de hoje, fazendo parte de nossa família. Ela é filha da índia Siá Maria que vivia com o Sr. Cristóvão, viúvo e Fiscal de Rendas do Estado, transferido de Salgueiro para Flores. Após a chegada deles, nasceu-lhes outra filha de nome Cristina. Moravam perto da casa de meu pai e quando ele se aposentou, resolveu mudar-se para Recife, onde estavam os filhos do primeiro casamento, que não aceitaram a sua união com Siá Maria, nem a presença das irmãs. Siá Maria retornou a Flores com as 2 meninas, deu Cristina por adoção a uma professora, que se mudou. Meus pais deram-lhe um terreno, com casa, do outro lado do Rio Pajeú, onde ela fazia plantações, criava galinhas e porcos, além de ser também parteira para sobreviver. Quando meu pai faleceu, Siá Maria mudou-se para a casa de Zé Quidute e sua filha Eunice passou a morar com mamãe, Tia Yaiá e, depois, comigo, acompanhando-me até os dias atuais.

A Festa da Padroeira de Pesqueira, Santa Águeda! Por coincidência, estou escrevendo exatamente no dia 05/02/99, dia consagrado a Ela. Da 1ª vez que assisti, emocionou-me e vieram à tona aquelas festas de Flores. A Catedral de Pesqueira ficava radiante de luzes, iluminada a fachada e seu interior, ornado com o carinho e a devoção que tinham à Virgem Mártir Santa Águeda. Os paraninfos do ano de 1951 foram seu Agostinho Cavalcanti, próspero comerciante e sua esposa, D. Francisquinha, que se esmeraram em demonstrar quanto era importante para eles, a incumbência de serem promotores da Festa. Eram belas as noites que antecediam

o dia do encerramento. Os atos religiosos compreendiam Missa Cantada pela manhã, com o sermão do Bispo e, à tarde, a Procissão com o andor da imagem e outras mais. O cortejo com banda de música, foguetões subindo aos céus e a multidão acompanhando com respeito, que devotadamente nutriam pela sua querida Padroeira. Depois de encerradas as cerimônias religiosas, a Praça D. José Lopes era invadida pela multidão para festejar a parte profana, com barracas, quermesses, com prendas leiloadas, que os devotos ofertavam. O peru preparado e doado pela D. Marieta Pita, esposa do dono da Fábrica Rosa, era o sucesso esperado pelos lances, que sempre alcançavam o valor máximo. Nas altas horas da noite, encerrava-se a festa.

Esta foi a nova fase de minha vida, quando estava longe de tudo que era para mim, o único limite: a minha terra e o meu povo! Chorei ao reviver esse passado!

Conquistei muitos amigos e pude proporcionar melhores condições de vida aos meus filhos em todos os aspectos, tanto educacional e religioso, como social.

ANTÔNIO MEDEIROS DE SIQUEIRA CAMPOS
MEU ESPOSO

Nasceu no dia 18 de dezembro de 1884, teve os primeiros estudos no Seminário da Paraíba. Resolveu deixar os estudos sacerdotais e, pouco tempo depois, viajou para São Paulo, onde foi recebido por seu Padrinho, Manoel Pessoa de Siqueira Campos, tio Badico, que lá já estava com seu irmão Raimundo Pessoa de Siqueira Campos.

Assessorou o seu tio na política, chegando a ser Prefeito na cidade de Amparo, em São Paulo.

Voltou para Flores, em face da sucessão política da família e, desde então, ocupou, seguidas vezes, o cargo de prefeito municipal, tendo sido Deputado em duas legislaturas seguidas, em 1918 e 1924. Teve, entre seus pares, vultos ilustres da história pernambucana, salientando-se dentre eles, o ex-governador Agamenon Sérgio de Godoy Magalhães.

Antônio Medeiros participou de todos os movimentos políticos da Comarca de Flores, após seu retorno em 1912, fazendo parte dos fatos históricos nas décadas de dez a trinta. Os mais importantes foram: a passagem da Coluna Prestes, que tinha como líder, seu primo Antônio Siqueira Campos, filho do seu tio Raimundo.

Dignos de registro as numerosas investidas de Lampião a Flores, em que Antônio Medeiros demonstrou coragem pessoal, defendendo a cidade. Numa ocasião, substituiu o Delegado Municipal em uma emergência, impedindo que Lampião entrasse na cidade, que ficou guarnecida de soldados até no campanário da Igreja. Diante da sua coragem, um matador de aluguel, acovardou-se em executar o contrato de matá-lo a mando de alguém.

Além de sua beleza física, era considerado um dos homens mais elegantes do sertão pernambucano e exímio dançarino.

Foi grande comerciante e, em 1930, tomou parte ativa em favor do correligionário e colega de infância e de seminário, José Pereira, quando este rebelou-se contra o governador João Pessoa. Durante a ausência, de José Pereira, meu marido, como amigo leal, assumiu a proteção de sua família.

Em 17 de novembro de 1921, casou-se comigo, tendo sido noticiado o evento no jornal "O BEIJA FLOR", que circulava manuscrito pelos intelectuais da terra, Manoel Ribeiro de Souza (Neco Mando), poeta e jornalista; Manoel Wanderley (escrivão); José Fernandes Veiga (telegrafista) e Josias Ribeiro. O Jornal era apresentado em folhas de papel pautado, paginado, escrito a mão e distribuído mensal e exclusivamente aos interessados.

De posse, ainda, de um exemplar já amarelado pelo tempo, decorridos estes 77 anos, mostramos a transcrição do evento de meu casamento, obedecendo rigorosamente a pontuação e a ortografia daquela época e a "cópia autêntica" do saudoso Jornal:

Casamento

Conforme havia-nos anunciado realizou-se no dia 17 do mês próximo passado o enlace matrimonial do distinto Cel. Antônio Medeiros, com a Exma. Senhorinha Stella Barros.

Agradabilíssima foi a festa que se seguiu a este ato, pois a orchestra constituída pelos exímios músicos de Princesa, Joaquim Bellarmino, Enoch Cavalcante, Joaquim Leandro, Luiz Bellinho, Richomer Barros, e auxiliados pelos seus colegas da "Philarmonica Florence" José Campos, Manoel Wanderley, Isaias Ribeiro, e Oscar Nogueira, esteve arrebatadora, tendo mesmo estonteado a cabeça à muita gente.

As danças que se prolongaram por todo o dia seguinte, e a noite até uma hora da madrugada, deixaram muitas saudades, aqueles que de coração apreciam um Tangosinho dançando a moda nova, uma Valsa, um Fox-trot, etc.

Felicidades aos noivos é o que desejam todos que passaram tão agradáveis momentos. Entre as pessoas que abrilhantaram esta festa podemos anotar as seguintes: Coronéis José Medeiros de S. Campos, Luiz Alves de Góes e Mello, José Pereira Lima, chefe político de Princesa, Adelgicio P. Barreto, Engenheiro, Dr. Bartholo, Dr. Nestor Monteiro, Dr. Albérico Souto, Dr. Alípio José de Sousa, Cap. José Virginio, Tent. José Nunes, Delegado de Polícia, Cel. Ernesto de Carvalho, Joaquim D. Diniz, Manoel D. Diniz, Cel. Manoel C. Manso, Jovencio Medeiros, Pharmaceutico José Cordeiro, Alipio Sitônio, Antônio Madureiro, Severiano Cordeiro, Ananias Cordeiro, Ladislau Barros, José Beltrão, Adauto Barros, Josias Ribeiro, Othoniel Barros, José Andrade, Isaac Freitas, Antônio Wanderley, João de Cal-

das, Irineu Nunes, Luiz Beltrão, Clovis Nunes, Oscar Nunes e muitos outros. Senhoras: DD. Maria Iracema P. Barretto, Petronilla Amaral Góes, Benediceta Carvalho, Maria Alves Queiroz, Maria Amélia de Medeiros, Generoza Medeiros, Anna Florentino, Luzia Brandão, Maria Pereira da Luz, Juventina Freitas, Jardelina Lima, Antonia Brandão, Maria Virgínia de Carvalho, Etelvina Cordeiro, Generoza Wanderley, Laurinha Ferraz, etc. etc. Senhonrinhas: Estephania Rodrigues, Juvina Sant'Ana, Olga Amaral, Julieta Amaral, Liberalina Sant'Anna, Carolina Sant'Anna, Maria Xavier, Anna Lima, Laura Xavier, Angelica Lima, Alexandrina Nunes, Maria Beltrão, Olívia Moraes, Senhorinha Nunes, Maria Quidute, Jandyra Pereira, Amelia Ferraz, Lindaura e Doninha Medeiros

No Baile

Como é muito natural em todos os Bailes, há pessoas que vão dançar, outras que vão somente apreciar, e ainda outras que vão apreciar e dançar. Eu estou neste ultimo caso, pois pelo contrário não teria feito estas cavações para (O Beija Flor). Eis o que vi no Baile do casamento do Cel. Antônio Medeiros.

O Clovis todo almofadinha, pequenino e geitosinho, dirigiu-se a uma senhorita e disse-lhe: Dar-me-há a honra de dançar esta Valsa comigo?

- Pois não, senhor Clovis, é com o maior prazer.

Depois da Valsa, o Clovis desmanchando-se em desculpas, lamentou-se de não saber ainda. A senhorita então respondeu-lhe muito delicadamente: - Oh, senhor Clovis: se ainda não aprendeu a ***quebrar****, não tenha por isso cerimonia, dance mesmo como Porca.*

O Clovis roncou.

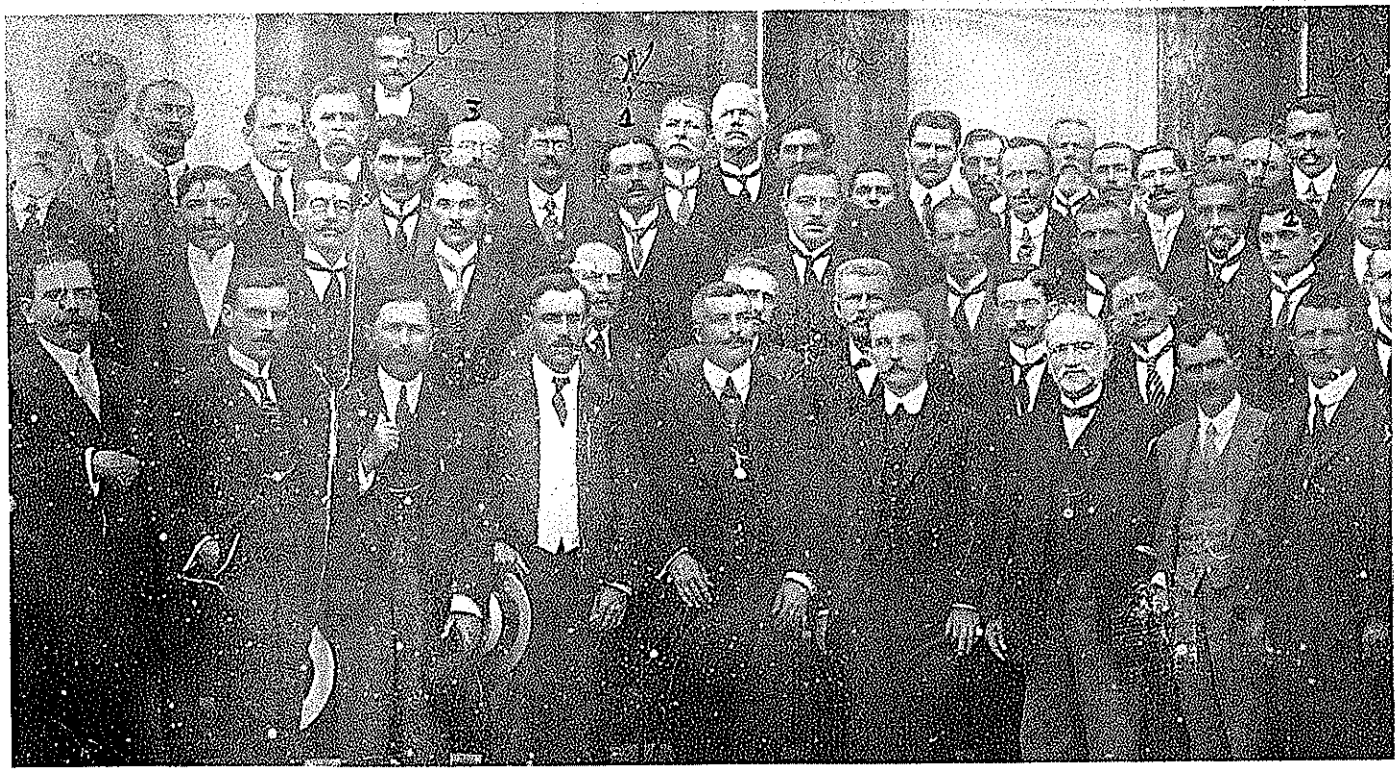
O José Beltrão também todo cheirosinho dirigiu-se a outra senhorita e quase no mesmo discurso do Clovis, convidou-a para um Tango. A senhorita muito cortezmente, disse-lhe: Cavalheiro, queira desculpar, porém estou tão cansada.

O Beltrão, ficou vermelho como um pimentão por causa do corte mais teve o gosto de ver sofrer a mesma pena antes da festa terminar, o José Brandão, o Josias e José Quidute. Paciência seu Zé: isto são caiporas da letra jota, veja lá: José Beltrão, Josias, José Brandão, e até mesmo o nome da senhorinha era também nesta letra. "Fatalidade atroz que a mente esmaga".

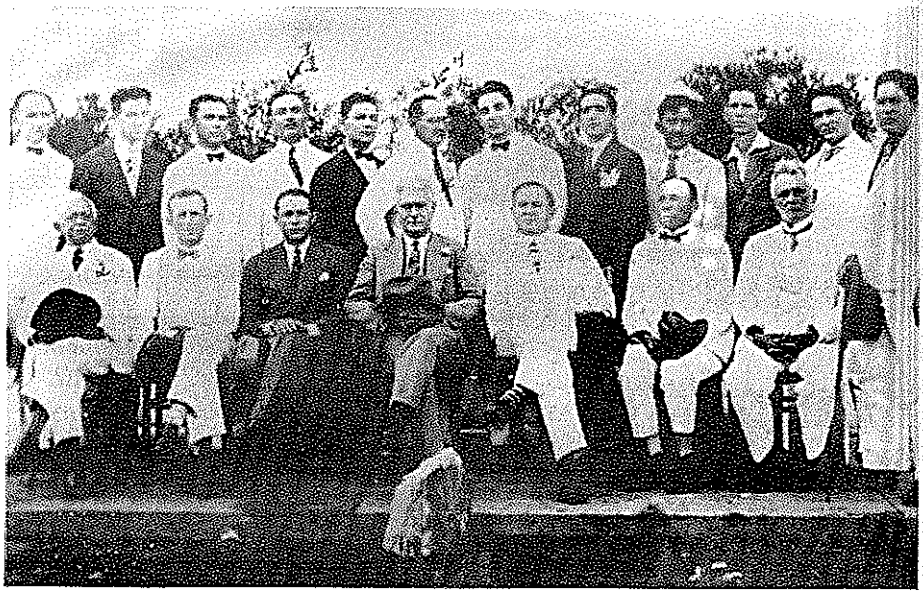
Entre nós dois, havia grande diferença de idade, porém não chegou a afetar nosso relacionamento. Amei-o e sabia que era amada. Dentro deste contexto, vivíamos felizes! Pois a confiança mútua ajuda muito, na convivência entre casais. Com os nossos filhos, não foi fácil, pois eu com pouca idade, não tinha ainda acordado para preocupações, sobre como lidar com crianças, ele, ao contrário era de um cuidado excessivo, preocupado para que nada de ruim acontecesse ás mesmas; a ponto de quando se ausentava por 3 meses, como Deputado para trabalhar no Recife, durante o inverno rigoroso, quando o Rio Pajeú, atrás da nossa casa, transbordava, enviou-me o telegrama nos seguintes termos: *"Stella. Cuidado Edgard. Rio cheio, abraços, beijos Antônio Medeiros S. Campos"*. Edgar era o nosso filho mais velho, ficando este telegrama na história, os amigos ao saberem, ficaram gozando, brincando com Antônio.

A vida é para ser vivida, não é uma diversão mas uma luta, que travamos na busca da felicidade ou de momentos felizes e de paz. Isto está ligado a qualquer escolha que se faça!

Da nossa união, nasceram onze filhos, bonitos e saudáveis. Procurei dar conhecimento à minha família que tanto adoro e amo, de onde procedemos, cujos méritos foram de muita honestidade, caráter, coragem e trabalho, honrando-nos, porque deles descendemos, que continuem nesta trilha.

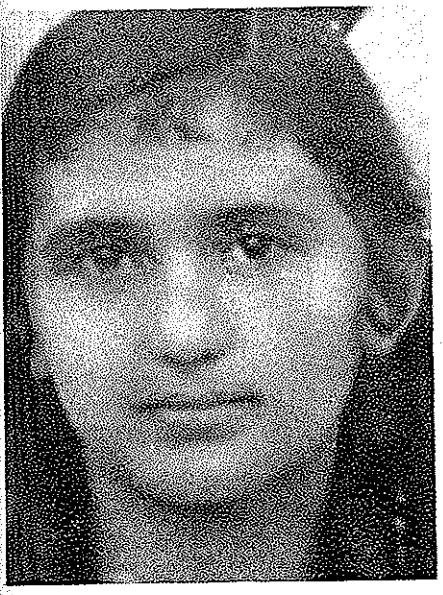


Recife, em 1917, o Governador de Pernambuco Dr. Manoel Borba, com os Prefeitos eleitos, na calçada da Assembléia Legislativa. 1 - Antônio Medeiros de Siqueira Campos, de Flores; 2 - Elpídio do Amaral Padilha, de Afogados; 3 - Manoel de Siqueira Campos, de Triunfo; 4 - Manuel Afonso Porto, de Caruaru

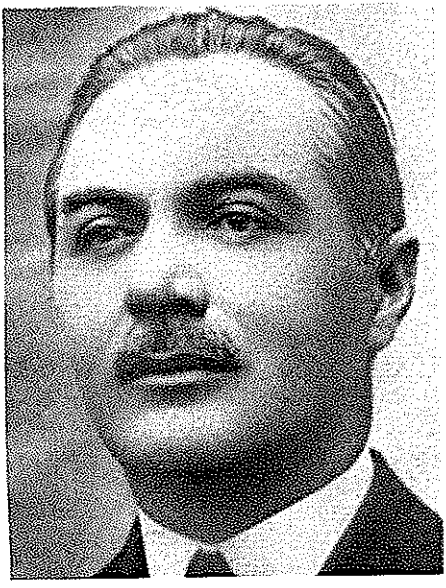


Cel. Antônio Medeiros de Siqueira Campos - Prefeito de Flores e outros prefeitos de municípios

Filhos da autora. Da esquerda para a direita: Antônio, João, Maria Helena, Diomedes e Edgard



Maria Stella Barros de Siqueira Campos - Autora



Cel. Antônio Medeiros de Siqueira Campos esposo da autora

Filhos da autora, Maria Helena e Edgard de Siqueira Campos

Cel. José Medeiros - cunhado da autora

Antiga residência da autora em Flores

Maria Stella e filhos, Maria Helena e Edgard com a esposa, Celina. Rio de Janeiro, 1946

Da esquerda para a direita, em cima: Edgard, Sônia Maria, Edgarzinho, Luíza Maria, Fernando. Abaixo: Bento Luís, Celina e Antônio

FESTA DA CONCEIÇÃO

Com a aurora resplendente do 1º de Dezembro, surgiu emfim a epocha desejada de festejar-mos embora modestamente a nossa excelsa padroeira a Virgem da Conceição.

Este motivo é mais que justificavel para sentir-nos orgulhosos, pois filhos somos da verdadeira religião catholica, emquanto outra occasião nos offerece mais propicia, e mais adequada do que esta, para festejar-mos a grande veneração que têmos por esta Mãe Immaculada. Estamos bem certo que se todos os Florences, compenetrados d'este dever, quizessem a Egreja, nesta grande commemoração, déria-mos sem «sacrificios» de especie alguma, uma festa que de certo não seria digna daquella a quem era offertada; mais ao menos seria-nos a grande satisfação, de termos empregado todos os esforços possiveis para abrilhantal-a.

É verdade que as nossas condicções actualmente não permittem que passamos o Impossivel como se costuma dizer, nós não têmos sempre mil reis no bolso, para a "Costarinha" de um Baile? Não temos sempre 500 réis para dar-mos de "Bicada" a um amigo? Não têmos sempre um nichel para Roleta, ou para o jogo dos bichos? É muito justo e cordial que tenhamos também um pequeno óbulo, para a festa de nossa padroeira - a Immaculada Conceição.-

J. Ribeiro.

Pensamento.

"O saber é uma riqueza que nunca escasseia."

Nem São Pedro....

Um celebre pintôr italiano, offendido por um cardeal muito orgulhoso e soberbo, tendo de pintar para uma egreja de Roma um painel do juizo final, poz o retrato do cardeal entre as figuras da mão esquerda, isto é, entre os reprovados ao inferno.

Como o retrato estivesse fidelissimo, conheceram-no todos; houve risos e escandalo e chegou o facto aos ouvidos do Pontifice. Mandou este chamar o pintôr, e em termos brandos lhe fez ver a inconveniencia de tal pintura e a necessidade de a emendar.

Recusou-se o artista; o Papa insistiu, e afinal ordenou que retirasse logo dalli o cardeal.

Sanctissimo Padre, replicou o vingativo pintôr, si eu o tivesse mettido no purgatorio, tinha Vossa Santidade meios de o livrar; mas do inferno não ha redempção; nem S. Pedro, o salvaria!..

O Papa achou graça e não fallou mais no caso.

Anecdota

Um certo padre estava pregando em presença de pequeno numero de fieis. De repente cáe grande aguaceiro, e toda gente que passava pela rua, refugiava-se na egreja; reparando no augmento de ouvintes, disse o padre:

«Ha muita gente para quem ha religião serve de capa: para os que estão agora entrando, ella serve de guarda-chuva.»

PELA IGREJA

Muitissima razão disse sua Exa R^vma P^e Elyzeu Diniz, quando Domingo p. passado fallara na Matriz d'esta cidade, pelo modo incorreto como muitos cavalheiros (as vezes da elite) se conservam na occazião da missa.

De facto, é bem triste notar-se que muitas pessôas dão preferencia á porta da Igreja, para tratarem de assumptos completamente differentes do que alli deve tratar-se, e isto justamente quando nos sobra tanto tempo, e temos outros lugares para as conversações frivolas.

Porque não podemos conservar por meia hora, á porta, a educação, o correctismo, de que são merecedores aquelle lugar?

Porque não podemos estar neste pequeno lapso de tempo, silenciosos e calmos, mostrando que temos um pouquinho de civilidade?

Comprehendamos que alli não é a calçada do Açougue, alli não é o Bécco do Pólo; alli não é nenhum Bilhar, Café, ou outro lugar semelhante, appropriado para estas cousas.

Portemo-nos senão como verdadeiros beatos, ou carolas, mas... ao menos como verdadeiros crentes nascidos, creados, e educados no seio da religião catholica, pois si esta foi a religião dos nossos antepassados, deve impreterivelmente ser tambem a nossa.

J. Ribeiro.

15 de Novembro

Entre os factos gloriosos de nossa Historia, a fundação do regimen Republicano fulgura com o maximo brilhantismo; pois elle que a tantos annos vinha sendo a maior aspiração de todos os Brazileiros, foi no dia 15 de Novembro de 1889, definitivamente ins-

tituido, sendo como proclamadores, Deodoro da Fonseca, Benjamin Constant, e demãos outros, cujos nomes jamaes apagar-se-hão nas paginas de nossa Historia Patria.

Infelizmente porem, passou desapercebida entre nós, esta data em que deviamos commemorar o 32º anniversario deste feito inexcedivel.

Devemos pois como reparação á esta falta, trabalhar-mos para que em 1922, este anno tão ancxiosamente esperado do nosso centenario, possamos festejar solemnemente este dia.

× × ×

Uma, do Xeca.

Xeca, conta a um amigo a cacada que fez: Vi um bando de maccacos; levei a espingarda ao queixo e comecei a fazer fôgo: Pá! Pá! Pá! Pá! Pá! Pá! Pá!

— Mas, senhor, estão não carregava a espingarda?

— Qual o que, não tinha tempo!...

Casamento

Conforme havia-mos annunciado realizou-se no dia 17 do mez proximo passado o enlace matrimonial do distincto Sr. Antonio Medeiros com a Exma Senhorinha Stella Barreto.

Agradabilissima foi a festa que se seguiu a este acto, pois a orchestra constituida pelos eximios musicos da Princeza, Joaquim Bellarmino, Enock Cavalcante, Joaquim Leandro, Luiz Bellinho, Romero Barros, e auxiliados pelos seus collegas da "Philarmonica Florence" José Campos, Manoel Mandelieff, Isaias Ribeiro, e Oscar Nogueira, esteve arrebatadora, tendo mesmo es-

tonteado a cabeça á muita gente. . .

As danças que se prolongaram por todo o dia seguinte, e a noite até uma hóra da madrugada, deixaram muitas saudades, aquelles que de coração aprecia um Tangozinho dan[illegible] a moda nova, uma [illegible] um Fox-trot, etc.
[illegible]dades aos noivos e o [illegible] todos que [illegible] são agra[illegible] [illegible]

E [illegible] pessôas que abr[illegible]taram esta festa [illegible] como são os [illegible]:

[illegible]cis, José Medeiros [illegible] Campos, Luiz Alves [illegible] Mello, José [illegible] Lima, chefe politico de Princeza, Adelgicio [illegible] Barretto, Engenheiro Dr. Barthôlo, Dr. Nestor Monteiro, Dr. Alberico Souto, Dr. Appio José de Sousa, Capm. José Virginio, [illegible] José Nunes, Delegado de Policia. Cel. Exs. esto de Carvalho, Joaquim D. Diniz, Manoel D. Diniz, Cel. Manoel C. Manso, Jovencio Medeiros, Pharmaceutico José Cordeiro, Alpio Leonio, Antonio Madureira, Severino Cordeiro, Ananias Cordeiro, Ladisláu Barros, José Beldrão, Adaucto Barros, Joceins Ribeiro, Othoniel Barros, José Andrade, Isaac Freitas, Antonio Wanderley, João de Caldas, Irineu Nunes, Luiz Beltrão, Clovis Nunes, Oscar Nunes e muitos outros.

Senhoras.

D. D. Maria Iracema V. Barretto, Petronilla Amaral Góes, Benedicta Carvalho, Maria Alves Queiroz, Maria Amelia de Medeiros, Generoza Medeiros, Anna Florentino, Lucia Brandão, Maria Pereira da Luz, Juventina Freitas, Jardelina Lima, Antonia Brandão, Maria Virginio de Carvalho, Edelvina Cordeiro, Generoza Wanderley, Laurinha Feroz, etc. etc.

Senhorinhas

Estephania Rodrigues, Juvina Sant'Anna, Olga Amaral, Julieta Amaral, Libertalina Sant-

Anna, Carolina Sant'Anna, Maria Xavier, Anna Lima, Laura Xavier, Angelica Lima, Alexandrina Nunes, Maria Beltrão, Olivia Moraes, Senhorinha Nunes, Maria Guidugli, Jandyra [illegible], Amelia Ferraz, Zenaida e Doninha Medeiros.

No Baile...

Como é muito natural em todos os Bailes, ha pessoas que vão dançar, outras que ~~vão [illegible]~~ da outras que vão apreciar e dançar.
Eu estou neste ultimo caso pois pelo contrario não teria feito estas cavações para o (O Beija Flôr)
Eis o que vi no Baile do casamento do Cel Antonio Medeiros:
O Clovis todo almofadinha, pequenininho e geitosinho, dirigiu-se a uma senhorita e disse-lhe:
Dar-me-há a honra de dançar esta Valsa commigo?...
— Pois não, senhor Clovis; com muito prazer.

Depois da Valsa, o Clovis desmanchando-se em desculpas lamentou-se de não saber ainda quebrar...
A senhorita então respondeu-lhe muito delicadamente:
— Oh! senhor Clovis, se ainda não aprendeu a q[illegible] não tenha por isso cerimonia, dance mesmo Porca.
O Clovis [illegible]

O José B[illegible] todo cheirosinho [illegible] a outra senhorita [illegible] no mesmo descanso [illegible] convidado a para [illegible]
A senhorita muito [illegible]mente disse-lhe: [illegible] Cavalheiro, queira d[illegible] par; porem estou tão [illegible]cada...
O Beltrão, ficou vermelho como um pimentão por causa do corte mas teve o gosto de ver soffrer a mesma pena antes da festa terminar, o José Brandão e o Josias e José Guilherme

cont.

Dacionia em Z: isto são emporão da lettra Zéla: veja-se: José Beltrão, Tobias, José Brandão, e até o mesmo o nome da senhorinha era tambem nesta lettra.

Natalidade atroz que a m este ornaza

Irineu Nunes, é tambem um rapazinho de muito gosto; rejamos.

A [illegible] havia jantado uma reforçada feijoada á Brazileira, não esquecendo umas batatinhas Inglezas depois em casa dos noivos, servindo-se de uns bolinhos Francezes, e por cima de [illegible] dançou muitos Tanguinhos Argentinos; quando amanheceu o dia estava doente de Hespanhola.

Coitado!

Vida Escolar

Sob a presidencia do Cel. Antonio Medeiros de Siqueira Campos, realisou-se no dia 24 de Novembro p. passado, os exames das Escolas Publicas desta cidade regidas pelas distinctissimas professoras DD. Luzia de Jesus Brandão, e Ana do Nascimento Lima.

A commissão examinadora, foi composta pelos cavalheiros Dr. Nestor de Souza Monteiro, Cel. Antonio Medeiros, e as Exmas. professoras D. Anna Lima, e Luzia Brandão.

O Resultado foi o seguinte: Primeira Classe. Maria Eulalia dos Santos, approvada com distincção. Maria José de Lima, Plenamente Grau 9. Minervina Carlos de Andrade, Plenamente Grau 9.

Segunda Classe. Maria Olindalia, Maria Lydia, Anthuza Barros, Isoila Pessôa approvadas com distincção.

Terceira Classe. Amalia Carvalho Nunes, approvada com distincção.

Quarta Classe. Laura Xavier de Souza Monteiro, approvada com distincção.

Da Escola do sexo masculino regida pela professora

D. Luzia Brandão, prestou exame somente o alumno José Soares de Almeida que foi approvado com destincção.

Pronunciados os resultados usaram da palavra as alumnas, Maria Eulalia dos Santos, e Laura Xavier de Souza Monteiro.

× × ×

Humorismos... Alheios.
(Aplicados aos Almofadinhas Florences)

José Brandão, passando a poucos dias pela porta de um amigo, um pequeno perguntou:

— Papai, porque o José Brandão tão moço já está ficando calvo?

— Meu filho, respondeu o pai; é porque os seus cabellos estão á tamanha altura, que accomettidos de vertigem, caem.

O Tenente Nunes, encontrando outro dia, um sujeito suspeito na rua, perguntou-lhe:

— Para onde vai?

— Sei lá; respondeu o homem, e continuou a andar.

O Tenente enraivecido, deu-lhe vôz de prisão.

— Ora. Então eu não tinha razão!... exclamou o preso. Como diabo eu podia adivinhar que ia para o cilindro?

Zé Guilherme, querendo saber se tem verdadeiros amigos em Flores, perguntou: Josias, és muito meu amigo?

— Sou.

— Quanto?

— Muito, muito.

— Mas... quanto?

Josias depois de pensar:

— Tanto quanto dois bois emendados pela rabo, com tripas e tudo.

RICHOMER GÓES DE CAMPOS BARROS

Era o filho primogênito de João do Nascimento Lopes Barros e Maria Fernandina Góes Campos Barros (D. Maroca). Nasceu em Triunfo, no dia 14 de fevereiro de 1895 e faleceu em Princesa, em 02 de setembro de 1946. Era funcionário público federal do Ministério da Agricultura e, sendo intelectual, escreveu várias poesias, dentre as quais "Maldição", escrita por ocasião da morte de nosso pai, João do Nascimento Lopes Barros.

Maldição

Está morto meu pai. Meu peito encerra
Toda agonia e dor que a morte exuma
E, ao vê-lo mudo se sumir na terra,
A esperança fugiu-me e a fé, em suma,

Minha alma a divagar, no infinito erra
Ondeando, que o martírio se consuma
De contemplar o céu, o mar, a serra,
A carne que apodrece e a terra estruma.

Tudo, tudo eu maldigo e a força estranha
Que o plasma gera e que, depois, devora;
Oh túmulo maldito, negra entranha!

Máter fecunda de outros animais
Porem, maldigo, muito mais agora,
A vil condenação de não o ver mais.

Richomer Barros escreveu o livro "O Caroá em Pernambuco e sua ocorrência nos demais Estados do Nordeste", publicado no Rio de Janeiro em abril de 1941 pelo Ministério da Agricultura através do Departamento Nacional da Produção Vegetal e da Divisão de Fomento de Produção Vegetal. Foi editado pela Imprensa Nacional.

Richomer aprendeu, desde criança, a conhecer a caatinga, distinguindo todos os tipos de vegetais pelos seus nomes vulgares, depois estudou as denominações científicas. Colaborou, em 1917 e 1918, com o comércio de fibras de caroá, beneficiadas por processos rudimentares, que se destinavam ao Estado de São Paulo. Desde 1932, assistiu a todas as experiências da firma José Vasconcelos e Cia, acompanhando a introdução do caroá no meio econômico de Pernambuco. Em novembro de 1939, ele foi designado por portaria do Chefe do Serviço do Fomento Agrícola, desse Estado, o agrônomo Oscar Espínola Guedes, para colher dados sobre essa bromélia. Embora a extensão do sertão exigisse grande movimento de transporte, na época muito difícil, conseguiu percorrer todos os caroazais, dos quais já tinha conhecimento. Realizou várias experiências com ajuda de amigos sertanejos.

O livro apresenta várias abordagens e ilustrações, inclusive o problema da falta de água nos sertões, o beneficiamento e as medidas protetoras da cultura do caroá, as fábricas de fiação e tecelagem, os aspectos sociais da cultura do caroá e os locais onde pode ser encontrado nos demais estados do Nordeste.

Richomer era portador de invejável força física, tendo sido halterofilista. Conta-se que, certa feita, juntamente com o primo Benedito Barros, levantou um burro, cruzando as pernas, pelo ventre do animal e segurando-se num forte galho de uma árvore. José Veríssimo testemunhou quando Richomer passou certo tempo sustentando um caminhão, que havia virado em cima dele, na estrada entre Custódia e fazenda Conceição.

Na época de sua juventude, no Recife, narra o saudoso Paulo Cavalcanti, que meu irmão participou do jornal "A Folha da Manhã", editado na década de trinta, do qual era um escritor dos mais entusiastas e idealistas.

Casou-se com Noemi Florêncio de Medeiros e tiveram seis filhos:

1. Artemis Florêncio de Campos Barros Padilha, casou com José Leite Padilha e têm cinco filhos: Maria de Fátima Barros Padilha; Maria das Graças Barros Padilha e Silva, casou com Laércio Flávio da Silva, tendo três filhos: Lívia Gizele Padilha e Silva, Lílian Geovane Padilha e Silva; Leonardo Glaydson Padilha e Silva. Maria do Socorro Barros Padilha, casou-se com Carlos Wilson Veras da Rocha e tiveram

dois filhos: Luana Padilha da Rocha; Thiago Antônio Padilha da Rocha; Maria Isabel Barros Padilha casou-se com Lourinaldo de Souza Dutra e têm um filho: Aquiles Hemógenes Padilha Dutra; José Leite Padilha Filho casou-se com Lucineide Galdino e têm uma filha: Larissa Galdino Padilha.

2. João Florêncio de Campos Barros casou-se com Maria da Conceição Lima de Campos Barros e tiveram três filhos: José Lima de Campos Barros casou com Nilce Geovane Lima e têm um filho Gabriel Lima de Campos Barros; Soraya de Campos Barros Carvalho casou com George Alves de Carvalho e têm cinco filhos: George Alves de Carvalho Júnior, Marcos Vinícios Lima Barros de Carvalho, Andréa Lima Barros de Carvalho, Andreza Lima Barros de Carvalho e João Manoel Lima de Barros de Carvalho; Syneide de Campos Barros solteira.

3. Ada Florêncio Barros da Nóbrega casada com Inocêncio Nóbrega de Andrade (falecido) e tiveram oito filhos: Cícero Emanuel Barros da Nóbrega casou-se com Edilza Magalhães Carlos e tiveram três filhos: Karynna Magalhães da Nóbrega, Renata Magalhães da Nóbrega e Saulo Magalhães da Nóbrega. José Adriano Barros da Nóbrega casou com Tereza Ventura Feitosa e tiveram três filhos: Artur Feitosa Nóbrega, André Feitosa Nóbrega e Maria Tereza Feitosa Nóbrega. Maria do Socorro Barros da Nóbrega Lopes casou com Francisco Ivo Soares Lopes e tiveram dois filhos: Marcela Nóbrega Lopes e Francisco Ivo Soares Lopes Filho. Richomer Barros Neto casou com Maria do Rosário Brasilino Leite e tiveram três filhos: Andrezza Leite Barros, Allana Leite Barros e Natan Emanuel Leite Barros. Mônica Barros da Nóbrega, solteira. Severino Carlos de Andrade, solteiro. Moema Barros da Nóbrega Fontes casou com André Fontes e não têm filhos. Maria do Rosário Barros da Nóbrega Chaves casou-se com Isnar Chaves e tiveram dois filhos: Víctor da Nóbrega Chaves e Mariana da Nóbrega Chaves.

4. Oscar Florêncio de Campos Barros casou com Iracy Cor-

deiro de Barros e têm seis filhos: Tânia Maria Barros Cavalcante casou com Francisco Marcos Lopes Cavalcante e têm dois filhos: Bruno Barros Cavalcante e Lígia Barros Cavalcante. Maria da Conceição Cordeiro Barros. Paulo Cordeiro Barros. José Cordeiro Barros. João Cordeiro Barros. Francisco Florêncio Cordeiro Barros (solteiros).

5. Paulo Florêncio de Campos Barros casou com Marlene Soares de Campos Barros e têm um filho: Vinícios Soares de Campos Barros, solteiro.

6. Aída Florêncio de Campos Barros (falecida) casou com Carlos Vanildo Diniz Carlos e tiveram quatro filhos: Luciana Maria Barros Carlos casou com Dimitri Moura e têm dois filhos: Pedro Augusto Moura e Ana Beatriz Moura. Antônio Carlos da Costa Neto casou com Verônica Sá Carlos e têm um filho: Carina Carlos. Francisco Montalverne de Barros e Carlos, solteiro. Héder Barros Carlos, solteiro.

ARETHUZA BARROS PADILHA

Foi a Segunda na escalada dos filhos de meus pais. Nasceu em Triunfo, no dia 10 de março de 1896 e faleceu em Afogados da Ingazeira, em 30 de agosto de 1993.

É uma alegria e uma saudade, voltar ao passado ao traçar seu perfil, dizer o quanto foi importante na formação de um lar. Papai nunca deixou dúvida quanto a sua admiração pela mesma, a sua predileta. Arethuza demonstrou sua capacidade ajudando a mamãe na administração da casa, aliviando os trabalhos domésticos com as crianças, assumindo enfim como cooperando em todos os momentos que são inerentes à vida de uma casa, que se externava até ao social. Desempenhou seu papel com energia e senso equilibrado, o ponto de nós a obedecermos e buscarmos seu apoio, como irmã e mãe!

Já mocinha, Arethuza assumiu o cargo de agente dos Correios. O funcionário aposentou-se e ninguém quis aceitar o encargo de trabalhar nos Correios. Tendo papai, batido de porta em porta, a procura de quem aceitasse o cargo, para que Flores não ficasse privada e ver fechada a sua Agência, tomou esta decisão, indicando-a para assumir o posto vago e ficando o mesmo, responsável pelo desempenho da referida repartição, que neste tempo funcionava na sua própria residência. Como também as escolas, que funcionavam nas residências dos professores. As malas do Correio eram feitas como pacotes de papel madeira e fechadas com lacre que antes de colar, tinha que ser derretido ao fogo. Depois os pacotes eram carimbados com o nome da agência.

Foi numa dessas vezes que se deu um acidente horrível com Arethuza. Quando ela transportava a caçarola com o lacre já derretido, bateu no portal da cozinha, derramando-o e atingindo o seu pescoço até a ponta de sua orelha e seu pé direito. Era o dia de uma Segunda-feira, quando além deste trabalho, a casa enchia-se de gente, que vinha tratar de seus interesses ou simplesmente visitar papai. Pessoas que vinham de Carnaíba, Ibitiranga, Saco dos Bois e outras cidades. A mesa estava sempre farta, nunca faltou nada. Ainda tinha o fato dos animais que eram levados aos roça-

dos para pastar. Foi um corre-corre, papai pacientemente correu ao seu encontro, colocando-a numa cadeira, a fim de socorrê-la melhor. Começou então a cortar as peles e carnes queimadas, ficando em carne viva. Mandou comprar, às pressas, inhame na feira, raspava-o e colocava em cima dos ferimentos, para amenizar as dores. Remédio este, único, pois na farmácia existente, não tinha nenhum medicamento para ser usado. Nem havia médico em Flores. Não sei como papai pode aplicar o inhame, mas conseguiu amenizar a sua dor.

Não sei como Arethuza conseguiu passar aquela noite. Porém tem um ditado que "no meio do mundo, fala Deus ao homem". Aconteceu que apareceu um médico e assumiu todo o tratamento, com total cuidado e tratou-a até seu completo restabelecimento, ficando só as cicatrizes. O médico era chamado Dr. Russo, que no momento havia chegado a Flores, vindo da fazenda de Panela D´água, onde ficou hospedado em Floresta e em Flores ficou na casa do Capitão Quidute Ferraz. Diziam que ele era fugitivo da revolução na Rússia. Falavam que tinha sido padre e que falava mais de dez línguas. O Dr. Russo casou com uma parente do Capitão Quidute, cujo nome era Marôta e sendo analfabeta, o médico pediu a Arethuza para ensinar-lhe a ler, no que foi atendido.

Voltando a sua vida normal, trabalhando e sempre ajudando a nossa mãe. Na vida social de Flores, Arethuza chegou a desempenhar cargos importantes. Foi criada a Associação do Coração de Jesus, e as participantes, eram as senhoras da sociedade. Vovó, mamãe e tia Yayá foram escolhidas para zeladoras e Arethuza foi nomeada Secretária, cargo importante quase como o de Presidente ou Tesoureira.

Possuía uma voz bonita e forte. Estudou juntamente com Richomer tendo como professor Dr. Nilo Bezerra que era amigo de papai. Dr. Nilo foi promotor em Flores, pertencia à família de Alagoa de Baixo, hoje Sertânia. A amizade dos dois firmou-se por longos anos. Ela lia muito e as nossas noites eram cheias com leituras, isto é, quando não tínhamos visitas.

Nas noites de Natal, Arethuza era quem preparava a Lapinha do Menino Jesus. Esta era diferente das outras lapinhas pois mamãe queria que a mesma fosse cheia de bogaris que na época ficavam floridos.

Arethuza noivou com nosso primo Elpídio do Amaral Padilha, comerciante próspero e com outras atividades em Afogados

da Ingazeira. O noivado durou dez anos, o que não causou espanto, pois havia a confiança de um amor sincero, até que chegou o grande dia do casamento e ambos foram felizes para sempre. Seus filhos completavam as suas vidas, e também se fizeram homens e mulheres de grande valor.

Com Elpídio demonstrava bastante carinho e respeito. Costumavam conversar longamente e mantinham o ritual de discutir sobre política diariamente, acompanhando a Voz do Brasil, programa de rádio que transmite notícias do Congresso Nacional e do Senado Federal. Tiveram dez filhos, sendo apenas dois do sexo masculino. Perderam as duas primeiras filhas, quando estas ainda estavam na primeira infância, que foram Consuêlo e Mercês. Elpídio foi duas vezes prefeito de Afogados da Ingazeira e uma de Custódia. As dificuldades financeiras com a falência de Elpídio, lhe deixaram marcas profundas, fazendo-a ter um rigoroso controle nas contas.

Sempre teve carinho e admiração para com todos os irmãos. Nunca fez comentário crítico a nenhum deles. Aliás, prática de vida que manteve até seus últimos dias aos 97 anos. As rotinas privadas, conflitos pessoais não faziam parte de suas preocupações ou discussões. A sua mente, eternamente lúcida, estava voltada para a política, no sentido amplo da palavra. O que se passava no mundo, no Brasil e no Estado sempre lhe interessou. Manteve sempre o senso de organização, guardando tudo impecavelmente arrumado e limpo. Os álbuns de fotografias registavam as várias gerações. A sua casa sempre acolhedora e cuidadosamente zelada. A leitura de jornais e livros era sua grande paixão. Ela mesma confessava ter lido mais de mil livros no decorrer da sua vida, daí o seu vocabulário ser tão extenso, apesar de ter concluído apenas o curso primário.

A justiça e a ética eram seus princípios tão religiosos quanto sua fé na Igreja Católica. Incentivou os filhos a despertar o gosto pelas questões intelectuais. A sua racionalidade, seus mecanismos intelectuais a distanciavam da rotina da pequena cidade em que sempre viveu, Afogados da Ingazeira.

Arethuza Barros Padilha, casada com Elpídio do Amaral Padilha, teve os seguintes filhos:

1. Consuêlo de Barros Padilha (falecida na primeira infância).

2. Mercês de Barros Padilha (falecida na primeira infância).

3. Teresinha de Barros Padilha – solteira.

4. Magda Auristela de Barros Padilha, casada com Lourival de Novaes Leitão; tiveram dois filhos:

   Tânia, casou-se com Diomedes Pontes Valois e tem dois filhos: Tatiana Leitão Valois e Felipe Leitão Valois.
   Luís Carlos, casado com Conceição de Fátima do Nascimento Veras; tiveram três filhos: Leandro Veras Padilha, Hugo Henrique Veras Padilha e Luís Carlos Veras Padilha.

5. João Barros Padilha, casou com Elisabeth Almeida Lopes e tiveram três filhas:

   Andréa, casada com Jâmenson Santos Ximenes; têm duas filhas: Bruna Padilha Ximenes e Marcela Padilha Ximenes.
   Cristiana casada com Inácio Joaquim de Abreu Valente
   Flávia Lopes Padilha.

6. Mirian de Barros Padilha casada com Glauco Benévolo de Benévolo tiveram três filhos:

   Márcia Padilha de Benévolo casada com Radisav Jovanovic mas ainda não teve filhos.
   Roberto tem duas filhas: Renata Alvetti Benévolo e Giovana Alvetti Benévolo do casamento com Letícia Barbosa Alvetti e uma filha Luísa Almeida Benévolo com Patrícia Suzart Almeida.
   Marta casou-se com Valdir Craveiro Bezerra e teve dois filhos: Carolina Benévolo Bezerra e Felipe Benévolo Bezerra.

7. Maria Madalena de Barros Padilha casou-se com Josemir Vasconcelos de Castro e tiveram dez filhos:

   José Airamir Padilha de Castro
   Taciana Padilha de Castro casada com Eduardo Vasconcelos Lopes Ferreira, tem três filhos: Rodrigo de Castro Lopes, Renato de Castro Lopes e Marcelo de Castro Lopes.

Sibele Padilha de Castro casada com Antônio Américo Perazzo de Andrade; têm três filhos: Giordano Castro de Andrade, Juliano Castro de Andrade e Isabel Padilha de Castro Perazzo de Andrade.
Arimarcel Padilha de Castro casado com Maria Elza Rodrigues; tiveram uma filha: Marília Rodrigues Padilha de Castro.
João Sávio Padilha de Castro casado com Ivete Vasconcelos Lopes Ferreira; tiveram quatro filhos: Lucas Lopes de Castro, Júlia Lopes de Castro, Sofia Lopes de Castro e o primogênito, Pedro, falecido nas primeiras 24 horas de vida.
Ricardo Henrique Padilha de Castro casado com Sílvia Carmélia de Medeiros Carvalho; tiveram uma filha: Taciana Medeiros Carvalho Padilha de Castro.
Luís Elpídio Padilha de Castro – falecido com 1 ano de idade.
Luciana Padilha de Castro casada com o primo Márcio Tadeu Padilha de Freitas mas ainda sem filhos.
Alexandre Padilha de Castro.
Leonardo Padilha de Castro.

8. Margarida de Barros Padilha casada com Roberto Gil Amaral de Carvalho; tiveram três filhos:

   Ana Paula Padilha de Carvalho casada com Paulo André Belo; têm dois filhos: Paulo Henrique Padilha de Carvalho Belo e Luís Felipe Padilha de Carvalho Belo.
   Roberto Padilha de Carvalho.
   Adriana Padilha de Carvalho.

9. Helena Maria de Barros Padilha teve duas filhas com Marcelo Nogueira da Silva:

   Raquel Padilha Nogueira da Silva.
   Patrícia Padilha Nogueira da Silva.

10. José Arthur de Barros Padilha casou-se com Maria do Carmo Ribeiro Dantas e teve uma filha:

    Maria do Carmo Dantas Padilha.

ADAUTO GÓES DE CAMPOS BARROS

Em ordem cronológica, Adauto estava no terceiro lugar na escala dos filhos. Nasceu em Flores, em 12 de junho de 1899.

Como irmã e amiga, irei expressar minha gratidão e reconhecimento por tudo que ele fez. Agradeço ao meu prezado e querido irmão que talvez nunca tenha imaginado a grandeza da ajuda que sempre dispensou em todo percurso da minha vida.

Adauto quando criança, como todas as que gozam de plena saúde, era brincalhão, demonstrando atividade e curiosidade fora do comum. Quantas travessuras aprontou! Quantas vezes nosso pai o pegou fugindo de casa, para encontrar-se com a turma de sua idade! Sempre ia tomar banhos com os amigos no Catolé, onde o rio Pajeú deixava poços de grandes profundidades. Nadador exímio, atravessava-o muitas vezes, mesmo quando suas águas transbordavam as margens. No inverno rigoroso de 1914, a enchente do Pajeú atingiu uma largura nunca vista antes pelos antigos habitantes, com a correnteza forte inundando as ruas de níveis mais baixos. Com apenas 16 anos de idade, Adauto e seus amigos, Emiliano e Raimundo, aventuraram-se a atravessar a nado o Pajeú, que em sua fúria parecia querer devorar tudo na sua passagem. Quando mamãe soube, eles já estavam chegando na margem esquerda. Ela ficou apavorada, temendo pela sua vida. Dona Maria Virgínia, uma de nossas vizinhas, abortou com o susto dessa façanha. Quando regressavam à margem direita, Raimundo, quase sem forças e exausto, conseguiu segurar-se aos galhos da enorme gameleira, que havia no meio do rio, onde emergia uma pequena ilha, fazendo o Pajeú bifurcar-se, unindo-se a 200 metros de distância. Naquela ilha, além da gameleira, existiam também dois grandes roçados, onde plantavam milho, feijão, verduras e outros. Adauto e Emiliano voltaram determinados a socorrer Raimundo e, depois de muitos esforços, conseguiram salvar o companheiro. Adauto demonstrou ser amigo, mesmo com a pouca idade que tinha na época.

Adauto gostava de pescar, caçar passarinhos e até aves de grande porte, como asa branca, codornizes, marrecos selvagens e

outros. Numa dessas caçadas, ele atingiu com uma pedra de "baleadeira" o nosso irmão Othoniel, furando-lhe a orelha.

Por seu temperamento alegre, comunicativo, espirituoso, era sempre convidado para festas e outras reuniões, com a finalidade de promover divertimento nos bailes, serenatas e retretas.

Adauto gostava de recitar poesias e junto com Arethuza cantava e tocava violão. Papai gostava e animava, tomando parte, ensinando como instrutor ou diretor, proporcionando alegria, tornando felizes as noitadas de uma pequena cidade, onde decorriam, harmoniosamente, os dias.

Lembro-me, ainda, dos versos da sua poesia preferida:

A noite bole-me n'alma
Eu sinto, não sei, que pena
Amor de minha morena
Quebrantos de seu olhar!
Grossas áureas repassadas de amor
E de esperança, que os anos
Não trazem mais! Chorar...
Chorar! Eu nunca chorei,
Ergo a fronte, aparo o raio,
Não morro, porque não vivo,
Não vivo, porque não sei.

Um grupo de rapazes e moças resolveu fundar um pequeno teatro, que pudesse proporcionar mais alegria e incentivar o desenvolvimento intelectual e social dos moradores da nossa cidade. Adauto foi convidado a integrar o elenco de atores, cabendo-lhe um papel importante na peça *"Honra de um taverneiro"*, sendo Cotinha a protagonista, filha do sr. Veiga, nosso telegrafista. O maior artista era o Sr. Manoel Wanderley, escrivão, que como homem dos sete instrumentos, dirigia a peça, representava, executava os cenários, fazia quase tudo. A peça foi um sucesso e Adauto foi aplaudido em plena execução do seu papel.

Adolescente, já trabalhava no campo, cultivando fumo, algodão e milho. Além da agricultura, começou a interessar-se pelo comércio. Nesse ramo, teve uma experiência desanimadora. Adquiriu, em leilão de um espólio e/ou inventário, uns cavalos e bestas. Porém quando os animais chegaram ao curral de papai, a decepção foi enorme. Estavam em péssimas condições, esqueléticos

e nanicos. Adauto, embora desanimado, reagiu com espírito forte e otimista.

Após aquela nefasta experiência e obedecendo aos conselhos da nossa mãe, foi à cata de horizontes melhores. Com apenas dezesseis anos, quis trabalhar na fábrica de linhas de Delmiro Gouveia, em Paulo Afonso, Alagoas. Como em Tacaratu residia nosso tio Neco, papai consentiu em sua ida, confiante no apoio do mesmo, caso dele necessitasse em alguma emergência. Adauto demorou pouco tempo, porém o suficiente para conhecer o progresso que se iniciava na indústria. Lá ele conheceu a luz elétrica. Contava que os matutos ingênuos tentavam acender seus cigarros nos bicos das lâmpadas acesas.

Regressando à casa de papai, irrequieto, procurou trabalhar pois essa era a sua marca. Pediu a Antônio Medeiros de Siqueira Campos, que seria meu futuro esposo, para conseguir-lhe um emprego no Recife. O pedido foi atendido e Adauto viajou para assumir o cargo de caixeiro-viajante, como representante da firma comercial Pessoa de Queiroz. Começou visitando as capitais do Norte e as principais cidades interioranas dos respectivos estados. Numa de suas visitas a Salvador-Bahia, contraiu febre tifo, ficando internado no hospital, bastante grave, mas depois de um período entre a vida e a morte, salvou-se milagrosamente. Ainda convalescente, voltou a Flores para recuperar-se, sob os cuidados e carinhos dos nossos pais. Sentindo-se forte, com a saúde restaurada, voltou para assumir o emprego. No entanto, uma grande injustiça esperava-o. A firma debitou todas as despesas de sua doença, em sua própria conta, como se ele não estivesse a serviço da mesma. Surpreso diante dessa atitude, imediatamente pediu demissão.

Rapidamente conseguiu emprego na casa comercial "Alves de Brito", onde adquiriu, em pouco tempo, a confiança e amizade da própria família. Otimista com a situação alcançada, trouxe nossa irmã caçula Helena para estudar interna no colégio São José. Nas folgas e férias, ela ficava hospedada na casa da família Alves de Brito, reforçando, cada vez mais, a amizade já existente. Gozando de íntimo relacionamento, Adauto conheceu, namorou e, até, noivou com Celina, sobrinha dos seus patrões. Mamãe chegou a corresponder-se com a futura nora, já considerando-a como tal colocou seu retrato na sala de visitas. O noivado porém terminou, fazendo mamãe sofrer e, inconformada, chorar muito. Adauto, desgostoso, deixou a firma e viajou para o Rio de Janeiro.

A vida aventureira de caixeiro-viajante e as muitas leituras ajudaram-no a moldar o seu caráter. Trabalhando por conta própria foi bem sucedido. No tempo da Primeira Guerra Mundial, montou juntamente com seu sócio, Severino Pereira, uma indústria de tecidos. Anos depois, foi proprietário da fábrica de cerveja Boêmia, em Petrópolis.

Quando solteiro, numa de suas visitas a nossa terra natal Flores, Adauto propôs a Antônio Medeiros de Siqueira Campos, meu esposo, levar para o Rio, o nosso filho mais velho Edgard, a fim de proporcionar melhores condições de estudos. Antônio aceitou a proposta confiante e Edgard, envaidecido, viajou, aproveitando a grande oportunidade que lhe foi oferecida. Chegando ao Rio de Janeiro, foi matriculado no colégio Bennett, por ser o mais próximo da casa do meu irmão, logo depois continuou os estudos no Colégio Aldridge na praia de Botafogo, lá permanecendo até 1938, quando foi para Fortaleza-Ceará, estudar no Colégio Militar. Retornando ao Rio, em 1940, prestou exames para a Escola Militar, onde terminou o curso e saiu como Tenente Aspirante. Tive a oportunidade de assistir o término do seu curso, vendo-o receber o espadim das mãos de Maria das Dores minha cunhada, numa cerimônia bonita e emocionante.

Adauto jamais esqueceu Flores, ou nos esqueceu. Sempre feliz, comunicativo, visitava os amigos e os lugares que percorrera em sua juventude. Casou-se com nossa prima Maria das Dores, filha de tio Juca e de madrinha Xanduzinha, esta irmã do Cel. José Pereira, chefe político de Princesa, Paraíba.

Adauto sempre deu aos seus filhos, exemplo de trabalho, persistência, severidade e caráter, além de amor à vida e coragem nos seus embates, deixando uma descendência apta para vencer.

No local da fábrica de tecidos, na Rua Gal. Glicério, bairro de Laranjeiras, Rio de Janeiro, ele juntamente com os sócios da fábrica, construíram vários edifícios de luxo e colocou-lhes os nomes: Pajeú, Flores, Garanhuns, Taquaritinga, Caruaru, Pesqueira, Timbaúba e outros, em homenagem ao nosso sertão do Pajeú.

Adquiriu a fazenda Piraju em Petrópolis no vale do Brejo, retornando, no final da vida, à terra que lhe tinha sido dadivosa em sua juventude, podendo aproveitar os ares puros da serra no balanço e no ranger da rede nordestina.

Adauto faleceu no dia 30 de junho de 1968 e Maria das Dores em 03 de março de 1996.

Da união dos dois, nasceram cinco filhos:

1. Paulo Adauto de Campos Barros, Ten. Coronel, faleceu em desastre aéreo em 15 de agosto de 1973, quando pilotava um avião da época da 2ª Guerra Mundial, no percurso de Recife para o Museu, em São Paulo. Paulo deixou uma filha pequena Ana Paula Gurgel que, hoje, tem um filho: Paulo Barros Gurgel.

2. Maria Helena Barros de Cicco casou com Felipe Antônio de Cicco e tiveram três filhos: Luciana de Cicco Pereira, casada com Alexandre Tousaint Pereira; tem um filho Gustavo Antônio de Cicco Pereira. Cláudia de Cicco Ferraz, casada com Nelson Grejó Ferraz; tem uma filha Maria Júlia de Cicco Ferraz. Marcelo Antônio Barros de Cicco.

3. Eduardo Augusto de Campos Barros, casou com Terezinha Gonçalves Barros e tiveram Felipe Gonçalves Barros.

4. Afonso Henrique de Campos Barros.

5. Guilherme Augusto de Campos, casou com Maria Isabel Barros, e tiveram Ricardo Augusto de Campos Barros.

OTHONIEL GÓES DE CAMPOS BARROS

Foi o quarto filho do casal, mais velho do que eu apenas onze meses. A personalidade de Othoniel firmava-se diferente da nossa, um pouco irônico, crítico, porém bondoso e brando. De fala mansa, facilitava o bom relacionamento entre os demais irmãos e sempre assumindo corajosamente as suas travessuras.

Para vovô Dodô, ele era o predileto não apresentando defeitos; ilustrando esta minha observação, relato um gesto, que causou bastante admiração aos meus pais. Viajando vovó Chiquinha para a sua fazenda Conceição, mamãe achou que deveria mandar Adauto e Othoniel dormirem com vovô, fazendo-lhe companhia. Uma das noites, não sei o motivo, meu avô Dodô dispensou Adauto, dizendo que ele poderia voltar para dormir em casa de meus pais. Othoniel reagiu, dizendo, que se Adauto voltasse, ele não ficaria para dormir com nosso avô. Diante de sua ameaça, vovô não hesitou, capitulando e alegando que apenas brincava, pois os dois eram bons companheiros. Foi selado um armistício pelas partes beligerantes.

Recordo-me da visita a Flores, de Dom Augusto Álvares da Silva, Bispo de Floresta. A distância dessas duas cidades era muito grande, cerca de trinta léguas e a visita provocou um rebuliço nunca visto. Como a casa de Padre Anízio ficava distante da Igreja e a do meu avô Dodô, era vizinha, esta foi escolhida para hospedar o Bispo, com sua caravana, que viajavam a cavalo. Foram muitos os preparativos para tão honrada visita. Enfeitaram todas as ruas de bandeirolas, como também a casa de vovó que era o centro da recepção e até a cadeira que o Bispo iria ocupar, estava decorada de rendas e fitas. Uma caravana de cerca de trezentos cavalheiros partiu ao encontro da comitiva que se aproximava. O Bispo foi recebido com festas, repiques dos sinos, girândolas de fogos aos céus e o som da Banda de Música. Enfim, nada faltou para demonstrar o enorme entusiasmo em receber, pela primeira vez, um Bispo, senhor de um grande rebanho do qual ele era o Pastor! Refeito um pouco de sua longa viagem, seu primeiro ato foi visitar a Igreja, que também estava toda enfeitada e abrindo suas portas, após o bater do gongo do seu pastor e do som dos

sinos, o Bispo rezou um bonito e sonoro Te Deum. Flores nunca havia realizado a importante celebração da Primeira Eucaristia. Nessa ocasião, aproveitando a oportunidade da visita do Bispo Dom Augusto, foram feitos os preparativos necessários, inclusive requisitando para ensinar o catecismo aos menores, as beatas de Princesa – PB, D. Maria Sérgio e Luiza Soares. Adauto já estava grandinho e era neófito. Junto comigo, Othoniel e tantas outras crianças, percorremos as ruas até a Igreja, parecendo mais uma procissão, de tantos comungantes! A visita e todas as cerimônias transcorreram com muitas alegrias, brilho e sucesso.

Relembro-me de Othoniel ao terminar seus estudos primários, pois mamãe, como tinha feito com seus primeiros filhos, procurou um meio onde ele continuasse seus estudos. Não encontrando em Flores, resolveu mandá-lo para Princesa Isabel – PB, onde tínhamos o tio Juca, cuja esposa Xanduzinha, era irmã de Zé Pereira, a fim de estudar com o professor Feitosa, bastante inteligente e preparado. Othoniel adquiriu muitos conhecimentos, equiparando-se com os demais estudantes de um curso maior. Permaneceu alguns anos em Princesa, estudando e trabalhando na casa comercial de José Pereira Lima, cunhado do nosso tio Juca e grande amigo de papai.

Othoniel voltou a Flores e junto com o meu esposo, Antônio Medeiros, compraram a casa comercial do nosso parente, Duduzinho, a qual prosperou bastante. Conviveu feliz com os nossos conterrâneos, divertindo-se com seus namoricos próprios da juventude. Quando nasceu o meu terceiro filho, João, em honra de papai, convidei-o para ser seu padrinho, juntamente com Dona Maria Amélia, minha cunhada, irmã de Antônio Medeiros. Othoniel gostava muito do afilhado, sendo rotina, quando da volta do seu trabalho na loja, visitar a nossa casa para brincar com João.

Somente uma casa separava a nossa de mamãe que morava com Anthuza, Helena e Othoniel que a consolavam da sua recente viuvez. Apesar disso, mamãe incentivava a todos a dar os seus gritos de libertação, isto é, procurarem conhecer mundos diferentes, dando oportunidades para cada um conquistar as suas próprias realizações. Com as experiências adquiridas, Othoniel resolveu tentar a vida numa cidade maior. Escolheu Recife, onde começou a trabalhar na casa comercial Alves de Brito, onde Adauto já havia trabalhado. Othoniel distinguiu-se entre os demais funcionários, sendo transferido como gerente para a filial de João Pessoa, onde

se casou com Maria Dolores Amorim. Dessa união, nasceram dois filhos Fernando e Carlinhos. Era um eterno enamorado de sua esposa, elogiando-a sempre pela sua elegância em tudo que fazia.

Com a súbita morte de mamãe, nossas irmãs Anthuza e Helena ficaram morando com eles em João Pessoa. Anthuza depois foi morar com Adauto no Rio de Janeiro e Helena casou-se com Francisco Lisboa em João Pessoa. Othoniel, não sei qual o motivo, decidiu mudar-se para o Rio de Janeiro, onde foi gerente da fábrica de cerveja Boêmia em Petrópolis, pertencente ao nosso irmão Adauto. Othoniel exerceu vários cargos em sua vida, com sucesso, culminando como chefe dos fiscais de Imposto Sindical no Ministério do Trabalho em Brasília, onde se aposentou. Ele e Dolores conviviam com o filho Carlinhos e sua esposa Marlene, ambos médicos. Acidentalmente, na própria residência, Carlinhos morreu; desgostosos eles resolveram retornar ao Rio de Janeiro, onde meu querido irmão faleceu.

Othoniel Góes de Campos Barros, casado com Dolores Amorim tiveram dois filhos:

1. Fernando Amorim Barros, casado a primeira vez com Heloísa Estella Gonçalves Barros; tiveram três filhos: Ana Betriaz Gonçalves Barros, casou com Sávio Carneiro Menezes, tem um filho, Rodrigo Gonçalves Menezes; Luiz Fernando Gonçalves Barros; Adriana Gonçalves Barros. Do segundo casamento com Maristela de Brito Pereira Lamare, teve dois filhos: Maria Clara Lamare Barros e Rodrigo Otávio Lamare Barros.

2. Carlos Amorim Barros, falecido, foi casado com Marlene Jood Lima Barros e tiveram cinco filhos: Carlos Henrique Lima Barros, casado com Kátia Menezes Barros; tem um filho Igor Menezes Barros. Maria Luíza Lima Barros, casada com Warley Menezes Nascimento; tiveram Fabiana Barros Nascimento. Maria Luíza Lima Barros Gomes, casada com José Carlos Gomes; tem Ana Luíza Barros Gomes.Ana Lúcia Lima Barros Dorabella, casada com Rodrigo Hermedo Dorabella; tem dois filhos Mariana Barros Dorabella e Gabriel Barros Dorabella. Ana Maria Barros Rocha, casou com Jacili Cézar Dantas Rocha e tiveram Fernando Barros Rocha, Gustavo Barros Rocha e Guilherme Barros Rocha.

GENERAL JOSÉ GÓES DE CAMPOS BARROS

Mamãe sempre desejou dar o nome de meu avô, que era José, a um dos seus filhos que nascesse. Porém depois de três insucessos, apelou para São José, patrono em nossa Igreja, onde era venerado, invocado, a fim de obter esta graça. Prometeu, se alcançado o pedido, doaria os cabelos da criança, quando a mesma atingisse a idade de cinco anos. Finalmente nasceu um menino, em 7 de agosto de 1907, que foi batizado com o nome de José.

Zezito é o apelido carinhoso, com o qual todos nós o chamamos, cresceu em bondade e sabedoria, como diz a Bíblia e mamãe feliz, cumpriu a promessa, cortando os seus cabelos louros e encaracolados e piedosamente agradecida, colocou-os aos pés de São José. Na idade escolar, que na época era de oito anos, em que se recebia a carta do ABC, Zezito tinha como professora D. Maria Augusta e Dona Luiza Brandão, iniciando a desbravar seus conhecimentos.

Decorria sua infância tranqüila e feliz, correndo atrás das borboletas azuis, tomando banhos no nosso rio Pajeú, rio que surgia aos nossos olhos, como sendo um irmão mais velho, que ora beija, ora esbraveja. Quando dominado, parecia brincar conosco. A sua cachoeira era disputada, com apenas um metro e meio de altura de água cristalina, proporcionando uma queda regular. Além das grandes pedras que circulavam ao seu redor; havia grossos cipós que caiam do alto das árvores, em que os pequenos "Tarzans", equilibrados, pulavam de galho em galho, para terminar caindo na cachoeira. O melhor banho do mundo!.. No inverno, era este o local preferido para os banhistas de todas as idades, pois também dava para atravessar até a outra margem, praticando natação.

Logo depois que Zezito terminou o primário foi fundado em Triunfo, cidade vizinha a Flores, o Colégio dos Padres Maristas onde ele foi internado, para iniciar o ensino médio. Foi por intermédio de nosso irmão Adauto que já estava gozando de certa estabilidade, ajudando aos meus pais e no desejo de fazer de Zezito, um militar, visto que Mamãe tinha um irmão, Antônio Praxedes de Campos Góes, que era na época Coronel do Exército. Quando em março de 1924, conseguiu matricular Zezito no Colégio Militar

de Fortaleza/Ceará. Na viagem de navio, entre o Recife e Fortaleza, foram extraviados vários documentos dos alunos, inclusive de outros estados, razão pelo qual o Comandante General Euridoro Correia mandou que os mesmos fossem expedidos, registrando-os todos como cearenses. Na época, não foi dada importância a este fato.

Em 1930, ao terminar o curso, saindo como agrimensor, podia escolher entre a carreira militar ou seguir qualquer outra profissão. Decidiu em Janeiro de 1931, ir para Realengo, Rio de Janeiro, terminando o curso em 1933 e promovido a Aspirante em janeiro de 1934. Escolheu exercer o cargo em João Pessoa, onde moravam na época os nossos irmãos Othoniel e Helena. Conheceu Neusa Guedes Pereira em 1936 e no mesmo ano, em 9 de outubro, casaram-se, tendo constituído uma linda família, mantendo harmonia da vida a dois até hoje já com bisnetos.

Em agosto 1936, voltou a Fortaleza como 1º Tenente, convidado pelo Coronel Comandante da Polícia Militar do Ceará, e por ato do Governador foi instrutor e Delegado da Ordem Política e Social recebendo o título honorífico de Tenente Coronel da Polícia. Em 1938, foi convidado a ingressar no Batalhão de Guarda no Rio de Janeiro resolvendo deixar o Ceará, só retornando após três anos.

Zezito é uma personalidade que se confunde com a própria história do Ceará. É um homem de pulso forte e de decisões firmes, respeitado e admirado por todos aqueles que o conhecem.

Durante a sua carreira, Zezito assumiu outras funções, como Comandante da Guarda Civil de Fortaleza, Professor da Escola de Aperfeiçoamento dos Oficiais, Secretário de Polícia e Segurança Pública do Estado do Ceará, foi Comandante do I Batalhão do 15º R.I. na Paraíba, Assistente Especial do Estado para a cadeira de Francês, na Escola Preparatória de Fortaleza, tendo posteriormente assumido a cátedra de Francês. Por duas vezes exerceu a Presidência da Associação de Cultura Franco-Brasileira. Foi Superintendente da CIBRAZEM no Nordeste durante três anos, no governo do Presidente Castelo Branco e a partir de 1970, exerceu as funções de Presidente do Instituto de Previdência do Estado do Ceará. Em 1970 foi agraciado pelo Governo Francês, com a Condecoração de "Chevalier des Palmes Academiques".

Nunca foi apaixonado por política, porém foi suplente de Senador durante os 8 anos de mandato, no Ceará a partir de 31 de janeiro de 1951.

No Governo do Presidente João Figueiredo, participou como membro da sua administração secundária em Brasília.

Em 1937, Zezito participou da destruição da comunidade religiosa de Caldeirão, sendo o último personagem vivo da tragédia, após 62 anos, foi entrevistado pela Globo no programa Fantástico e pelo Jornal de Fortaleza, "Diário do Nordeste", no dia 23 de agosto de 1998, cuja matéria ocupou 2 páginas com o seguinte título: "a Igreja e a tragédia do Caldeirão". Diante da importância deste fato, farei um resumo dos depoimentos relatados pelo meu irmão. Tudo começou a partir do fenômeno, considerado por muitos como milagre em 1889, quando a hóstia consagrada transformou-se em sangue na boca da beata Maria de Araújo, ao receber a comunhão do Padre Cícero. Daí o Juazeiro foi transformado num poderoso centro religioso/político.

A partir de 1911, o beato José Lourenço começou a sua primeira experiência de trabalho comunitário na Baixa dos Dantas município do Crato, com o apoio do Padre Cícero. Os agricultores desempregados, que chegavam a Juazeiro, eram levados para a comunidade do beato. Porém o sítio foi invadido pelos jagunços da "Sedição" obrigando o beato e os seus seguidores a fugirem. Então em 1926, Padre Cícero ofereceu um terreno acidentado para o beato. Zé Lourenço, que junto a sua comunidade trabalhava dia e noite, transformando o sítio Caldeira em um oásis de fartura, onde não circulava dinheiro e tudo era de todos. A inveja crescia na mesma proporção que a comunidade aumentava. Os políticos e os donos de terras vizinhos odiavam a concentração dos trabalhadores livres. Antes de morrer, em 1934, Padre Cícero deixou no seu testamento, a doação do sítio Caldeirão para os padres salesianos; documentados, eles exigiram as terras, chamaram a Polícia e transformaram em cinzas a bem-sucedida ação comunitária. Aí nasceu o embrião da tragédia. "*Provavelmente se os padres salesianos tivessem constatado que aquilo se transformaria numa violência, teriam tomado outras providências e com certeza não pediriam forças militares para resolver o problema. Eles foram inflexíveis com o beato Zé Lourenço e seus seguidores*". O governo revolucionário de Getúlio Vargas ainda vivia sob o impacto da Intentona Comunista que em 1935, um ano antes, fustigara derrubar a ordem vigente do País. A imprensa e o poder pressentiram que no Caldeirão florescia uma célula do comunismo. Então a Polícia designou o oficial da Força Pública do Estado, Capitão José Bezerra, para dis-

farçado de industrial, investigar o que acontecia na comunidade. As informações dos municípios vizinhos foram falsas. O Capitão teve acolhida atenciosa e hospitaleira do beato, mas baseado nas calúnias invejosas, voltou dizendo ser necessário a intervenção militar. Então, no dia 9 de setembro de 1936 partiram de Fortaleza para o Cariri, a tropa militar sob o comando do Capitão José Bezerra e oficiais, entre os quais, o Coronel da PM Cordeiro Neto (título honorífico), Chefe de Polícia (comandante da diligência) e Zezito que era tenente-coronel na época e delegado da Ordem Política e Social. Foram direto para a casa de Zé Lourenço, o líder, um homem negro, alto, trabalhador inteligente e justo. Assistiram ao verdadeiro espetáculo de organização e rendimensão de trabalho. O dinheiro não tinha expressão porque cerca das 2.000 pessoas da comunidade não precisavam dele. Recebiam na véspera toda alimentação do dia seguinte, na quantidade de acordo com o número de pessoas de cada família.

Todas as pessoas trajavam preto e viviam satisfeitos com a vida de trabalho e de orações. Ofereceram alimentos aos militares que além de ser em abundância a refeição, era sadia, bem feita, saborosa e limpa. Assim, como também todo o ambiente que era agradável e asseado, apesar de humilde. A visita interrompeu a construção de uma igrejinha no meio da agricultura em que somente a fé inabalável daqueles homens rudes de mãos calosas era capaz de fazer a terra árida produzir.

O Capitão Cordeiro explicou que era necessária a destruição da comunidade e que todos os penitentes tinham o prazo de cinco dias para voltar aos lugares de origem. Após um rápido recenseamento, concluiu-se que 75% eram do Rio Grande do Norte, 20% de Pernambuco, Alagoas, Paraiba, Maranhão, Piauí e apenas 5% pertenciam ao Ceará. O Chefe de Polícia ofereceu as passagens de trem ou navio, mas, foram rejeitadas.

O núcleo já estava com cerca de quatrocentas casas e muitos bens da comunidade, entre cavalos, porcos, bois e outros, que precisavam ser aplicados de maneira honesta e justa. O Coronel Cordeiro Neto decidiu pela solução de destruir as casas e entregar os bens ao município e o Poder Judiciário resolver o destino do beato e de seus seguidores. Alguns concordaram em receber dinheiro e voltar para suas origens. Zezito e Cordeiro Neto retornaram para Fortaleza e José Bezerra permaneceu com uma parte da tropa para incendiar as choupanas à medida que fossem desocu-

padas. O resultado foi a destruição das 400 casas, moagem e roças, assistido pelos penitentes desolados. Os seguidores do beato deixaram Caldeirão e reconstruíram suas casas na Mata dos Cavalos e Curral do Meio.

Porém, o grupo mais exaltado dos fanáticos liderados pelo beato Severino Tavares que tinha ódio mortal ao Capitão José Bezerra, armou uma cilada para o mesmo, não ocorrendo em Caldeirão e sim mais próximo da cidade de Juazeiro do Norte onde o Capitão já estava como Delegado. José Bezerra mandou um telegrama para Zezito e Cordeiro Neto, dizendo que às 7 horas da manhã, foi informado que mais de 300 homens iriam atacar Juazeiro e que ele estava determinado a subir a Serra do Araripe com apenas 21 soldados, em busca dos revoltosos. José Bezerra devia ter aguardado o reforço de tropa suficiente para intimidar a numerosa quantidade de pessoas que atacariam a cidade. Mas, ele não esperou, chegando acima da Serra, deixou o caminhão na estrada de rodagem com o motorista, entrou pela Caatinga à procura dos possíveis invasores de Juazeiro, caindo numa grande emboscada. A luta no mato fechado foi de corpo a corpo. O capitão José Bezerra foi morto a foice e machado juntamente com a sua tropa. O mano Zezito chegou às 11 horas daquela manhã em Juazeiro, a bordo do pequeno avião waco cabine; já encontrou na Delegacia, os corpos dos soldados e também de 4 fanáticos. Este fato foi o estopim para a perseguição armada, aos penitentes foragidos da serra. A morte de 1 capitão gerou sentido de vingança e muita violência. Os militares ficaram indignados com a morte de Zé Bezerra e cerca de 200 homens saíram à captura dos beatos. Os fanáticos fugiram para Pernambuco e o Caldeirão ficou completamente desarticulado. Zezito concluiu que: *"Apesar de considerar a atitude dos militares como um ato de revolta por causa da morte bárbara do capitão José Bezerra e de seus companheiros, acredito que o beato Zé Lourenço era um homem bem intencionado, trabalhador e voltado para o bem de seus seguidores"*. O beato não era revolucionário, muito tímido e não teve culpa deste infortúnio; fundou outra comunidade em Pernambuco, mas persistia o sonho do Caldeirão. Retornou 4 anos depois e tentou comprar as terras da Ordem Salesiana que recusou. Então, retornou amargurado para Pernambuco, morrendo em 1946, de peste bubônica. Seu corpo está no cemitério de Juazeiro do Norte, sendo até hoje zelado por admiradores.

Como é natural, toda a polícia, o próprio povo e governo do Ceará ficaram indignados com o que aconteceu. A reação imediata, assemelhou-se ao que houve em Canudos, na Bahia. Assim, a Comunidade do Caldeirão foi totalmente dizimada.

Durante toda a carreira militar, Zezito recebeu continuamente, registro dos seus superiores com louvores pela conduta exemplar mantida em todas as funções: aprimorada educação civil e militar, capacidade de trabalho, lealdade, disciplina e disciplinador, enérgico e prestimoso, inteligente de cultura, grande interesse, valorosa coragem, competência, deixando ótima impressão na população dos lugares por onde passou.

José Góes de Campos Barros casou com Neusa Guedes Pereira e tiveram sete filhos, sendo:

1. João Guedes de Campos Barros, casou com Cléa Freire e tem três filhos: Claúdio Freire Barros, Kátia Freire Barros, Valéria Freire Barros.
2. Hélio Guedes de Campos Barros, casado com Dulce Silva; tem dois filhos: Luís Silva Barros, Maria Eduarda Silva Barros.
3. José Guedes de Campos Barros, casado a primeira vez com Eneida Pinheiro; tiveram três filhos: Leonice Barros que casou com Luciano e têm: Maria Carolina. José Góes de Campos Barros Neto, casado com Patrícia e têm: Pedro Barros e Gabriel Barros. Leonardo Barros. José casou a segunda vez com Fátima Guimarães e têm dois filhos: José Inácio Barros e Isabel Barros.
4. Maria Neusa Guedes de Campos Barros, solteira.
5. Célia Góes de Campos Barros, casada com Ayoub Lubbad (palestino) e tem três filhos: José Mahmoud Ayoub, Joussef Ayoub, Shadi Ayoub.
6. Francisco de Assis Guedes Barros, casado com Vólia Aires; tem três filhos: Lucas Aires Barros, Thiago Aires Barros, Tainá Aires Barros.
7. Marcelo Guedes de Campos Barros, casado com Martine; tem dois filhos: Francisco Aurelian Barros, Célia Neusa Barros.

ANTHUSA BARROS DE ALMEIDA CRUZ

Esta foi a sétima na escala dos filhos sobreviventes, de meus pais. Nasceu em Flores, a 21 de abril de 1912.

Ainda bem criança, foi convidada para passar uma temporada na fazenda Conceição. Vovó Chiquinha ficou contente, porque Anthusa era muito bem comportada e iria levar-lhe alegrias em decorrência de sua docilidade. Nós que conhecemos um pouco a vida da fazenda, sabemos como ela é importante para as crianças. O ar sadio, a liberdade e a paz fazem parecer estar num paraíso. Os banhos de riacho, à tarde o gado voltando para o curral, os pássaros noturnos pulando e soltando seus gritos pungentes, fazem-nos sentir a nostalgia da escuridão da noite chegando e a saudade do dia que morre. Sapos coachando na lagoa, os vagalumes piscando sua intermitente luz... Enfim, o sono chega e adormecemos!... Novamente surge o dia, o galo canta, toda a bicharada desperta os vaqueiros levantam-se e começa a faina da fazenda. Ao despertarmos, tomávamos leite ordenhado; depois o banho no riacho com água corrente, límpida. Ao meio dia, após o almoço, deitávamos, para dormir a sesta gratificante.

Foi, numa dessas sestas, que Anthusa desapareceu!... Vovó ficou apavorada, começou uma busca por toda parte, dentro de casa, na casa do vaqueiro, riacho, matas e nada. Desesperada, vovó resolveu mandar um homem, a cavalo, avisar aos meus pais, do seu desaparecimento. De repente, surgiu Anthusa, que estava dormindo, tranqüilamente, em baixo do oratório, que era coberto com uma toalha até o chão. Como tudo terminou bem, vovó, chorando de alegria, agradeceu a Deus.

Anthusa foi, sempre, ótima aluna, e, nessa época, a professora era bem preparada. Terminando seus estudos, decidiu ser professora, passando as tardes ensinando a um grupo de alunos. Já aqui, no Recife, encontrei-me com uma de suas alunas, que saudosa perguntou pela minha irmã. Depois do falecimento de papai, ela e Helena ficaram com mamãe. Depois da morte de mamãe, Anthusa passou uma temporada em Custódia com Arethusa, que já estava casada. Depois, junto com Helena moraram com Othoniel em João

Pessoa. Quando Adauto se casou com nossa prima Maria das Dores, levou-a para o Rio de Janeiro, onde conheceu Luiz Almeida Cruz, médico recém-formado e seu futuro esposo.

Casaram-se em 13 de dezembro de 1941, viajando logo em seguida para Teófilo Otoni, em Minas Gerais. Lá moraram por trinta e cinco anos na casa da sua sogra Julieta Ottoni de Almeida Cruz, na qual viviam, ainda, uma tia de seu marido, Rosa Ottoni de Almeida conhecida por Ainha a qual teve papel importante na vida de Luiz, seu sobrinho e amigo e seus cunhados Rosa Amélia e Antônio. Anthusa foi recebida por todos os familiares do esposo com ternura e carinho, sempre benquista pela amizade sincera e recíproca entre eles. O seu humor tranqüilo, seu constante bem-estar e a facilidade com que se adaptou a sua nova família, mereceram de todos o respeito, a admiração e o afeto.

Tendo saído do Rio de Janeiro para morar em cidade do interior, sempre esteve satisfeita e surpreendida com o desenvolvimento cultural e o nível social da cidade.

Acompanhou Luiz em toda trajetória de sua vida profissional e social, de seu sucesso pessoal, no qual ela teve importante papel de sustentação e orientação que garantiu, aos dois, uma vida conjugal e social tranqüila e próspera.

Tiveram três filhos: Roselena, Jussara e José Luiz, para quem, ofereceu uma educação apurada, encaminhando-os para estudar no Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Desejava que fossem independentes, cultos, sendo duas as suas grandes ambições:

a) Os filhos tivessem melhores oportunidades de educação e formação do que ela tivera.

b) A garantia, para os filhos, de um futuro seguro, quanto à independência e à liberdade pessoal.

Conseguiu ao lado de Luiz construir um patrimônio importante, constituído de fazendas e casas. Nunca lhe faltou o gosto pela beleza, harmonia e amor aos livros, por isso era grande leitora, mantendo-se sempre bem informada em todos os assuntos: literatura, política, medicina.

Outra de suas paixões era viajar e como sabia história e geografia, aumentava o seu conhecimento através das leituras e visitas à Europa, Estados Unidos, México, enriquecendo-se sobre a cultura e a arte que todos os povos desses países lhe despertavam.

Embora convivendo com pessoas que iam, freqüentemente, ao Rio, ela era considerada de gosto refinado e idéias criativas,

seja para a decoração de ambientes, como para festas, arranjos e moda em geral.

Anthusa foi, inúmeras vezes, patronesse de atividades sociais locais, sempre participando com simpatia e brilho. Foi presidente do Clube da Amizade do Rotary, organizando obras sociais e filantrópicas, como a formação da creche do Hospital Santa Rosália de Teófilo Otoni. Contribuiu, ativamente, com Luiz, na organização das festividades do centenário da cidade, vivenciadas por uma semana de atividades culturais, a fim de arrecadar dinheiro para as obras sociais.

Tinham parentes e muitos amigos no Rio de Janeiro, os quais ela hospedava durante as passagens para o Nordeste, através da rodovia Rio-Bahia, única estrada que ligava o Norte ao Sul.

Já em sua nova casa, que oferecia melhor comodidade, recebeu várias visitas dos irmãos, cunhados, sobrinhos, inclusive a mim. Sempre manteve contato com os parentes queridos, mas jamais voltou à sua terra natal, da qual falava com saudade e carinho.

Ensinou aos filhos a história da origem da família, transmitindo-lhes sua particular afeição por nosso pai e o amor pela terra.

Proporcionou aos seus filhos o conhecimento do sabor especial dos alimentos do Nordeste, as riquezas do nosso Estado, despertando-lhes o desejo de conhecer a cultura nordestina e a atração pelos parentes que, mesmo morando distante, tornaram-se amigos.

Em dois de abril de 1986, recebi uma carta de Anthusa, agradecendo a acolhida que os familiares do Nordeste proporcionaram à sua filha Roselena e o genro Walter. Nela, também agradecia os alfinins (doce tirado da rapadura), que lhe enviei *"não imagina você, que satisfação! Primeiro, porque as recordações que advêm da minha infância enchem-me de emoção. Segundo, alegria de minha irmã, em gesto tão delicado, lembrar que, para mim, desterrada aos sabores esquecidos, voltam à tona, deixando-me feliz durante o período da mastigação. Muito obrigada, muitas vezes, obrigada!"*. Junto a esta carta, vieram vários versos de sua autoria. Como principiante, achou de pedir-me opinião sobre os mesmos, recomendando não mostrá-los a ninguém. Como se eu tivesse competência literária para analisá-los. Respondi-lhe que reconhecia os meus limites e não era minha pretensão julgar suas palavras que traduziam a saudade da terra, do rio Pajeú e o amor imenso pelo seu esposo, Luiz. Ensaiando como poetisa, enviou-me suas poesi-

as para conhecê-las. Entre todas, destaco "Mãos" que foi oferecida ao seu querido esposo, Luiz.

"Mãos

Anthusa Barros de Almeida Cruz

Estas mãos que me acariciam...
São mãos fortes, seguras e firmes,
Mãos usadas com bisturi
Salvando vidas, colhendo vidas...
Quantas ressurgiram, através destas mãos!
Mãos milagrosas, beijo-as com respeito e amor
Pois, por elas nasceram os frutos
Do nosso amor, os frutos do meu viver."

Minha irmã faleceu em 25 de setembro de 1989. Muito admirada por todos, por ser mestra na arte de alargar os horizontes, mantendo uma convivência calorosa e amiga, beneficiando todos os seus familiares. Deixou onze netos, um bisneto, de seus três filhos, atualmente, casados. Dois deles moram em Teófilo Otoni, José Luiz, médico e Jussara, decoradora. A terceira reside em Belo Horizonte, Roselena, com formação em Psicologia e Psicanálise.

Dessa união, de Anthusa e Luiz nasceram:

1. Roselena Cruz Guimarães Pinto, casada com Walter Guimarães Pinto, com três filhos: Walter Luiz Guimarães Pinto, Eduardo Cruz Guimarães Pinto, Patrícia Cruz Guimarães Pinto.

2. Jussara Cruz Rodrigues, casada com Marco Ribeiro Rodrigues, com seis filhos: Luiz Alberto Cruz Rodrigues, Frederico Cruz Rodrigues, Luciana Cruz Rodrigues Oliveira Silva, casou com Marco Antônio Oliveira Silva; Ana Cristrina Cruz Rodrigues Moreira, casou com Márcio Moreira e têm um filho: Guilherme Cruz Rodrigues; Ana Paula Cruz Rodrigues; Adriana Cruz Rodrigues.

3. José Luiz de Almeida Cruz, casado com Rina Gazzinelli Cruz, e tem dois filhos: Lucas Gazzinelli Almeida Cruz e Clara Gazzinelli Almeida Cruz.

HELENA BARROS LISBOA

Sendo onze anos mais velha que a minha irmã Helena, dediquei-lhe cuidados especiais, posso dizer com orgulho, que fui a babá da minha caçula.

Helena, minha irmã, quando criança, teve uma gastroenterite que, naquela época, foi assim diagnosticada. E como mamãe estava exaurida depois de vinte e dois partos, não tinha mais condições de assisti-la integralmente. Resolveu recorrer à ajuda de Luzia, uma preta de sua confiança, recomendando-lhe para não amamentar a pequena Helena. Esgotaram-se todos os tipos de leite existentes: de vaca, de cabra, até de jumenta, mas tudo em vão. Helena foi levada pela nossa Luiza "Preta", como a chamávamos, que tranqüilizou mamãe informando que não tivesse receio, pois iria cumprir as recomendações recebidas. Helena, que só tinha pele e osso, em quinze dias recuperou-se. A sua fraqueza era tão grande que, nos primeiros dias, inchou, depois rapidamente começou a engordar, a ficar corada e curada. Luiza "Preta" deixava um dos seus seios, bem lavados, para o seu filho mamar e o outro dava para Helena. Este foi o início da vida da minha querida irmã. Um santo remédio, o leite materno da Preta Luiza, depois, uma dívida eterna.

Nosso irmão Othoniel levou Helena, aos catorze anos de idade, para estudar em bons colégios em João Pessoa- Paraíba. Depois de formada, casou com Francisco Lisboa, natural de São Luiz, Maranhão.

Quanto a nossa convivência, apesar de vivermos distante, sempre foi de muita união. Ela e Francisco, acolhiam as sobrinhas, que iam a passeio, ou férias, em busca do aconchego de seus tios que, alegres e felizes, eram proporcionadores de passeios, cinemas, teatros, enfim, a vida de uma capital, que elas, neófitas, tanto ansiavam. Minha filha Maria Helena, foi passar as férias com eles e lá permaneceu por dois anos. Já mocinha, estudou e divertiu-se bastante. Quando voltou, já estava até comprometida com um moço, pelo qual se apaixomou, porém o seu destino foi outro.

Helena e Francisco sempre receberam minhas filhas, como se suas fossem. Terezinha, extraiu um dente em Triunfo, que in-

feccionou e apresentou diversas fístulas. Apelei para Helena e com ela foi buscar assistência médica, que tentou tratar com medicamentos de rotina. Sem êxito, o médico prescreveu um medicamento, que estava ainda em experiência. Helena não sabia que decisão tomar, pois não conhecia o risco deste. Enfim, Terezinha decidiu pelo novo remédio e graças a Deus, deu certo! Tenho muita gratidão por eles terem proporcionado às minhas filhas, o que eu não podia. No meu coração, guardo os gestos generosos, que elas receberam dos seus tios. Agradeço muito a Helena e a Francisco, este já falecido. Helena, ainda com saúde e certa vitalidade, vive constantemente, pela Europa e os Estados Unidos, continuando atuante e sempre minha amiga.

Helena Barros Lisboa casou com Francisco Xavier Reis Lisboa Neto sendo muito felizes e desta união, nasceram dois filhos:

1. Marilda Barros Lisboa, solteira.

2. Lourival Barros Lisboa que casou com Lucele Cunha Cavalcante Lisboa e tiveram quatro filhos: Juliano Cunha Cavalcante Lisboa, Christiano Cunha Cavalcante Lisboa, Luiz Felipe Cunha Cavalcante Lisboa e Leonardo Cunha Cavalcante Lisboa.

ANEXO A

Ramo genealógico da família Barros, referente à autora pelo lado paterno

Ramo genealógico da família Barros, referente à autora pelo lado paterno

(Bibliografia consultada: Leite, Marlindo Pires. Fazenda Panela D´Água: genealogia séculos XVII – XX, Belém do São Francisco, 1994. Esta obra deu continuidade aos levantamentos escritos da profª Benedita Maria de Carvalho Barros (Siadita) por informação de sua mãe Maria Firmina de Carvalho (Cota).

(Organização genealógica adaptada)

0 **Manoel Lopes Diniz, português radicado na Fazenda Panela D´Água, no município de Floresta – PE, terra arrendada da Casa da Torre – BA, casado com Florência Maria de Barros.**

Filhos:

1 Manoel Lopes Diniz Filho, conhecido como Coronel do Brejo, casado em primeiras núpcias com Ana Torres e nas segundas núpcias com Ana Tereza da Silva.
2 Vitorino Pinto da Silva, nascido em 1754, casado com Sebastiana Ramalho, filha do português Manoel Pinto Ramalho.
3 Gonçalo Pinto da Silva, capitão-mor, casado com Claudiana Maria do Espírito Santo, descendente de Paraguaçu e fundadora de Curaçá-BA.
4 **José Lopes Diniz, nasceu em 18.03.1760, casado com Josefa Gonçalves Torres, sua prima legítima por ser sobrinha de sua mãe Florência (meus bisavós).**
5 Rosa, casada com Francisco Gomes de Sá.
6 Maria da Silva, casada com Manoel Barbosa.
7 Maria Águeda Diniz, casada com o português Manoel Gomes dos Santos.
8 Inácia Maria da Conceição, segunda esposa do português Manoel de Carvalho Barros.
9 Clara não casou, nem deixou descendência.
10 Ana (Siadona), nascida em 18.11.1764, não casou, nem deixou descendência.

4. **José Lopes Diniz, casado com Josefa Gonçal-**

ves Torres, sobrinha legítima de sua mãe Florência Maria de Barros.

Filhos:

2.1 Major Manuel Lopes, residia na fazenda Roçado em Floresta, casado com Ana, filha do Capitão Luiz Rodrigues Cruz.

2.2 Coronel Francisco Barros (Cel. Barros), residente em Floresta, foi presidente da 1ª Câmara de Vereadores da Vila de Floresta, em 1865. Casado pela 1ª vez com Ana Carvalho (Nana), filha de Francisco Alves da fazenda São Pedro – Floresta e a 2ª vez com Clara da Cidade de Pão-de-Açúcar – AL.

2.3 Joaquim Lopes Diniz, residia na fazenda Tapuiu, em Floresta, casado com Gertrudes Maria das Virgens Carvalho, filha de Capitãozinho (meus avós).

2.4 José Lopes.

2.5 Ana, segunda esposa de Vitorino Pinto Sobrinho.

2.6 Maria de Barros (Barrinha), casada com Gonçalo Gomes dos Santos, residiam na fazenda Campo Grande em Floresta.

2.7 Clara Linda da Silva (Clarinha), casada com Manuel Salvador da Silva, filho de Maria de Barros da Assunção e neto de Manuel Lopes Diniz Filho.

2.8 Benedita Gonçalves Torres, casada com Major Vitorino de Barros.

2.3 Joaquim Lopes Diniz, casado com Gertrudes Maria das Virgens Carvalho, filha de Manuel Barbosa (Capitãozinho) e de Úrsula, foi raptada por seu esposo na sua passagem por Juazeiro-BA e levada para a fazenda Panela D'Água – Floresta, onde se casaram.

Filhos:

3.1 Manuel Lopes dos Santos Barros (Surtibão), casado com Josefa Gonçalves Torres, sua prima legítima, filha de Clara Linda da Silva (Clarinha) e Manuel Salvador da Silva.

3.2 Cazuza, casado com Úrsula Barros, filha de André Nunes da Cunha, residiam na serra Arapuá, em Floresta.

3.3 Major Antônio Valgueiro dos Santos (ou Lopes) Barros (Major Valgueiro) casado quatro vezes, sendo a 1º vez com Josefa Gonçalves Torres, filha do Cel. Barros, tendo 3 filhos; a 2ª vez com Ana, filha de Norberto Gomes, não deixou filhos; a 3ª vez com Josefa, filha do Capitão Totonho, tendo 6 filhos; a 4ª vez com Antônia, filha de Manoel Furtado do Serrote, não deixou filhos.

3.4 Teodoro Lopes (Dodoro), casado com sua sobrinha Maria (Mariinha), filha de Cazuza.

3.5 João do Nascimento Lopes de Barros, casado a 1ª vez com Salustiana, filha do Cel. Barros, sua prima carnal, tiveram 3 filhos que morreram pequenos. A 2ª vez foi casado com Maria Fernandina de Campos Góes (meus pais).

3.6 Benedito Lopes Barros, casado com sua prima legítima Amélia, filha de Surtibão, residia na fazenda Campo Alegre em Floresta.

3.7 Tenente Primo Lopes de Barros, casado a 1ª vez com Clara; a 2ª vez com Naninha, filha de Antônio Rodrigues, da fazenda Cachoeirinha; a 3ª vez com Dona, filha de Manoel Lopes da Silva Barros. Deixou 14 filhos.

3.8 Maria Lopes Barros (Sinhara), casada com seu primo Dionízio Lopes Diniz (ou Barros) residia na fazenda Cacimbas-PE.

3.9 Josefa Gonçalves Torres, casada com João Rodrigues de Barros, não deixou descendentes.

3.10 Catarina Palaten Stuart Barros, casada com João Rodrigues, não deixou descendentes.

3.11 Ignês Lopes de Castro Barros, casada com seu sobrinho legítimo Cel. João Militão, filho de Manuel Surtibão.

3.5 João do Nascimento Lopes de Barros, (Cel. Barros), nascido em 1860, casado da 1ª vez com sua prima carnal Salustiana, filha do tio Francisco Barros (Cel. Barros), cujos 3 filhos morreram pequenos. Da 2ª vez, casou com Maria Fernandina de Campos Góes, filha de José Alves de Góes e Melo (Cel. Dodô) de Flores.

Filhos:

4.1 Richomer Góes de Campos Barros.

4.2 Arethuza Barros Padilha
4.3 Adauto Góes de Campos Barros, nascido em 12.06.1899, casado com sua prima legítima Maria das Dores, filha do seu tio Juca e de madrinha Xanduzinha (irmã do Cel. José Pereira Lima, chefe político de Princesa, Paraíba.
4.4 Othoniel Góes de Campos Barros, casado com Maria Dolores Amorim. Residiu em João Pessoa, Rio de Janeiro e Brasília. Após a morte do filho Carlos, voltou ao Rio de Janeiro.
4.5 Maria Stella Barros de Siqueira Campos (autora do livro), nascida em Flores e casada com Antônio Medeiros Siqueira Campos.
4.6 José Góes Campos Barros
4.7 Anthusa de Almeida Cruz
4.8 Helena Barros Lisboa.

4.5 Maria Stella Barros de Siqueira Campos, casada com seu primo Antônio Medeiros de Siqueira Campos, (Cel. Antônio Medeiros) ambos da genealogia de Manoel José de Campos, o "Marinheiro" Campos. A descendência deste casal encontra-se no anexo D.

ANEXO B

Ramo genealógico da família Góes, referente à autora pelo lado da avó materna

Ramo genealógico da família Góes referente à autora, pelo lado da avó materna

Organização genealógica adaptada

0 **Alferes Bonifácio de Souza Ferraz, casado com Maria Tereza de Jesus (Mãe Dodô). Recebeu o título de alferes em 1791. Dentre seus filhos, é do meu conhecimento apenas David José Barbosa de Souza.**

1 **David José Barbosa de Souza (Viviu), casado com Francisca Barbosa de Campos, filha de Manoel José de Campos – O Marinheiro e Tereza Firmiana da Fonseca Aragão, (meus bisavós). A autora desconhece os demais irmãos de David.**

Filhos:

2.1 Luiz
2.2 Francisca Laudelina de Campos Góes, (minha avó Chiquinha).

2.2 Francisca Laudelina de Campos Góes, casada com José Alves de Góes e Melo, meus avós.

Filhos:

3.1 Luiz Alves de Góes e Melo
3.2 Manoel Alves de Campos Góes
3.3 Antônio Praxedes de Campos Góes
3.4 José Alves de Góes e Melo Filho (Juca)
3.5 Maria Fernandina de Campos Góes (minha mãe)
3.6 Adelaide Josefina de Campos Góes
3.7 Joana Pia de Campos Góes (Yayá).

3.5 Maria Fernandina de Campos Góes, segunda esposa de João do Nascimento Lopes de Barros – Cel. Barros, pais da autora deste livro. Os filhos deste casal encontram-se na genealogia de Manoel Lopes Diniz (2.5) e na dos Siqueira Campos. O ramo descendente de Maria Stella Barros de Siqueira Campos, a autora, encontra-se no Anexo D.

ANEXO C

Ramo genealógico da família Siqueira Campos, referente à autora, pelo lado materno, e a seu esposo.

Ramo genealógico da família Siqueira Campos referente à autora pelo lado materno e a seu esposo

Organização genealógica adaptada

0 **Manoel José de Campos, português e, por isso, conhecido como "Marinheiro" Campos. Casou-se duas vezes: a 1ª vez com Tereza Firmiana da Fonseca Aragão e a 2ª vez com Clara Maria de Siqueira. Esta última deu origem ao sobrenome composto "Siqueira Campos", nome de logradouros públicos em quase todas as cidades mais importantes do país. Devido ao sobrenome diferente entre irmãos do 1º e 2º casamentos, ficaram conhecidos pelos seus conterrâneos como "Campos Velhos" e "Campos Novos".**

Filhos do 1º casamento

1 **Cristóvão José de Campos, casado com Rita Maria da Conceição (bisavô de meu esposo Antônio Medeiros).**
2 Alexandre Adrião de Campos
3 José de Campos Barbosa
4 Josefa Osório de Campos
5 Porcina Maria de Campos
6 Monsenhor Joaquim Pinto de Campos
7 Ana Barbosa de Campos
8 Antônio José de Campos
9 **Francisca Barbosa de Campos (minha bisavó)**
10 Maria Barbosa de Campos
11 Rita Barbosa de Campos (madrasta e tia de vovó Chiquinha).

Filhos do 2ª casamento (continuando a prole de Manoel José de Campos):

12 **Pedro Pessôa de Siqueira Campos (avô de meu esposo, Antônio Medeiros) casou com sua sobrinha Francisca Osória de Campos, filha de seu irmão do 1º casamento Cristóvão José de Campos:**

13 Anathildes de Siqueira Campos
14 Benedito Hortêncio de Siqueira Campos
15 Maria Osório de Siqueira Campos
16 Espiridião de Siqueira Campos
17 Lúcio de Siqueira Campos.

1 Cristóvão José de Campos, casado com Rita Maria da Conceição

Filhos:

2.1 Francisca Osória de Campos, casada com seu tio Pedro Pessôa de Siqueira Campos (0.12) (avós de meu esposo Antônio Medeiros)
(OBS: A autora desconhece os nomes dos demais filhos de Cristovão.

2.1 Francisca Osória de Campos, casada com seu tio Pedro Pessoa de Siqueira Campos (0.12)

Filhos:

3.1 Emília de Siqueira Campos
3.2 Manoel Pessoa de Siqueira Campos (Badico)
3.3 Philonila Amélia de Siqueira Campos, casada com Justino José de Medeiros e Silva, cujos pais eram Antônio José de Medeiros e Francisca Maria de Jesus Medeiros.
3.4 Joaquim Pinto de Siqueira Campos
3.5 Francisca Saraiva de Siqueira Campos
3.6 Clara Maria de Siqueira Campos
3.7 Anselmo de Siqueira Campos
3.8 José Pedro de Siqueira Campos
3.9 Raimundo de Siqueira Campos (Mundinho)
3.10 Januária de Siqueira Campos
3.11 Maria de Siqueira Campos
3.12 Pedro de Siqueira Campos.

3.3 Philonila Amélia de Siqueira Campos, casada com Justino José de Medeiros e Silva (pais do meu esposo)

Filhos:

4.1 Maria Amélia de Siqueira Campos, casada com Arcelino Florentino, natural de Princesa-PB.

4.2 José Medeiros de Siqueira Campos, casado com Júlia Bezerra.

4.3 Antônio Medeiros de Siqueira Campos, casado com Maria Stella Barros de Siqueira Campos, autora deste livro, cuja ascendência também se encontra na genealogia de Manoel Lopes Diniz (3.5) e na família Góes (2.5). Sua descendência está no Anexo D.

4.4 Úrsula Filonila Medeiros de Siqueira Campos casada com Francisco Oliveira Campos.

4.1 Maria Amélia de Siqueira Campos, casada com Arcelino Florentino, natural de Princesa-PB.

Filhos:

5.1 Ana de Siqueira Campos Florentino (Nanu)
5.2 Philonila de Siqueira Campos Florentino
5.3 Maria de Siqueira Campos Florentino
5.4 Manoel de Siqueira Campos Florentino.

4.2 José Medeiros de Siqueira Campos, casado com Júlia Bezerra.

Filhos:

5.1 Alcides de Siqueira Campos
5.2 Lindaura de Siqueira Campos
5.3 Philonila de Siqueira Campos (Doninha)
5.4 Alcebíades de Siqueira Campos
5.5 Nestor de Siqueira Campos
5.6 Astésia de Siqueira Campos
5.7 Maria do Carmo de Siqueira Campos (Carminha)
5.8 Lígia de Siqueira Campos
5.9 Antônio de Siqueira Campos (Totonho)
5.10 Elza de Siqueira Campos
5.11 Elpídio de Siqueira Campos.

4.3 Antônio Medeiros de Siqueira Campos, casado com Maria Stella Barros de Siqueira Campos, também da genealogia do "Marinheiro" Campos. Sua ascendência também se encontra na genealogia de Manoel Lopes Diniz (3.5). A descendência deste casal no anexo D.

4.4 Úrsula Medeiros de Siqueira Campos, casada com Francisco Chagas de Oliveira Campos.

Filho:
5.1 Francisco das Chagas Campos

ANEXO D

Descendência de Maria Stella Barros de Siqueira Campos, autora deste livro

Descendência de Maria Stella Barros Siqueira Campos, autora deste livro

Organização genealógica adaptada, na qual os filhos apresentam uma numeração de 1 a 11. A seguir, a numeração aparece com dois algarismos da seguinte forma: os netos iniciam com o algarismo 2 referente à segunda geração e os bisnetos com o algarismo 3 referente à terceira geração. O segundo algarismo indica a ordem de nascimento dos filhos em relação aos pais.

0. Antônio Medeiros de Siqueira Campos falecido em 11/03/43, nascido em 18.12.1884, casado com Maria Stella Barros de Siqueira Campos (autora do livro), nascida em 15.09.1904, funcionária dos Correios e Telégrafos. Foram casados durante 21 anos, residindo em Flores. Após a sua viuvez, Stella mudou-se para Pesqueira, onde morou muitos anos, finalmente radicando-se em Recife, em 1965. Sua numerosa descendência chega a 11 filhos, 37 netos e 45 bisnetos.

Filhos

1. Edgard Barros Siqueira Campos
2. Maria Helena Siqueira Campos Raposo
3. João Barros Siqueira Campos, falecido aos 8 anos (05 de agostode 1925)
4. Antônio Medeiros de Siqueira Campos, solteiro
5. Diomedes Medeiros de Siqueira Campos
6. Terezinha Siqueira Campos Barros
7. Sônia Siqueira Campos Arruda
8. Hélio Barros Siqueira Campos
9. Ivan Barros de Siqueira Campos
10. Zélia Maury Siqueira Campos
11. Neuza Siqueira Campos dos Anjos Lima.

1 Edgard Barros Siqueira Campos (filho), falecido no dia 02.02.1981, casado com Celina Toledo de Siqueira Campos. Depois uniu-se a Mariana Schmidt.

Netos/Filhos:

2.1 Sônia Maria de Siqueira Campos Teixeira
2.2 Luíza Maria Siqueira Campos da Costa
2.3 Fernando Toledo de Siqueira Campos
2.4 Edgard Toledo de Siqueira Campos
2.5 Bento Luiz Toledo de Siqueira Campos, (falecido em 21/04/1999)
2.6 Antônio Toledo de Siqueira Campos
2.7 Pedro Paulo Viana Calibre (adotivo)
2.8 João Paulo Shmidt Siqueira Campos.

2.1 Sônia Maria de Siqueira Campos Teixeira (neta), casada com César Luís Lopes Teixeira

Bisnetos/Filhos:
3.1 Maria Angélica Lopes Teixeira Bittencourt
3.2 Maria Gabriela Lopes Teixeira
3.3 Gustavo Lopes Teixeira.

3.4 Maria Angélica Lopes Teixeira Bittencourt (bisneta), casada com Pedro Bittencourt.

2.2 Luíza Maria Siqueira Campos da Costa, casada com Ives Mauro Silva da Costa, falecido em 29/03/1992

Bisnetos/Filhos:
3.1 Manoela Siqueira Campos da Costa
3.2 Thiago Siqueira Campos da Costa
3.3 Lucas Siqueira Campos da Costa.

2.3 Fernando Toledo Siqueira Campos (neto), casado com Leila Rossiter de Siqueira Campos.

Bisnetos/Filhos:
3.1 Fernanda Rossiter de Siqueira Campos
3.2 Marina Rossiter de Siqueira Campos
3.3 Rodrigo Rossiter de Siqueira Campos.

2.4 Edgard Toledo de Siqueira Campos (neto), casado com Heloíza Helena Barroso Siqueira Campos.

Bisnetos/Filhos:
3.1 Ana Luíza Barroso de Siqueira Campos
3.2 André Barroso de Siqueira Campos
3.3 Alexandre Barroso de Siqueira Campos.

2.5 Antônio Toledo de Siqueira Campos (neto), casado com Elena Caríde de Siqueira Campos.

2.7 Pedro Paulo Viana Calibre (neto), casado com Ester Miranda Calibre.

---

2 Maria Helena Siqueira Campos Raposo (filha), casada com Djalma Gonçalves Raposo, falecido em 31/03/1973.

Netos/Filhos:
2.1 Antônio Gonçalves Raposo Neto
2.2 Djalma José Gonçalves Raposo
2.3 Umbelina Stella Raposo de Albuquerque Maranhão
2.4 Jório Edmundo Siqueira Campos Raposo, falecido aos 23 anos, em 16.07.1987.

2.1 Antônio Gonçalves Raposo Neto (neto)

Bisnetos/Filhos:
3.1 Rommel S. Raposo
3.2 Rammon S. Raposo.

2.2 Djalma José Gonçalves Raposo (neto), casado com Denise Diu Raposo

Bisnetos/Filhos:
3.1 Helena Maria Diu Raposo
3.2 Djalma Gonçalves Raposo Neto
3.3 Vívian Carolina Diu Raposo.

2.3 Umbelina Stella Raposo de Albuquerque Maranhão (neta), casada com Sérgio Miranda de Albuquerque Maranhão.

Bisnetos/Filhos:
3.1 Rebeka Raposo de Albuquerque Maranhão, falecida aos 11 anos, em acidente automobilístico junto aos tios Neuza e José dos Anjos, em 20.01.1995 em Brasília.
3.2 Cézar José Raposo de Albuquerque Maranhão
3.3 Victória Maria Raposo de Albuquerque Maranhão.

---

5 Diomedes Medeiros de Siqueira Campos (filho), faleceu em acidente, no dia 28.02.1995, Caruaru, casado com Ana Izabel Cavalcanti de Siqueira Campos.

Netos/Filhos:
2.1 Antônio Augusto Cavalcanti de Siqueira Campos
2.2 Maria Paula Cavalcanti de Siqueira Campos Oliveira
2.3 Rommel Cavalcanti de Siqueira Campos
2.4 Guderian Cavalcanti de Siqueira Campos.

1.1 Antônio Augusto Cavalcanti de Siqueira Campos (neto), casado com Rosicléia Cordeiro de Siqueira Campos.

Bisnetos/Filhos:
3.1 Jéssica Cordeiro de Siqueira Campos
3.2 Natan Cordeiro de Siqueira Campos.

2.2 Maria Paula Cavalcanti de Siqueira Campos Oliveira (neta), casada com Mário Celso de Oliveira

Bisnetos/Filhos:
3.1 Remo Tomazo Cavalcanti de Siqueira Campos Oliveira
3.2 Salvattore Bertine Cavalcanti de Siqueira Campos Oliveira.

---

6 Terezinha Siqueira Campos Barros (filha), casada com José Ribeiro de Barros, falecido em acidente no dia 21.10.1995.

Netos/Filhos:
2.1 Edmundo Antônio de Siqueira Campos Barros
2.2 Marcelo José de Siqueira Campos Barros
2.3 Carlos Augusto de Siqueira Campos Barros
2.4 Eduardo Henrique de Siqueira Campos Barros
2.5 Mácio Luiz de Siqueira Campos Barros
2.6 Rosa Stella Barros Soares
2.7 Jussara Helena Siqueira Campos Barros Lobato
2.8 Ana Paula de Siqueira Campos Barros Correia de Araújo.

2.1 Edmundo Antônio de Siqueira Campos Barros (neto), casado com Maria Odília Costa Barros.

Bisnetos/Filhos:
3.1 Manuela Costa de Siqueira Campos Barros
3.2 Gabriela Costa de Siqueira Campos Barros
3.3 Fernando José Costa de Siqueira Campos Barros.

2.2 Marcelo José de Siqueira Campos Barros (neto), casado com Izabel Cristina Ferraz Barros.

Bisnetos/Filhos:
3.1 Marcelo André Ferraz Barros
3.2 Izabela Ferraz Barros
3.3 Maria Izabel Ferraz Barros.

2.3 Carlos Augusto de Siqueira Campos Barros (neto), casado com Dioneide Lucena de Siqueira Campos Barros.

Bisnetos/Filhos:
3.1 Marina Lucena de Siqueira Campos Barros
3.2 Pedro Augusto Lucena de Siqueira Campos Barros
3.3 Otávio Augusto Lucena de Siqueira Campos Barros.

2.4 Eduardo Henrique de Siqueira Campos Barros (neto), teve um filho anterior ao casamento e casou-se com Marúzia Maria Souto Barros com quem teve 2 filhos.

Bisnetos/Filhos:
3.1 Alan Kardec Batista da Silva
3.2 Eduardo José Souto Barros
3.3 Carlos Augusto Souto Barros.

2.5 Márcio Luiz de Siqueira Campos Barros (neto), casado com Cristiane Boulitreau de Menezes Barros.

Bisnetos/Filhos:
3.1 Mariana Boulitreau de Siqueira Campos Barros
3.2 Marcela Boulitreau de Siqueira Campos Barros.

2.6 Rosa Stella Barros Soares (neta), casada com Roberto Soares

2.7 Jussara Helena Siqueira Campos Barros Lobato (neta), casada Pedro Paulo Ferreira Lobato

Bisneto/Filho:
3.1 Pedro Barros Lobato

2.8 Ana Paula de Siqueira Campos Barros Correia de Araújo (neta), casada com Antônio Cavalcanti Correia de Araújo.

Bisnetos/Filhos:
3.1 Leonardo Barros Correia de Araújo
3.2 Beatriz Barros Correia de Araújo.

7 Sônia Siqueira Campos Arruda (filha), falecida em 31.01.1997, casada com João Gonçalves Arruda, falecido em 02/03/99.

Neto/Filhos:
2.1 João André Siqueira Campos Arruda.

2.1 João André Siqueira Campos Arruda, (neto) casado com Carla Spnelli Ferrari Arruda.

Bisnetos/Filhos:
3.1 Rafael Spnelli Ferrari Arruda
3.2 Raquel Spnelli Ferrari Arruda.

---

8 Hélio Barros de Siqueira Campos (filho), casado com Helena Cavalcanti de Siqueira Campos.

Netos/Filhos:
2.1 Consuelo Stella Cavalcanti de Siqueira Campos Costa
2.2 Hélio Cavalcanti de Siqueira Campos.

2.1 Consuelo Stella Siqueira Campos Costa (neta), casada com Tarciso Viana Costa.

Bisneto/Filho:
3.1 Rodrigo Siqueira Campos Costa.

---

9 Ivan Barros de Siqueira Campos (filho), casado com Lêda Pessoa de Siqueira Campos.

Netos/Filhos:
2.1 Christiane Pessoa de Siqueira Campos Rosado
2.2 Marcus Pessoa de Siqueira Campos
2.3 Vivianne Pessoa de Siqueira Campos Uchôa Cavalcanti.

2.1 Christiane Pessoa de Siqueira Campos Rosado (neta), casada com Jerônimo Dixneuf Rosado Maia Neto.

Bisneta/Filha:
3.2 Rafaella Pessoa de Siqueira Campos Rosado

2.3 Vivianne Pessoa de Siqueira Campos Uchôa Cavalcanti, (neta) casada com Alexandre de Oliveira Uchôa Cavalcanti.

---

10 Zélia Maury Siqueira Campos (filha), foi casada com Oswaldo César da Câmara Pimentel.

Netos/Filhos:
2.1 Oswaldo César da Câmara Pimentel Filho
2.2 Márcio Luís Siqueira Campos Pimentel
2.3 Alcides César Siqueira Campos Pimentel.

2.1 Oswaldo César Câmara Pimentel Filho (neto), casado com Izabel Cristina Rodrigues Pimentel.

---

11 Neuza Siqueira Campos dos Anjos Lima (filha), casada com José dos Anjos Lima, ambos falecidos de acidente no dia 20.01.1995, em Brasília.

Netos/Filhos:
2.1 Ana Stella Siqueira Campos dos Anjos Lima
2.2 Antônio José Siqueira Campos dos Anjos Lima
2.3 Augusto César Siqueira Campos dos Anjos Lima.

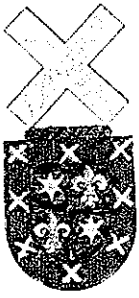
2.1 Ana Stella Siqueira Campos dos Anjos Lima (neta).

Bisneta/Filha:
3.1 Camilla Siqueira Campos dos Anjos Lima

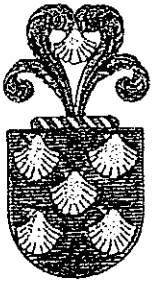
2.2 Antônio José dos Anjos Lima (neto), casado com Rafaela Asfora Siqueira Campos Lima

Bisneto/Filho:
3.1 Thiago Asfora Lima.

Brasão dos LOPES



Brasão dos SIQUEIRA ou SEQUEIRA

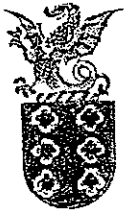


Brasão dos CAMPOS

Brasão dos PINTOS

Brasão dos CARVALHO

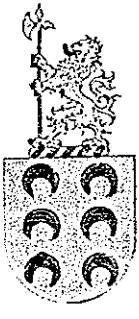
Brasão dos GÓIS ou GÓES



Brasão dos BARROS

Brasão dos MEDEIROS

Brasão dos AMARAL



Brasão dos DINÍS ou DINIZ

RETORNO DA AUTORA COM A FAMÍLIA À FLORES EM AGOSTO DE 1985

ANIVERSÁRIO DA AUTORA AOS 90 ANOS

A autora e seus filhos: Da esquerda para a direita: Neuza, Maury, Hélio, Terezinha, Ivan, Sônia, Maria Helena, Diomedes e Antônio

A autora, filhos, genros e noras. Da esquerda para direita: Celina, José dos Anjos e Neuza, Hélio e Helena, Zezé e Terezinha, Sônia, Diomedes e Belita, Leda e Ivan, Maria Helena, Maury e Antônio

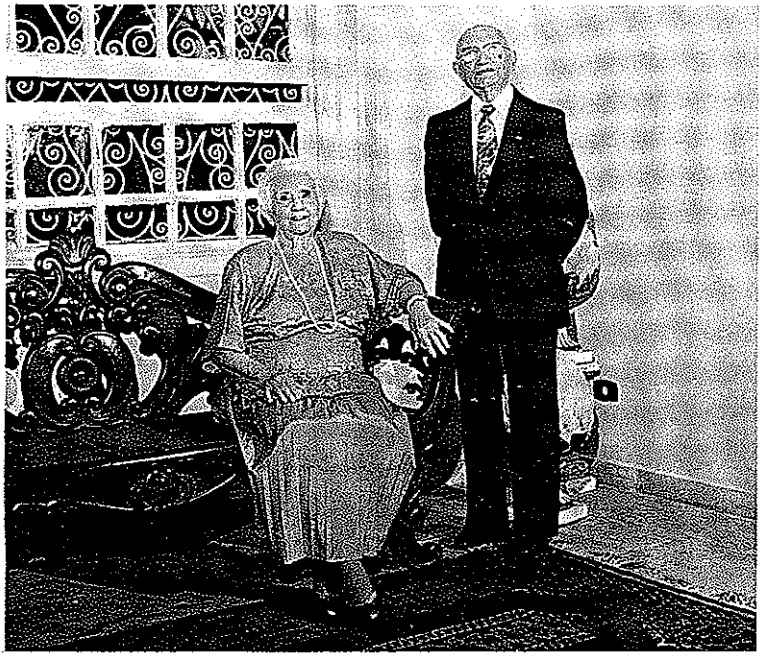
A autora e seus filhos: Da esquerda para a direita: Antônio, Maury, Neuza, Diomedes, Ivan, Terezinha, Sônia, Maria Helena e Hélio

A autora com netos cônjuges e bisnetos: Da esquerda para a direita, em cima: Tarciso e Consuelo Stella, Antônio e Ana Paula, Rosa Stella, Vivianne e Alexandre, Chistiane e Márcio, Marcela; Carlos Augusto e Dioneide, Rommel e Fabiana, Maria Paula e Mário, Umbelina Stella, Rafaela, Marcus e Gisele. Sentados: Carlos Augusto, Eduardo Henrique e Maruzia, Djalma, Edmundo e Odília, Márcio, Guderian e Alcides

A autora com o irmão Zezito a cunhada Neuza e os sobrinhos Roselena, Helinho e Lourival

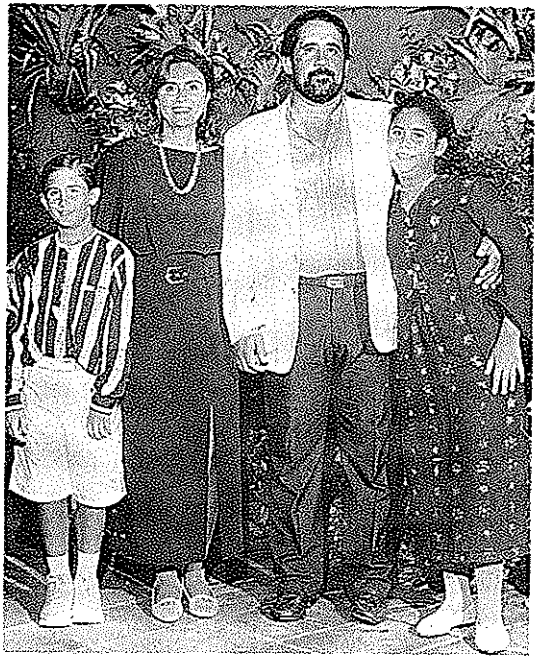
A autora e seus netos. Da esquerda para a direita, em cima: João André, Hélio, Umbelina Stella, Eduardo Henrique, Djalma, Rommel, Edmundo, Carlos Augusto, Christiane, Antonio José, Consuelo Stella, Rosa Stella, Marcus, Ana Paula, Paula (sobrinha neta) e Maria Paula. Abaixo: Márcio Luís, Guderian, Márcio Luís, Bento Luís, Antônio e Vivianne

Bisnetos da autora. Da esquerda para a direita, em cima: Marcela, Manuela, Gabriela, Rebeka, Rammon, Djalma Neto, Eduardo José, Mariana, Marina e Helena Maria. Abaixo: Paulo (sobrinho bisneto), Carlos Augusto, Rommel, Marcelo André, Pedro, Cézar, Otávio e Fernando



A autora com seu irmão José Barros

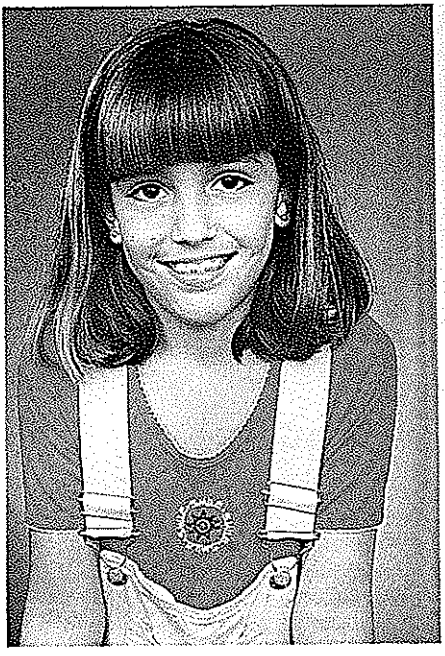
Quatro gerações: A autora, Maria Helena (filha), Umbelina Stella (neta) e Rebeka (bisneta)



Victória Maria (bisneta), filha de Umbelina Stella e Sérgio

Neta da autora, Umbelina Stella com o esposo Sérgio e filhos Rebeka e Cézar

Djalma Raposo (neto) com a esposa Denise e filhos Helena Maria, e Djalma Neto

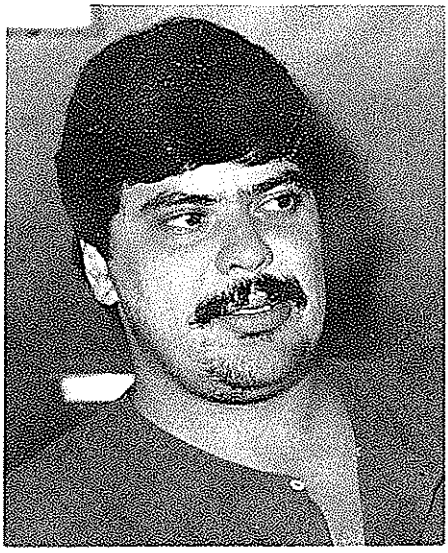


Vivian Carolina (bisneta), filha de Djalma e Denise Raposo

Moacir Santos e Cleonice sua esposa

Sônia Maria (neta) com o esposo César Luís e filhos: Maria Angélica, Maria Gabriela e Gustavo

Luíza Maria (neta) e filhos: Manoella, Thiago e Lucas

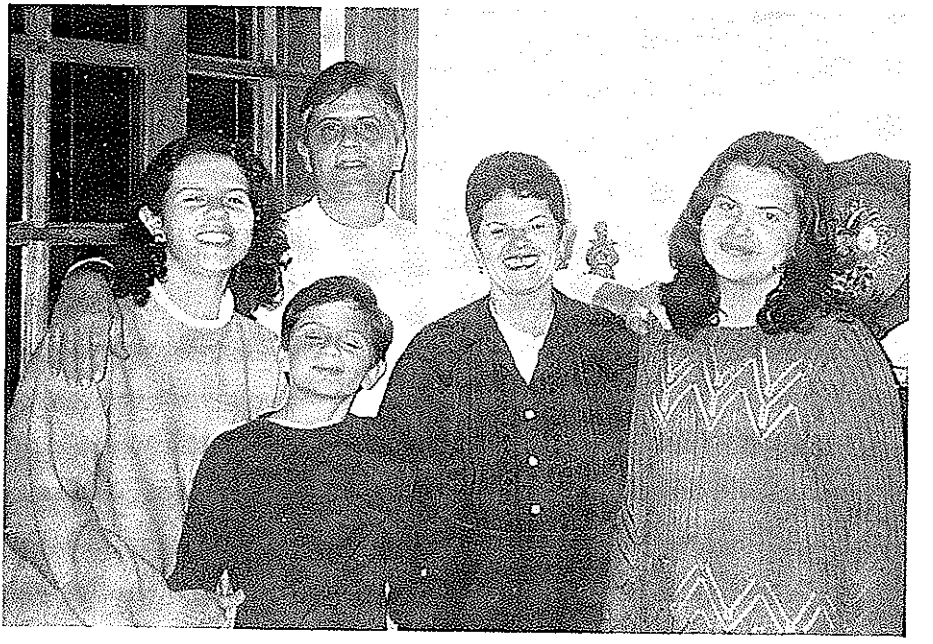


Edgard Toledo de Siqueira Campos (neto)

Bisneto da autora e filho de Edgard: Alexandre

Bisnetos da autora e filhos de Edgard: André e Ana Luíza

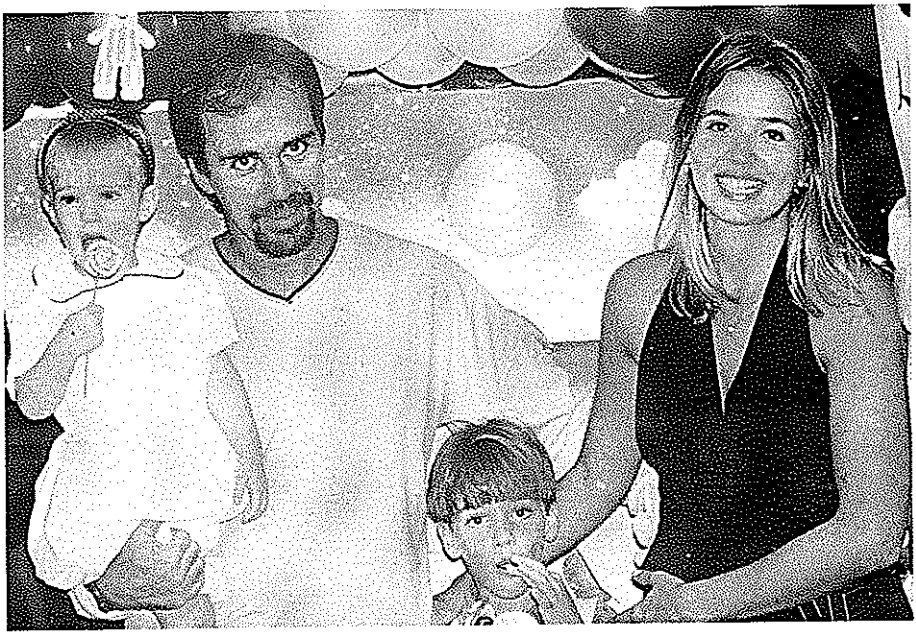
Antônio (neto) e a esposa Elena



Fernando (neto) com a esposa Leila e filhos: Fernanda, Marina e Rodrigo

Pedro Paulo (neto) e a esposa Ester

Marcelo (neto) com a esposa Izabel Cristina e filhos Izabela, Maria Izabel e Marcelo



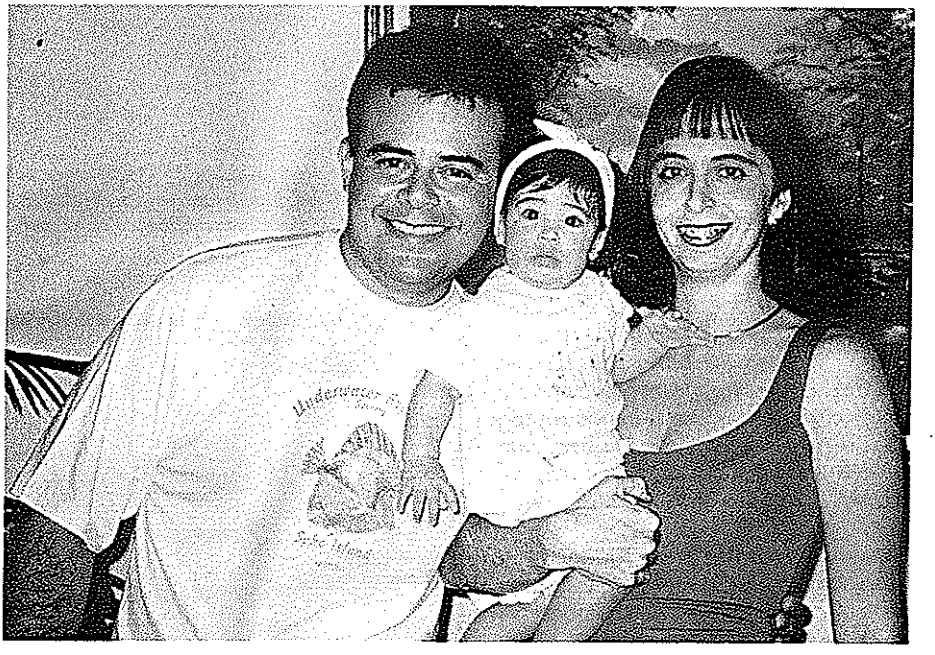
Ana Paula (neta) com o esposo Toinho e filhos Leonardo e Beatriz

Consuelo Stella (neta) com o esposo Tarciso e o filho Rodrigo

Alan Kardec (bisneto), filho de Eduardo Henrique

Ana Stella,
Augusto César
e Antônio José (netos)

Bisnetos:
Thiago filho de
Antônio José e
Camilla filha
de Ana Stella



Rafaella (bisneta mais nova da autora) com os pais Christiane e Dixneuf

Da esquerda para a direita: Maria Helena (filha), Helena (irmã), Eunice, Victória (bisneta), a autora e Terezinha (filha)